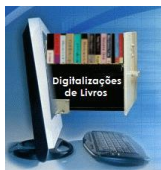


Desaparecido para sempre

HARLAN COBEN



Créditos: comunidade do orkut "Digitalizações de Livros"

<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=34725232>



TRÊS DIAS ANTES DE MORRER, MINHA MÃE ME DISSE – ESTAS NÃO FORAM BEM SUAS últimas palavras, mas foram quase – que meu irmão ainda estava vivo.

Isso foi tudo que declarou. Não entrou em detalhes. Disse apenas uma vez. E não estava muito bem. A morfina já havia posto em ação o jogo final de tolher o coração. Sua pele tinha aquela tonalidade entre final de icterícia e bronzeado de verão, esmaecido. Seus olhos estavam incrustados fundos na ossatura. Dormia a maior parte do tempo. Ela teria ainda, na verdade, mais um momento de lucidez – se é que foi um momento lúcido, o que eu duvido muito – e me daria a oportunidade de dizer que era uma mãe maravilhosa, que eu amava muito, e me despedir. Nunca dissemos uma palavra sobre meu irmão. Isso não quer dizer que não estivéssemos pensando nele, como se ele também estivesse sentado à beira da cama.

- Ele está vivo.

Essas foram exatamente suas palavras. E, se fossem verdade, eu não sabia se isso significava coisa boa ou má.

Enterramos minha mãe quatro dias depois.

Quando voltamos para casa a fim de começar os tradicionais sete dias de luto, meu irrompeu pela sala de visitas meio mal-arrumada. Estava vermelho de raiva. Eu estava presente é claro. Minha irmã Melissa tinha vindo de Seattle com o marido, Ralph. Tia Selma e tio Murray andavam de um lado para outro. Sheila, minha outra metade, sentava ao meu lado, de mãos dadas comigo. Só estávamos nós.

Havia apenas um arranjo de flores, uma magnífica coisa monstruosa. Sheila sorriu e apertou minha mão quando viu o cartão. Nenhuma palavra, nenhum recado, apenas o desenho.

Meu pai continuava a olhar através das janelas – as mesmas janelas nas quais haviam atirado com chumbinhos, por duas vezes, nos últimos onze anos – e resmungou baixinho:

- Filhos da mãe. – Voltou-se e lembrou de alguém que não tinha aparecido. – Pelo amor de Deus, era de esperar que os Bergmans fizessem, pelo menos, uma droga de visita. – Fechou os olhos e dirigiu-se para o outro lado. A raiva o consumiria novamente, misturando-se à dor e transformando-se em algo que eu não tinha forças para encarar.

Mais uma traição em uma década cheia delas.

Eu precisava de ar.

Levantei-me. Sheila me olhou, preocupada.

- Vou dar uma volta. – Anunciei, suavemente.

- Quer companhia?

- Acho que não.

Sheila concordou com a cabeça. Estávamos juntos quase um ano. Eu nunca tivera uma companheira tão em sintonia com as minhas estranhas vibrações. Ela deu um outro apertão de eu te amo na minha mão, e me enchi de calor.

Em frente à porta, nosso capacho era de grama falsa, áspera, como se fosse alguma coisa roubada de uma entrada de automóveis, com uma margarida de plástico no canto superior esquerdo. Passei por ele sem o pisar e caminhei, subindo a Downing Place. A calçada tinha planos em degraus, as bordas protegidas com acabamento de alumínio, feitos por volta de 1962. Ainda estava usando meu terno cinza escuro. Coçava com o calor. O sol selvagem batia como um tambor, e uma parte perversa dentro de mim pensou que era um dia maravilhoso para se apodrecer. Uma imagem do sorriso da minha mãe, que iluminava o mundo – daqueles de antes de tudo acontecer – , passou rápido diante dos meus olhos. Afugentei-a.

Eu sabia para onde estava indo, embora eu duvide que teria admitido para mim mesmo. Era atraído para lá, levado por alguma força invisível. Certas pessoas chamariam de masoquismo. Outras talvez percebessem que tinha alguma coisa a ver com clausura. Pensei que,

provavelmente, não fosse nem uma coisa nem outra. Só queria olhar o lugar onde tudo terminara.

As visões e os sons do verão suburbano me agrediram. Crianças passavam guinchando em suas bicicletas. Mr. Cirino, dono da concessionária Ford/Mercury na Rota 10, aparava o gramado. Os Stein - que construíram uma rede de lojas de ferramentas e foram arrasados por uma maior - passeavam de mãos dadas. Na casa dos Levine acontecia uma partida de "touch football" *, se bem que eu não conhecia nenhum dos participantes. Fumaça de churrasco subia do quintal dos Kaufman.

Passei pela velha casa dos Glassman. Mark Glassman, "O Idiota", tinha esfaqueado as portas de vidro de correr atirando-se de encontro a elas, quando tinha seis anos. Estava brincando de Super-Homem. Recordo-me dos gritos estridentes e do sangue. Precisou levar quarenta pontos. "O Idiota" cresceu e tornou-se uma espécie de multimilionário levantando financiamentos. Acho que não o chamam mais de "O Idiota", mas nunca se sabe.

A casa dos Mariano, sempre com aquela horrível pintura tom de amarelo-catarro, com um veado de plástico na entrada, ficava na esquina. Ângela Mariano, nossa garota ousada local, era dois anos mais velha que nós e parecia pertencer a uma espécie superior, que inspirava espantos. Vendo Ângela tomando banho de sol no quintal, com um tomara-que-caia que desafiava as leis da gravidade, senti as primeiras pulsações dolorosas de um profundo desejo hormonal. Minha boca chegava, literalmente, a ficar cheia d'água. Ângela costumava brigar com os pais e ir fumar escondido num quatinho de depósito nos fundos de sua casa. Seu namorado guiava uma motocicleta. No ano passado eu a vi na Madison Avenue, em Nova York. Imaginava que estaria com uma aparência péssima - é o que sempre ouvimos que acontece com aquele primeiro amor adolescentes -, mas ela estava ótima e parecia muito feliz.

* Touch football - esporte informal em que o jogo pára cada vez que alguém toca com a mão naquele que está com a bola. (N. do T.)

Um irrigador giratório provocava um chuvisco leve no gramado na frente da casa de Eric Frankel, na Downing Place nº23. Eric tinha tido um *bar mitzvah* temático, viagem espacial no Chanticleer em Short Hills, quando estávamos ambos na sétima série. O teto fora todo decorado no estilo de um planetário - um céu escuro com constelações. O cartão colocado no meu lugar indicava que eu deveria me sentar à "Mesa Apolo 14". Havia uma peça decorativa no centro da mesa, um pomposo modelo de foguete estacionado numa plataforma de lançamentos. Os garçons, desfilando em trajes espaciais realistas, representavam cada um dos membros da Mercury 7. "John Glenn" serviu-nos. Cindi Shapiro e eu nos esgueiramos para dentro do quarto junto do templo e ficamos bolinando por mais de uma hora. Eu não sabia o que estava fazendo. Cindi sabia. Lembro-me de que foi uma coisa gloriosa o jeito de a língua dela me acariciar e me fazer estremecer de maneira inesperada. Mas lembro-me também do meu encantamento inicial que resultou, depois de uns vinte minutos mais ou menos, em um confuso "e agora?" seguido de um ingênuo "então é só isto?".

Quando Cindi e eu retornamos furtivamente para a Mesa Apolo 14 do Cabo Kennedy, amassados e na melhor forma do pós-bolina (a orquestra do Herbie Zane estava encantando o pessoal com *Fly Me to the moon*), meu irmão Ken me puxou para o lado e exigiu que contasse todos os detalhes. Eu, é claro, contei tudo, muito feliz. Ele me presenteou com aquele sorriso e uns tapinhas nas costas. Naquela noite, enquanto estávamos deitados em nossos beliches, Ken na cama de cima, eu na de baixo, o aparelho de som tocando *Don't Fear the Reaper* com os Blue Oyster Cult (a favorita de Ken), meu irmão mais velho me explicou os fatos da vida como vistos por um rapaz da nona série. Mais tarde vim a saber que ele estava errado na maior parte das coisas (um destaque um tanto quanto exagerado aos seios), mas quando me recordo daquela noite, sempre sorrio.

- *Ele está vivo...*

Sacudi a cabeça e entrei à direita em Coddington Terrace, junto à velha casa dos Holder. Esse era o mesmo caminho que Ken e eu fazíamos para ir à Escola Primária de Burnet Hill. Existia um caminho calçado mais curto para cobrir a distância entre as duas casas. Pensei se ainda continuava lá. Minha mãe - todos, mesmo as crianças, a chamavam de Sunny - costumava nos seguir para a escola quase sorrateiramente. Ken e eu rolávamos os olhos quando ela se escondia atrás das árvores. Eu sorri, recordando hoje como ela fora superprotetora. Costumava me embarçar, mas Ken apenas dava de ombros. Meu irmão tinha segurança bastante para deixar passar, mas eu não.

Senti um aperto no coração e fui em frente.

Talvez fosse apenas minha imaginação, mas as pessoas começavam a me olhar. As bicicletas, as bolas de basquete, os irrigadores e os aparadores de grama, os gritos dos jogadores de *touch football* - todos pareciam silenciar à minha passagem. Alguns encaravam por pura curiosidade, já que um homem desconhecido caminhando de terno cinza-escuro numa noite de verão era algo de estranho. Mas a maioria, pelo menos era o que parecia, olhava horrorizada porque me reconhecia e não acreditava que eu pudesse estar caminhando naquele solo sacrossanto.

Aproximei-me sem hesitação da casa no Coddington Terrace nº47. Minha gravata estava frouxa. Enterrei as mãos nos bolsos. Pisei no lugar onde o meio-fio tocava a calçada. Por que eu estava aqui? Vi um movimento na cortina. O rosto de Mrs. Miller apareceu na janela, lúgubre e fantasmagórico. Arregalou os olhos para mim. Não me movi nem desviei os olhos. Continuaram arregalados por mais um pouco - aí, para minha surpresa, seu rosto se suavizou. Era como se nossa mútua agonia tivesse feito algum tipo de conexão. Mrs. Miller cumprimentou-me com um movimento da cabeça. Retribuí o cumprimento e senti as lágrimas se formando.

Talvez você tenha assistido à história no *20/20* ou no *Horário Nobre ao Vivo* ou em algum outro equivalente de porcaria na televisão. Para os que não viram, aqui está o relatório oficial: no dia 17 de outubro, há onze anos, na cidade de Livingston, no estado de Nova Jersey, meu irmão, Ken Klein, então com vinte e quatro anos, violentou e estrangulou brutalmente nossa vizinha, Julie Miller.

No porão da casa dela. No Coddington Terrace nº47.

Foi onde o corpo foi encontrado. As provas não foram concludentes quanto a ela ter sido realmente assassinada naquela habitação miserável ou se havia sido largada lá depois de morta, atrás de um sofá estampado de zebra todo manchado pela umidade. A maioria preferia a primeira hipótese. Meu irmão escapou de ser preso e fugiu para lugares desconhecidos - ou seja, outra vez, segundo declaração oficial.

Nesses últimos onze anos Ken conseguiu esquivar-se com destreza de um cerco policial internacional. Contudo, houve lugares onde foi "localizado".

O primeiro foi um ano mais ou menos depois do assassinato, num pequeno vilarejo de pescadores no norte da Suécia. A Interpol envolveu-se, mas de alguma forma meu irmão escapou. Ele foi, supostamente, alertado. Não posso imaginar como nem por quem.

Foi localizado quatro anos depois em Barcelona. Ken havia alugado - estou citando o que disse o jornal - "uma *hacienda* com vista para o mar" (Barcelona não fica à beira-mar) com - de novo estou citando - "uma mulher graciosa, de cabelos escuros, possivelmente uma dançarina de flamenco". Ninguém mais do que um morador de Livingstone que estava de férias declarou ter visto Ken e seu amor castelhano jantando à beira-mar. Meu irmão foi descrito como bronzeado pelo sol e bem-disposto, vestindo uma camisa branca de colarinho aberto e mocassins, sem meias. O morador de Livingstone, um tal de Rick Horowitz, tinha sido meu colega da quarta

série do Mr. Hunt. Durante um trimestre Rick distraiu-nos comendo larvas na hora do intervalo.

Em Barcelona, Ken mais uma vez escapou por entre os dedos da lei.

A última vez que meu irmão parece ter sido localizado foi quando esquiava na encostas dos Alpes franceses, só para peritos (é interessante salientar que Ken jamais havia esquiado antes do crime). Não resultou em nada, a não ser um comentário no *48 Horas*. Ao longo dos anos, o padrão fugitivo do meu irmão tornou-se uma versão criminosa do programa *Onde estão eles agora?*, surgindo sempre que qualquer boato vinha à tona ou, o que era mais provável, quando um dos programas sensacionalistas das emissoras de televisão estava precisando de notícia.

Eu, evidentemente, detestava esse tipo de "cobertura em grupo" sobre "os subúrbios que enlouqueceram" ou qualquer outro título engraçadinho que eles inventassem. Suas reportagens especiais "(por uma vez eu gostaria de vê-los chamar de" reportagem normal, todos já localizaram esta história)" eram sempre ilustradas com a mesma fotografia de Ken com seu uniforme branco de tênis - ele chegou a ser um dos jogadores classificados nas competições nacionais -, com ares dos mais prósperos. Não avalio onde foi que a conseguiram. Nelas, Ken parecia mais bonito, do jeito que as pessoas detestam de saída. Presunçoso, cabelos à Kennedy, ousadamente bronzeado junto dos branqueiros, sorriso cheio de dentes. Na fotografia Ken parecia ser uma dessas pessoas privilegiadas (o que não era verdade) que navegavam pela vida à custa de seu charme (um pouco) e de uma conta fiduciária (ele não tinha nenhuma).

Eu tinha participado de um daqueles programas de entrevistas. Um produtor entrou em contato comigo - isso foi logo que as coberturas começaram - e alegou que queria apresentar "ambos os lados com equilíbrio" era de alguém que descrevesse o "verdadeiro Ken" para o pessoal em casa.

E eu cáí direitinho.

Uma âncora coberta por um louro opaco e maneiras simpáticas me entrevistou por mais de uma hora. Na verdade, gostei do processo. Foi terapêutico. Ela me agradeceu, me acompanhou até a saída e, quando o episódio foi ao ar, utilizaram apenas um fragmento, cortando a pergunta dela: "Mas, com certeza, o senhor não vai nos dizer que seu irmão era perfeito, vai? Não está tentando nos vender a imagem de que ele era um santo, certo?", e editando minha resposta, de modo que apareci num *close* tão perto que dava para ver os poros do meu nariz, com um dramático tema musical, dizendo: "O Ken não era nenhum santo, Diane".

De qualquer maneira, aquele foi o relato oficial do que havia acontecido.

Nunca acreditei. Não estou dizendo que não fosse possível. Mas acredito que uma história muito mais provável é que meu irmão estivesse morto - que está morto nestes últimos onze anos.

Para ser mais preciso, minha mãe acreditou que o Ken estivesse morto. Acreditava firmemente. Sem reservas. Seu filho não era um assassino. Seu filho era uma vítima.

- *Ele está vivo... Ele não é culpado.*

A porta da frente da casa dos Miller se abriu. Mr. Miller saiu. Ajeitou os óculos no nariz. Seus punhos fechados pousaram sobre o quadril numa lamentável postura de Super-Homem.

- Ponha-se daqui pra fora, Will - ordenou Mr. Miller.

Então afastei-me.

O próximo grande susto aconteceu uma hora depois.

Sheila e eu estávamos no quarto de meus pais, no andar de cima. A mesma mobília, de um cinzento desbotado traçando com um remate azul, havia adornado aquele quarto como eu me lembrava desde sempre. Sentamos na larguíssima cama de casal, com um colchão de molas já gastas. Os pertences mais pessoais de minha mãe - as coisas que ela conservava nas gavetas entupidas do criado-mudo - estavam espalhados sobre a cobertura acolchoada. Meu pai ainda estava lá embaixo, junto às janelas, olhando desafiadoramente para fora.

Não sei por que queria remexer nas coisas que minha mãe achara suficientemente valiosas

para guardar e conservar perto dela. Ia me magoar. Sabia que ia. Há uma correlação interessante entre dor intencionalmente infligida e conforto, uma espécie de atitude de brincando com fogo em relação à angústia. Eu precisava fazer aquilo, creio.

Olhei o lindo rosto de Sheila - caído para a esquerda, olhos voltados para baixo - e senti meu coração elevar-se. Isto vai soar um pouco estranho mas eu podia ficar olhando Sheila durante horas. Não era só a sua beleza - não se podia dizer que fosse clássica, seus traços eram um pouco diferentes, ou por motivos genéticos ou, mais provavelmente, por causa de seu passado obscuro -, mas havia uma animação neles, uma curiosidade, delicadeza também, como se mais um golpe fosse despedaçá-la irreparavelmente. Sheila me fazia querer - sejam pacientes comigo - ser corajoso por ela.

Sem erguer os olhos, Sheila me deu um meio-sorriso e disse:

- Pára com isso.

- Não estou fazendo nada.

Finalmente olhou para o alto e viu a expressão no meu rosto.

- O quê? - perguntou.

Dei de ombros.

- Você é meu mundo - eu disse, simplesmente.

- Você também não é pouca coisa.

- É. É verdade.

Ela fingiu mandar um tabefe na minha direção.

- Eu te amo. Você sabe, não?

- O que é não amar?

Ela girou os olhos. Aí seu olhar caiu sobre o lado da cama da minha mãe. Seu rosto serenou.

- No que está pensando? - perguntei.

- Em sua mãe. - Sheila sorriu. - Gostava muito dela.

- Desejaria tanto que você a tivesse conhecido antes.

- Eu também.

Começamos a examinar os recortes amarelados. Notícias de nascimentos - da Melissa, do Ken e do meu. Artigos sobre as proezas esportivas do Ken. Seus troféus, todos aqueles homens de bronze em miniatura rebatendo uma bola de tênis, ainda enchiam seu velho quarto de dormir. Havia fotografias, a maioria antigas, de antes do assassinato. Sunny. Tinha sido o apelido de minha mãe desde menina. Combinava com ela. Encontrei um retrato dela como presidente da Associação de Pais e Mestres. Não sei o que estava fazendo, mas posava num palco usando um chapéu ridículo enquanto todas as outras mães riam. Tinha outra dela participando da feira escolar. Vestia uma roupa de palhaço. Sunny era a adulta predileta dos meus amigos. Gostavam quando participava do rodízio de caronas. Queriam que o piquenique da classe fosse lá em casa. Sunny era maternal sem ser enjoada, um pouco "mais pra lá do que pra cá", um pouquinho maluca, talvez, de maneira que nunca se sabia direito o que iria aprontar em seguida. Havia sempre alguma excitação - uma agitação, se preferirem - ao redor da minha mãe.

Ficamos lá por mais de duas horas. Sheila ocupou seu tempo olhando pensativamente cada fotografia. Quando se demorou numa em particular, espremeu os olhos:

- Quem é esse aqui?

Estendeu-me a fotografia. À esquerda estava minha mãe usando um biquíni amarelo quase obscuro, diria que lá por volta de 1972, com um ar de muito boazuda. Estava com o braço sobre os ombros de um homem baixo com bigode escuro e um sorriso satisfeito.

- É o rei Hussein - respondi.

- Quem?

Eu fiz que sim com a cabeça.

- O rei da Jordânia?

- É. Minha mãe e meu pai o encontraram no hotel Fontainebleau em Miami.

- É?
- Mamãe perguntou se ele se importava de tirar um retrato.
- Está brincando!
- A prova está aí.
- Ele não tinha seguranças ou coisa parecida?
- Acho que ela não tinha cara de estar armada.

Sheila riu. Lembrei-me de minha mãe contando o incidente. Ela posando com o rei Hussein, a máquina fotográfica do papai não estava funcionando, ele reclamando entre dentes, suas tentativas de consertá-la, ela arregalada para ele se apressar, o rei ali, de pé, pacientemente, o seu chefe de segurança examinando a câmera, descobrindo o defeito, arrumando, entregando-a de volta.

Minha mãe, Sunny.

- Ela era tão bonita - salientou Sheila.

É um lugar-comum terrível dizer que parte dela morreu quando o corpo de Julie Miller foi encontrado, mas acontece que os lugares-comuns são sempre preciosos. A agitação de minha mãe serenou, sufocada. Depois do interrogatório sobre o crime, ela nunca teve um acesso ou chorou histericamente. Muitas vezes, desejei que tivesse. Minha mãe volátil tornou-se terrivelmente tranquila. Tudo nela ficou planejado, monótono - sem arroubos de entusiasmo seria a melhor maneira de descrever -, o que, numa pessoa como ela, era mais aflitivo presenciar do que os histrionismos mais grotescos.

A campainha da porta da frente tocou. Olhei pela janela do quarto e vi a van de entregas da delicatessen Eppes-Essen. Pãezinhos recheados de carne para os que tinham vindo dar pêsames. Papai, de maneira otimista, havia encomendado uma grane quantidade. Enganando-se até o fim. Permaneceu nessa casa como o capitão do Titanic. Lembro-me da primeira vez que as janelas foram estilhaçadas com chumbinhos, não muito tempo depois do crime - a maneira de ele erguer o punho cerrado em desafio. Mamãe, acho, queria se mudar. Papai, não. Mudar-se seria ceder, ele achava. Mudar-se seria admitir a culpa do filho. Mudar-se seria traição. Que tolo.

Sheila estava com olhos em mim. Seu calor era quase palpável, mais raios de sol no meu rosto, e por um momento apenas me deixei banhar neles. Tínhamos nos conhecido no trabalho, há cerca de um ano. Sou diretor da Covenant House, na Rua 41 da cidade de Nova York. Somos uma fundação beneficente que ajuda menores que fugiram de casa para sobreviver nas ruas. Sheila tinha começado a trabalhar como voluntária. Era de cidade pequena em Idaho, se bem que parecesse ter muito pouco de uma garota de cidade pequena. Disse-me que há muitos anos também fugira de casa. Foi tudo que me revelou do seu passado.

- Eu te amo - declarei.
- O que é não amar? - retrucou.

Não movi os olhos. Sheila tinha sido boa com minha mãe perto do fim. Tomava o ônibus da Community Line no Port Authority, na Avenida Northfield, caminhava a pé até o Centro Médico St. Barnadas. Antes de adoecer, a última que minha mãe havia se internado no St. Barnadas foi quando eu nasci. Provavelmente devia haver algo semelhante a um círculo perfeito de vida comovente, mas eu não podia perceber naquela época.

Contudo, tinha visto Sheila ao lado de minha mãe. E fiquei pensando. Aí, arrisquei.

- Devia telefonar para seus pais - sussurrei.

Sheila me olhou como se eu a tivesse esbofeteado. Deslizou para fora da cama.

- Sheila?
- Não é hora, Will.

Peguei um porta-retrato com a fotografia de meus pais, bronzeados, de férias.

- Me parece tão boa como qualquer outra.
- Você não sabe nada a respeito dos meus pais.

- Gostaria de saber - eu disse.

Ela me deu as costas.

- Você já trabalhou com fujões - respondeu.

- E daí?

- Você sabe muito bem como pode ser ruim.

E sabia. Tornei a pensar nos seus traços ligeiramente descentralizados - o nariz, por exemplo, com um inchaço delator - e imaginei.

- Também sei que pode ser ainda pior quando não falamos a respeito.

- Já falei sobre isso, Will.

- Comigo, não.

- Você não é meu terapeuta.

- Sou o homem que você ama.

- É. - E voltou-se para mim. - Mas agora não, está bem? Por favor.

A fotografia na moldura escorregou um pouquinho.

Olhei. Outra fotografia começou a aparecer embaixo. Movi a que estava em cima mais um pouco. Apareceu uma mão na foto que estava debaixo. Tentei, empurrando ainda mais, mas não se mexia. Meus dedos acharam as presilhas atrás. Abri-as e deixei a parte de trás da moldura rolar sobre a cama. Duas fotografias caíram, flutuando.

Uma - a de cima - era de meus pais em um cruzeiro, com ar de muito felizes, saudáveis e relaxados, de um jeito que eu jamais me lembrava terem parecido. Mas foi a segunda fotografia, a que estava escondida, que me chamou a atenção.

A data marcada em vermelho, embaixo, era de menos de dois anos atrás. A foto havia sido tirada em um campo, ou numa montanha ou coisa assim. Não vi nenhuma casa ao fundo, apenas montanhas com os cumes recobertos de neve, como algo tirado do começo de 'A noiva rebelde'. O homem na foto estava usando short e óculos de sol, tinha mochila nas costas e botas já gastas de tanto caminhar, pedindo carona. Seu sorriso me era familiar. Como também seu rosto, apesar de estar mais marcado de rugas agora. Seu cabelo era longo. A barba tinha um toque grisalho. Mas não podia deixar de ser.

O homem na fotografia era meu irmão Ken.

2

MEU PAI ESTAVA SOZINHO NO PÁTIO DOS FUNDOS. A NOITE TINHA CAÍDO. Estava sentado, completamente imóvel, encarando a escuridão. Quando me aproximei por trás, uma lembrança desagradável me sacudiu.

Uns quatro meses depois do assassinato da Julie encontrei meu pai no porão com as costas voltadas para mim, exatamente como agora. Ele pensava que a casa estivesse vazia. Aninhada em sua mão direita estava um Ruger, calibre 22. Acarinhou-a ternamente, como se fosse um pequeno animal e eu nunca senti tanto medo em toda a minha vida. Fiquei paralisado, congelado. Ele continuava com os olhos no revólver. Depois de alguns longos minutos, virei depressa, na ponta dos pés, até o alto da escada e fingi que tinha acabado de entrar. Depois de me arrastar escada abaixo a arma tinha sumido.

Não saí do lado dele por uma semana.

Agora, esgueirei-me pela porta de correr de vidro.

- Olá - cumprimentei-o.

Voltou-se para mim, o rosto já se abrindo num largo sorriso. Ele sempre tinha um sorriso para mim.

- Oi, Will - disse, a voz irritadiça suavizando-se. Papai sempre feliz de ver os filhos. Antes de tudo isso acontecer, meu pai era um homem bastante popular. As pessoas gostavam dele. Era amigável, digno de confiança. Mas mesmo que meu pai sorrisse para os outros, não dava a mínima para ninguém. Seu mundo era a família. Ninguém mais importava. O sofrimento de desconhecidos e mesmo dos amigos jamais o tocou - era uma espécie de centralização na família.

Sentei na espreguiçadeira ao lado dele, sem saber como tocar no assunto. Dei uns suspiros

fundos e ouvi-o fazer o mesmo. Senti-me maravilhosamente seguro. Ele podia ser mais velho e mais murcho, e agora eu era mais alto e o mais forte, mas sabia que se houvesse algum problema ele ainda ficaria à minha frente e levaria o soco por mim.

E para isso eu recuaria um passo e o deixaria tomar a iniciativa.

- Tenho que cortar aquele galho - anunciou, apontando no escuro.

Eu não podia ver.

- É - concordei.

A luz das portas de vidro de correr iluminaram seu perfil. A raiva se dissipara e a expressão de derrota havia voltado. Às vezes eu achava que ele tinha realmente tentado dar um passo à frente e levado um soco quando Julie morreu, mas tinha sido atirado ao chão. Seus olhos ainda guardavam aquela expressão de ter sido ferido internamente, o olhar de alguém que fora inesperadamente socado no estômago e não sabia por quê.

- Você está Bem? - Era a sua pergunta inicial de sempre.

- Estou ótimo. Quer dizer, ótimo, mas...

Papai sacudiu a mão.

- É, que pergunta idiota.

Voltamos a ficar calados. Ele acendeu um cigarro. Papai nunca fumava dentro de casa. A saúde das crianças e tudo mais. Deu uma tragada e aí, como se estivesse se lembrado de repente, me olhou e apagou-o com o pé.

- Não faz mal - consenti.

- Sua mãe e eu concordamos que eu nunca fumaria em casa.

Não discuti. Cruzei as mãos e descansei-as no colo. Então, mergulhei no assunto.

- Mamãe me disse uma coisa antes de morrer.

Seus olhos escorreram na minha direção.

- Disse que Ken ainda estava vivo.

Por um segundo, papai enrijeceu o corpo. Logo um sorriso triste aflorou em seu rosto.

- Eram as drogas, Will.

- Foi o que pensei - disse. - De início.

- E agora?

Olhei seu rosto, procurando por algum sinal de decepção. havia rumores, claro. Ken não era rico. Muitos ficavam pensando como é que meu irmão tinha podido viver escondido por tanto tempo. Minha resposta é que ele não tinha - que ele tinha morrido naquela noite também. Outros, talvez a maioria das pessoas, acreditavam que meus pais, de alguma maneira, davam um jeito de mandar-lhe dinheiro às escondidas.

Dei de ombros.

- Fico pensando por que, depois de tantos anos, ela disse isso.

- Foram as drogas - repetiu. - Ela estava morrendo, Will.

A segunda parte da resposta parecia englobar isso. Deixei pairar por um instante. Aí perguntei:

- O senhor acha que Ken está vivo?

- Não - respondeu. e olhou para o outro lado.

- A mamãe disse outra coisa para o senhor?

- A respeito do seu irmão?

- É.

- Mais ou menos o que disse pra você.

- Que o Ken estava vivo?

- É.

- Mais alguma coisa?

Papai deu de ombros.

- Disse que ele não tinha matado Julie. E que ele estaria de volta a esta altura, a não ser pelo fato de ter que fazer uma coisa antes.

- Fazer o quê?

- Ela não estava fazendo sentido, Will.

- O senhor perguntou a ela?

- Claro. Mas ela estava divagando. Não podia mais me ouvir. Eu a fiz se calar e disse que tudo ia ficar bem.

Ele olhou para o outro lado de novo. Pensei em mostrar o retrato do Ken, mas resolvi não mostrar. Queria pensar bem antes de enveredar por aquele caminho.

- Disse a ela que tudo ia ficar bem - repetiu.

Pelas portas de correr de vidro eu podia ver aquelas fotografias nos portas-retratos, a velha cor das imagens desbotadas numa mancha amarelo-esverdeada. Não havia fotos recentes na sala. A casa estava presa na armadilha da urdidura do tempo, congelada fazia onze anos, como naquela velha canção em que o relógio de pêndulo pára quando o velho morre.

- Já volto. disse papai.

Eu vi levantar-se e caminhar até achar que não estava sendo mais visto. Mas podia distinguir seu perfil no escuro. Vi-o abaixar a cabeça. Seus ombros começaram a tremer. Creio que nunca vira meu pai chorar. Não queria começar agora.

Voltei-me para o outro lado e lembrei-me da outra fotografia, a que ainda estava lá em cima, dos meus pais naquele cruzeiro, bronzeados e felizes, e imaginei se ele também estaria se lembrando disso.

Quando acordei tarde naquela noite, Sheila não estava na cama.

Sentei-me e escutei. Nada. Pelo menos, não no apartamento. Podia ouvir os ruídos normais do murmúrio da rua noturna, fluindo três andares abaixo. Procurei-a na direção do banheiro. A luz estava apagada. Na verdade, todas as luzes estavam apagadas.

Pensei em chamar por ela, mas havia alguma coisa de frágil no silêncio, uma serenidade de bolha. escoreguei para fora da cama. Meus pés tocaram o carpete que cobria o chão de parede a parede, do tipo que os prédios de apartamento se utilizam para abafar o ruído debaixo e de cima.

O apartamento não era grande, só tinha um quarto. Fui silenciosamente até a sala e espiei. Sheila estava lá. sentada no peitoril da janela, os olhos voltados para baixo, olhando a rua. Olhei para ela, seu pescoço longo, seus ombros lindos, o jeito dos seus cabelos escorrerem de encontro à pele clara, e de novo senti o estremecimento. Nosso relacionamento ainda estava beirando as primeiras agonias, aquele amor que nos faz sentir como é maravilhoso estarmos vivos, no qual não se pode ter o suficiente um do outro, aquela vibração no estômago de atravessar o parque correndo para encontra - lá, que todos conhecem, *conhecem* sim, iria logo se concentrar em algo mais rico e mais profundo.

Só havia me apaixonado uma vez antes. E isso já fazia um bocado de tempo.

- Oi - eu disse.

Ela virou-se um pouquinho, mas não o suficiente. Havia lágrimas escorrendo por seu rosto. Podia vê-las deslizando à luz da lua. Ela não fez o menor ruído - nada de choros ou soluços ou peito arfante. Apenas lágrimas. Fiquei parado à porta pensando no que devia fazer.

- Sheila?

Em nosso segundo encontro, Sheila me fez um truque com baralho. Tinha que escolher duas cartas, colocá-las dentro do maço enquanto seu rosto se voltava para o outro lado, e, a seguir, ela atirava o maço inteiro no chão, exceto as duas cartas escolhidas. Ela sorriu largo depois de executada o truque, segurando as duas cartas para que eu examinasse. Sorri de volta. Era - como direi? - uma tolice. Sheila era realmente uma tola. Gostava de fazer truques com cartas, gostava de refrigerante de cereja e de bandas de jovens. Cantava ópera e lia vorazmente, e chorava assistindo aos comerciais da Hallmark. Podia fazer uma boa imitação de Homer Simpson e Mr. Burns, se bem que o seu Smithers e Apu fossem mais fracos. Acima de tudo, Sheila, gostava de dançar. Adorava fechar os olhos, pôr a cabeça no meu ombro e desaparecer.

- Desculpe, Will - disse Sheila sem se voltar.

- Desculpar o quê? - perguntei.

Ela manteve os olhos fixos para fora.

- Volta para cama. Vou daqui a pouco.

Eu queria ficar, dizer-lhe algumas palavras de conforto. Não fiquei. Seria difícil chegar perto dela naquele momento. Alguma coisa a afastara. Palavras ou ações poderiam ser, de qualquer modo, supérfluas ou prejudiciais. Pelo menos foi o que disse a mim mesmo. Assim, cometi um erro enorme. Voltei para a cama e esperei.

Sheila nunca voltou.

Las Vegas, Nevada

MORTY MEYER ESTAVA NA CAMA, PROFUNDAMENTE ADORMECIDO, de costas, quando sentiu o cano do revólver na testa.

- Acorda - disse uma voz.

Os olhos de Morty arregalaram-se. O quarto estava às escuras. Ele tentou levantar a cabeça. Mas o revólver não deixou. Seu olhar correu para o rádio-relógio iluminado no criado-mudo. Porém não havia nenhum relógio lá. Fazia anos que não havia nenhum, mas só agora pensava nisso. Não tinha desde que a Leah morrera. Não tinha desde que vendera a casa colonial de quatro quartos.

- Olha aqui, estou sempre disposto a ajudar - disse Morty. - Vocês sabem, cara.

- Levanta.

O homem afastou o revólver. Morty ergueu a cabeça. Focando melhor os olhos, pôde distinguir um lenço cobrindo o rosto do homem. Morty lembrou-se daquele programa de rádio, *O Sombra*, do seu tempo de menino.

- O que você quer?

- Preciso de sua ajuda, Morty.

- A gente se conhece?

- Levanta.

Morty obedeceu. Girou as pernas para fora da cama. Quando ficou de pé, sua cabeça rodou, protestando. Perdeu o equilíbrio, preso naquele ponto em que o zumbido de bebedeira está começando a diminuir e a ressaca está ganhando força como uma tempestade que se aproxima.

- Onde está sua maleta médica? - perguntou o homem.

Alívio correu nas veias de Morty. Então era disso que se tratava. Morty procurou por um ferimento, mas estava escuro.

- É para você?

- Não. Ela está no porão.

Ela?

Morty estendeu o braço para debaixo da cama e puxou sua maleta de médico. Era velha e bem usada. Suas iniciais, que haviam sido folheadas a ouro, brilhantes, já tinham caído. O zíper não fechava por inteiro. Leah a tinha comprado quando ele se formara na escola de medicina da Universidade de Colúmbia, há mais de quarenta anos. Havia trabalhado no Great Neck nas três décadas seguintes. Ele e Leah haviam criado três garotos. Agora ali estava ele, próximo dos setenta anos, morando numa pocilga de um quarto, devendo dinheiro e favores a praticamente todo o mundo.

Jogatina. Tinha sido o vício preferido de Morty. Fazia anos ele era uma espécie de "jogólatra", confraternizando com aqueles demônios interiores específicos, mas mantendo-os na periferia. Ao fim, os demônios o pegaram. Eles sempre pegam. Alguns alegavam que Leah havia facilitado. Talvez fosse verdade. Mas, quando ela morresse, não havia mais motivo para lutar. Ele deixou os demônios tomarem conta e fazer o pior.

Morty perdera tudo, até mesmo a licença para praticar. Mudou-se para aquela cloaca na zona oeste. Jogava praticamente todas as noites. Seus filhos - todos crescidos e com famílias - não o procuravam mais. Culpavam-no pela morte da mãe. Diziam que fizera Leah envelhecer cedo. Talvez tivessem razão.

- Anda depressa - ordenou o homem.

- Tudo bem.

Começaram a descer as escadas para o porão. Morty podia ver as luzes acesas. Aquele prédio, aquela merda de domicílio, tinha sido uma casa funerária. Morty alugou um quarto do térreo. Isso lhe permitia usar o porão - onde os corpos costumavam ficar estocados e eram embalsamados.

Num dos cantos, no fundo do porão, havia um carregador para crianças, todo enferrujado, que descia do estacionamento atrás do prédio. Era assim que costumavam trazer os corpos para o porão - estacione e escorregue. As paredes eram cobertas de azulejos brancos, se bem que muitos já tivessem caído graças a anos de descaso. Era preciso usar alicates para abrir as torneiras e ter água corrente. Quase todos os armários já estavam sem portas. O fedor da morte ainda pairava por ali, velho fantasma que se recusava a ir embora.

A mulher ferida estava deitada numa mesa de metal. Morty pôde ver de saída que a coisa não estava nada boa. Voltou-se para o Sombra.

- Ajude-a - disse.

Morty não gostou do timbre de voz do homem. Havia raiva, sim, mas a emoção opressora era do mais puro desespero. Sua voz era um pedido mas do que qualquer coisa.

- Ela não parece estar nada bem - disse Morty.

O homem pressionou o revólver contra o peito de Morty.

- Se ela morrer, você morre.

Morty engoliu em seco. Estava mais do que claro. Encaminhou-se para ela. Ao longo dos anos havia tratado de muitos homens naquele local - mas esta seria a primeira mulher. Era assim que Morty conseguia viver mal e mal. Costurar e se mandar. Se alguém fosse a um pronto-socorro por ter levado um tiro ou ter sido esfaqueado, o médico de plantão era obrigado, por lei, a preencher um relatório. Para não terem de fazer isso, todos iam ao hospital improvisado de Morty.

Ele pensou rapidamente na lição de triagem ensinada da escola de medicina. O ABC, se quisermos. Vias respiratórias, pulmões, circulação. Sua respiração fazia barulho, com muita secreção.

- Fez isso com ela?

O homem não respondeu.

Morty fez o melhor que pôde. Remendou-a, para ser mais exato. Mantenha-a estabilizada e fora dali.

Quando acabou, o homem ergueu-o cuidadosamente.

- Se abrir o bico...

- Já fui ameaçado por coisas piores.

O homem saiu depressa com a mulher. Morty ficou no porão. Seus nervos estavam em frangalhos por causa do despertar repentino. Suspirou e decidiu voltar para cama. Mas antes de subir a escada, cometeu um erro imperdoável.

Olhou pela janela dos fundos.

O homem com ternura, colocou-a no banco traseiro. Morty assistia à cena. E então notou uma movimentação.

Apertou os olhos. E foi aí que sentiu um estremecimento que estraçalhou-o de alto a baixo.

Havia outro passageiro.

Havia um passageiro na traseira do carro. Um passageiro que não devia estar lá.

Morty, automaticamente, fez menção de pegar o telefone, mas mesmo antes de tocar no aparelho, parou. A quem chamaria? O que diria?

Morty fechou os olhos, lutou contra a idéia. Arrastou-se escada acima. Enroscou-se de volta na cama, puxou as cobertas e cobriu-se por inteiro. Encarou o teto e tentou esquecer.

4

O BILHETE QUE SHEILA DEIXOU ERA CURTO E CARINHOSO:

te amarei para sempre.

S

Ela não voltou para a cama. Supus que passara a noite inteira olhando pela janela. Tudo estava quieto até eu ouvi-la sair silenciosamente por volta das cinco da manhã. A hora não era assim tão estranha. Sheila sempre acordava cedo, era do tipo que fazia lembrar um velho comercial do exército sobre se fazer mais antes das nove do que a maioria das pessoas fazia o dia inteiro. É do tipo que faz a gente se sentir um indolente, e a amamos por isso.

Sheila disse uma vez - e apenas uma vez - que estava acostumada a levantar cedo porque passara anos trabalhando numa fazenda. Quando a pressionei para me contar detalhes, calou-se rapidamente. O passado era uma linha traçada na areia. Se a ultrapassar, a responsabilidade é sua.

Seu comportamento me confundia mais do que me preocupava.

Tomei uma ducha e me vesti. A fotografia de meu irmão estava na gaveta da cômoda. Peguei-a e estudei-a por muito tempo. Havia uma sensação de vazio em meu peito. Minha cabeça girava e dançava, mas um pensamento fundamental atravessava tudo isso: Ken tinha conseguido.

Você deve estar pensando o que me convencera durante todos os anos de que ele estava morto. Em parte, confesso, era intuição antiquada mesclada com uma esperança cega. Amava meu irmão. Eu o conhecia. O Ken não era perfeito. Ele se irritava com facilidade e gostava de um conforto. O Ken estava envolvido em alguma coisa ruim. Mas não era um assassino, disso eu tinha certeza.

Contudo havia mais na teoria da família Klein do que essa fé bizarra. Em primeiro lugar, como é que o Ken poderia ter sobrevivido fugindo daquela maneira? Ele só tinha oitocentos dólares no banco. Onde conseguiu recursos para escapar àquela caçada humana internacional? E que motivo teria para matar Julie? Como nunca entrara em contato conosco durante estes onze anos? Por que estava tão nervoso quando voltou para casa naquela última visita? Por que me disse que estava em perigo? E por que, lembrando o que aconteceu, não o pressionei para dizer mais?

O mais prejudicial - ou encorajador, dependendo do ponto de vista - era o sangue encontrado no local. Parte era do Ken. Uma grande nódoa foi achada no porão, e pequenos pingos formavam um rastro escada acima e saíam pela porta. E então mais uma nódoa foi achada em um arbusto no quintal dos Miller. A teoria da família Klein era que o verdadeiro assassino matara Julie e ferira seriamente (e, por fim, matara) meu irmão. A teoria da polícia era mais simples: Julie tinha reagido.

Havia mais uma coisa para reforçar a teoria da família - algo diretamente atribuído a mim, razão pela qual, acredito, ninguém levou a sério.

Ou seja, vi um homem rondando a casa dos Miller naquela noite.

Como disse, as autoridades e a imprensa literalmente não deram a menor importância ao fato -, afinal de contas, estou interessado em inocentar meu irmão -, mas é importante entender por que acreditávamos naquilo. No fim, minha família teve de fazer uma escolha. Podíamos aceitar que meu irmão tivesse matado uma linda mulher sem uma razão alguma, que ele então vivera sem nenhuma renda aparente, escondido durante onze anos (e isso, não esqueçam, apesar da ampla cobertura da mídia e da busca policial), ou podíamos acreditar que tivera sexo consensual com Julie Miller (e, portanto, muito da prova física) e que, não importa a confusão em que tivesse se metido, quem quer que tivesse aterrorizado Ken de tal maneira, talvez a pessoa que vi na frente da casa em Coddington Terrace naquela noite, tenha, de alguma maneira, armado tudo para responsabilizá-lo pelo crime e agido de forma que seu corpo nunca fosse encontrado.

Não estou dizendo que tudo se encaixasse à perfeição. Mas nós conhecíamos o Ken. Ele não havia feito o que diziam. Assim, qual era a alternativa?

Muitas pessoas deram crédito à teoria de nossa família, mas a maioria era maluca por tramas, do tipo que pensa que Elvis Presley e Jimi Hendrix estão fazendo música em alguma ilha perto das Fiji. As histórias na TV espalhavam notícias tão irônicas que se esperava que o aparelho sorrisse afetadamente para nós. Com o passar do tempo, fiquei mais controlado em minha defesa do Ken. Por mais egoísta que possa parecer, eu queria uma vida própria. Queria uma carreira. Não queria ser o irmão de um famoso assassino fugitivo.

Tenho certeza de que a Covenant House tinha reservas quanto a me contratar. Quem poderia culpá-los? Mesmo eu sendo um dos diretores, meu nome não aparece nos papéis timbrados. Nunca estou presente nas cerimônias para angariar fundos. Meu trabalho limita-se inteiramente aos bastidores. E, a maior parte do tempo, não me importo.

Olhei novamente para o retrato de um homem tão familiar e, mesmo assim, completamente desconhecido para mim.

Será que minha mãe estivera mentindo desde o início?

Será que estivera ajudando Ken enquanto dizia para meu pai e para mim que pensava que ele estava morto? Quando penso nisso agora, lembro que minha mãe foi a mais firme defensora da teoria do Ken morto. Será que lhe mandara dinheiro às escondidas esse tempo todo? Será que

Sunny sabia onde ele estava desde o início?

Perguntas nas quais pensar.

Desviei o olhar e abri o armário da cozinha. Já havia decidido que não iria a Livingstone esta manhã - a idéia de ficar sentado naquele esquife de casa mais um dia me dava vontade de gritar -, pois eu precisava mesmo voltar para o trabalho. Minha mãe, estava certo, não só compreenderia como me encorajaria. Assim sendo, enchi um prato fundo de cereais Golden Graham e liguei para a secretária eletrônica de Sheila. Disse que a amava e pedi para que retornasse a chamada.

Meu apartamento - bem, é o *nosso* apartamento agora - fica na esquina da Rua 24 com a Nona Avenida, não muito longe do Hotel Chelsea. Quase sempre caminho os dezessete quarteirões até a Covenant House, que fica na Rua 41, não muito longe da via expressa da margem oeste. Costumava ser um lugar ideal como esconderijo nos dias antes da limpeza da Rua 42, quando esse trecho de mau cheiro era um baluarte da degradação à mostra. A Rua 42 tinha sido um tipo de Porta do Inferno, um lugar para a grotesca mistura amorosa das espécies. Pessoas que só iam a Nova York diariamente para trabalhar e turistas caminhavam ao lado de prostitutas e vendedores de drogas proxenetas, lojas e cinemas pornô, e quando chegassem ao fim ou estariam excitados ou desejariam tomar uma ducha e uma injeção de penicilina. Segundo me parecia, a perversão era tão suja, tão deprimente, que entristecia. Sou homem. Tenho desejos e necessidades como a maioria dos caras que conheço. Mas nunca entendi como alguém pode confundir a imundice de um desdentado viciado em crack com erotismo.

A limpeza da cidade, de certa maneira, tornou nosso trabalho mais difícil. A van da Covenant House soubera por onde passar. Os fugitivos estavam ali, a céu aberto, bem evidentes. Agora nossa tarefa já não era tão clara. E pior, a cidade em si não estava realmente mais limpa - só aparentemente. As assim chamadas pessoas decentes, aquelas que iam trabalhar na cidade e os turistas que mencionei antes, não estavam mais sujeitas a ver vitrinas escuras com cartazes que diziam SÓ PARA ADULTOS ou marquises caindo aos pedaços anunciando títulos de filmes com trocadilhos como FAZENDO A BARBA NAS INTIMIDADES DE RYAN ou A FOGUEIRA DAS CALCINHAS. Mas amoralidade como aquela não morre nunca. Amoralidade é como barata. Sobrevive. Abriga-se e se esconde. Acho que não se pode acabar com ela.

E há negativos para esconder a amoralidade. Quando a amoralidade é óbvia, podemos zombar e nos sentir superiores. As pessoas precisam disso. Para algumas é uma válvula de escape. Outra vantagem é a amoralidade explícita. O que você prefere: um assalto frontal declarado ou o perigo de um inimigo escondido deslizando sobre a relva alta? Finalmente - e talvez eu esteja encarando isso demasiadamente perto -, não se pode ter uma subida sem uma descida, e não estou seguro de termos luz sem escuro, pureza sem amoralidade, bem sem sal.

A primeira buzinação não me fez olhar para trás. Moro na cidade de Nova York. Evitar buzinações enquanto se caminha pelas avenidas é o equivalente a evitar água quando se está nadando. Assim, foi só quando ouvi uma voz familiar gritando: "Hei, seu idiota", que me virei. A van da Covenant House freou do meu lado. O motorista era o Squares e estava sozinho. Ele abaixou o vidro e tirou os óculos.

- Entra aí - disse.

Abri a porta e pulei para dentro. A van inteira cheirava a cigarros, a doces e, ligeiramente, a salsichas Bologna* dos sanduíches que distribuimos todas as noites. Havia manchas de todos os tamanhos e tipos no tapete. O porta-luvas era só uma caverna vazia. As molas dos bancos estavam gastas.

*Bologna é uma salsicha de carne, vitela e porco, quase sempre servida como recheio para sanduíches, muito popular entre as crianças, que as levam como lanche escolar. (N. do T.)

Squares estava com os olhos grudados no caminho.

- Que diabos está fazendo?
- Estou indo trabalhar.
- Por quê?
- Terapia.

Squares fez que sim com a cabeça. Passara a noite inteira guiando a van - um anjo vingador à procura de jovens para salvar. Não parecia pior por estar cansado, mas, de qualquer forma, não tinha começado o trabalho lá muito animado. Seu cabelo era comprido, como nos anos 80, repartidos no meio, já começando a ficar grisalhos. Acho que nunca o vi barbeado, mas também nunca cheguei a vê-lo com a barba grande, nem mesmo com uma aparada, atraente, e em ordem, à 'Miami Vice'. Os nacos de pele visíveis tinham marcas de catapora. Sua botas de trabalhar estavam gastas, esbranquiçadas. Seu jeans parecia ter sido pisoteado nos campos por búfalos e a cintura era muito larga, dando-lhe aquele ar de homem que vem para consertar alguma coisa, com fundilhos caídos, homem sempre desejado. Um maço de Camel estava enfiado na manga da camisa enrolada. Seus dentes eram escuros de fumo, de um amarelo de lápis de cor.

- Você está com uma cara que eu vou te contar - ele disse.
- Isso até parece elogio - respondi, - vindo de você.

Ele gostou. Seu nome era Squares, abreviação de Four Squares, por causa da tatuagem que tinha na testa. Eram quatro quadrados, dois sobre dois, de maneira que pareciam exatamente como as quadras que se vê nos *playgrounds*. Agora que o Squares era um instrutor de ioga de categoria com vídeos e uma cadeia de escolas, a maioria das pessoas supunha que a tatuagem tinha alguma significação hindu simbólica. nada disso.

Houve uma época, era a tatuagem da suástica. Ele apenas acrescentou quatro traços, fechando-a.

Difícil imaginar isso. Squares é a pessoa que menos julga os outros, de todas as que conheço. Também é, provavelmente, meu melhor amigo. Quando me contou pela primeira vez qual era a origem dos quadrados, fiquei aterrado e chocado. Nunca explicou nem se desculpou e, como Sheila, nunca falava a respeito do passado. Outras pessoas preencheram o que faltava. Eu compreendia melhor agora.

- Obrigado por ter mandado as flores - agradei.

Squares não respondeu.

- E por ter aparecido - acrescentei. Havia levado um grupo de amigos da Covenant House, na van. Eles praticamente formavam a brigada do funeral que não era da família.

- Sunny era gente boa - disse.
- Era - concordei.

Um momento de silêncio. Então Squares disse:

- Que reunião de merda.
- Obrigado por me chamar a atenção.
- Quer dizer, meu Deus, havia quantas pessoas lá?
- Você é o conforto em pessoa, Squares. Obrigado.
- Você quer conforto? Fique sabendo disso: as pessoas são umas bostas.
- Deixe pegar uma caneta e anotar isso.

Silêncio. Squares parou no sinal vermelho e me espiou de lado. Estava com os olhos vermelhos. Tirou o maço de cigarros da manga.

- Quer que eu te diga o que está errado?
- Bem, no outro dia? Minha mãe morreu.
- Ótimo - ele apontou. - Não precisa me dizer.

A luz ficou verde. A van avançou. A imagem do meu irmão naquela fotografia lampejou diante dos meus olhos.

- Squares?
- Estou escutando.

- Acho que meu irmão ainda está vivo.

Squares não disse nada. Tirou um cigarro do maço e botou na boca.

- Uma epifania e tanto - ele disse.

- Epifania - repeti com uma afirmação de cabeça.

- Anda fazendo cursos noturnos? Por que mudou de opinião?

Entrou no pequeno terreno da Covenant House. Costumávamos estacionar na rua, mas as pessoas entravam e dormiam na van. Não chamávamos a polícia, claro, mas a despesa das janelas quebradas e das fechaduras arrombadas era desagradável. Depois de algum tempo, passamos a deixar as portas destrancadas para que as pessoas pudessem apenas entrar. De manhã, quem chegasse primeiro batia à porta da van. Os inquilinos da noite entendiam o recado e se mandavam.

Tivemos que parar com isso também. A van tornou-se - para não sermos muitos descritivos aqui - muito nojenta para ser usada. Os moradores de rua nem sempre são apresentáveis. Vomitam. Se sujam. Muitas vezes não encontram banheiros para usar. Basta.

Ainda na van, fiquei pensando em como tocar no assunto.

- Posso fazer uma pergunta?

Consentiu.

- Nunca me disse o que acha que aconteceu com meu irmão.

- Isso aí é pergunta?

- É mais uma observação. A pergunta é esta: Por quê?

- Por que nunca disse o que achava que aconteceu com seu irmão?

- É.

Squares deu de ombros.

- Você nunca perguntou.

- Conversamos muito a esse respeito.

Squares deu de ombros novamente.

- Está bem, estou perguntando agora - eu disse. - Você acha que ele está vivo?

- Sempre achei.

Assim, de cara.

- E todas aquelas conversas que tivemos, todos aqueles argumentos convincentes quanto ao contrário...

- Ficava pensando se você estava tentando me convencer ou convencer a si mesmo.

- Nunca aceitou os meus argumentos?

- Exatamente - Squares disse. - Nunca.

- Mas nunca discutiu comigo.

Squares deu uma tragada funda no cigarro.

- Sua ilusão parecia inofensiva.

- A ignorância é sinal de felicidade, não é?

- A maior parte das vezes, é.

- Mas eu apresentava alguns pareceres válidos.

- É o que você diz.

- Você não concorda?

- Acho que não - Squares disse. - Você pensava que seu mano não tinha meios para se esconder, mas não precisamos ter meios. Olha só essa gente que encontramos todos os dias. Se um deles quisesse mesmo sumir, pronto, sumia na hora.

- Não há uma caçada internacional por nenhum deles.

- Caçada internacional disse Squares com um tom semelhante a nojo. - Acha que tudo quanto é policial no mundo acorda pensando no seu irmão?

A observação era válida, principalmente agora que me dava conta de que ele podia ter tido ajuda financeira de minha mãe.

- Ele não mataria ninguém.

- Besteira - ressaltou Squares.

- Você não o conheceu.

- Somos amigos, não somos?

- Somos.

- Acreditaria se dissesse que já teve um tempo em que eu queimava cruzeiros e saía gritando

Heil Hitler?

- Isso é diferente.

- Não é, não. - Saímos da van. - Uma vez você me perguntou por que não me livrava desta tatuagem de uma vez por todas, lembra-se?
Fiz que sim com a cabeça.
- E você me disse que era pra eu me foder.
- Disse. Mas a verdade é que eu a podia ter eliminado com laser ou ter feito um disfarce mais elaborado. Mas conservei-a porque ela me faz lembrar.
- Do quê? Do passado?
- Do potencial.
- Não sei o que isso quer dizer.
- Porque você não tem jeito.
- Meu irmão nunca violentaria e mataria uma mulher inocente.
- Algumas escolas de ioga ensinam mantras - disse Squares. - Mas repetir uma coisa muitas vezes sem parar não faz dela uma verdade.
- Você está muito profundo hoje.
- E você está se comportando como um idiota. - Ele pisou no cigarro. - Não ia me dizer por que mudou de opinião?
Estávamos perto da entrada.
- No meu escritório.

Calamo-nos quando entramos no abrigo. As pessoas esperam encontrar uma pocilga, mas nosso abrigo não era nada disso. Nossa filosofia era que este deveria ser um lugar onde gostaríamos que nossos filhos ficassem quando estivessem com problemas. Esse comentário deixava os doadores meio tontos de início - como a maior parte das instituições de caridade, esta parecia muito distante deles -, mas também impressionava-os ver onde viviam.

Squares e eu estávamos calados agora porque quando estamos na casa, toda a nossa atenção, toda a nossa concentração está dirigida para a garotada. Eles não merecem menos. Pelo menos uma vez em suas vidas tristes são o que mais interessa. Sempre. Cumprimentamos cada um - e me perdoem pela maneira de dizê-lo - como se fosse um irmão perdido há muito tempo. Ouvimos. Jamais apressamos alguém. Damo-nos as mãos e nos abraçamos. Olhamos direto nos olhos. Nunca os ignoramos. Paramos e os encaramos frente a frente. Se tentarmos fingir, estes garotos percebem na hora. Eles têm ótimos medidores de mentiras. Gostamos deles no duro, completamente e sem restrições. Todos os dias fazemos isso. Ou então voltamos pra casa. Não quer dizer que sejamos sempre bem-sucedidos. Ou mesmo que tenhamos sucesso a maior parte do tempo. Perdemos muito mais do que salvamos. Eles tornam a ser sugados pelas ruas. Mas enquanto estão aqui, em nossa casa, eles têm conforto. Enquanto estão aqui, sabem que serão sempre queridos.

Quando entramos no meu escritório, duas pessoas - uma mulher e um homem - estavam à nossa espera. Squares parou na hora. Arreganhando as asas do nariz e cheirou o ar, como se fosse um cão de caça.

- Polícia - disse.

A mulher sorriu e deu um passo à frente. O homem ficou atrás dela, naturalmente encostado à parede.

- Will Klein?

- Sim? - atendi.

Ela abriu a carteira de identificação com um floreio. O homem fez o mesmo.

- Meu nome é Claudia Fisher. Este é Darryl Wilcox. Ambos somos agentes especiais do FBI.

- Federais - salientou-me Squares, erguendo os polegares, como se estivesse impressionado de eu estar recebendo tamanha atenção. Espremeu os olhos para ver as identificações e depois olhou para Claudia Fisher. - Por que cortou o cabelo?

Claudia Fisher fechou a carteirinha com um estalido. Levantou uma sobrancelha para Squares.

- O senhor é...?

- Sou facilmente excitável - disse ele.

Ela franziu a testa e virou os olhos na minha direção.

- Gostaríamos de trocar umas palavras com o senhor. - E acrescentou: - Em particular.

Claudia Fisher era pequenina e um tanto petulante, a dedicada estudante/atleta de alguma escola secundária que ainda estava muito tensa - do tipo que se divertia, mas nunca espontaneamente. Seu cabelo estava curto, penteado para trás, um pouco ao estilo do fim dos anos setenta, mas combinava com ela. Usava pequenas argolas nas orelhas e tinha um forte nariz de pássaro.

Aqui suspeitamos naturalmente de qualquer imposição da lei. Não tenho o menos desejo de

proteger criminosos, mas também não quero ser instrumento na sua apreensão. Esse lugar tem de ser um abrigo seguro. Cooperar com as imposições da lei poderia prejudicar nossa credibilidade nas ruas - e o fato é que nossa credibilidade nas ruas é tudo. Gosto de nos considerar neutros. A Suíça dos fujões. E, é claro, minha história pessoal - a maneira de os agentes federais tratarem a situação do meu irmão - tudo isso contribui muito para que eu os estime tão pouco.

- Prefiro que ele fique - anunciei.
- Isto não tem nada a ver com ele.
- Pense nele como meu advogado.

Claudia Fisher teve que engolir Squares - seu jeans, seu cabelo, sua tatuagem. Ele ajeitou as lapelas imaginárias e mexeu as sobrancelhas.

Segui para minha mesa. Squares afundou na cadeira à minha frente e botou suas botas de trabalho em cima da mesa. Elas caíram com um baque empoeirado. Fisher e Wilcox permaneceram de pé.

Espalmei as mãos.

- Em que posso ser útil, agente Fisher?
- Estamos procurando por Sheila Rogers.

Não era o que eu esperava.

- Pode nos dizer onde podemos encontrá-la?
- Por que estão procurando por ela? - perguntei.

Claudia Fisher deu-me um sorriso condescendente.

- Se importaria em nos dizer onde ela está?
- Ela está com algum problema?
- No momento - ela fez uma pequena pausa e mudou o sorriso - gostaríamos de fazer umas perguntas a ela.

- Sobre o quê?
- O senhor está se recusando a colaborar conosco?
- Não estou me recusando a nada.
- Então diga onde podemos localizar Sheila Rogers.
- Gostaria de saber por quê.

Ela olhou para Wilcox que lhe deu um pequeno aceno de cabeça. Ela se voltou para mim.

- Hoje cedo o agente especial Wilcox e eu visitamos o local de trabalho de Sheila Rogers, na rua 18. Ela não estava lá. Procuramos informações sobre onde poderíamos encontrá-la. Seu empregador disse que ela havia telefonado comunicando que estava doente. Conferimos seu último local de residência. O senhorio nos informou que ela havia se mudado há muitos meses. Sua residência atual foi dada como sendo no seu endereço, Mr. Klein, na Rua 24, Oeste, número 378. Fomos até lá. Sheila Rogers não estava.

Squares apontou para ela.

- A senhora fala um bocado bem.

Ela o ignorou.

- Não queremos complicações, Mr. Klein.
- Complicações?
- Precisamos interrogar Sheila Rogers. Precisamos interrogá-la imediatamente. Podemos fazer de uma maneira fácil. Ou, caso o senhor escolha não colaborar, poderemos tomar um outro caminho, menos agradável.

Squares esfregou as mãos.

- Ah!, uma ameaça.
- O que vai ser, Mr. Klein?
- Gostaria que os senhores se retirassem - disse.
- Quanto o senhor sabe a respeito de Sheila Rogers?

A coisa estava ficando esquisita. Minha cabeça começou a doer. Wilcox pôs a mão no bolso do paletó e tirou uma folha de papel. Entregou-a a Claudia Fisher.

- O senhor se dá conta - disse Fisher - da lista dos crimes de Miss Rogers?

Tentei conservar um rosto sério, mas até Squares reagiu diante disso.

Fisher começou a ler a folha.

- Roubos em lojas. Prostituição. Posse de drogas com finalidade de venda.

Squares fez um ruído de chacota.

- Coisa de amador.
- Roubo armado.
- Está melhorando - disse Squares com um movimento de cabeça. Ergueu os olhos para Fisher.

- Nenhuma condenação por isso, certo?

- Correto.
- Então vai ver ela não fez nada.

Fisher franziu a testa de novo.

Belisquei de leve meu lábio inferior.

- Mr. Klein?
- Não posso ajudá-la.
- Não pode ou não quer?

Tornei a beliscar o lábio.

- Uma questão de semântica.
- Isso parece ser a repetição de algo conhecido, Mr. Klein.
- Que raios a senhora quer dizer?
- Encobrindo. Primeiro, seu irmão. Agora, sua amante.
- Vá pro diabo - destratei-a.

Squares fez uma cara feia, claramente desapontado com minha réplica admitidamente insatisfatória.

Fisher não recuou.

- O senhor não está avaliando a seriedade do caso - afirmou.
- Como assim?
- As repercussões - continuou. - Por exemplo: como acha que os doadores da Covenant House iriam reagir se o senhor fosse preso por estar ajudando e se acumpliciando?

Squares pegou a deixa.

- Sabe a quem devia perguntar?

Claudia Fisher torceu o nariz para ele, como se Squares fosse algo que ela tivesse acabado de raspar da sola de sapato.

- Joey Pistillo - disse Squares. - Aposto que Joey saberia.

Agora foi a vez de Fisher e Wilcox girarem sobre os calcanhares.

- A senhora tem um celular? - perguntou Squares. - Podemos perguntar a ele agora mesmo.

Fisher olhou para Wilcox, depois para Squares.

- O senhor está querendo dizer que conhece o diretor-assistente encarregado, Joseph Pistillo?

- perguntou.

- Liga pra ele - disse Squares. - Ah, espere, talvez a senhora não tenha o número direto dele.

- Squares estendeu a mão e mexeu o indicador num gesto de me dá isso aqui.

- Dá licença?

Ela passou o telefone para ele. Squares digitou os números e colocou o telefone junto do ouvido. Recostou-se o quanto podia, ainda com os pés sobre a mesa. Se estivesse usando um chapéu de caubói, estaria com a aba caída sobre os olhos para uma pequena sesta.

- Joey? Hei, cara, como é que vai? - Squares ouviu por um instante e aí estourou numa risada.

Ele falou um pouco e eu vi Fisher e Wilcox ficarem brancos. Geralmente eu me divertia com seu jogo de poder entre seu passado de altos e baixos e seu atual status de celebridade. Squares estava a um grau de separação de quase todas as pessoas - mas minha cabeça estava girando.

Depois de alguns minutos, Squares entregou o celular para a agente Fisher.

- O Joey quer falar com a senhora.

Fisher e Wilcox foram para o corredor e fecharam a porta.

- Ei, cara, os federais - disse Squares, com os polegares para cima de novo, ainda

impressionado.

- É, estou bem emocionado.
 - Que coisa, meu! Quer dizer, isso da Sheila ter uma ficha. Quem iria imaginar?
- Não eu.

Quando Fisher e Wilcox reapareceram, a cor já tinha voltado aos seus rostos. Fisher passou o telefone para Squares com um sorriso demasiadamente cortês.

Squares levou-o ao ouvido e disse:

- O que está acontecendo, Joey? - Ouviu por um instante. Então disse: - Ok - e desligou.
- Quem era? - perguntei.
- Era Joey Pistillo. Um dos chefões do FBI na costa Leste.
- E?
- Ele quer te ver pessoalmente - anunciou Squares. E olhou para o outro lado.
- O quê?
- Acho que não vamos gostar do que ele tem a dizer.

5

O DIRETOR-ASSISTENTE ENCARREGADO, JOSEPH PISTILLO, NÃO SÓ queria ver-me pessoalmente, mas em particular.

- Fiquei sabendo que sua mãe faleceu - disse ele.
- Ficou sabendo como?
- O quê?
- O senhor leu o obituário no jornal? - perguntei. - Foi um amigo que contou? Como ficou sabendo que ela faleceu?

Encaramo-nos. Pistillo era um homem corpulento, careca a não ser por uma orla grisalha bem aparada, ombros de jogador de boliche, mãos retorcidas dobradas sobre a mesa.

- Ou - continuei, sentindo a velha raiva tomando conta - tinha um agente nos vigiando? Vigiando-a. No hospital. No seu leito de morte. No enterro. Um dos seus agentes era o novo ordenança a respeito de quem as enfermeiras estavam comentando? Um dos agentes era o motorista da limusine que esqueceu o nome do superintendente do enterro?

Nenhum de nós deixava de olhar um para o outro.

- Sinto muito pela sua perda - disse Pistillo.
- Obrigado.

Ele recostou-se.

- Por que não nos diz onde está Sheila Rogers?
- Por que não me diz por que estão procurando por ela?
- Quando foi a última vez que a viu?
- O senhor é casado, agente Pistillo?

Ele não se perturbou.

- Há vinte e seis anos. Temos três filhos.
- Ama sua esposa?
- Amo.

- Então, seu eu aparecesse aqui e fizesse exigências e ameaças que envolvem sua mulher, o que o senhor faria?

Pistillo afirmou lentamente com a cabeça.

- Se o senhor trabalhasse para o FBI eu diria a ela para cooperar.
- Sem mais nem menos?
- Bem - ele ergueu o indicador - com uma condição.
- Qual?
- Que ela fosse inocente. Se fosse inocente, eu não teria nada a temer.
- O senhor não ficaria pensando do que se tratava?
- Pensando? Claro. Exigiria saber... - Deixou a voz cair. - Agora permita-me fazer-lhe uma

pergunta hipotética.

Fez uma pausa. Sentei-me.

- Sei que pensa que seu irmão está morto.

Outra pausa. Fiquei quieto.

- Mas suponha que o senhor descubra que ele está vivo e se escondendo, e suponha que, além de tudo isso, o senhor descubra que ele matou Julie Miller. - Voltou a recostar-se. - Hipoteticamente, é claro. Tudo isso é uma hipótese.

- Continue.

- Bem, o que o senhor faria? O senhor o entregaria? Diria para se virar sozinho? Ou será que o ajudaria?

Mais silêncio.

Eu disse:

- O senhor não me trouxe aqui para brincar de hipóteses.

- Não, não trouxe, não.

Havia um monitor de computador do lado direito da mesa. Ele girou-o de modo que eu pudesse vê-lo. Então pressionou algumas teclas. Uma imagem colorida apareceu e dentro de mim alguma coisa travou.

Um quarto como outro qualquer. Um abajur de pé, alto, num canto, caído no chão. Tapete bege. Mesinha de café virada de lado. Uma bagunça. Como se um tornado tivesse passado por ali ou coisa parecida. Mas centro do quarto, um homem caído numa poça do que imaginei ser sangue. O sangue estava escuro, mais do que carmesim, mais do que ferrugem, quase negro. O homem estava caído com o rosto para cima, os braços e as pernas espalhados de tal maneira que ele parecia ter despencado de uma grande altura.

Enquanto olhava a imagem no monitor, podia sentir os olhos de Pistillo sobre mim, avaliando minha reação. Meus olhos piscaram, olharam-no e voltaram ao monitor.

Ele apertou outra tecla. Uma nova imagem substituiu aquela sangrenta. O mesmo quarto. O abajur de pé não estava mais visível. Sangue ainda manchava o tapete. Mas havia outro corpo agora, este encolhido na posição fetal. O primeiro homem usava uma camiseta preta e calças também pretas. Este usava uma camisa de flanela e calça jeans.

Pistillo pressionou mais uma tecla. Agora a imagem apareceu ampliada. Os dois corpos agora. O primeiro, no centro do quarto. O segundo, mais perto da porta. Eu só podia distinguir um rosto - deste ângulo não parecia ser um rosto familiar -, mas o outro não dava pra ver.

O pânico começou a tomar conta de mim. Ken, pensei. Será que um deles seria...?

Então, lembrei-me das perguntas deles. Isso não tinha nada a ver com o Ken.

- Essas fotos foram tiradas em Albuquerque, no Novo México, no fim de semana - disse Pistillo.

Franzi a testa.

- Não estou entendendo.

- A cena do crime estava uma confusão, mas mesmo assim conseguimos encontrar alguns fios de cabelo e fibras - Ele sorriu para mim. - Não sou lá muito bom nos aspectos técnicos do nosso trabalho. Hoje em dia eles têm testes que nem dá pra acreditar. Mas às vezes ainda são os testes clássicos que nos fazem ganhar o dia.

- E devo saber do que o senhor está falando?

- Alguém tinha feito um bom trabalho limpando a cena do crime, mas meu pessoal consegui um conjunto de impressões digitais - um conjunto que não pertencia a nenhuma das vítimas. Verificamos-as no computador e conseguimos resultados mais que positivos hoje de manhã. - Avançou o tronco e agora o sorriso tinha desaparecido. - Quer adivinhar?

Eu vi Sheila, a minha linda Sheila, olhando pela janela.

- *Desculpe, Will.*

- Pertencem à sua amiga, Mr. Klein. A mesma que tem a ficha criminal. A mesma que estamos tendo muito trabalho para localizar.

Philip McGuane estava no banco traseiro de sua limusine Mercedes feito à mão - modelo extralongo, com laterais blindadas e janelas à prova de balas, ao custo de quatrocentos mil - e olhou para fora, para a visão indistinta de restaurantes *fast-food*, lojas de mau gosto e outras, velhas, à beira da estrada. Um uísque com soda, preparado no bar da limusine, estava aninhado na sua mão direita.

Olhou o líquido cor de âmbar. Firme. Isto o surpreendeu.

- O senhor está bem, Mr. McGuane?

McGuane voltou-se para o seu companheiro. Fred Tanner era imenso, de tamanho e consistência aproximados de uma daquelas casas **brownstone* da cidade. Suas mãos pareciam tampas de esgoto, com dedos como salsichas. Seu olhar atento era de uma confiança suprema. Tanner, da velha escola, ainda usava seu terno brilhoso surrado e um ostensivo anel rosado. Tanner sempre o usava, um objeto de ouro, grande demais, sempre girando-o no dedo e brincando com ele enquanto falava.

* Casas típicas de Nova York, com fachadas de arenito de um vermelho escuro. (N. do T.)
- Estou bem - mentiu McGuane.

A limusine deixou a estrada 22 em Parker Avenue. Tanner continuava mexendo em seu anel rosado. Tinha cinquenta anos, uma década e meia mais velho que o padrão. Seu rosto era um monumento descorado pela ação do tempo, cheio de planuras ásperas e ângulos retos. Seu cabelo era meticulosamente podado numa escovinha severa. McGuane sabia que Tanner era muito bom - frio, disciplinado, um filho-da-mãe letal para quem piedade era um conceito tão relevante quanto um *feng shui**. Tanner era hábil no uso daquelas mãos imensas ou de uma coletânea de armas de fogo. Já havia enfrentado alguns dos caras mais cruéis e sempre se saíra vencedor.

Mas isto, McGuane sabia, era atingir um nível totalmente novo.

- Quem é esse cara, afinal? - perguntou Tanner.

McGuane balançou a cabeça. Seu terno havia sido feito à mão por Joseph Abboud. Ele alugava três andares em um hotel no sudoeste de Manhattan. Em outros tempos, McGuane seria chamado consigliere ou *capo* ou outra besteira qualquer. Mas isso foi ontem e agora era hoje. Idos (há muito acabados, apesar do que Hollywood tenta nos fazer acreditar) eram os dias dos antros nos quartos dos fundos e jaquetas de veludo - dias dos quais Tanner, sem a menor dúvida, ainda sentia saudade. Agora possuía escritórios, uma secretária e uma lista de pagamento de salários feita no computador. Pagava impostos. Possuía negócios legais.

Mas ninguém estava melhor.

- Afinal, por que estamos vindo de carro para esta lonjura? - continuou Tanner. - Ele é que deveria encontrar o senhor, não é?

McGuane não respondeu. Tanner não conseguia entender.

Se o Fantasma quer me encontrar, a gente se encontra.

Não importa quem se é. Recusar significa que o Fantasma viria até nós. McGuane tinha um segurança excelente. Tinha gente boa. Mas o Fantasma era melhor. Tinha paciência. Estudava a gente. Esperava por uma oportunidade. E aí nos encontrava. Sozinho. Sabíamos que era assim.

Não, era melhor acabar logo com isso. Era melhor ir até ele.

A um quarteirão do cemitério a limusine parou.

- Você entendeu o que eu quero - disse McGuane.

- Já tenho um homem em posição. Está tudo certo.

- Não o deixe aparecer, a não ser que veja o meu sinal.

- Certo. Já acertamos tudo isso.

- Não o subestime.

Tanner agarrou a maçaneta. O sol fez cintilar seu anel rosado.

- Não leve a mal, Mr. McGuane, mas ele é só um cara, certo? Sangra vermelho como todos nós.

McGuane não estava tão certo.

Tanner saiu do carro, movendo-se graciosamente para um homem que carregava tamanho peso. McGuane recostou-se e engoliu um longo trago de uísque. Era um dos homens mais poderosos de Nova York. Ninguém chega lá - ninguém chega ao topo - sem ser um filho-da-mãe ardiloso e impiedoso. Se mostrar fraqueza, está morto. Se mancar, morre. Nada mais simples.

E, acima de tudo, nunca recue.

McGuane sabia tudo isso - sabia tão bem quanto qualquer outro -, mas naquele momento, mais do que tudo na vida, queria fugir. Empacotar o que pudesse e simplesmente desaparecer. Como seu velho amigo Ken.

McGuane encontrou os olhos do motorista no retrovisor. Suspirou fundo e fez um gesto de cabeça. O carro andou novamente. Viraram para a esquerda e atravessaram os portões do Cemitério Wellington. Os pneus esmigalharam o caminho de pedregulhos soltos. McGuane mandou o motorista parar. O motorista obedeceu. McGuane saltou e encaminhou-se para a frente do carro.

- Quando eu precisar de você, chamo.

O motorista concordou com a cabeça e se afastou.

McGuane estava sozinho.

Levantou a gola. Seu olhar varreu o cemitério. Nenhum movimento. Ficou pensando onde é que Tanner e seus homens haviam se escondido. Provavelmente mais perto do local do encontro. Numa árvore ou atrás de um arbusto. Se estivesse agindo certo, McGuane não os veria nunca.

O dia estava claro. O vento batia nele como uma foice de um ceifador. Encolheu os ombros. Os ruídos do tráfego na Rota 22 transbordavam por sobre as barreiras do som e faziam serenata para os mortos. O cheiro de alguma coisa recém-assada perfumava o ar parado e, por um momento, McGuane pensou em cremação.

Nenhum sinal de ninguém.

McGuane encontrou o caminho e tomou a direção leste. À medida que passava pelas lápides e pelas placas, seus olhos inconscientemente conferiam as datas de nascimento e morte. Calculava as idades e pensava que destino teria cabido aos jovens. Hesitou quando deu com um nome conhecido. Daniel Skinner. Morto aos treze anos. Um anjo sorrindo havia sido esculpido no túmulo. McGuane riu suavemente diante da imagem. Skinner, um valente selvagem, tinha atormentado sem cessar um garoto da quarta série. Mas naquele dia - 11 de maio, de acordo com a lápide - o aluno da quarta série tinha levado uma faca de cozinha para se proteger. Seu primeiro e único golpe furou o coração de Skinner.

Tchau, tchau, Anjo.

McGuane tentou não pensar mais no assunto.

Tudo tinha começado aqui?

Seguiu em frente. Adiante, virou à esquerda e caminhou mais lentamente. Não estava muito longe agora. Seus olhos varreram as cercanias. Ainda nenhum movimento. Estava mais quieto aqui - pacífico e verdejante. Não que os moradores parecessem se importar. Ele hesitou, virou à esquerda novamente e desceu a rua até chegar ao túmulo certo.

McGuane parou. Leu o nome e a data. Sua memória retrocedeu. Pensou no que sentiu e se deu conta de que a resposta era: não sentia muito. Não se importou de não ficar olhando ao seu redor. O Fantasma estava por ali, em algum lugar. Podia senti-lo.

- Devia ter trazido flores, Philip.

A voz, suave e sedosa insinuando um ceceio, gelou seu sangue. McGuane voltou-se lentamente e olhou para ver quem estava atrás dele. John Asselta aproximou-se, trazia flores na mão. McGuane afastou-se. Os olhos de Asselta encontraram os dele e McGuane podia sentir uma garra de aço penetrando seu peito.

- Faz um bocado de tempo - disse o Fantasma.

Asselta, o homem que McGuane conhecia como Fantasma, caminhou para o túmulo. McGuane ficou completamente imóvel. A temperatura parecia ter caído trinta graus quando o Fantasma se aproximou.

McGuane prendeu a respiração.

O Fantasma ajoelhou-se e depositou as flores delicadamente no chão. Ficou abaixado ali por um momento, de olhos fechados. Então, levantou-se, estendeu a mão com seus finos dedos de pianista e acariciou a lápide com demasiada intimidade.

McGuane procurou não olhar.

O Fantasma tinha uma pele como cataratas, leitosa e grudenta. Veias azuis escorriam pelo seu rosto quase bonito, como linhas de lágrimas ressequidas. Seus olhos eram acinzentados, quase sem cor. A cabeça, grande demais para os ombros estreitos, tinha a forma de uma lâmpada. As laterais de seus cabelos haviam sido recentemente raspadas à navalha, e havia um tufo cor de lama espetado no centro, esguichando como uma fonte. Havia qualquer coisa de delicado, quase feminino, em seus traços - uma versão pavorosa de uma boneca de porcelana.

McGuane recuou outro passo.

Às vezes encontramos uma pessoa cuja a bondade inata nos atinge quase como uma luminosidade ofuscante. E há outras vezes em que nos deparamos exatamente com o oposto - alguém cuja a mera presença nos sufoca numa pesada nuvem de desintegração e sangue.

- O que você quer? - perguntou McGuane.

O Fantasma abaixou a cabeça.

- Você conhece a expressão: Não existe ateu nas trincheiras?

- É mentira, você sabe - disse o Fantasma. - Na verdade, o contrário é que procede. Quando estamos em uma trincheira, quando estamos cara a cara com a morte, é aí que sabemos mesmo que não existe nenhum Deus. É por isso que pedimos ajuda para todas ou para qualquer entidade que exista - porque não queremos morrer. Porque no fundo do coração, você sabe que a morte é o fim da jogada. Não tem nada depois. Nenhum paraíso. Nenhum Deus. Só o nada.

O Fantasma levantou os olhos para ele. McGuane ficou imóvel.

- Tive saudade de você, Philip.

- O que você quer, John?

- Acho que você sabe.

McGuane sabia, mas não disse nada.

- Estou sabendo - continuou o Fantasma - que você está no aperto.

- O que você ouviu?

- Só uns boatos. - O Fantasma sorriu. Sua boca era fina como um fio de navalha e só de vê-la McGuane teve vontade de gritar. - Foi por isso que voltei.

- O problema é meu.

- Se isso fosse mesmo verdade, Philip.

- O que você quer dizer, John?

- Que aqueles dois homens que você mandou ao Novo México falharam, certo?

- Certo.

O Fantasma cochichou:

- Eu não.

- Ainda não estou entendendo o que você quer.

- Você concorda, que eu também tenho alguma coisa em jogo nisso tudo, não é?

O Fantasma esperou. Por fim, McGuane concordou com a cabeça. - Acho que tem.

- Você tem recursos, Philip. Tem acesso a informações que eu não tenho? - O Fantasma olhou para a lápide e, por um momento, McGuane pensou quase ver alguma coisa de humano nele. - Tenho certeza de que ele voltou? - Toda certeza - disse McGuane.

- Como você sabe?

- Um cara do FBI. Os homens que mandamos ao Novo México deveriam confirmar.

- Eles subestimam o inimigo.

- Aparentemente.

- Você sabe para onde ele fugiu?

- Estamos tentando descobrir.

- Mas não estão se esforçando o bastante.

McGuane não disse nada.

- Você preferia que ele sumisse novamente. Estou certo?

- Ia facilitar as coisas.

O Fantasma balançou a cabeça.

- Não desta vez.

Houve silêncio.

- Então, quem sabe onde ele está? - perguntou o Fantasma.

- O irmão dele, talvez. O FBI pegou o Will há uma hora. Para interrogar.

Isso chamou a atenção do Fantasma. Ele empinou a cabeça.

- Interrogar a respeito do quê?

- Ainda não sabemos.

- Então - disse o Fantasma suavemente - podia ser um bom lugar para começar.

McGuane deu um jeito de inclinar a cabeça. Foi quando o Fantasma avançou. Estendeu a mão. McGuane estremeceu, não podia se mover.

- Com medo de cumprimentar um velho amigo, Philip?

Ele estava. O Fantasma deu mais um passo, aproximando-se. McGuane respirava pouco.

Pensou em dar um sinal para Tanner.

Um tiro. Um tiro poria fim a tudo aquilo.

- Me dê sua mão, Philip.

Era uma ordem e McGuane obedeceu. Quase contra a vontade, sua mão ergueu-se do lado do corpo e lentamente avançou. O Fantasma, ele sabia, matava pessoas. Muitas. Como se não fossem nada. Ele era a morte. Não apenas um assassino. Era a própria Morte - como se seu simples toque pudesse picar a pele, entrar na corrente sanguínea espalhando veneno que penetraria no coração igual à faca de cozinha que o Fantasma usara já fazia tanto tempo.

McGuane desviou o olhar.

O Fantasma cobriu rapidamente a distância entre eles e colheu a mão de McGuane na sua. McGuane engoliu um grito. Tentou livrar-se da armadilha pegajosa. O Fantasma prendeu-o.

Então, McGuane sentiu alguma coisa - uma coisa fria e afiada na palma da mão.

O aperto aumentou. McGuane prendeu a respiração, cheio de dor. Fosse lá o que o Fantasma tivesse na mão o espetou num feixe de nervos como uma baioneta.

O Fantasma esperou até McGuane erguer o rosto. Os olhos dos dois homens se encontraram e McGuane tinha certeza de que seus pulmões iriam parar de funcionar, que seus órgãos iriam deixar de existir, um por um. O Fantasma afrouxou o aperto. Ele deslizou rapidamente aquela coisa afiada na mão de McGuane e dobrou seus dedos ao redor dela. Aí, finalmente, o Fantasma soltou-o e recuou.

- Pode ser uma volta solitária, Philip.

McGuane encontrou sua voz.

- Que diabo quer dizer com isso?

Mas o Fantasma virou e se afastou. McGuane baixou os olhos e abriu o punho fechado.

Ali na sua mão, brilhando ao sol, estava o anel de ouro com a pedra rosada de Tanner.

7

DEPOIS DO MEU ENCONTRO COM O DIRETOR-ASSISTENTE PISTILLO, Squares e eu entramos na van.

- Para o seu apartamento? - perguntou.

Acenei que sim.

- Estou ouvindo - disse ele.

E relatei minha conversa com Pistillo.

Squares sacudiu a cabeça.

- Albuquerque. Odeio aquele buraco, cara. Já foi lá?

- Não.

- A gente está no sudoeste, mas tudo parece que é sudoeste de mentira. Como se o lugar inteirinho fosse uma cópia da Disney.

- Não vou esquecer disso, Squares, obrigado.

- Então, pra onde a Sheila foi?

- Não sei - respondi.

- Pense. Onde você estava no último fim de semana?

- Com meus pais.

- E Sheila?

- Ela devia estar na cidade.

- Você telefonou pra ela?

Parei para pensar.

- Não, ela me telefonou.

- Você ligou de volta?

- Estava ocupado.

- Tem alguém que possa confirmar que ela estava na cidade?

- Acho que não.

- Então ela poderia ter estado em Albuquerque - disse Squares.

Considere a possibilidade.

- Há outras explicações - ressaltei.

- Tais como?

- As impressões digitais podiam ser antigas.

Squares franziu a testa, os olhos sempre na rua.

- Pode ser - continuei - que ela tenha ido a Albuquerque no mês passado, ou então, diabos, no ano passado. Quanto tempo as impressões digitais demoram para sumir?

- Um bocado, acho.
- Então talvez seja isso que tenha acontecido. Ou vai ver que as impressões estavam, digamos, num móvel, uma cadeira talvez, e essa cadeira estivesse em Nova York e fosse mandada para o Novo México.

Squares ajustou os óculos escuros.

- Você está ficando rebuscado demais.

- Mas é possível.

- Sim, claro. E, olha só, alguém pode ter pedido os dedos dela emprestados. Você sabe.

Levaram eles para passar o fim de semana em Albuquerque.

Um táxi nos fechou. Fizemos uma curva para a direita e quase pegamos um grupo de pessoas que estavam na rua a um metro do meio-fio. Quem mora em Manhattan faz isso o tempo todo. Ninguém espera pelas luzes parado na calçada. Avancam com o rebanho, arriscam a vida para conseguir algum lucro imaginário.

- Você conhece a Sheila - proferi.

- Conheço.

Era difícil encontrar as palavras, mas ali estavam.

- Acredita mesmo que ela poderia matar alguém?

Squares ficou calado um instante. O semáforo ficou vermelho. Ele parou a van e me olhou.

- Parece que a história do seu irmão está se repetindo.

- Tudo que estou dizendo, Squares, é que há outras possibilidades.

- E tudo que estou dizendo, Will, é que sua cabeça está no seu esfíncter.

- Isso quer dizer o quê?

- Uma cadeira, pelo amor de Deus! Você não existe! Na noite de ontem a Sheila chorou e te pediu desculpas - e de manhã, pronto, sumiu. Agora os agentes federais aparecem dizendo que as impressões digitais dela foram encontradas na cena do crime. E você me aparece com o quê?

Com uma droga de cadeira embarcada e visitas antigas.

- Isto não quer dizer que ela tenha matado alguém.

- Quer dizer - concluiu Squares - que ela está envolvida.

Ganhei tempo para entender direito. Recostei-me, olhei pela janela e não vi nada.

- Está pensando em alguma coisa, Squares?

- Em nada.

A van avançou mais um pouco.

- Eu a amo, você sabe.

- Sei - disse Squares.

- O melhor da história é que ela mentiu para mim.

Ele deu de ombros.

- Tem coisas piores.

Pensei no que poderia ser. Lembrei-me de nossa primeira noite juntos, deitados na cama, a cabeça de Sheila em meu peito, seu braço passando por cima de mim. Havia um tal contentamento, uma tamanha sensação de paz, de que o mundo era tão perfeito. Continuamos lá, assim. Não sei por quanto tempo. "Sem passado", ela disse docemente, quase como para si mesma. Perguntei o que queria dizer com aquilo. Ela ficou com a cabeça no meu peito, sem me olhar. E não disse mais nada.

- Tenho que encontrá-la - falei.

- É, eu sei.

- Quer me ajudar?

Squares deu de ombros.

- Você não ia conseguir sem mim.

- Então está combinado. Por onde vamos começar?

- Lembrando um velho provérbio - disse Squares -, antes de seguir para frente temos de olhar para trás.

- Inventou isso agora?

- Inventei.

- Mas acho que faz sentido.

- Will?

- Quê?

- Não é que eu esteja querendo ser óbvio ou coisa parecida, mas se olhar para trás poderá não gostar do que vai ver.

- Tenho quase certeza - concordei.

Squares me deixou na porta e voltou para Covenant House. Entrei no apartamento e joguei minhas chaves na mesa. Eu teria chamado Sheila - só para ter certeza de que ela não tinha voltado para casa -, mas o apartamento parecia tão vazio, tão sugado de energia, que nem liguei. O lugar que eu chamava de lar nos últimos quatro anos parecia diferente para mim, esquisito mesmo. Tinha uma atmosfera estranha de mofo pelo ar, como se tivesse ficado vazio por muito tempo.

E agora, o quê?

Dar uma busca no local, com certeza. Procurar pistas, seja lá o que isso significasse. Mas o que me ocorreu imediatamente foi como Sheila fora espartana. Ela aceitava o prazer de uma maneira simples, mesmo aparentemente sem interesse, e me ensinou a fazer igual. Possuía pouquíssimas coisas. Quando foi morar comigo, levou apenas uma maleta. Não era pobre - eu vira seu extrato bancário e ela pagara mais do que a sua cota aqui -, mas sempre foi dessas pessoas que vivem de acordo com aquela maneira de pensar: "O que se possui nos domina, não ao contrário". Agora eu pensava a este respeito, sobre o fato de que o que possuímos não só nos domina, mas também nos faz criar raízes.

Meu blusão de algodão do Amherst College estava em cima de uma cadeira no quarto de dormir. Peguei-o, sentindo uma dor no peito. Passamos um fim de semana na minha escola no outono do ano passado. Há uma colina no campus do Amherst, uma descida íngreme que começa num daqueles clássicos quadrângulos da Nova Inglaterra e desce rumo a uma imensa área de quadras esportivas. A maioria dos estudantes chama esta colina, num ataque de originalidade, de "a Colina".

Tarde da noite, Sheila e eu caminhamos de mãos dadas. Deitamos na grama macia da Colina, olhando o límpido céu de outono, e conversamos durante horas. Lembro-me de ter pensado que nunca sentira tamanha sensação de paz, de calma e de conforto, e aí, com os olhos nas estrelas, ela enfiou a mão dentro da cintura da minha calça. Voltei-me só um pouquinho para ver seu rosto. Quando seus dedos tocaram o alvo procurado, vi sua expressão marota.

- Isto chama a "velha tática universitária" - disse ela.

Está certo, talvez eu tenha ficado excitado como qualquer um ficaria naquela situação, mas foi naquele momento, naquela colina, com a mão dela nas minhas calças, que me dei conta pela primeira vez, com uma certeza quase sobrenatural, de que ela era a pessoa, de que nós sempre estaríamos juntos, de que a sombra do meu primeiro amor, do meu único amor antes de Sheila, o amor que me perseguia e afugentava os demais, havia sido banida, finalmente.

Olhei para o blusão por um momento, podia aspirar o perfume da madressilva e das folhagens novamente. Apertei-o de encontro ao peito e pensei pela enésima vez desde que havia conversado com Pistillo: seria tudo mentira?

Não.

Não se pode fingir essas coisas. Squares podia estar certo quanto à capacidade das pessoas de praticar atos de violência. Mas não era possível fingir uma ligação como a nossa.

O bilhete ainda estava ali.

Te amarei para sempre.

S

Eu tinha que acreditar. Devia isso a Sheila. O passado lhe pertencia. Eu não tinha nenhuma pretensão nisso. Não importa o que havia acontecido, ela tinha lá seus motivos. Ela me amava, eu sabia. Minha tarefa agora era encontrá-la, ajudá-la, procurar um jeito de voltar... não sei... um para o outro de novo.

Não duvidaria dela.

Procurei nas gavetas. Sheila tinha uma conta bancária e um cartão de crédito, pelo menos era o que eu pensava. Mas não havia papéis em lugar nenhum - nada de extratos antigos, recibos, talões de cheques, nada. Tinham sido todos jogados fora. Foi o que imaginei.

O protetor de tela do computador, aquelas linhas trêmulas sempre populares, desapareceu quando mexi no mouse. Digitei o nome da Sheila na tela, cliquei na caixa de entrada do e-mail. Nada. Não havia nada. Estranho. Ela não usava a internet com frequência - raramente, para dizer a verdade -, mas daí não ter recebido nenhum e-mail?

Cliquei no arquivo. Também vazio. Procurei nos sites de livros. Ainda nada. Conferi o histórico. Nada de nada.

Recostei-me e olhei para a rua. Um pensamento aflorou. Ponderei por um momento, pensando se fazer aquilo seria uma traição. Não importa. Squares tinha tido razão quando falou em olhar para trás a fim de calcular para onde ir em seguida. E estava certo quanto a eu não gostar do que pudesse descobrir.

Procurei na lista telefônica completa. Procurei Rogers na lista dos nomes. O estado era Idaho. A cidade era Mason. Sabia por causa do formulário que ela havia preenchido quando foi começar no serviço voluntário na Covenant House.

Só havia uma pessoa registrada. Num pedaço de papel, anotei o número do telefone. Sim, iria telefonar para os pais de Sheila. Se íamos ter que mexer no passado, que fôssemos tão longe quanto pudéssemos.

Antes que pegasse o aparelho, meu telefone tocou. Atendi e minha irmã Melissa perguntou:

- O que está fazendo?

Pensei como poderia explicar e resolvi dizer:

- Estou resolvendo um problema aqui.

- Will - disse ela, e eu podia ouvir aquele tom de irmã mais velha -, ainda estamos nos sete dias de luto pela mamãe.

Fechei os olhos.

- Papai está perguntando por você. Você tem que vir.

Olhei o apartamento mofento, estranho. Não havia motivo para ficar ali. Pensei na fotografia que ainda estava no bolso - a imagem do meu irmão nas montanhas.

- Já estou indo- declarei.

Melissa me recebeu à porta, perguntando:

- Onde está a Sheila?

Resmunguei alguma coisa sobre ela já ter um compromisso marcado e entrei, passando por ela.

Naquele dia tínhamos recebido a visita de um amigo que não era da família - um velho amigo do meu pai chamado Lou Farley. Acho que eles não se viam a uns dez anos. Lou Farley e meu pai lembraram-se com entusiasmo de histórias de há muito tempo. Algo a respeito de um time de 'softball', e eu tinha uma vaga lembrança do meu pai usando um uniforme castanho-avermelhado feito de um poliéster pesado, com o logotipo do Friendly's Ice Cream estampado no peito. Ainda podia ouvir o ranger das suas botas na entrada dos carros, o peso de suas mãos nos meus ombros. Faz tanto tempo. Ele e Lou Farley riam. Eu não via meu pai rir daquele jeito há anos. Seus olhos estavam molhados e longe. Minha mãe também ia assistir às partidas de vez em quando. Eu podia vê-la sentada nas arquibancadas descobertas usando uma blusa sem mangas, com seus braços bronzeados de sol.

Olhei pelas janelas na esperança de que Sheila ainda pudesse aparecer, que tudo aquilo fosse apenas um mal-entendido. Uma parte de mim - uma grande parte - ficou bloqueada. Apesar de sabermos que minha mãe poderia morrer a qualquer momento - o câncer de Sunny, como acontece muitas vezes, tinha sido um caminho lento e firme para a morte com um brusco mergulho no final -, eu ainda estava muito cru para aceitar o que estava acontecendo.

Sheila.

Eu já havia amado e perdido antes. Quando se trata de assuntos do coração, confesso que tenho um traço de pensamentos antiquados. Acredito em alma gêmea. Todos nós temos aquele primeiro amor. Quando o meu me abandonou, deixou um buraco bem no meio do meu coração. Por muito tempo pensei que nunca iria me recuperar. Havia motivos para isso. Para começar, nosso rompimento parecia incompleto. Mas não importa. Depois que ela me abandonou - no fim do dia, foi o que ela fez -, convenci-me de que estava destinado a aceitar alguém... menor... ou ficar sozinho para sempre.

Então encontrei Sheila.

Pensei no jeito como os olhos verdes de Sheila me perfuraram. Pensei naquela sensação sedosa dos seus cabelos. Pensei em como a atração física inicial - era imensa, aterradora - tinha se espalhado por todos os cantos do meu ser. Pensava nela o tempo todo. Dava um frio no estômago. Podia sentir que meu coração começava a dançar cada vez que eu deixava meus olhos pousarem no seu rosto. Eu estava com Squares na van e, de repente, ele me sacudia o ombro porque minha cabeça estava longe, tinha voado para aquele lugar que Squares chamava, de brincadeira, de Terra da Sheila, deixando um sorriso tolo a meio caminho. Sentia-me intoxicado. Ficávamos nos acarinhando e assistíamos a filmes antigos no vídeo, agradando um ao outro, atíçando-nos e vendo por quanto tempo podíamos suportar o conforto aconchegante e a excitação intensa entre nós até que... enfim, é por isso que os videocassetes têm um botãozinho que diz pausa.

Ficávamos de mãos dadas. Fazíamos longas caminhadas. Sentávamos no parque e

sussurrávamos comentários maldosos a respeito de desconhecidos. Nas festas, eu gostava de ficar do outro lado da sala olhando de longe, vendo-a andar e se mover e falar com os outros e, aí, quando nossos olhos se encontravam, sentia um tranco, um olhar de reconhecimento, um sorriso lascivo.

Uma vez, Sheila me pediu para preencher um questionário tolo que ela havia encontrado numa revista. Uma das perguntas era: qual é a maior fraqueza do seu amor? Pensei sobre isso e escrevi: "Quase sempre ela esquece o guarda-chuva nos restaurantes". Ela adorou, se bem que pedisse mais. Lembrei-lhe de que gostava de bandas jovens e de velhos discos do grupo ABBA. Ela concordou solenemente com a cabeça e prometeu que procuraria se emendar.

Falávamos a respeito de tudo, menos do passado. Deparo-me demais com isto no meu trabalho. Não me perturbava muito. Agora, em retrospecto, ficava pensando, mas naquela época tinha acrescentado, não sei, um ar de mistério, talvez. E mais do que isto - sejam pacientes comigo mais uma vez -, era como se não houvesse vida à nossa frente. Nenhum amor, nenhum parceiro, nenhum passado, como se tivéssemos nascido no dia em que nos conhecemos.

É, eu sei.

Melissa sentou-se ao lado do meu pai. Podia ver os dois de perfil. A semelhança era grande. Eu parecia mais com minha mãe. O marido de Melissa, Ralph, rodeava a mesa de comida. Ele era um chefe de departamento tipicamente americano, um homem que vestia camisas de colarinhos, de mangas curtas sobre camiseta, um cara legal com aperto firme, sapatos polidos, cabelos bem lisos, inteligência limitada. Jamais afrouxava a gravata, não deixava exatamente apertada mas confortável, só quando as coisas estavam no lugar certo.

Não tenho nada em comum com Ralph, mas, para ser justo, realmente não conheço muito bem. Eles moram em Seattle e quase nunca aparecem. Contudo, não posso deixar de me lembrar de quando Melissa estava atravessando seu período de loucura, andando por aí com o delinqüente local, o Jimmy McCarthy. Que brilho nos seus olhos havia naquela época. Tão espantoso escandaloso, até mesmo inadequado, mas ela era feliz. Não sei o que aconteceu, o que a fez mudar, o que amedrontou tanto. As pessoas alegam que foi maturidade. Não acredito que esta seja toda a história. Acho, sim, que havia mais alguma coisa.

Mel - nós sempre chamávamos Melissa assim - me fez um sinal com os olhos. Seguimos para o nosso esconderijo. Coloquei a mão no bolso e toquei a fotografia do Ken.

- Ralph e eu vamos embora pela manhã - disse.

- Que pressa.

- O que você está insinuando?

Balancei a cabeça.

- Nós temos filhos, e Ralph tem que trabalhar.

- Certo. Foi simpático vocês terem dado um jeito de aparecer.

Os olhos dela se arregalaram.

- Que coisa mais horrível de dizer.

E era. Olhei para trás. Ralph estava sentado com o papai e Lou Farley, comendo pãezinhos recheados de carne, a salada de repolho cortado bem fininho aninhada nos cantos dos lábios. Queria dizer-lhe que sentia muito. Mas não podia. Mel era mais velha de nós, três anos mais velha de que Ken. cinco anos mais do que eu. Quando Julie foi encontrada morta, ela fugiu. Esta é a única maneira de dizer o que aconteceu. Ela se mandou com o seu novo marido e bebê e se mudou para o outro lado do país. A maior parte do tempo eu compreendia, mas ainda sentia raiva do que eu considerava como sendo abandono.

Pensei novamente na fotografia do Ken em meu bolso e tomei uma decisão repentina.

- Quero mostrar uma coisa a você.

Pensei ter visto Melissa estremecer, como se estivesse se preparando para um golpe, mas poderia ter sido apenas uma projeção. Seu cabelo era tingido no mais puro estilo Suzy Homemaker, com aquele tom louro suburbano opaco, caindo em madeixas até os ombros - provavelmente do jeito que Ralph gostava. Parecia errado para mim, não combinava com ela. Afastamo-nos um pouco até estarmos perto da porta que levava para a garagem. Olhei para trás. Ainda podia ver meu pai, Ralph e Lou Farley.

Abrir a porta. Mel olhou-me cheia de curiosidade mas me seguiu. Descemos até a fria garagem de chão cimentado. O lugar estava arrumado no tradicional estilo americano de propensão a incêndio. Latas de tinta enferrujadas. caixas de papelão mofadas, bastões de beisebol, velhas peças de vime, pneus carecas - tudo espalhado como se estivesse acontecido uma explosão. Havia manchas de óleo pelo chão, e a poeira dava a tudo um tom insípido de um

cinza desbotado, onde era difícil respirar. Uma corda ainda pendurada no teto. Lembrei-me de quando meu pai limpou aquele lugar e conseguiu algum espaço, prendeu uma bola de tênis a uma corda para que eu pudesse treinar os meus saques. Eu não podia acreditar que continuava lá.

Melissa fixou os olhos em mim.

Eu não sabia como começar o que ia dizer.

- Sheila e eu estávamos vendo as coisas da mamãe ontem - falei.

Ela apertou um pouco os olhos. Eu queria começar explicando como tínhamos olhado as gavetas, examinando os recortes dos nascimentos e daquele programa velho quando mamãe fez o papel da Tia Mame na produção do Little Livingston, e como Sheila e eu mergulhamos naquelas fotos antigas - lembra daquela com o rei Hussein, Mel? -, mas nada disso passou por meus lábios.

Sem dizer mais nenhuma palavra, enfiei a mão no bolso, tirei a fotografia e coloquei-a bem na frente do meu rosto.

Não demorou. Melissa virou o rosto como se a foto pudesse escaldá-la. Conteve algumas respirações e recuou. Fui para perto dela, mas ela ergueu uma mão, detendo-me. Quando ergueu os olhos novamente, seu rosto estava inteiramente inexpressivo. Mais nenhuma surpresa. Nenhuma angústia nem uma alegria. Nada.

Ergui a foto de novo. Desta vez ela nem piscou.

- É o Ken - proferi, estupidamente.

- Posso ver que é, Will.

- Esta é a soma total de sua reação?

- Como você queria que eu reagisse?

- Ele está vivo. A mamãe sabia. Esta foto estava com ela.

Silêncio.

- Mel?

- Ele está vivo - ela repetiu. - Eu ouvi.

A reação dela - ou a falta de reação - deixou-me sem palavras.

- Mais alguma coisa? - perguntou Melissa.

- O que?... isso é tudo que você tem a dizer?

- Tem mais alguma coisa a dizer, Will?

- Está bem. Esqueci. Você tem que voltar para Seattle.

- Tenho.

Ela afastou-se de mim.

A raiva veio à superfície.

- Me diz uma coisa, Mel. Fugir ajudou em alguma coisa?

- Eu não fugi.

- Besteira - eu disse.

- Ralph tinha um emprego lá.

- Certo.

- Como se atreve a me julgar?

Lembrei-me rapidamente de quando nós três brincávamos de Marco Pólo durante horas na piscina do motel perto de Cape Cod. Lembrei-me, logo depois, da época em que Tony Bonoza espalhou boatos a respeito de Mel, como Ken ficou vermelho de raiva quando soube, como havia lutado com ele.

- Ken está vivo - repeti novamente.

A voz dela era uma súplica.

- E o que você quer que eu faça?

- Você age como se não tivesse importância.

- Não estou certa de que tenha.

- Mas que diabos quer dizer com isso?

- O Ken não faz mais parte da nossa vida.

- Só se for da sua.

- Muito bem, Will. Ele não faz mais parte da minha vida.

- É seu irmão.

- O Ken fez a sua escolha.

- E agora o quê? Ele está morto pra você?

- Não seria melhor se ele estivesse? - Ela sacudiu a cabeça e fechou os olhos. Esperei. - Talvez eu tenha fugido mesmo, Will. Mas você também. Nós tínhamos que escolher. Ou nosso irmão

estava morto ou era um assassino brutal. Seja como for, sim, para mim ele está morto.

Levantei a foto mais uma vez.

- Ele pode não ser culpado, você sabe, não sabe?

Melissa me olhou e, de repente, era a irmã mais velha de novo.

- Deixa disso, Will. Não seja tolo.

- Ele nos defendia. Quando éramos crianças. Ele cuidava da gente. Ele nos amava.

- E eu o amava. Mas também o via pelo que ele era. Ele era dado à violência, Will. Você sabe.

É verdade, ele nos defendia. Mas você não acha que em parte era porque ele gostava disso?

Você sabe que ele estava envolvido em alguma coisa ruim quando morreu.

- Mas isso não faz dele um assassino.

Melissa fechou os olhos novamente. Podia ver que ela estava procurando encontrar alguma força interior.

- Pelo amor de Deus, Will, o que ele estava fazendo naquela noite?

Nossos olhos se encontraram e ficamos nos encarando. Eu não disse nada. Um frio brusco me cortou o coração.

- Esqueça o assassinato, está bem? O que o Ken estava aprontando fazendo sexo com a Julie Miller?

Essas palavras me penetraram, cresceram no meu peito, enorme e frígidas. Eu mal podia respirar. Minha voz, quando finalmente a encontrei, era fraca, longínqua.

- Já fazia mais de um ano que nós tínhamos acabado.

- Está me dizendo que não tinha mais nada com ela?

- Eu... ela era livre. Ele era livre. Não havia razão para...

- Ele te traiu, Will. Encare de uma vez. Ele dormiu com a mulher que você amava. Que espécie de irmão faz isso?

- Nós tínhamos acabado - disse com dificuldade. - Eu não tinha nenhum direito sobre ela.

- Você a amava.

- Isso não tem nada a ver.

Ela não desgrudava os olhos de mim.

- Agora quem é que está fugindo?

Recuei, tropeçando e caindo nos degraus de cimento. Meu rosto ficou entre minhas mãos. Me recompus aos poucos. Levou algum tempo.

- Ele continuava sendo nosso irmão.

- Então, o que você quer fazer? Encontrá-lo? Entregá-lo para a polícia? Ajudá-lo a continuar escondido? O quê?

Eu não tinha nenhuma resposta.

- Esta não é mais a minha vida. Sinto muito.

Então eu a vi como uma adolescente, deitada na cama, tagarelando, os cabelos muito penteados, o cheiro de goma de mascar no ar. Ken e eu ficávamos sentados no chão no quarto dela e girávamos os olhos. Lembro-me do que o corpo dela dizia. Se Mel estivesse deitada de barriga para baixo, os pés agitando-se no ar, ela estava falando de garotos, de festas e esse tipo de bobagens. Mas quando se deitava de costas e encarava o teto, bem, era a posição dos sonhos. Pensei nos sonhos dela. Pensei em como nenhum deles se tornara realidade.

- Eu te amo - eu disse.

E como se pudesse ler meus pensamentos Melissa começou a chorar.

Nunca esquecemos nosso primeiro amor. O meu acabou sendo assassinado.

Julie Miller e eu nos conhecemos quando a família dela se mudou para Coddington Terrace, no meu primeiro ano de calouro na Escola Secundária de Livingston.

Começamos a namorar dois anos mais tarde. Íamos às festas do secundário e da universidade. Fomos votados como sendo o casal da classe. Éramos praticamente inseparáveis.

Nosso rompimento foi surpreendente só por ter sido inequivocamente previsível. Fomos para colégios separados, certos de que nosso compromisso podia enfrentar tempo e distância. Não podia, se bem que tenha durado mais do que a maioria. Durante nosso primeiro ano, Julie me telefonava e dizia que queria ver outras pessoas, que estava começando a sair com um colega mais adiantado chamado - não estou brincando - Buck*.

Eu devia ter superado. Eu era jovem e isto não era nada fora do comum em um momento de

transição. E, provavelmente, eu teria aceitado. Com o passar do tempo, comecei a sair com outras. Estava demorando, mas começava a aceitar a realidade. O tempo e a distância me ajudaram.

Mas então Julie morreu, e parece que uma parte do meu coração jamais se libertaria das suas garras sobre mim no além-túmulo.

Até aparecer Sheila.

Não mostrei a fotografia para meu pai.

Voltei ao meu apartamento às dez horas daquela noite. Ainda vazio, ainda mofento, ainda estranho. Nenhum recado na secretária eletrônica. Se esta era a vida sem Sheila, não queria nada com ela.

O pedaço de papel com o telefone dos pais dela em Idaho ainda estava sobre a mesa. Qual era a diferença de horário em Idaho? Uma hora? Talvez duas? Eu não me lembrava. Mas isso faria ser umas oito ou nove da noite.

Não era muito tarde para ligar.

Desmorenei na cadeira e encarei o telefone como se ele fosse me dizer o que fazer. Não disse. Peguei o pedaço de papel. Quando disse a Sheila para telefonar para os pais seu rosto perdera toda cor. Isso tinha sido ontem. Apenas ontem. Pensei no que devia fazer e meu primeiro pensamento, o primeiro dos primeiros, foi que deveria pedir conselho à mãe, ela saberia a resposta certa.

Uma nova onda de tristeza me encobriu.

No final, eu sabia que tinha de agir. Tinha que fazer alguma coisa. E telefonar para os pais de Sheila era tudo que eu podia pensar naquele momento.

Uma mulher atendeu no terceiro chamado.

- Alô?

Limpei a garganta.

- Mrs. Rogers?

Houve uma pausa.

- Sim?

- Meu nome é Will Klein.

Esperei, percebendo que o nome não significava nada a ela. Se queria dizer alguma coisa, ela não estava me deixando saber.

- Sou amigo de sua filha.

- Que filha?

- Da Sheila - anunciei.

- Sei - disse a mulher. - Ouvi dizer que ela andou por Nova York.

- É.

- É de onde o senhor está telefonando?

- Sim.

- Em que posso ajudá-lo, Mr. Klein?

Era uma boa pergunta. Nem eu mesmo sabia, de forma que comecei da maneira mais óbvia.

- A senhora tem idéia de onde ela possa estar?

- Não.

- A senhora não a tem visto nem falado com ela?

Com uma voz cansada ela disse.

- Faz anos que não tenho visto nem falado com Sheila.

Abri a boca, fechei, tentei ver que caminho tomar, fiquei rodando em círculos.

- A senhora tem conhecimento de que ela desapareceu?

- As autoridades entraram em contato conosco.

Passei o telefone para a outra mão e o coloquei no outro ouvido.

- A senhora podia me dizer alguma coisa de útil?

- De útil?

- A senhora faz alguma idéia de onde ela possa ter ido? Para onde poderia ter fugido? Um amigo ou parente que pudesse ajudar?

- Mr. Klein?

- Senhora?

- Há muito tempo que Sheila não faz mais parte da nossa vida.

- Por quê?

Perguntei sem pensar. Imaginei que haveria uma reprimenda, claro, um grande e cheio o senhor-não-tem-nada-que-ver-com-isso. Mas de novo ela caiu em silêncio. Tentei esperar até que falasse, mas ela era melhor do que eu nisso.

- É só que...- eu podia me ouvir gaguejar - ela é uma pessoa maravilhosa.

- O senhor é mais do que um amigo, não é, Mr. Klein?

- Sou.

- As autoridades. Eles disseram que Sheila estava vivendo com um homem. Imagino que deviam estar se referindo ao senhor.

- Estamos juntos há quase um ano - concluí.

- O senhor parece estar preocupado com ela.

- Estou.

- O senhor a ama, é isso?

- Muito.

- Mas nunca falou a respeito do passado dela.

Eu não sabia como responder, se bem que a resposta fosse óbvia.

- Estou tentando compreender - eu disse.

- Não é assim. Nem eu entendo.

Meu vizinho começou a ouvir seu novo aparelho de som com caixas quadrifônicas a todo o volume. O baixo sacudiu a parede. Eu estava usando o telefone portátil, então caminhei para a extremidade do fundo do apartamento.

- Quero ajudá-la - eu disse.

- Deixa eu perguntar uma coisa, Mr. Klein.

Seu tom de voz me fez agarrar o aparelho com firmeza.

- O agente federal que esteve aqui hoje - continuou - disse que não sabe nada a respeito.

- A respeito do quê? - perguntei.

- Da Carly - disse Mrs. Rogers. - De onde ela está.

Fiquei confuso.

- Quem é Carly?

Houve outra longa pausa.

- Posso dar um conselho, Mr. Klein?

- Quem é Carly? - perguntei novamente.

- Cuide da sua vida. Esqueça que um dia conheceu a minha filha.

E aí ela desligou.

8

PEGUEI UMA CERVEJA BROOKLYN DA GELADEIRA E ABRI A PORTA DE vidro. Entrei no que o meu corretor havia apelidado, com otimismo, de "varanda". Era mais ou menos do tamanho de um berço de criança. Uma pessoa, talvez duas, completamente imóveis, poderiam ficar ali, de pé, ao mesmo tempo. Não havia cadeiras, é claro, e sendo no terceiro andar, a vista não era grande coisa. Mas havia ar fresco, era noite e eu gostava disso.

À noite Nova York é bem iluminada e irreal, cheia de uma luminosidade azul-escura. Esta pode ser a cidade que nunca dorme mas, se a minha rua fosse um ponto de referência, podia entrar sorrateiramente num solene cochilo. Carros estacionados entupiam a curva, pára-choque colado a pára-choque, aparentemente numa corrida, para conquistar um primeiro lugar muito tempo depois de os donos terem abandonado. Sons noturnos pulsavam e sussurravam. Ouvia-se música. Ouviavam-se barulhos vindo da pizzaria do outro lado da rua. Ouvia-se o sopro regular do tráfego na Via Expressa do West Side, suave agora, uma cantilena de Manhattan.

Minha mente deslizou para o nada. Não sei o que estava acontecendo. Não sabia o que fazer em seguida. Meu telefonema para a mãe de Sheila levantara mais perguntas do que respostas. As palavras de Melissa ainda machucavam, mas ela tinha tocado num ponto interessante: agora que eu sabia que Ken estava vivo, eu estava preparado para fazer o quê?

Queria encontrá-lo, é claro.

Queria encontrá-lo a todo custo. Mas e daí? Teria que enfrentar o fato de eu não ser detetive ou não estar preparado para a tarefa. Se o Ken quisesse ser encontrado, me procuraria. Procurá-lo só poderia levar a um desastre.

E talvez eu tivesse outra prioridade.

Para começar, meu irmão tinha fugido. Agora minha amante tina se evaporado. Franzi a testa. Coisa boa eu não ter cachorro.

Levava a garrafa à boca quando notei.

Estava na esquina, talvez a uns cinquenta metros do meu prédio. Usava uma capa impermeável e o que podia ser um chapéu de feltro, com as mãos nos bolsos. Àquela distância seu rosto parecia uma esfera branca brilhando de encontro a um pano de fundo negro, sem traços e bem redondo. Não podia ver seus olhos, mas sabia que estava olhando para mim. Podia sentir o peso do seu olhar. Era palpável.

O homem não se moveu.

Não havia muitos pedestres na rua, mas os que haviam, bem, eles *se moviam*. Era isso que os nova-iorquinos faziam. Moviam-se. Andavam. Andavam com um objetivo. Mesmo quando paravam no semáforo ou para um carro passar, seus corpos oscilavam, sempre prontos para retomar o caminho. Os nova-iorquinos se moviam. Não havia imobilidade neles.

Mas este homem estava parado como pedra. E me encarava. Pisquei com força. Ele ainda estava lá. Eu me virei e tornei a olhar. Ele ainda estava lá, sem se mover. E tinha mais uma coisa.

Alguma coisa nele me era familiar.

Eu não queria levar isso muito adiante. Estávamos bem distantes um do outro, era noite e minha vista não é das melhores, principalmente com as luzes das ruas. Mas o meu cabelo na minha nuca arrepiou-se como o de um animal que pressente algum perigo terrível.

Decidi encarar de volta e ver como ele reagiria. Não se mexeu. Não faço idéia de quanto tempo ficamos ali, daquele jeito. Podia sentir o sangue fugindo das extremidades dos meus dedos. O frio espalhava-se pelas bordas, mas sentia que alguma coisa no centro do meu corpo ganhava força. Não desviei o olhar, e tampouco fez o rosto sem traços.

O telefone tocou.

Livre-me daquela visão com um tranco. Meu relógio dizia que eram quase onze horas. Tarde para um telefonema. Sem olhar para trás, tornei a entrar e peguei o aparelho.

Squares disse:

- Com sono?

- Não.

- Quer dar uma volta?

Ele ia sair com a van naquela noite.

- Soube de alguma coisa?

- Encontre-me no estúdio. Aqui a meia hora.

Ele desligou. Voltei ao terraço e olhei para a rua. O homem tinha ido embora.

A escola de ioga chamava-se simplesmente Squares. Caçoei, claro. Squares tinha virado uma palavra só, como Cher ou Fábio. A escola, ou estúdio, ou seja lá o que se queira chamar, ficava num prédio de seis andares, na University Place, perto da Union Squares. O início tinha sido difícil. A escola lutara para sobreviver na obscuridade. Aí uma certa celebridade, uma estrela da música pop que todos conhecemos muito bem "descobriu" a Squares. Ela contou para os amigos. Alguns meses depois a revista 'Cosmo' fez um artigo. Depois, a 'ELLE'. Além disso, uma grande firma de divulgação pediu a Squares para fazer um vídeo. Squares, que acredita firmemente em negócios, fez o que tinha que fazer. O Yoga Squared Workout - o nome registrado da firma - deslanchou. E o Squares até fez a barba no dia da gravação.

O resto é história.

De repente, nenhum evento social em Manhattan ou em Hamptons podia ser considerado um "acontecimento" sem o guru favorito, que deixava em boa forma. Squares recusava a maioria dos convites, mas aprendeu depressa a ampliar as atividades. Raramente tinha tempo para ensinar todo mundo.

Para quem quisesse ter aulas, mesmo as que eram dadas por seus estudantes mais novatos, a lista de espera era de pelo menos dois meses. Ele cobrava vinte cinco dólares por aula. Tinha quatro estúdios. O menor dava para cinquenta alunos. O maior, para perto de duzentos. Tinha vinte professores que trabalhavam em sistema rotativo. Quando fui chegando à escola, às onze e meia noite, havia três classes ainda funcionando.

Façam os cálculos.

No elevador comecei a escutar os acordes dolorosos da música da cítara mesclando-se ao barulho de quedas d'água, uma mistura de sons que acho tão confortante quanto um gato golpeado com uma pancada na cabeça. Logo na entrada, uma loja de pequenas lembranças nos

acolhe, cheia de incensos, livros, loções, fitas, vídeos, CDs, DVDs, cristais, colares, ponchos e gravatas multicoloridas*. Atrás do balcão havia um casal de jovens anoréxicos em seus vinte e poucos anos, inteiramente de preto, suas figuras tresandando a granola. Jovens para sempre. Espere só. Um rapaz e uma moça, se bem que não fosse fácil especificar quem era quem. A voz de ambos era equalizada e um tanto quanto condescendente - como a voz de um gerente em um novo restaurante da moda. Os *pierçings* em seus corpos - e havia inúmeros - estavam cheios de prata e turquesa.

- Oi - cumprimentei.

- Por favor, tire os sapatos - disse aquele que era provavelmente o homem.

- Certo.

Tirei-os.

- E você, quem é? - perguntou a provavelmente o homem.

- Estou aqui para ver o Squares. Sou Will Klein.

O nome não significava nada para eles. Deviam ser novos.

- O senhor tem hora marcada com o Yogi Squares?

- Yogi Squares? - repeti.

Isso me espantou.

* No original, o autor refere-se a *tié-dyes*, ou seja, colorir uma gravata dando vários nós, de modo que quando mergulhava na tintura, os pedaços dos nós absorvem menos cor, formando grandes círculos desbotados quando os nós são desfeitos. (N. do T.)

- Me diz uma coisa, será que o Yogi Squares é mais esperto do que os Squares* que andam por aí?

Não houve risadas das crianças. Grande surpresa. Ela digitou alguma coisa no computador. Os dois franziram a testa para o monitor. Ele pegou o telefone e discou. A música de cítara espocava. Senti uma baita dor de cabeça se aproximando.

- Will?

Wanda, trajando maravilhosamente uma malha, deslizou sala adentro, cabeça erguida, clavículas salientes, olhos observando tudo. Era a principal professora e amante de Squares. Estavam juntos fazia três anos. A malha era cor de lavanda e absolutamente certa. Wanda era uma visão ousada - alta, pernas longas, leve, linda de viver, e negra. Sim, negra. A ironia não podia escapar ao passado de altos e baixos de Squares.

Ela me envolveu com seus braços e me cingiu com uma fumaça quente. Eu desejei que durasse para sempre.

- Como vai, Will? - disse ela suavemente.

- Melhor.

Ela recuou, os olhos à procura de uma mentira. Havia estado no enterro de minha mãe. Ela e Squares não tinham segredos. Squares e eu não tínhamos segredos. Como num teorema de álgebra, poder-se-ia deduzir que ela e eu não tínhamos segredos.

- Ele está terminando sua aula. Respiração prainaiama.

Concordei com a cabeça.

Ela inclinou a dela como se tivesse acabado de pensar uma coisa.

- Você tem um segundo antes de ir? - Sua voz procurava ser natural, mas não conseguiu de todo.

*Jogo de palavras, já que Squares pode referir-se a uma pessoa "quadrada". (N. do T.)

- Claro.

Segui pé ante pé - Wanda era muito graciosa até para caminhar - pelo corredor. Fui atrás, meus olhos à altura do seu pescoço de cisne. Passamos por uma fonte tão grande e ornamentada que senti vontade de atirar uma moeda dentro dela. Espiei rápido o interior de um dos estúdios. Silêncio absoluto, a não ser por respirações profundas. Parecia um cenário de cinema. Pessoas maravilhosas - não sei onde é que Squares encontrava tanta gente maravilhosa - enchiam a sala de um lado a outro, em pose de guerreiro, os rostos serenamente

sem expressão, as pernas abertas, as palmas das mãos para cima, os joelhos para a frente, num ângulo de noventa graus.

O escritório que Wanda dividia com Squares ficava à direita. Ela afundou na cadeira como se fosse feita de poliestireno e cruzou as pernas na posição de lótus. Sentei-me na frente dela, de forma convencional. Ficou quieta por alguns instantes. Fechou os olhos e eu podia perceber que estava se comandando a um relaxamento. Esperei.

- Ainda não contei a você uma coisa - disse ela.

- O quê?

- Estou grávida.

- Ei, isso é maravilhoso. - Comecei a levantar-me para parabenizá-la.

- O Squares não está aceitando muito bem.

Parei no meio do caminho.

- Como assim?

- Está um bocado perturbado.

- Como?

- Você não sabia, certo?

- Certo.

- Ele conta tudo a você, Will. Ele soube há uma semana.

- Ele provavelmente não quis comentar, com a morte da minha mãe e tudo mais.

Ela me olhou firme e disse:

- Não faça isto.

- Tudo bem, desculpe-me.

Seus olhos desviaram-se dos meus. O rosto sereno. Havia sinais de desencanto agora.

- Esperava que ele ficasse feliz.

- E não ficou?

- Acho que ele quer - pareceu não ter palavras - que eu acabe com isso.

Recuei.

- Ele disse isso?

- Ele não disse nada. Está trabalhando na van umas noites extras. Está dando mais aulas.

- Está evitando você?

- Está.

A porta do escritório abriu sem ninguém bater. Squares meteu a cabeça barbuda pela fresta. Deu a Wanda um sorriso rápido. Ela voltou-se para o outro lado. Squares levantou um polegar para mim.

- Vamos dançar um rock?

Não falamos até estarmos seguros no abrigo da van.

Squares disse:

- Ela te contou?

Era uma declaração, não uma pergunta, de maneira que não me preocupei em confirmar ou negar.

Enfiou a chave na ignição.

- Não estamos conversando sobre esse assunto - disse ele.

Outra declaração que não exigia nenhuma réplica.

A van da Covenant House enveredou direto para as profundezas.

Muitos dos nossos garotos vêm espontaneamente até as nossas portas. Muitos são apanhados por esta van. O trabalho de ajudá-los é nos comunicarmos com a fragilidade dos necessitados da comunidade - encontrar crianças fujonas, moleques de rua, aqueles que são freqüentemente chamados de "os excluídos". Um garoto que vive nas ruas é um pouco como - e, por favor, me perdoem a analogia -, como uma erva daninha. Quanto mais tempo fica nas ruas, mais difícil é arrancá-lo de lá pela raiz.

Perdemos muitas destas crianças. Mais do que salvamos. E esqueça a analogia da erva daninha. É estúpida porque sugere que estamos nos livrando de algo ruim e preservando algo bom. Na verdade, é exatamente o contrário. Tente isso: a rua é mais como um câncer. Diagnóstico prematuro e tratamento preventivo é o segredo para uma sobrevivência prolongada.

Não é muito melhor, mas percebe-se o ponto essencial.

- Os agentes federais exageraram - disse Squares.

- Como assim?

- Com a ficha de Sheila.
- Continue.
- As prisões. Tudo aconteceu há muito tempo. Quer ouvir uma coisa?
- Quero.

Começamos uma viagem para o fundo da escuridão. As zonas das prostitutas são fluidas. Muitas vezes as encontramos perto do Lincoln Tunnel ou do Javits Center, mas ultimamente a polícia anda dando duro. Uma limpeza maior. Então as prostitutas rumaram para o sul, para o bairro dos frigoríficos na Rua 18 e no extremo do lado oeste. Esta noite estavam agindo em grande quantidade.

Squares fez um gesto com a mão.

- Sheila podia ser qualquer uma dessas.
- Ela trabalhava nas ruas?
- Uma fugitiva do Centro-Oeste. Saiu do ônibus e caiu direto na vida.

Já havia visto isso muitas vezes para me sentir chocado. Mas agora não se tratava de uma estranha ou uma garota de rua no final de suas forças. Tratava-se da mulher mais espantosa que eu conhecera.

- Há muito tempo - disse Squares, como se estivesse lendo meus pensamentos. - Foi presa pela primeira vez quando tinha dezesseis anos.

- Prostituição?

Ele concordou.

- Três outras vezes nos dezoito meses seguintes, trabalhando, conforme sua ficha, para um cáften chamado Louis Castman. Da última vez ela estava com duas onças de droga e uma faca. Tentaram pegá-la tanto por venda como por roubo armado, mas não colou.

Olhei pela janela. A noite ficara acinzentada, desbotada. A gente vê tão mal nas ruas. Trabalhamos duro para acabar um pouco com tudo isto. Sei que nos saímos bem. Sei que conseguimos modificar algumas vidas. Mas sei também que o que acontece aqui, nesta cloaca vibrante da noite, nunca as liberta. O mal já está feito. Pode-se tentar melhorar na superfície. É preciso seguir em frente. Mas o mal é permanente.

- Do que você tem medo? - perguntei.
- Não estamos conversando sobre esse assunto.
- Você me ama. Ela também te ama.
- E é negra.

Voltei-me para ele e esperei. Sei que ele não estava se referindo ao óbvio ao dizer isso. Não estava sendo racista. Mas é como eu disse. O dano é permanente. Eu havia percebido a tensão entre os dois. Não era nem de longe tão forte como o amor, mas estava lá.

- Você a ama - repeti.

Ele continuou dirigindo.

- Talvez isto fosse parte da atração inicial - concluí. - Mas ela não é mais a sua redenção. Você está apaixonado por ela.

- Will?

- Quê?

- Chega, tá?

Squares dobrou de repente para a direita. Os faróis esparramaram-se sobre as crianças da noite. Elas não se espalharam como ratos sob um ataque furioso. Na verdade, ficaram olhando, emudecidas, mal piscando. Squares apertou os olhos localizou a vítima, parou a van.

Saltamos em silêncio. As crianças nos olhavam com olhos mortos. Lembrei-me de uma frase da Fantine em *Les misérables* - a versão musical, não sei se encontrada no livro: "Será que eles não sabem que estão fazendo amor com o que já está morto?"

Havia meninas e meninos, travestis e transexuais. Já vi todo tipo imaginável de perversão aqui, se bem que - e tenho certeza de que vou ser acusado de estar tomando partido - acho que nunca vi uma mulher agindo como

freguesa. Não estou dizendo que as mulheres nunca comprem sexo. Estou certo de que o fazem. Mas não parecem andar pelas ruas para conseguir. Os fregueses das ruas, os machos, são sempre os homens. Podem querer uma mulher corpulenta ou uma magrela, jovem, velha, direita, pervertida ao máximo, homens grandes, garotinhos, animais, seja lá o que for. Alguns podem até ter uma mulher do lado, arrastando uma namorada ou a esposa na confusão. Mas a freguesia que ronda por esses caminhos escusos é sempre masculina.

Apesar de toda esta conversa a respeito de uma tara profundíssima, esses homens, na maioria, vêm aqui para comprar um certo... ato. Algo que seja executado neles, algo que possa

facilmente ter lugar em um carro estacionado. Faz sentido para ambas as partes, quando se pensa assim. De um lado, conveniência. Não é preciso incorrer na despesa nem na perda de tempo para conseguir um quarto. A preocupação com doenças sexualmente transmissíveis, se bem que esteja sempre presente, diminui. Engravidar está fora de questão. Não é preciso tirar toda a roupa...

Pouparei a vocês mais detalhes.

As veteranas das ruas - por veteranas eu me refiro a qualquer pessoa acima de dezoito anos - cumprimentaram Squares calorosamente. Elas o conheciam. Gostavam dele. Estavam um pouco desconfiadas com a minha presença. Fazia um bocado de tempo desde que eu estivera nas trincheiras. Mesmo assim, algumas delas me reconheceram de uma forma bizarra, e fiquei feliz em revê-las.

Squares aproximou-se de uma prostituta chamada Candi, se bem que, deduzi, provavelmente Candi não fosse seu verdadeiro nome. Não sou nenhum tolo. Ela apontou com o queixo para as duas garotas abraçadas, junto a um batente de porta. Olhei-as. Não podiam ter mais de dezesseis anos, os rostos pintados como o de duas meninas que encontraram uma nécessaire de maquiagem da mãe, e meu coração apertou. Vestiam os mais curtinhos shorts possíveis, botas com salto agulha bem altos, com peles sintéticas. Muitas vezes eu ficava pensando onde é que elas encontravam essas coisas, se os câftens não teriam lojas especiais para atender às prostitutas ou coisa parecida.

- Carne fresca - disse Candi.

Squares franziu a testa, concordou com a cabeça. Muitas das nossas melhores indicações eram dadas pelas veteranas. havia dois motivos para isso. Primeiro - o motivo cínico- é que, tirando as novatas de circulação, eliminavam a competição. Aquelas que vivem nas ruas ficam feias bem depressa. Candi era, para ser franco, medonha. Esse tipo de vida faz envelhecer mais depressa do que qualquer buraco negro. As meninas novas, por serem forçadas a ficar encolhidas nos batentes das portas até ganharem experiência, passam despercebidas.

Mas este ponto de vista não é, acho, caridoso. A segunda razão, a maior das duas, é que - e, por favor, não pensem que se trata de ingenuidade minha - elas querem ajudar. Elas se vêem. Vêem a bifurcação na estrada e apesar de muitas vezes não admitirem prontamente que tomaram o caminho errado, sabem que já é tarde demais para elas. Não podem voltar. Eu costumava discutir com as Candis desse mundo. Costumava insistir que nunca era tarde demais, que ainda havia tempo. Estava errado. Mais uma vez este é o motivo por que precisamos chegar a elas o mais cedo possível. Há um certo ponto que, uma vez ultrapassado, não se pode mais salvá-las. A destruição é irreversível. A rua as consome. Elas desaparecem. Passam a fazer parte da noite, uma única entidade escura. Estão perdidas para nós. Irão, com toda certeza, morrer aqui mesmo ou acabar numa cadeia, ou loucas.

- Onde está a Rachel? - perguntou Squares.

- Fazendo um servicinho num carro - disse Candi.

- Ela vai voltar?

- Vai.

Squares fez que sim e voltou-se para as duas garotas novas. Uma delas já estava encostada a um Buick Regal. Não se pode avaliar a frustração. Dava vontade de interferir e parar com aquilo. Dava vontade de tirar a garota dali, esticar o braço e agarrar o cara pela garganta, e arrancar os pulmões dele. Queremos pelo menos enxotá-lo dali, ou tirar uma fotografia ou... ou fazer alguma coisa. Mas não fazemos nada disso. Se fizermos alguma coisa, perderemos a confiança. Se perdermos a confiança, seremos inúteis.

Era duro não fazer nada. Felizmente não sou particularmente corajoso nem sou dado a confrontos. Talvez isso facilite as coisas.

Vi a passageira abrir a porta. O Buick Regal pareceu devorar a criança. Ela desapareceu lentamente, afundando no escuro. Vi acontecer e creio que nunca me senti tão inútil. Olhei para Squares. Estava com os olhos bem grudados no carro. O Buick afastou-se. A menina sumiu, como se nunca tivesse existido. Se o carro decidisse não voltar, teria sumido para sempre.

Squares aproximou-se da menina que ficara. Eu o segui, mantendo-se uns passos atrás. O lábio inferior da menina estava trêmulo, como se estivesse contendo lágrimas, mas os olhos chispavam desafio. Eu queria colocá-la na van à força, se preciso fosse. Muito deste trabalho resume-se em contenção. É por isto que Squares era o mestre. Ele parou a pouco mais de um metro dela, tomando cuidado para não invadir seu espaço.

- Oi - disse ele.

Ela o examinou com o olhar e murmurou:

- Oi.

- Estava esperando que você pudesse me ajudar - Squares deu mais um passo e tirou uma fotografia do bolso. - Estava pensando se por acaso você viu esta moça.

A garota não olhou o retrato.

- Não vi ninguém.

- Por favor - insistiu Squares com um sorriso quase celestial. - Não sou da polícia, não. Ela tentou parecer durona.

- Achei mesmo que não - disse ela. - Vi você conversando com a Candi e tudo mais. Squares aproximou-se um pouquinho mais.

- Nós, quer dizer, o meu amigo aqui e eu - dei um adeusinho na hora certa e sorri - estamos tentando salvar esta garota.

Curiosa, ela apertou os olhos.

- Salvá-la como?

- Tem uma gente que não presta atrás dela.

- Quem?

- O cáften dela. Sabe, é que nós trabalhamos para a Covenant House. Já ouviu falar? Ela deu de ombros.

- É um lugar onde as pessoas passam o tempo - disse Squares, procurando não dar muita importância ao fato. - Não tem nada demais. Você pode dar uma chegadinha, fazer uma refeição quente, pegar uma cama quentinha para dormir, usar o telefone, conseguir umas roupas, coisas assim. Enfim, essa garota - ele levantou a fotografia, um retrato de carteirinha escolar de uma garota branca com aparelho nos dentes -, o nome dela é Angie. - Ele sempre dá um nome. Personaliza. - Ela tem ficado lá com a gente. Fazendo uns cursinhos. É uma garota engraçada mesmo. E arranjou um emprego também. Dando um jeito na vida, sabe?

A menina não disse nada.

Squares estendeu a mão.

- Todo mundo me chama de Squares - disse ele.

A menina suspirou, pegou-lhe a mão.

- Eu me chamo Jeri.

- Muito prazer.

- Sei. Mas não vi essa Angie, não. Eu ando trabalhando muito por aqui.

Aqui é que era preciso tomar cuidado. Se forçássemos demais, podíamos perdê-la para sempre. Elas se enfurnam nos seus buracos e nunca mais saem. Tudo que queremos fazer agora - tudo que podíamos fazer agora - é semear. É deixá-la saber que existe um lar para ela, um lugar seguro, onde pode arranjar o que comer e onde se abrigar. Damos a ela a oportunidade de ficar fora das ruas por uma noite. Uma vez lá, mostramos um amor incondicional. Mas no momento, não. Agora elas ficam com medo. Agora as faria fugir.

Por mais que nos corresse por dentro, não havia nada mais que pudéssemos fazer.

Poucas pessoas podiam fazer o trabalho de Squares por muito tempo. E os que continuavam, os que eram particularmente bons nisso, eram um pouco... um pouquinho fora do normal. Tinham que ser.

Squares hesitou. Ele vinha usando este golpe da "garota desaparecida" para quebrar o gelo desde que eu o conhecia. A garota na fotografia, a verdadeira Angie, havia morrido há quinze anos, nas ruas, de frio. Squares encontrou-a atrás de um contêiner. No enterro, a mãe de Angie deu-lhe a fotografia. Acredito que nunca o vi sem ela.

- Tudo bem, obrigado. - Squares pegou um cartão e deu para ela. - Se você a vir, me avise, por favor, sim? Pode me telefonar a qualquer hora. Por qualquer motivo.

Ela pegou o cartão, passou o dedo sobre ele.

- É, pode ser.

Outra hesitação. Squares disse:

- A gente se vê por aí.

- É.

E fizemos a coisa mais antinatural do mundo. Afastamo-nos.

O verdadeiro nome de Raquel era Roscoe. Pelo menos foi o que ele ou ela nos disse. Nunca soube como me dirigir a Raquel, como ele ou como ela. Talvez eu devesse lhe perguntar.

Squares e eu encontramos o carro parado na frente de uma entrada de serviço desativada. Um lugar costumeiro para um trabalhinho de rua. As janelas do carro estavam embaçadas, mas

mesmo assim mantivemos distância. Não importava o que estivesse acontecendo lá dentro - e fazíamos uma boa idéia do que seria -, era coisa que não nos interessava testemunhar.

A porta abriu-se logo depois. Raquel saiu. A esta altura, todos já devem ter percebido que Raquel era um travesti, daí a confusão dos gêneros. Com os transexuais, tudo bem, referíamos-nos a eles como "ela". Travestis, bem, isso era mais complicado. Às vezes o "ela" se aplicava, outras era um pouquinho politicamente correto demais.

Este talvez fosse o caso com a Raquel.

Raquel saiu do carro, pegou a bolsa, tirou um spray de menta. Três pequenos jatos, uma pausa, um pensamento, mais três pequenos jatos. O carro se afastou. Raquel voltou-se para nós.

Muitos travestis são lindos. Raquel, não. Era negro, mais de um metro e oitenta, confortavelmente se aproximando dos cento e cinquenta quilos. Seus bíceps mais pareciam dois suínos gigantescos lutando dentro de uma tripa de lingüiça, e suas olheiras me lembravam o Homer Simpson*. Tinha uma voz tão aguda que fazia o Michael Jackson parecer um caminhoneiro - uma Betty Boop* aspirando hélio.

* Homer Simpson é personagem de desenho animado, como também Betty Boop, só que esta foi lançada em 1930. Uma jovem sexualmente atraente, com um corpinho minúsculo e uma cabeça enorme, vestido muito curto, que cantava e falava com voz das mais agudas. (N. do T.)

Raquel dizia ter vinte e nove anos, mas já vinha dizendo isso nos últimos seis anos. Trabalhava cinco noites por semana, chovesse ou fizesse sol, e tinha uma freguesia dedicada. Podia deixar as ruas, se quisesse. Podia achar um lugar para trabalhar fora dali, montar apartamento, esse tipo de coisa. Mas Raquel gostava daquilo. Era uma das coisas que as pessoas não entendiam. As ruas podiam ser escuras e perigosas, mas isso também era embriagante. A noite tinha uma energia, uma eletricidade. Como se estivéssemos ligados à rua por uma fiação elétrica. Para algumas de nossas crianças, as opções poderiam ser um emprego indigno numa lanchonete Mickey D ou a emoção da noite - e isso, quando não se tem futuro, não era opção nenhuma.

Raquel nos reconheceu e caminhou em nossa direção, equilibrada em saltos de agulha. Sapatos de homem tamanho quarenta. Nada fácil, asseguro. Raquel parou ao lado de um pôster de luz. Seu rosto estava gasto como um rochedo sacudido por séculos de tempestades. Eu não sabia nada de sua vida pregressa. Ele mentia muito.

Uma história que corria era que ele tinha sido um jogador de futebol campeão que estourou o joelho. Outra vez ouvi que ele havia ganhado uma bolsa de estudos para a universidade por ter tirado notas excelentes nos testes de avaliação. Outra versão classificava-o como veterano da Guerra do Golfo. Escolha a que quiser ou invente a sua.

Raquel cumprimentou Squares com um abraço e uma beijoca na bochecha. Aí voltou sua atenção para mim.

- Está com uma cara ótima, Willy, meu docinho - disse Raquel.
- Muito obrigado, Raquel.
- Gostoso que dá vontade de comer.
- Tenho exercitado - salientei. - O que me deixa ainda mais apetitoso.

Raquel passou um braço sobre o meu ombro.

- Poderia me apaixonar por um homem como você?
 - Estou lisonjeado, Raquel.
 - Um homem como você poderia me tirar de tudo isso aqui.
 - É, mas pense em todos os corações partidos que você deixaria por aí nesses esgotos.
- Raquel deu uma risadinha.

- Falou e disse.

Mostrei a Raquel uma fotografia de Sheila, a única que eu tinha. Esquisito, quando penso nisto agora. Nenhum de nós era dados de tirar fotos, mas apenas uma fotografia?

- Reconhece? - perguntei para ele.

Raquel estudou a foto.

- Certo. Viu-a em algum outro lugar?
- Não. Por quê?

Não havia motivo para mentir.
 Ela se mandou. Estou procurando por ela.
 Raquel estudou a fotografia mais uma vez.
 - Posso ficar com ela?
 Eu havia feito algumas cópias coloridas no escritório, de maneira que entreguei a ele.
 - Vou perguntar por aí - disse Raquel.
 - Obrigado.
 Ele concordou com a cabeça.
 - Raquel? - chamou Squares, Raquel voltou-se para ele. - Você se lembra de um cafetão chamado Louis Castman?
 Raquel ficou imóvel. Olhou para os lados.
 - Raquel?
 - Tenho que voltar ao trabalho, Squares. Negócios, você sabe.
 Me interpus em seu caminho. Ele me olhou de cima a baixo como se eu fosse caspa que ele podia tirar dos ombros com um abano de mão.
 - Ela costumava trabalhar nas ruas - mencionei.
 - Sua garota?
 - É.
 - E ela trabalhava para o Castman
 - Trabalhava.
 Raquel se benzeu.
 - Um cara da pesada, Docinho. Castman era dos piores.
 - Como assim?
 Ele apertou os lábios.
 - Estas garotas aqui. Tudo mercadoria, sacou o que eu tô dizendo? Mercadoria. Negócio para a maioria do povo por aqui. Elas fazem dinheiro, eles dizem. Se não fizeram, então, bem, você sabe.
 Entendi.
 - Mas Castman - Raquel cochichou o nome dele do jeito que algumas pessoas cochicham a palavra câncer -, ele era diferente.
 - De que jeito?
 - Estragava sua própria mercadoria. Às vezes, só para se divertir.
 Squares disse:
 - Você fica aí falando dele no passado.
 - Bem, isso porque ele não tem andado por aí faz uns três anos.
 - Está vivo?
 Raquel ficou muito quieta. Olhou para o lado. Squares e eu trocamos um olhar e esperamos.
 - Ainda continua vivo - disse Raquel. - Acho.
 - O que quer dizer com isso?
 Raquel sacudiu a cabeça.
 - Precisamos falar com ele. Sabe onde podemos encontrá-lo?
 - Ouvi uns boatos por aí.
 - Que tipo de boatos?
 Raquel sacudiu a cabeça de novo.
 - Dá uma olhada num lugar na esquina da Rua Wright com a Avenida D, no South Bronx. Ouvi dizer que ele pode estar lá.
 Raquel caminhou, afastando-se mais firme nos saltos agulha. Um carro passou, parou e, de novo, vi um ser humano desaparecer na noite.

NA MAIORIA DAS VIZINHANÇAS HESITARÍAMOS EM ACORDAR ALGUÉM À UMA DA manhã . Nesta, não era assim. As janelas estavam todas vedadas com tábuas. As portas eram de chapas de compensado. Poderia dizer que a pintura estava descascando, mas talvez fosse mais apropriado dizer que estava caindo aos pedaços.

Squares bateu à porta de compensado e imediatamente uma mulher gritou:

- O que você quer?
Squares falou:
- Estamos procurando Louis Castman.
- Dá o fora.
- Temos que falar com ele.
- Vocês tem mandado?
- Não somos da polícia.
- Quem são vocês, então?
- Trabalhamos para a Covenant House.
- Aqui não tem ninguém que tenha fugido de lugar nenhum - gritou ela, histérica. - Vão dando o fora.
- Você pode escolher - disse Squares. - Ou a gente fala com o Castman agora, ou voltamos com um bando de policiais xeretas.
- Eu não fiz nada.
- Eu posso sempre inventar alguma coisa - disse Squares. - Abra a porta.
A mulher tomou uma decisão rápida. Ouvimos um ferrolho correr, depois outro, aí uma corrente. A porta se abriu numa fresta. Avancei, mas Squares me bloqueou com o braço.
- Espere até que a porta se abra inteiramente - disse.
- Depressa - falou a mulher com a voz esganiçada de uma feiticeira. - Entra logo. Não quero ninguém espiando nada.
Squares deu um tranco na porta. Ela se escancarou. Passamos pelo batente e a mulher a fechou. Duas coisas me chamaram a atenção ao mesmo tempo. Primeiro, o escuro. A única luz era de uma lâmpada fraca no canto direito, ao fundo. Vi uma poltrona de leitura, surrada, uma mesinha de café e era tudo. Segundo, o cheiro. Escolha a sua recordação mais vívida de ar fresco e de campo aberto e então pense no extremo oposto. O sufoco me deu receio de respirar. Meio hospital, meio uma coisa que eu não podia decifrar. Pensei quando teria sido a última vez que uma janela fora aberta ali, e o cômodo parecia murmurar: Nunca.
Squares voltou-se para a mulher. Ela havia se encolhido num canto. Podíamos apenas distinguir sua silhueta no escuro.
- Todos me chamam de Squares - apresentou-se.
- Sei quem você é.
- A gente já se conhece?
- Isso não é importante.
- Onde ele está? - perguntou Squares.
- Aqui só tem mais um quarto - disse ela, levantando a mão lentamente. - Ele pode estar dormindo.
Nossos olhos começavam a se adaptar. Segui na direção dela. Ela não recuou. Cheguei mais perto. Quando levantou a cabeça, quase perdi a respiração. Resmunguei umas desculpas e recuei.
- Não - disse ela -, quero que veja.
Ela atravessou a sala, parou na frente da lâmpada e nos olhou de frente. Para nosso crédito, nem Squares nem eu vacilamos. Mas não foi fácil. Quem quer que a tenha desfigurado o fez com extremo cuidado. Ela, provavelmente, tinha sido uma beldade em certa época, mas era como se tivesse sido submetida a um processo de cirurgia antiplástica. Um nariz talvez bem desenhado fora esmagado como um besouro sob a sola de uma bota pesada. A pele que certa vez já fora macia tinha sido crestada e lanhada. Os cantos da boca tinham sido rasgadas a ponto de ser difícil dizer onde ela terminava. Dezenas de cicatrizes vermelhas entrecruzaram-se sobre suas faces, como se feitas por uma criança de três anos a quem fora dado um lápis de cor para rabiscar o que quisesse. Seu olho esquerdo estava virado para o lado, morto na órbita. O outro nos encarava, sem piscar.
Squares disse:
- Você andava pelas ruas antigamente, não é ?
Ela concordou com um gesto.
- Qual é o seu nome?
Mexer a boca parecia exigir um grande esforço.
- Tanya.
- Quem fez isso em você?
- Quem acha que foi?
Não nos preocupamos em responder.

- Ele está lá, do outro lado da porta - disse ela. - Cuido dele. Nunca bati nele. Entende? Nunca levantei a mão pra ele.

Ambos concordamos com a cabeça. Eu não estava entendendo nada daquilo. Acho que Squares também não. Fomos até a porta. Nenhum ruído. Vai ver estava dormindo. Eu não me importava.

Que acordasse. Squares botou a mão na maçaneta e me olhou. Eu o fiz perceber que estava bem. Ele abriu a porta.

As luzes estavam acesas. Fortes demais, para ser franco. Tive que fazer sombra com a mão sobre os olhos. Ouvi um barulhinho e vi uma espécie de máquina hospitalar perto da cama. Mas essa não foi a primeira coisa que me chamou a atenção.

As paredes.

Foram elas que notei logo de início. As paredes eram forradas de cortiça - eu podia perceber um pouco de tonalidade bege-escura -, mas, mais do que isso, estavam recobertas de fotografias. Centenas delas. Algumas ampliadas, do tamanho de pôsteres, outras do tamanho clássico, dez por quinze, e muitas entre estas dimensões - todas presas com tachinhas.

Eram, toda elas, fotografias de Tanya.

Pelo menos, foi o que supus. Eram todas anteriores à desfiguração. Disso eu estava certo. Tanya já fora linda. As fotos, a maioria glamorosas como se da coleção de uma modelo profissional, eram inescapáveis. Olhei para o alto. Mais fotografias, um afresco infernal cobrindo o teto.

- Me ajude. Por favor.

A pequena voz veio da cama. Squares e eu caminhamos em sua direção. Tanya entrou atrás de nós e limpou a garganta. Voltamo-nos. Aquela luz crua, suas cicatrizes pareciam quase vivas, contorcendo-se por seu rosto como dezenas de vermes. O nariz não tinha sido apenas achatado, mas desfigurado, como se feito de argila. As velhas fotografias pareciam luzir, envolvendo-a numa aura perversa de antes-e-depois.

O homem na ama gemeu.

Esperamos. Tanya voltou seu olho bom, primeiro para mim, depois para Squares. O olho nos desafiava a conseguir esquecer, a gravar essa imagem em nossa memória, a recordar o que ela havia sido e o que ele havia feito com ela.

- Uma navalha - disse ela. - Uma navalha enferrujada. Ele levou mais de uma hora para fazer isto. E não cortou só o meu rosto.

Sem mais uma palavra, Tanya saiu do quarto. Fechou a porta atrás de si. Ficamos em silêncio por um momento. Então Squares disse:

- Você é Louis Castman?

- Vocês são da polícia?

- Você é Castman?

- Sou. E fiz aquilo. Jesus Cristo, o que vocês quiserem que eu confesse, eu confesso. Só me tirem daqui. Pelo amor de Deus.

- Não somos da polícia - disse Squares.

Castman estava deitado de costas. Tinha uma espécie de tubo ligado ao peito. A máquina continuava a fazer um barulhinho e uma coisa ficava subindo e descendo, como um acordeom. Era um cara branco, recém-barbeado, penteado há pouco. Seu cabelo estava limpo. Sua cama tinha grades de proteção e controles. Vi um urinol num canto e uma pia. Fora isso, o quarto estava vazio. Nenhuma gaveta, nenhuma cômoda, nenhuma TV, nenhum rádio, nenhum relógio, nenhum livro, nenhum jornal, nenhuma revista. Os estores estavam abaixados.

Tinha uma sensação de enjôo no estômago.

- O que você tem? - perguntei.

Os olhos de Castman - e só os olhos - voltaram-se para mim.

- Estou paralisado - respondeu. - Um tetraplégico fodido. Do pescoço pra baixo - parou, fechou os olhos -, nada.

Não estava certo de como continuar. Nem o Squares.

- Por favor - pediu Castman. - Vocês têm que me tirar daqui. Antes...

- Antes do quê?

Ele fechou os olhos, e abriu-os novamente.

- Levei um tiro, levei sim, faz uns três, quatro anos talvez. Nem sei mais. Não sei que dia ou mês ou mesmo que ano estamos. A luz está sempre acesa, de forma que nunca sei se é dia ou noite. Nem sei quem é o presidente. - Ele engoliu, não sem algum esforço. - Ela é louca, cara. Tento gritar pedindo socorro, não adianta nada. Ela forrou tudo com cortiça. Fico deitado aqui, o

dia inteiro, olhando as paredes.

Tive dificuldades em encontrar minha voz. Squares, contudo, nem se tocou.

- Não viemos aqui para ouvir a história da sua vida. Queremos perguntar a respeito de uma das suas garotas.

- Acharam o homem errado. Faz um bocado de tempo que não trabalho nas ruas.

- Tudo bem. Faz muito tempo que ela também não.

- Quem?

- Sheila Rogers.

- Ah! - Castman sorriu ao ouvir o nome. - O que querem saber?

- Tudo.

- E se eu me recusar a contar?

Squares tocou meu ombro.

- Vamos embora - disse-me.

A voz de Castman era puro pânico.

- O quê?

Squares baixou os olhos para ele.

- Se o senhor não quer cooperar, Mr. Castman, está tudo bem. Não vamos aborrecê-lo mais.

- Espere! - gritou. - Olha aqui, sabe quantas visitas eu tive desde que estou aqui?

- Não estou ligando - disse Squares.

- Seis. Um total fantástico de seis visitas. E nenhuma há pelo menos um ano. E todas as seis eram minhas antigas garotas. Vieram aqui pra rir de mim. Para me ver me cagando na cama. E querem saber de uma coisa bem doente? Eu ficava esperando que elas viessem. Qualquer coisa para quebrar a monotonia, entendem?

Squares estava impaciente.

- Sheila Rogers.

O tubo fez ruído molhado, de sucção. Castman abriu a boca. Uma bolha espumou. Ele fechou a boca e tentou de novo.

- Encontrei-a - meu Deus, estou tentando lembrar - tem uns dez, quinze anos talvez. Eu estava trabalhando na rodoviária. Ela saltou de um ônibus que vinha de Iowa, ou de Idaho, ou coisa parecida.

Trabalhando na rodoviária. Eu conhecia o golpe muito bem. Os cafetões ficavam no terminal. Procuravam garotas que tivessem acabado de sair dos ônibus - as desesperadas, as fugitivas, a carne crua, as que chegavam à cidade grande para serem modelos ou atrizes, começar vida nova, fugir da chatice ou escapar de abusos sexuais. Os cafetões vigiavam como predadores que são. E aí se precipitavam sobre a presa, roíam a carcaça.

- Eu tinha um bom papo - disse Castman. - Pra começar, sou branco. Carne do Meio- Oeste. É quase tudo carne branca. Elas têm medo dos exibicionistas. Mas eu, eu era diferente. Usava um terno de homem de negócios. Carregava uma pasta. Era um pouco mais paciente. Enfim, naquele dia eu estava esperando no Portão 127. Era o meu predileto. Tinha uma visão boa de pelo menos umas seis chegadas diferentes. Sheila saiu do ônibus e, cara, que pedaço de mau caminho! Devia ter uns dezesseis anos, em ponto de bala. E virgem também, eu pensei, apesar de não poder dizer que fosse, ali na hora. Ia saber de tudo mais tarde.

Senti meus músculos se retesarem. Squares botou o corpo lentamente entre mim e a cama.

- Então, entrei com minha fala macia. Mostrei o melhor que eu tinha, entende?

Nós entendíamos.

- Engrenei o papo de fazer dela uma modelo famosa. Tudo na maior calma. Diferente dos outros idiotas. Eu era que nem seda. Mas Sheila era mais esperta do que a maioria. Cuidadosa. Percebi que não estava engolindo metade do que eu dizia, mas tudo bem. Não fiz nenhuma pressão. Agi direitinho. No fim do dia elas querem acreditar, sacou? todas já ouviram contar histórias de modelos que já foram descobertas em lanchonetes ou nessas merdas parecidas, e por isso elas topam, pra começo de conversa.

A máquina parou de fazer barulho. Eu a ouvi gorgolejar. Aí começou a fazer barulho novamente.

- Então a Sheila, assim, meio que cruzou os braços. Ela me disse que não era de festinha ou coisa parecida. Respondi que não havia problema, eu também não era disso. Sou um homem de negócio, eu disse,. Fotógrafo profissional e caça-talentos. Vamos tirar umas fotos suas. Só isso. Faz um álbum,. Tudo certinho - nada de festas, nem de drogas, de ficar nua, nada que não deixe inteiramente à vontade. Sou um fotógrafo muito bacana , fiquem sabendo. Tenho jeito para a coisa.Estão vendo estas paredes? Estes retratos da Tanya? Eu que tirei.

Olhei as fotos de Tanya nos tempos que era bonita, e um calafrio me gelou o coração. Quando olhei de volta para a cama, Castman estava me encarando.

- Você - disse ele.

- O que tem eu?

- Sheila. - Ele sorriu. - Ela é importante pra você, não é?

Não respondi.

- Você a ama.

Ele prolongou a palavra ama. Caçoando de mim. Fiquei imóvel.

- Não te culpo não, cara. Ela tinha um rostinho de coisa de qualidade. E cara, ela podia chupar um ...

Quis avançar para cima dele. Castman riu. Squares se interpôs entre nós. Olhou-me no fundo dos olhos e sacudiu a cabeça. Recuei. Ele tinha razão. Castman parou de rir, mas seus olhos estavam fixos em mim.

- Quer saber como eu converti sua garota, gostosão?

Eu não disse nada.

- Da mesma forma que fiz com Tanya, essa daí. Você vê, cara, eu só vou atrás de carne de primeira, que os outros cara não puderam meter as mãos. É uma operação delicada. Então, lasquei o verbo em cima de Sheila e ela acabou no meu estúdio pra tirar umas fotos. Só isso. Foi tudo que tive de fazer. Na primeira garfada ela estava liquidada.

- Como? - perguntei.

- Quer mesmo ouvir?

- Como?

Castman fechou os olhos, o sorriso estava lá, saboreando a lembrança.

- Tirei um monte de fotos dela. Todas lindas e legais. E quando acabei, apontei uma faca na garganta dela. Então, algemei-a numa cama no quarto que era - deu uma risadinha e deixou os olhos se abrirem para examinar o lugar - forrado de cortiça. Droguei-a. Filmei-a voltando a si, fiz tudo parecer muito consensual. Por falar nisso, foi assim que a sua Sheila perdeu a virgindade. No vídeo. Com este seu humilde criado. Coisa mágica, tô certo?

A fúria cresceu de novo, começou a ferver, me consumindo. Não sei quanto tempo me controlaria para não lhe torcer o pescoço. Mas isso, eu me lembrei, era exatamente o que ele queria.

- Onde é que eu estava mesmo? Ah, sei. Algemei-a e fiquei dando umas picadas nela durante uma semana, mais ou menos. Coisa de primeira. Cara pra burro. Enfim, era despesa da firma. Todo emprego tem seu período de treinamento, não tem? Por fim, Sheila ficou viciada e, vou te contar, a gente não pode botar aquele gênio de volta na garrafa. Quando tirei as algemas dela, aquela garota me lambia os sapatos pra ganhar uma picada, tá entendendo?

Ele parou, como se estivesse esperando pelo meu aplauso. Senti algo me esfaqueando por dentro.

Squares manteve a voz apática.

- Então, depois disso, você a colocou nas ruas?

- Certo. Ensinei uns truque também. Como fazer o cara gozar depressa. Como fazer com mais de um cara ao mesmo tempo. Tudo isso eu é que ensinei a ela.

Achei que eu fosse vomitar.

- Continue - disse Squares.

- Não - disse ele - Não até que ...

- Então agente vai se despedir de você.

- Tanya - disse ele.

- O que tem a Tanya?

Castman lambeu os lábios.

- Me dê um pouco d'água?

- Não. O que tem a Tanya?

- A puta me prendeu aqui, cara. Não tá certo. Tá bem, eu a machuquei. Mas tinha os meus motivos. Ela queria me largar, casar com aquele cara lá de Garden City. Pensou que estavam apaixonados. Você não acha que isso é que nem aquele filme 'Uma linda mulher', acha? E ela ia levar algumas das minhas melhores garotas com ela. Todas iam morar em Garden City com ela e aquele cara, iam ficar limpas, uma dessas merdas aí. Eu não ia admitir um troço desses.

- Então - disse Squares - você deu uma lição nela.

- Pois é. Foi isso.

- Acabou com a cara dela com uma navalha.

- Não foi só a cara dela, não... o cara podia meter um saco na cabeça, tá entendendo? Mas você pegou o sentido. Serviu de lição para as outras garotas também. Mas veja bem - e essa é a parte mais gozada -, o namorado dela, o cara, ele não sabia o que eu tinha feito. Então, veio da sua bela casa em Garden City, todo pronto para salvar Tanya, certo? O idiota tinha uma vinte e dois. Eu ri na cara dele. E ele atirou em mim. Aquele contador imbecil de Garden City. Ele me deu um tiro no sovaco com uma vinte e dois e a bala foi parar na coluna. E fiquei desse jeito. Acredita? E depois de dar o tiro, isso é maravilhoso, Mr. Garden City viu o que eu tinha feito com a Tanya e sabe o que ele fez, o grande amor da vida dela?

Ele esperou. Nós percebemos que era pura retórica e ficamos parados.

- Ficou com medo e largou dela. Sacou? Ele viu o trabalhinho manual que fiz na Tanya e fugiu dela correndo. O grande amor da vida dela. Não queria mais nada com ela. Nunca mais se viram.

Castman começou a rir de novo. Tentei ficar imóvel e respirar.

- Então, estou no hospital - continua ele - completamente fora de tudo. A Tanya não fez nada contra mim. Me tirou de lá. Me trouxe pra cá. E agora cuida de mim. Entende o que estou dizendo? Ela está prolongando a minha vida. Eu me recuso a comer, ela mete um tubo pela minha garganta. Olha aqui, digo tudo o que quiserem saber. Mas vocês têm que fazer alguma coisa por mim.

- O quê? - perguntou Squares.

- Me matar.

- Nada feito.

- Então conta pra polícia. Deixe eles me prenderem. Confesso qualquer coisa.

Squares perguntou:

- O que aconteceu com Sheila Rogers?

- Promete.

Squares me olhou.

- Já conseguimos o bastante. Vamos embora.

- Tudo bem, tudo bem. Eu conto. Mas só ... pense no assunto, tá bem?

Ele passou os olhos de Squares para mim, aí de volta para ele.

Squares o olhava, impossível. Eu não fazia idéia da expressão em meu rosto.

- Não sei onde Sheila está agora. Que inferno, eu nem entendo direito o que foi que aconteceu.

- Por quanto tempo ela trabalhou para você?

- Dois anos. Talvez três.

- E como ela se livrou?

- Hmmm?

- Você não parece ser o tipo de sujeito que deixa as funcionárias se afastarem - disse Squares.

- Então, estou perguntando o que aconteceu com ela.

- Ela trabalha nas ruas, certo? Arranjou uma freguesia regular. Era boa no que fazia. E, lá pelas tantas, se juntou com um dos chefões. Acontece. Não é sempre. Mas acontece.

- O que quer dizer com isso de chefões?

- Traficantes. Gente importante, eu acho. Parece que começou a servir de mula e fazer entregas. E o pior é que começou a se livrar das drogas. Eu não ia deixar ela escapar, como você disse, mas ela tinha uns amigos da pesada.

- Como quem?

- Você conhece Lenny Misler?

Squares inclinou-se para trás.

- O advogado?

- Advogado de bandido - corrigiu Castman. - Ela foi apanhada com droga. Ele a defendeu.

Squares franziu a testa.

- Lenny Misler pegou o caso de uma prostituta que distribuía drogas?

- Entende o que eu quero dizer? Ela saiu da cadeia, comecei a xeretar, você sabe. E descobri o que ela estava querendo aprontar. Mas aí, dois capangas do primeiro time me fizeram uma visita. Disseram pra eu não me meter. Como não sou besta nem nada... Tem muito mais coisa aí.

- E o que aconteceu depois?

- Nunca mais botei os olhos em cima dela. A última coisa que ouvi dizer é que ela estava na universidade. Você acredita?

- Sabe qual?

- Não. Nem sei se é verdade. Pode ter sido só boato.

- Mais alguma coisa?

- Nada.

- Nenhum outro boato?

Os olhos de Castman começaram a se mexer, eu podia ver seu desespero. Ele queria que ficássemos lá. Mas não tinha mais nada para nos contar. Olhei Squares. Ele concordou com um gesto e se voltou para sair. Eu o segui.

- Espere!

Nós o ignoramos.

- Por favor, caras. Eu tô implorando. contei tudo, não contei? Eu cooperei. Vocês não podem me largar aqui.

Vi seus dias e noites intermináveis naquele quarto e não me importei.

- Seus putos de merda - gritou ele. - Ei, cara, você aí, gostosão. Você comeu o meu resto, tá ouvindo? E não esquece uma coisa: tudo que ela fazia com você, toda vez que fazia você gozar, quem ensinou fui eu. Tá ouvindo? Ouviu o que eu disse?

Meu rosto ficou em chamas, mas não me voltei para ele. Squares abriu a porta.

- Merda. - A voz de Castman estava mais branda agora. - A coisa não passa não, vocês sabem.

Hesitei.

- Ela pode parecer muito bacana e limpinha. Mas onde ela esteve não tem caminho de volta. Sabe o que estou dizendo?

Tentei gritar e abafar suas palavras. Mas elas ficaram martelando dentro de mim e batendo no meu crânio. Saí, fechei a porta. De volta ao escuro. Tanya foi ter conosco.

- Vocês vão contar? - perguntou, embrulhando as palavras.

Ela nunca o machucou. Foi o que ela disse. Nunca levantou a mão para ele. Bem verdade.

Sem dizer mais uma palavra, saímos depressa, quase mergulhando no ar noturno. Respiramos fundo, mergulhadores voltando à superfície, sequiosos de ar; então retornamos à van e partimos.

10

Grand Island, Nebraska

SHEILA QUERIA MORRER SOZINHA.

Por mais estranho que pareça, a dor estava diminuindo agora. Ela ficava pensando por quê. Não havia nenhuma luz, é verdade, nenhum momento de claridade absoluta. Não havia nenhum conforto na morte. Nenhum anjo ao seu redor. Nenhum parente há muito desaparecido - pensou na avó, a mulher que a fizera se sentir especial, que a chamava de "Tesouro" - veio segurar-lhe a mão.

Sozinha no escuro.

Ela abriu os olhos. Estaria sonhando? Difícil dizer. Tinha tido alucinações antes. Tinha entrado e saído de um estado de consciência. Lembrava-se de ter visto o rosto de Carly e de ter implorado a ela para ir embora. Será que tinha sido real? Provavelmente não. Provavelmente uma ilusão.

Quando a dor piorou, piorou pra valer; a distância entre vigília e sono, entre realidade e sonhos, embaciou-se.

Ela não lutou mais. Era a única maneira de sobreviver à agonia. Você tenta bloquear a dor. Isso não dá certo. Você tenta romper a dor em intervalos de tempo controláveis. Isso tampouco dá certo. Por fim, você encontra a única saída viável: a sanidade.

Mas se podemos dar conta do que está acontecendo, estamos realmente desistindo?

Perguntas profundamente filosóficas. Serviam para os vivos. No fim, depois de todas as esperanças e de todos os sonhos, depois de toda destruição e reconstrução, Sheila Rogers acabaria morrendo jovem e cheia de dor, nas mãos de outra pessoa.

Justiça poética, ela imaginou.

Porque agora, quando sentia que alguma coisa dentro dela tinha quebrado e rasgado e

recuado, havia o fato uma claridade. Uma claridade horrível, da qual era impossível escapar. Os estores estavam sendo abertos, e pelo menos dessa vez ela podia ver a verdade.

Sheila Rogers queria morrer sozinha.

Mas ele estava no quarto com ela. Ela tinha certeza. Podia sentir a mão dele pousando suavemente em sua testa, agora. Isso a deixa fria. À medida que sentia a força vital fugindo, fez um último pedido.

- Por favor - disse ela. - Vá embora.

11

SQUARES E EU NÃO COMENTAMOS O QUE TÍNHAMOS VISTO. TAMPOUCO CHAMAMOS a polícia. Imaginei Louis Castman preso naquela armadilha, incapaz de se mover, sem nada para ler, sem televisão ou rádio, nada para olhar a não ser aquelas velhas fotografias. Se eu fosse uma pessoa melhor, até que poderia ter me preocupado.

Também pensei no homem de Garden City que atirara em Louis Castman e dado as costas, sua rejeição ferindo Tanya mais do que Castman jamais poderia ter feito. Fiquei cismado se Mr. Garden City ainda pensava em Tanya ou se agia como se ela jamais tivesse existido. Fiquei pensando se o rosto dela o perseguia em seus sonhos.

Eu duvidava.

Pensei em tudo isso, pois estava curioso e horrorizado. Mas também porque me fazia parar de pensar em Sheila, no que ela tinha sido e no que Castman havia feito com ela. Lembrei-me de que ela é que era a vítima no caso, raptada e violentada e pior, e que nada do que tinha feito fora sua culpa. Eu não poderia vê-la de forma diferente. Mas o raciocínio lúcido e óbvio não colava.

Odiei-me por isso.

Eram quase quatro da manhã quando a van parou à porta do meu prédio.

- Que conclusão você tira de tudo isso até agora? - perguntei.

Squares passou a mão na barba por fazer.

- O que Castman disse lá no fim, que a coisa não passa. Ele está certo, você sabe.

- Está falando por experiência própria?

- Para ser franco, estou.

- E daí?

- Acho que alguma coisa do passado dela voltou e a pegou.

- Então estamos no caminho certo.

- Provavelmente - disse Squares.

Peguei na maçaneta da porta e disse:

- Não importa o que ela tenha feito... o que você tenha feito... talvez nunca se libertem. Mas isso também não os condena.

Squares olhou pela janela. Esperei. Ele continuou olhando. Saí da van e ele partiu.

Um recado na secretária me surpreendeu. Verifiquei o horário do telefonema. O recado fora deixado às onze e quarenta e sete da noite. Bastante tarde. Imaginei que devia ser da família. Estava enganado.

Pressionei o botão e ouvi uma voz jovem, de mulher:

- Oi, Will.

Não a reconheci.

- Aqui é a Katy. Katy Miller.

Enrijeci o corpo.

- Faz um tempão, não faz? Olha, bem, eu, desculpe-me estar telefonando tão tarde.

Provavelmente você já esteja dormindo, não sei. Mas, Will, você pode me ligar assim que puder? Não importa a que horas. Eu só, bem, eu preciso falar com você a respeito de uma coisa.

Ela deixou o número. Fiquei lá, boquiaberto. Katy Miller, a irmã caçula de Julie. A última vez que a vi... ela devia ter uns seis anos ou por aí. Sorri, lembrando de um vez que - Katy não podia ter mais de quatro anos - ela se escondeu atrás do caminhão do exército do pai e saltou

para fora num momento dos mais inoportunos. Lembro-me de Julie e eu nos cobrindo com um cobertor, sem tempo para vestir as calças, tentando não estourar na risada.

A pequena Katy Miller.

Deveria ter uns dezessete ou dezoito anos agora. Estranho pensar nisto. Sei a reação que a morte de Julie provocou na família, e eu podia muito bem avaliar o que teria provocar em Mr. e Mrs. Miller. Mas nunca levava em conta realmente o impacto sobre a pequena Katy. Pensei novamente naquela vez em que Julie e eu puxamos o cobertor às gargalhadas e agora me lembrava que tínhamos estado no porão. Tínhamos feito safadezas no mesmo sofá em que a Julie fora encontrada morta.

Por que, depois destes anos todos, Katy estava me telefonando?

Podia ser apenas um telefonema de condolências, pensei, apesar de parecer de estranho demais, a começar pela hora da ligação. Resolvi ouvir o recado novamente, à procura de uma significação oculta. Não encontrei nenhuma. Pediu-me para telefonar não importava a que horas. Mas eram quatro da manhã e eu estava exausto. Fosse o que fosse, podia esperar até a manhã.

Meti-me na cama e me lembrei da última vez que tinha visto Katy Miller. Tinham pedido à minha família para não comparecer ao enterro. Nós obedecemos. Dos dias mais tarde, fui sozinho ao cemitério, próximo à Rota 22. Sentei-me junto ao túmulo de Julie. Não disse nada. Não chorei. Não sentia conforto, nem que tudo acabara, nada. A família Miller chegou em seu Oldsmobile Cierra branco, e eu sumi. Mas tinha visto os olhos de Katy. Havia uma resignação estranha em seu rosto, um conhecimento que ia além da sua idade. Vi tristeza e horror, e talvez visto piedade também.

Saí do cemitério. Não a vira, nem falara com ela desde então.

12

BELMONT, NEBRASKA

A XERIFE BERTHA FARROW JÁ HAVIA VISTO COISAS PIORES.

As cenas de assassinato eram terríveis, mas dificilmente superavam a vontade de vomitar, a sensação de ossos estalando, de cabeça doendo, da violência de sangue espirrando provocados pelo metal misturado à carne humana de um tradicional desastre de carro. Um batida de frente. Um caminhão que enveredou pela contramão. Uma árvore que corta um carro do pára-choque até o banco traseiro. Uma batida a grande velocidade na guia do acostamento.

Isso, sim, provocava uma destruição perigosa.

Agora, a visão da mulher morta nessa cena praticamente sem sangue nenhum era, de certa forma, muito pior. Bertha Farrow podia ver o rosto da mulher - seus traços estavam retorcidos de medo, sem a menor compreensão do que estava acontecendo, talvez desesperada -, e podia ver que ela morreria sendo submetida a uma imensa dor. Podia ver os dedos esmigalhados, a caixa torácica arrebentada, os ferimentos, e ela sabia que as avarias haviam sido feitas por outro ser humano, carne contra carne. Isso não era o resultado de uma derrapagem no gelo ou de alguém que estivesse mudando a estação no rádio a cento e vinte quilômetros por hora, ou de um caminhão de entrega desgovernado ou dos maléficos efeitos do álcool ou da velocidade.

Isso tinha sido intencional.

- Quem a encontrou? - perguntou ao seu auxiliar, George Volker.

- Os garotos Randolph.

- Quais?

- Jerry e Ron.

Bertha fez o cálculo. Jerry devia ter dezesseis anos. Ron, catorze.

- Estavam levando a Cigana para passear - acrescentou o auxiliar. A Cigana era o pastor alemão dos Randolph. - Foi o cachorro que sentiu o cheiro.

- Onde os meninos estão agora?

- Dave levou-os para casa. Estão muito chocados. Peguei as declarações. Eles não sabem nada.

Bertha concordou. Uma caminhonete veio em alta velocidade pela estrada. Clyde Smart, médico legista do condado, parou o carro com uma brecada forte. A porta escancarou e Clyde

voou para perto deles. Bertha colocou a mão em concha sobre os olhos.

- Calma, Clyde. Ela não vai a lugar nenhum.

George prendeu o riso.

Clyde Smart estava acostumado com isso. Estava chegando aos cinqüenta, mais ou menos a idade de Bertha. Os dois trabalhavam juntos há quase duas décadas. Clyde não deu atenção à piada e passou apressado por eles. Quando olhou o corpo, seu rosto caiu.

- Jesus Cristo de Deus - disse o médico-legista.

Clyde agachou-se junto dela.

Delicadamente afastou os cabelos do rosto do cadáver.

- Meu Deus. Quer dizer... - Parou, sacudiu a cabeça.

Bertha também estava acostumada com ele. A reação de Clyde não a surpreendeu. A maioria dos legistas que conhecia mantinham-se profissionais e indiferentes. Clyde, não. Para ele as pessoas não eram apenas tecidos e elementos químicos confusos. Ela já o havia visto chorar sobre corpos muitas vezes. Ele cuidava de cada morto que chegava com um respeito incrível, quase ridículo. Realizava autópsias como se fosse fazer a pessoa se recuperar. Dava as más notícias às famílias e compartilhava do seu sofrimento sinceramente.

- Pode me dizer aproximadamente a hora da morte? - ela perguntou.

- Não faz muito tempo - disse Clyde, baixinho. - A pele ainda não está rígida. Eu diria que não mais de seis horas. Vou verificar a temperatura do fígado e... - Ele deu com a mão com os dedos espetados em direções nada naturais. - Meu Deus - disse ele novamente.

Bertha olhou de volta para o auxiliar.

- Nenhuma identificação?

- Nenhuma.

- Possivelmente roubo?

- Brutal demais - afirmou Clyde. Olhou para cima. - Alguém queria fazê-la sofrer.

Houve um momento de silêncio. Bertha podia ver as lágrimas se formando nos olhos de Clyde.

- Que mais? - perguntou.

Clyde voltou os olhos para baixo.

- Não era nenhuma mendiga - disse. - Bem-vestida e bem-alimentada. Examinou-lhe a boca. - Trabalho dentário bem-feito.

- Algum sinal de estupro?

- Ela está vestida - disse Clyde. - Mas, meu Deus, o que não foi feito com ela? Há pouco sangue aqui. Acho que alguém trouxe o corpo de carro e o atirou aqui. Vou saber mais quando botá-la na mesa.

- Muito bem - disse Bertha. - Vamos verificar o departamento de pessoas desaparecidas e conferir as digitais.

Clyde concordou, enquanto a xerife Bertha Farrow se afastava.

13

NÃO PRECISEI CHAMAR KATY DE VOLTA.

O telefone me acordou como um aguilhão. Meu sono tinha sido tão profundo, tão completo e sem sonhos, que não podia haver nenhuma subida lenta para a superfície. Num momento eu estava me afogando no escuro. No próximo, estava sentado na cama, o tronco empinado, o coração a toda. Conferi o relógio: seis e cinqüenta e oito da manhã.

Resmunguei e me inclinei. O identificador de chamadas estava bloqueado. Uma geringonça inútil. Qualquer pessoa que quisesse evitar ou se esconder podia pagar pelo bloqueio.

Minha voz soava acordada demais para meus ouvidos quando atendi com um alegre "Alô".

- Will Klein?

- Sim.

- Aqui é Katy Miller. - E acrescentou, como para esclarecer: - Irmã de Julie.

- Como vai, Katy?

- Deixei um recado para você ontem à noite.

- Só recebi às quatro da manhã.

- Oh! Suponho que acordei você.

- Não se preocupe com isso.

A voz dela parecia triste, jovem e forçada. Lembrei-me de quando ela nascera. Fiz os cálculos.

- Você já está na faculdade?
- Começo no outono.
- Onde?
- Bowdoin. É pequena.
- No Maine - eu disse. - Sei qual é. É excelente. Parabéns.
- Obrigada.

Fiquei sentado mais um pouco, pensando em uma maneira de atravessar o silêncio. Caí na típica frase:

- Faz um bocadinho de tempo.
 - Will?
 - Queria me encontrar com você.
 - Claro, vai ser bacana.
 - Pode ser hoje?
 - Onde você está? - perguntei.
 - Em Livingston - disse ela. E acrescentou: - Vi você passando aqui na frente de casa.
 - Desculpe.
 - Posso dar um pulo aí na cidade, se você quiser.
 - Não precisa. Vou fazer uma visita ao meu pai, hoje. Que tal nos encontrarmos antes?
 - Tudo bem - concordou. - Mas aqui não. Você se lembra das quadras de basquete perto do ginásio?
 - Claro que lembro. Encontro você lá às dez.
 - Ok.
 - Katy - chamei, mudando o telefone de um ouvido para o outro -, tenho de confessar que estou achando esse seu telefonema esquisito.
 - Eu sei.
 - Quer conversar a respeito do quê?
 - O que você acha? - respondeu.
- Não retruquei prontamente, mas não importava. Ela já tinha desligado.

14

WILL SAIU DO APARTAMENTO. O FANTASMA VIU.

O Fantasma não o seguiu. Sabia aonde Will estava indo. Mas enquanto o olhava, seus dedos se abriam e fechavam. Seus punhos cerraram-se. Seu corpo estremeceu.

O Fantasma lembrava-se de Julie Miller. Lembrava-se do seu corpo nu no porão. Lembrava-se do toque de sua pele, quente de início, só por algum tempo e, aí, lentamente enrijecendo para ficar como algo semelhante a mármore molhado. Lembrava-se do amarelo-avermelhado do seu rosto, dos minúsculos pontinhos vermelhos em seus olhos arregalados, de seus traços contorcidos de horror e surpresa, de seus vasos capilares estraçalhados, da saliva congelada num lado do rosto como um corte a faca. Lembrava-se do pescoço, a estranha curva da morte, do jeito do arame ter lanchado fundamentalmente sua pele, cortando o esôfago ao meio, quase decapitando-a.

Todo aquele sangue.

Estrangulamento era seu método favorito de execução. Havia visitado a Índia para estudar os métodos dos tungues, o assim chamado culto dos assassinos silenciosos, que haviam aperfeiçoado a arte secreta do estrangulamento. Através dos anos, o Fantasma havia dominado a utilização das armas de fogo, de facas e coisas parecidas, mas sempre que possível ainda preferia a eficiência fria, o silêncio final, o poder ousado e o toque pessoal do estrangulamento.

Um suspiro cuidadoso.

Will desapareceu de sua vista.

O irmão.

O Fantasma pensou em todos aqueles filmes de kung fu, aqueles nos quais um dos irmãos é morto e o outro vive para vingar sua morte. Pensou no que aconteceria se matasse Will Klein.

Não, não era disso que se tratava. Isso ia além da vingança.

Mesmo assim, continuou pensando em Will. Ele era a chave, afinal de contas. Será que os anos o haviam mudado? O Fantasma esperava que sim. Mas logo iria descobrir.

Sim, estava quase na hora de encontrar Will e pôr o passado em dia.

Ele atravessou a rua, rumo ao prédio de Will.

Cinco minutos depois, estava no apartamento.

Peguei o ônibus da Community Bus Line até o cruzamento da Livingston. Uma velha escola primária havia sido transformada num aglomerado de lojas para gente pobre, lojas de mercadorias que nunca pareciam ser um bom negócio. Saltei do ônibus com vários empregados domésticos que estavam deixando a cidade. Era a curiosa simetria da troca de direção. Os que moravam em locais como Livingston iam para a cidade de manhã, e os que limpavam suas casas e ficavam tomando conta de seus filhos faziam o caminho contrário.

Desci a Livingston Avenue em direção à Escola Secundária de Livingston que estava grudada com a Biblioteca Pública de Livingston, o prédio do Tribunal Municipal de Livingston, e a Central de Polícia de Livingston. Estão vendo um padrão aqui? Todos os quatro prédios são feitos de tijolinhos e parecem ter sido construídos ao mesmo tempo, pelo mesmo arquiteto, usando o mesmo fornecedor de tijolos - como se um prédio tivesse gerado o outro.

Foi aqui que eu cresci. Tirava emprestados da biblioteca os livros de C. S. Lewis e de Madeleine L'Engle. Reagi contra uma multa de velocidade (e acabei perdendo) naquele tribunal municipal, em meus tempos de secundário. Jogava bem, apesar de nunca ter me empenhado em praticar esportes. Não tinha o espírito competitivo para se grande. Eu não queria perder, mas não lutava com afinco para ganhar.

- Will?

Virei-me, e quando dei com ela senti meu sangue congelar. As roupas eram diferentes - jeans bem apertados, tamancos dos anos setenta, a blusa muito apertada e muito curta deixava ver uma barriga reta com piercing - mas o rosto e os cabelos... Senti como se estivesse caindo. Olhei na outra direção por um momento, na direção do campo de futebol, e podia jurar que tinha visto Julie.

- Eu sei - disse Katy. - É como estar vendo um fantasma, não é?

Voltei-me para ela.

- Meu pai - continuou, enterrando as mãos pequenas nos bolsos apertado do jeans - ainda não consegue me olhar por muito tempo seguido sem chorar.

Eu não sabia o que dizer.

Ela se aproximou de mim. Ficamos encarando o prédio da escola.

- Você estudou aqui? - perguntei.

- Me formei no mês passado.

- Gostou?

Ela deu de ombros.

- Fiquei feliz quando acabou.

O sol brilhou, fazendo do prédio uma silhueta fria e, por um momento, parecia um pouco como uma prisão. A escola secundária é assim. Eu era bastante popular naquele lugar. Era vice-presidente do conselho estudantil. E um dos líderes do time de tênis. Tinha amigos. Mas quando tentei desencavar uma lembrança agradável, não surgiu nenhum. Vinham todas marcadas com a insegurança que caracterizou aqueles anos. Em retrospecto, o secundário - a adolescência, se quiserem - se parece um pouco com um combate protelado. Só precisamos sobreviver, passar por aquilo, e sair dele em ordem. Não me sentia feliz no secundário. E não sei se devemos nos sentir seguros sobre isso.

- Sinto muito sobre sua mãe - disse Katy.

- Obrigado.

Ela tirou um maço de cigarros do bolso de trás e me ofereceu um. Respondi que não. Observei-a enquanto ela o acendia e controlei minha vontade de fazer preleção. Os olhos de Katy observavam tudo, menos a mim.

- Eu fui um acidente, você sabe. Nasci tarde. A Julie já estava no secundário. Disseram aos meus pais que eles não podiam mais ter filhos. E aí... - Ela deu de ombros. - Eles não estavam me esperando.

- O que não quer dizer que o resto de nós tenha sido planejado - concluí.

Ela riu do que eu disse, e o som ecoou fundo dentro de mim. Era a risada de Julie, até a maneira de ela ir sumindo.

- Desculpe o papai - disse Katy. - Ele ficou muito nervoso quando te viu.

- Eu não devia ter feito o que fiz.

Ela deu uma tragada funda e inclinou a cabeça.

- Por que foi que fez?

Pensei na resposta.

- Não sei - disse.

- Eu vi você. Do momento em que você virou a esquina. Foi esquisito, sabe? Lembro-me de quando eu era menininha, via você saindo de sua casa. O meu quarto. Quero dizer, eu ainda continuo dormindo no mesmo quarto, por isso é como se eu tivesse olhando para o passado ou coisa parecida. Eu me senti estranha.

Olhei para a direita. O caminho estava vazio agora, mas durante o ano escolar, era ali que os pais estacionavam os carros e esperavam pelos filhos. Talvez as minhas lembranças escolares não sejam nada boas, mas lembro-me de minha mãe me apanhando em seu velho Volkswagen vermelho. Ela estaria lendo uma revista; então o sinal tocava e eu caminhava até onde ela estava. Quando ela me via, quando levantava a cabeça e pressentia que eu estava vindo, chegando perto, seu sorriso, aquele sorriso típico de Sunny, vinha à tona do mais profundo do seu coração. Então me dei conta agora, com uma pancada no peito, de que ninguém jamais voltaria a sorrir daquele jeito para mim outra vez.

Era demais, pensei. Estar ali. O eco visual de Julie no rosto de Katy. As lembranças. Era tudo demais.

- Está com fome? - perguntei.

- Acho que sim.

Ela estava de carro, um velho Honda Civic. Quinquilharias, montes delas, estavam penduradas no retrovisor. O carro tinha cheiro de goma de mascar e xampu com aroma de frutas. Não reconheci a música que berrava pelos alto-falantes, mas não liguei.

Fomos para um lugar onde havia um jantar típico de Nova Jersey, na Rota 10, sem conversar. Havia fotografias autografadas de âncoras da TV atrás do balcão. Cada reservado tinha sua vitrola automática. O cardápio era ligeiramente mais longo que um romance de Tom Clancy.

Um homem com uma barba pesada e um desodorante mais pesado ainda perguntou-nos quantos éramos. Dissemos que somente dois. Katy adiantou que queríamos uma mesa na área dos fumantes. Eu não sabia que ainda existiam áreas dos fumantes, mas aparentemente grandes jantares são coisa de antigamente. Nem bem nos sentamos, ela puxou o cinzeiro para si, quase que como para se proteger.

- Depois que você apareceu lá em casa - disse ela -, fui ao cemitério.

O garçom serviu-nos água. Ela deu uma tragada no cigarro e exalou a fumaça com um movimento para trás e olhar para o alto.

- Fazia anos que eu não ia lá. Mas depois de te ver, senti que devia.

Continuava sem me olhar. Isso acontecia muito com as crianças no abrigo. Eles evitavam nosso olhar. Eu deixo. Não quer dizer nada. Procuo sustentar seus olhares, mas aprendi que se dá valor exagerado ao contato visual.

- Não consigo mais me lembrar da Julie direito. Vejo as fotografias e fico sem saber se minhas lembranças são verdadeiras ou uma coisa que eu mesma inventei. Eu acho, ah! me lembro que íamos naqueles brinquedos no parque de diversões, e então vejo o retrato e não sei se realmente me lembro ou se me lembro do retrato. Entende o que quero dizer?

- Acho que entendo, sim.

- Depois que você apareceu, sabe, eu tive que sair de casa. Dar uma volta, sei lá. Meu pai estava aos berros. Minha mãe, chorando. Eu tinha que sair.

- Eu não tinha a intenção de aborrecer ninguém.

Ela afugentou minhas palavras com um abano de mão.

- Tudo bem. Faz bem pra eles, de um jeito esquisito. A maior parte do tempo pisamos em ovos, você sabe. É de arrepiar. Às vezes, tenho vontade... às vezes desejo gritar: "Ela morreu!" - Katy avançou o tronco. - Quer ouvir uma coisa esquisitíssima?

Fiz um gesto para que continuasse.

- Não mudamos nada no porão. O sofá velho e a televisão. O tapete puído. A velha malona onde eu costumava me esconder atrás. Ainda está tudo lá. Ninguém usa nada. Mas estão lá. A nossa lavadeira ainda é lá embaixo. Temos que atravessar o lugar para chegar lá. Entende o que estou dizendo? É assim que vivemos. A gente sobe as escadas nas pontas dos pés, sabe, é como se vivêssemos em cima do gelo, com medo do chão quebrar e todos nós cairmos e afundarmos naquele porão.

Ela parou e deu uma tragada no cigarro como se fosse um tubo para sugar ar. Recostei-me. Como disse antes: nunca havia pensado realmente em Katy Miller, no que o assassinato da irmã tinha feito com ela. Pensava nos pais, é claro. Pensava na devastação.

Muitas vezes me perguntava por que eles haviam ficado naquela casa, mas também nunca entendi por que meus pais tampouco tinham-se mudado. Mencionei anteriormente que o elo entre conforto e dor auto-infligida, o desejo de agüentar porque o sofrimento era preferível ao esquecimento. Continuar naquela casa teria sido o exemplo definitivo.

Mas nunca levei em conta o caso de Katy Miller, como deve ter sido crescer entre aquelas ruínas, com o aspecto idêntico de sua irmã para sempre do seu lado. Olhei-a como se fosse pela primeira vez. Seus olhos continuavam a chispar como pássaros cheios de medo. Podia ver lágrimas neles. Estendi a mão e colhi a dela, mão que era tão semelhante à da irmã. O passado agrediu-me com tamanha força que quase caí para trás.

- Tudo isto é tão esquisito - disse ela.

Não podia haver palavras mais verdadeiras, pensei.

- Pra mim também.

- Precisa acabar, Will. Toda minha vida... seja lá o que for que tenha acontecido naquela noite, tem que acabar. Às vezes vejo na televisão quando eles pegam um desses caras danados e alguém diz: "Isso não vai trazê-lo de volta", e eu penso: "Não vai, não". Mas não é isso o que interessa. Pelo menos acaba. Pegam o cara e isso dá ao caso uma espécie de fim. As pessoas precisam disso.

Eu não fazia idéia de onde queria chegar com essa história. Procurei fingir que ela era uma das jovens do abrigo, que tinha vindo à procura do meu auxílio e do meu amor. Fiquei sentado e olhei para ela, tentando fazê-la saber que eu estava ali para ouvir.

- Você não faz idéia do quanto eu odiava o seu irmão - não só pelo que ele fez com a Julie, mas pelo que ele fez a todos nós ao fugir. Rezei para que o encontrassem. Chegava a sonhar que ele estava cercado e resistia, e então a polícia acabava com ele. Sei que não quer ouvir nada disso. Mas preciso fazer você entender.

- Você queria pôr um fim a tudo isso.

- É... - disse ela. - Mas é que...

- Mas é que o quê?

Ela me olhou pela primeira vez e nossos olhares se entrelaçaram.

Um grande frio novamente. Queria afastar a minha mão, mas não podia me mexer.

- Eu o vi - disse.

Pensei que havia ouvido mal.

- O seu irmão. Eu o vi. Pelo menos acho que era ele.

Tive voz suficiente para perguntar.

- Quando?

- Ontem. No cemitério.

Foi quando a garçonne chegou. Tirou o lápis que estava preso na orelha e perguntou o que nós queríamos. Por um momento ninguém respondeu. A garçonne limpou a garganta. Katy pediu uma salada. A garçonne me olhou. Pedi uma omelete de queijo. Ela perguntou que tipo de queijo - americano, suíço, cheddar. Eu disse que cheddar era perfeito. Queria batatas fritas comuns ou à francesa? Comuns. Torrada branca, de pão de centeio ou de trigo? Centeio. Nada para beber, obrigado.

A garçonne afastou-se finalmente.

- Me conte - pedi.

Katy apagou o cigarro.

- É como eu disse. Fui ao cemitério. Só para sair um pouco de casa. Da qualquer maneira, você sabe onde a Julie está enterrada, não sabe?

Assenti.

- Está certo. Vi você lá. Uns dias depois do enterro.

- É.

Ela avançou o corpo.

- Você amava Julie?

- Não sei.

- Mas ela feriu seu coração.

- Talvez - eu disse. - Faz muito tempo.

Katy olhou as próprias mãos.

- Me conte o que aconteceu - pedi.

- Ele parecia bem diferente. Quer dizer, seu irmão parecia. Não me lembro muito dele. Só um pouquinho. E vi retratos. - Ela parou.

- Está querendo dizer que ele estava de pé junto ao túmulo da Julie?

- Perto do salgueiro-chorão.
- O quê?
- Tem uma árvore lá. A uns vinte metros mais ou menos. Não entrei pelo portão. Pulei uma cerca. Ele não estava esperando que eu aparecesse. Veja bem, vim por trás e vi esse sujeito parado embaixo da árvore, olhando na direção do túmulo da Julie. Ele nem me ouviu. Estava perdido, entende. Bati no ombro dele. Ele deu um pulo daqueles e, quando se voltou e deu comigo... bem, você sabe com quem me pareço. Ele quase gritou. Achou que eu devia ser m fantasma ou alguma coisa do gênero.
- Tem certeza de que era o Ken?
- Certeza, certeza, não. Como posso? - Pegou outro cigarro e completou: - É. É, sim, eu sei que era ele.
- Mas como pode afirmar isso?
- Ele me disse que não tinha sido ele.

Minha cabeça girou. Minhas mãos caíram ao lado do meu corpo e agarrei a almofada do assento. Quando finalmente falei, minhas palavras brotaram lentamente.

- O que exatamente ele disse?
- No começo, só isso. "Eu não matei a sua irmã!"
- O que você fez?
- Disse que ele era um mentiroso. Disse que eu ia gritar.
- E gritou?
- Não.
- Por que não?

Katy ainda não tinha acendido o novo cigarro. Tirou-o dos lábios e pousou-o na mesa.

- Porque acreditei nele. Tinha uma coisa na voz dele, não sei. Eu o tinha odiado por tanto tempo. Você não faz idéia de quanto tempo. Mas agora...
- Então, o que você fez?
- Recuei. E ainda ia gritar. Mas ele se aproximou de mim. Pegou meu rosto nas mãos, me olhou nos olhos e disse: "Vou encontrar o assassino, prometo que vou". Foi isso. E me olhou um pouquinho mais. Então me soltou e saiu correndo.
- Você contou...

Ela balançou a cabeça.

- Não, pra ninguém. Às vezes, nem tenho certeza de que aconteceu mesmo. Como se eu tivesse imaginado tudo. Sonhado ou inventado. Como minhas lembranças de Julie. - Ela levantou os olhos para mim. - Você acha que ele matou Julie?
- Não - eu disse.
- Eu vi você no noticiário da televisão. Você sempre pensou que ele estivesse morto. Porque eles acharam um pouco de sangue dele no local do crime.

Concordei com a cabeça.

- Ainda acredita nisso?
- Não. Não acredito mais.
- O que fez você mudar de idéia?

Eu não sabia que resposta dar.

- Acho que também estou procurando por ele.
- Quero ajudar.

Ela disse que queria. Mas eu sabia que ela queria dizer que precisava.

- Por favor, Will. Me deixe ajudar.

Eu concordei.

15

BELMONT, NEBRASKA

A XERIFE BERTHA FARROW FRANZIU A TESTA POR SOBRE OS OMBROS DO AUXILIAR

George Volker.

- Tenho ódio dessas coisas - disse ela.
- Não devia ter - respondeu Volker, os dedos saltando sobre as teclas. - Os computadores são nossos amigos.

Ela franziu mais ainda.

- E então, o que seu amigo está fazendo agora?
- Está digitalizando as impressões da nossa ilustre desconhecida.

- Digitalizando?

- Como vou explicar isto para uma tecnófoba irremediável...? - Volker ergueu os olhos e esfregou o queixo. - É como uma máquina de xerox e um fax juntos. Faz uma cópia das impressões digitais dela e aí manda por e-mail para todos os CIJC do oeste da Virgínia. CIJC queria dizer Centro de Informações da Justiça Criminal. Agora que até a força policial estava on-line, mesmo naqueles lugarejos mais atrasados as digitais podiam ser enviadas pela Internet para serem identificadas. Se as digitais estivessem arquivadas no gigantesco banco de dados do Centro Nacional de Informação Criminal (CNIC), rapidamente encontrariam outra igual e com identificação positiva.

- Pensei que o CIJC fosse em Washington - disse Bertha.
- Não é mais. O senador Byrd tirou-o de lá.
- Um homem bom para termos como senador.
- Sem dúvida.

Bertha ajustou o coldre e desceu pelo corredor. Sua delegacia dividia o espaço com o necrotério de Clyde, que era convenientemente, se não esporadicamente, pungente. O necrotério tinha uma ventilação péssima e, de vez em quando, uma nuvem pesada de formol e podridão escapava e pairava sobre o local.

Com apenas um momento de hesitação, Bertha Farrow abriu a porta do necrotério. Não havia portas brilhosas ou instrumentos polidos ou qualquer das coisas que se acostumam ver na televisão. O necrotério de Clyde era bastante parecido com uma improvisação. Era apenas um trabalho de meio expediente, porque, convenhamos, não havia muita coisa a fazer. Vítimas de desastres de automóveis eram quase tudo que se encontraria aqui. No ano passado, Don Taylor tinha se embebedado e dado um tiro na cabeça, acidentalmente. Sua mulher, sofrera de longos anos, gostava de brincar dizendo que Don dera um tiro porque se olhara no espelho e se confundiu com um alce. O necrotério - diabos, o termo era uma descrição generosa deste quarto de zelador adaptado - só podia receber dois cadáveres ao mesmo tempo. Se Clyde precisasse de mais espaço para armazenar, usava as instalações da casa funerária de Wally.

O corpo da desconhecida estava em cima da mesa. Clyde, debruçado sobre ela. Usava uma escova azul e luvas cirúrgicas claras. Chorava. Uma ária de ópera estourava na caixa de som, a lamentação de algo apropriadamente trágico.

- Já a cortou? - Perguntou Bertha, se bem que a resposta fosse óbvia.

Clyde limpou os olhos com dois dedos.

- Não.

- Está esperando que ela lhe dê permissão?

Ele fulminou Bertha com os seus olhos vermelhos.

- Ainda estou fazendo o exame externo.

- E qual foi a causa da morte, Clyde?

- Não vamos saber com certeza até eu terminar a autópsia.

Bertha aproximou-se dele. Pôs a mão no seu ombro, fingido confortá-lo e tencionando um elo.

- Pode dar uma sugestão preliminar, Clyde?

- Ela apanhou até não agüentar mais. Está vendo aqui?

Apontou para onde normalmente seria a caixa torácica. Havia pouca definição. Os ossos tinham afundado, amassados como poliestireno pisado por uma pesada bota.

- Muitos hematomas - disse Bertha.

- É, descoloração e, está vendo aqui? - Ele colocou o dedo numa coisa que parecia estar saindo das costelas, perto do estômago.

- Costelas quebradas?

- Costelas trituradas - corrigiu ele.

- Como?

Clyde encolheu os ombros.

- Provavelmente com um desses martelos com uma bola pesada pendurada na extremidade, ou coisa parecida. Suponho - e é só uma suposição - que uma das costelas quebrou e perfurou um órgão importante. Pode ter perfurado um pulmão ou atravessado a barriga. Ou talvez ela tenha tido sorte e foi direto ao coração.

Bertha sacudiu a cabeça.

- Ela não me parece ser do tipo que tem sorte.

Clyde voltou-se para o outro lado. Abaixou a cabeça e começou a chorar de novo. Seu corpo arquejava com os soluços reprimidos.

- Estas marcas nos seios - disse Bertha.

Sem olhar, ele respondeu:
- Queimaduras de cigarro.
Era o que tinha imaginado. Dedos mutilados, queimaduras de cigarro. Não era preciso ser nenhum Sherlock Holmes para deduzir que ela tinha sido torturada.
- Faça o serviço completo, Clyde. Exame de sangue, radiografia do tórax, tudo.
Ele fungou e finalmente se voltou para ela.
- Claro, Bertha, com certeza, pode deixar.
A porta atrás deles se abriu. Ambos se viraram. Era Volker.
- Sucesso - disse.
- Já?
George fez que sim.
- Encabeçando a lista do Centro Nacional de Informação Criminal.
- O que você quer dizer com encabeçando a lista?
Volker fez uma gesto na direção do corpo da mesa.
- A nossa ilustre desconhecida. Ela estava sendo procurada por nada mais nada menos do que o FBI.

16

KATY ME DEIXOU EM HICKORY PLACE, A UNS TRÊS QUARTEIRÕES da casa dos meus pais. Não queríamos que ninguém nos visse juntos. Talvez fosse um pouco de paranóia de ambas as partes, mas me perguntei e daí?
- Agora? - indagou Katy.
Havia pensado a mesma coisa.
Não sei direito. Mas se Ken não matou Julie...
- Foi outra pessoa.
- Cara, somos bons amigos.
Ela sorriu.
- Então acho que devemos procurar pelos suspeitos.
Parecia ridículo - quem éramos nós, o Mod Squad? - Mas concordei com a cabeça.
- Vou começar a checar - disse ela.
- Checar o quê?
Ela encolheu os ombros como uma adolescente, usando o corpo inteiro.
- Não sei. O passado de Julie, talvez. Calcular quem poderia querer matá-la...
- A polícia fez isto.
- Eles só ficaram de olhos no seu irmão, Will.
Ela estava certa.
- Tudo bem. - Concordei, sentindo-me ridículo novamente.
- Vamos nos encontrar mais tarde.
Consenti e saí do carro. Nancy Drew afastou-se depressa sem uma palavra de despedida. Fiquei parado lá, mergulhado na solidão. Não tinha a menor vontade de mexer.
As ruas do subúrbio estavam vazias, mas as vias bem pavimentadas estavam cheias. As caminhonetes revestidas de madeira da minha juventude tinham sido substituídas por uma grande variedade de veículos quase fora de estradas - minivans, caminhonetes para passageiros (fosse lá o que isso quisesse dizer), SUVs. A maioria das casas era no estilo clássico da explosão imobiliária de 1962, com vários níveis. Muitas ficaram entupidas com anexos. Outras haviam passado por grandes reformas por volta de 1974, utilizando pedras brancas demais, lisas demais. A fachada havia envelhecido quase tanto quanto o smoking azul-claro que eu usava nos bailes da faculdade.
Quando cheguei à nossa casa, não havia carros à porta, nem visitas de pêsames na sala. Não me surpreendi. Chamei meu pai. Não tive resposta. Encontrei-o sozinho no porão com uma afiada navalha nas mãos. Estava bem no meio, cercado de velhas caixas de vestidos. As fitas colantes que as fechavam tinham sido lancetadas. Papai estava perfeitamente imóvel entre as caixas. Não se voltou quando ouviu meus passos.

*Nancy Drew: personagem-título de ma série de livros para adolescentes.

- Tanta coisa foi empacotada - disse ele baixinho.

As caixas tinham pertencido à minha mãe. Meu pai enfiou a mão numa delas e tirou uma faixa de cabeça fininha, prateada. Voltou-se para mim, erguendo-a.

- Lembra-se disso?

Sorrimos. Todo mundo, pensei, atravessava fases de moda, mas ninguém fora como minha mãe. Ela as marcava, definia, tornavam-se parte dela. Aquilo pertencia à sua Fase das Faixas de Cabeça, por exemplo. Ela havia tosado os cabelos e usado uma coleção de inúmeras faixas como uma princesa índia. Durante vários meses - eu diria que a Fase das Faixas de Cabeça havia durado talvez uns seis -, nunca era vista sem usar uma. Quando as faixas caíram de moda, o Período das Franjas começou para valer.

A isto seguiu-se a Renascença Púrpura - não era a minha predileta, asseguro; era como viver com uma berinjela gigante ou uma tiete do Jimi Hendrix -, e aí veio a Era dos Rabos-de-Cavalos - isso para uma mulher cuja coisa mais perto de um cavalo foi assistir a Elisabeth Taylor no filme *A mocidade é assim*.

As fases da moda, como tantas outras coisas, acabaram com o assassinato de Julie Miller. Minha mãe - Sunny - empacotou todas as roupas e guardou-as no canto mais escuro e sujo do porão.

Papai atirou a faixa de volta à caixa.

- Nós íamos mudar, você sabia?

Eu não sabia.

- Há três anos. Íamos para um condomínio em West Orange ou talvez para um lugar propício para se passar o inverno, lá em Scottsdale, perto da prima Esther e do Harold. Mas quando descobrimos que sua mãe estava doente, decidimos esperar. - Ele me olhou. - Está com sede?

- Não estou, não.

- Não quer uma Coca diet? Acho que vou tomar uma.

Papai passou rapidamente por mim e subiu as escadas. Olhei aquelas caixas velhas, a caligrafia de minha mãe dos lados, identificando-as com uma escrita bem grossa. Na prateleira do fundo eu ainda podia ver duas das velhas raquetes de tênis do Ken. Uma era a primeira que possuía quando tinha apenas três anos. Ma mãe a havia guardado para ele. Virei-me e o segui. Quando chegamos à cozinha, ele abriu a porta da geladeira.

- Quer me dizer o que aconteceu ontem? - começou ele.

- Não estou entendendo o que o senhor está querendo dizer.

- Você e sua irmã. - Papai pegou uma garrafa de dois litros de Coca diet. - O que foi aquilo?

- Nada.

Ele meneou a cabeça enquanto abria o armário. Tirou dois copos, foi ao freezer e encheu-os de gelo.

- Sua mãe costumava ficar atrás das portas ouvindo suas conversas com Melissa - disse ele.

- Eu sei.

Ele sorriu.

- Ela não era lá muito discreta. Eu sempre dizia para parar com aquilo, mas só me mandava ficar quieto; aquilo fazia parte do trabalho das mães.

- O senhor disse que eram conversas minhas com Melissa?

- É.

- Por que não com o Ken?

- Vai ver não queria tomar conhecimento. - Serviu as bebidas. - Você anda muito curioso a respeito de seu irmão ultimamente.

- Só fiz uma pergunta natural.

- É, claro. Natural. E depois do enterro você me perguntava se eu achava que ele ainda estava vivo. E então, no dia seguinte, você e Melissa tiveram uma discussão por causa dele. Por isso pergunto mais uma vez: o que está acontecendo?

A fotografia ainda estava no meu bolso. Não me pergunte por que fiz umas cópias coloridas no meu scanner naquela manhã. Mas eu não podia largar dela.

Quando a campainha tocou, demos um pulo, surpresos. Olhamo-nos. Papai deu de ombros. Eu disse que ia atender. Tomei um golinho de Coca e tornei a colocar na bancada. Fui até a porta da entrada. Quando abri e vi quem era, quase caí de costas.

Era Mrs. Miller, a mãe de Julie.

Trazia um prato coberto com papel alumínio. Seus olhos estavam abaixados como se estivesse fazendo uma oferta num altar. Congelei por um momento, inseguro quanto ao que dizer. Ela ergueu os olhos. Nossos olhos se encontraram exatamente como havia acontecido há dois dias, na esquina de sua casa. A dor que percebi nela parecia viva, elétrica. Pensei se estava sentindo a mesma coisa vindo de mim.

- Eu pensei... - começou. - Quer dizer, eu só...

- Por favor. Entre.

Ela tentou sorrir.

- Obrigada.

Meu pai veio da cozinha e perguntou:

- Quem está aí?

Olhei para trás. Mrs. Miller adiantou-se, fazendo-se ver, ainda segurando o prato como se por proteção. Os olhos de meu pai arregalaram-se e vi alguma coisa por trás deles explodir.

Sua voz era um murmúrio carregado de raiva.

- Que diabo está fazendo aqui?

- Papai.

Ele me ignorou.

- Eu fiz uma pergunta, Lucille. Que diabo quer aqui?

Mrs. Miller baixou a cabeça.

- Papai - repeti depressa.

Mas não adiantou. Seus olhos tinham ficado pequenos e negros.

- Não quero você aqui - disse ele.

- Papai, ela veio oferecer...

- Saia!

- Papai!

Mrs. Miller encolheu-se num recuo. Empurrou o prato para as minhas mãos.

- Melhor eu ir, Will.

- Não - eu disse. - Não vá.

- Eu não devia ter vindo.

Papai gritou:

- Maldita seja, você não deveria ter vindo aqui.

Lancei-lhe um olhar de reprovação, mas seus olhos estavam grudados nela.

Ainda com os olhos baixos, Mrs. Miller disse:

- Sinto muito por sua perda.

Mas meu pai não tinha terminado.

- Ela está morta, Lucille. Agora não adianta mais.

Mrs. Miller fugiu então. Fiquei segurando o prato. Levantei os olhos para meu pai, sem acreditar. Ele me olhou de volta e disse:

- Jogue essa porcaria fora.

Eu não tinha certeza do que fazer a essa altura. Queria ir atrás dela, pedir desculpas, mas ela já estava na metade do quarteirão, caminhando depressa. Meu pai havia voltado para a cozinha. Fui atrás, atirando o prato com força na bancada.

- Que droga foi tudo isso? - perguntei.

Ele pegou a bebida.

- Eu não quero ela aqui.

- Ela veio prestar condolências.

- Ela veio para aliviar sua culpa.

- Do que o senhor está falando?

- Sua mãe está morta. Agora não tem nada que ela possa fazer.

- Mas isto não faz sentido.

- Sua mãe foi ver Lucille. Você sabia? Não muito tempo depois do assassinato. Ela queria prestar suas condolências. Lucille mandou-a para o inferno. Disse que sua mãe era culpada por ter criado um assassino. Foi isso que disse. Que tinha sido culpa dela. Que nós tínhamos criado um assassino.

- Isso foi há onze anos, papai.

- Você faz alguma idéia do que aquilo fez com sua mãe?

- A filha dela tinha acabado de ser assassinada. Ela estava sofrendo muito.

- Então ela espera até agora para consertar as coisas? Quando já não adianta mais? - Sacudiu a cabeça com firmeza. - Não quero mais ouvir falar isso. E a sua mãe, enfim, ela não pode...

A porta da frente se abriu, e tia Selma e tio Murray entraram com seus rostos devidamente entristecidos. Selma assumiu a cozinha. Murray começou a consertar uma placa solta que descobrira ontem na parede.

Meu pai e eu paramos de falar.

17

AGENTE ESPECIAL CLAUDIA FISHER APRUMOU A COLUNA E BATEU À PORTA.

- Entre.

Ela girou a maçaneta e entrou no escritório do diretor-assistente encarregado, Joseph Pistillo. O ADIC - imaturamente apelidado, naturalmente, de a-dick*... - tomava conta do escritório de Nova York. Além do diretor em Washington, um ADIC era o agente mais categorizado e poderoso do FBI.

Pistillo levantou os olhos. Não gostou do que viu.

- Que foi?

- Encontraram Sheila Rogers morta - continuou Fisher.

Pistillo xingou.

- Como?

- Foi encontrada na beira de uma estrada em Nebraska. Nenhuma identificação. Mandaram as digitais pelo CNIC e encontramos.

*Um jogo de palavras em inglês, intraduzível. Assistant Director in Charge forma a sigla DIC que, foneticamente, soa como A-Dick, e dick é, na gíria, uma das muitas palavras usadas para o membro masculino. (N. do T.)

- Diabo!

Pistillo mordiscou uma cutícula. Claudia Fisher esperou.

- Quero confirmação visual - ordenou ele.

- Já fizemos.

- Quê?

- Tomei a liberdade de mandar por e-mail para a xerife Farrow as fotos de Sheila Rogers. Ela e o legista confirmaram que era a mesma mulher. A altura e o peso também conferem.

Pistillo recostou-se na cadeira. Pegou uma caneta, levantou-a à altura dos olhos e estudou-a. Fisher ficou atenta. Ele fez sinal para ela se sentar. Ela obedeceu.

- Os pais de Sheila Rogers moram em Utah, certo?

- Em Idaho.

- Não importa. Temos que entrar em contato com eles.

- Já coloquei a polícia local de sobreaviso. O chefe conhece a família pessoalmente.

Pistillo fez um sinal de cabeça.

- Ótimo, muito bem. - Tirou a caneta da boca. - Como ela foi morta?

- Provavelmente hemorragia interna em consequência de um ataque violento. A autópsia está a caminho.

- Deus do céu.

- Ela foi torturada. Seus dedos tinham sido destroncados e retorcidos, com toda certeza com alicates. Tinha queimaduras de cigarro no peito.

- Quanto tempo faz que está morta?

- Deve ter morrido entre ontem à noite e hoje pela manhã, com certeza.

Pistillo olhou Fisher. Lembrou-se de como Will Stein, o amante, sentara-se naquela mesma cadeira, na véspera.

- Depressa - falou ele.

- Como assim?

- Se por acaso ela fugiu, como fomos levados a acreditar, acharam-na bem depressa.

- A não ser - disse Fisher - que tenha fugido para se encontrar com eles.

Pistillo recostou-se.

- Ou talvez nunca tenha ido.

- Não estou entendendo.
Ele estudou a caneta mais um pouco.
- Sempre imaginamos que Sheila Rogers fugiu porque tinha alguma coisa que ver com os assassinos de Albuquerque, certo?
Fisher inclinou a cabeça para frente e para trás.
- Sim e não. Quer dizer, por que voltaria a Nova York só para fugir de novo?
- Pode ser que desejasse ir ao enterro da mãe do namorado, não sei - disse e ele. - De qualquer maneira, acho que não se trata disso. Talvez não soubesse que nós estávamos atrás dela. Talvez. Vê se me ajuda nisso, Claudia. Ver alguém a raptou.
- E como isto ia funcionar? - perguntou Fisher.
Pistillo deixou a caneta na mesa.
- De acordo com Will Klein, ela deixou o apartamento às... quando foi, às seis da manhã?
- Cinco.
- Cinco, muito bem. Então vamos juntar ao fatos e usar o enredo já aceito. Sheila Rogers saí às cinco horas. Alguém a encontra, a tortura, e a joga numa vala em Nebraska. Isto não parece óbvio?
Fisher concordou lentamente.
- Como o senhor disse, foi depressa.
- Muito depressa.
- Talvez.
- Analisando o tempo - disse Pistillo -, é muito provável que alguém a tenha apanhado logo. Assim que saiu do apartamento.
- E levou-a para Nebraska de avião?
- Ou... - começou Fisher.
- Ou?
Ela olhou o patrão.
- Acho que juntos vamos chegar à mesma conclusão. É muito pouco tempo. Provavelmente ela tenha desaparecido na noite anterior - concluiu ela.
- Que significa...?
- Que Will Klein mentiu para nós.
Pistillo contraiu o rosto.
- Exato.
As palavras de Fisher começavam a brotar depressa.
- Tudo bem, mas aqui está uma história mais plausível: Will Klein e Sheila Rogers vão ao enterro de Mrs. Klein. Logo depois, retornaram à casa de seus pais. De acordo com Klein, eles voltaram de carro para o apartamento naquela noite. Mas não temos nenhuma outra informação além desta. Assim, talvez - tentou ir mais devagar, mas sem conseguir - não tenham ido direto para o apartamento. Talvez ele a tenha entregado a um cúmplice, que a torturou, matou e se livrou do corpo. Nesse meio tempo Will segue para o apartamento. Vai trabalhar de manhã. E quando Wilcox e eu o apertamos no escritório, ele inventa essa história de ela ter saído de manhã.
Pistillo concordou.
- História interessante.
Ela continuou atenta.
- Você tem um motivo? - perguntou Pistillo.
- Ele precisava silenciá-la.
- Por quê?
- Por causa do que aconteceu em Albuquerque.
Os dois cogitaram em silêncio.
- Não estou convencido.
- Nem eu.
- Mas concordamos que Will Klein sabe mais do que está dizendo.
- Com toda certeza.
Pistillo suspirou profundamente.
- De um jeito ou de outro, temos que lhe dar a má notícia sobre a morte de Ms. Rogers.
- É.
- Telefone para o comandante local em Utah.
- Idaho.
- Não importa. Peça-lhe para informar a família. Depois, coloque-os num avião para fazerem a

identificação oficial.

- E Will Klein?

Pistillo pensou no assunto.

- Vou falar com Squares. Quem sabe ele pode nos ajudar a dar as más-novas.

18

A PORTA DO MEU APARTAMENTO ESTAVA ABERTA.

Depois que tia Selma e tio Murray chegaram, meu pai e eu passamos a nos evitar cuidadosamente. Eu amo meu pai. Acho que deixei isso bem claro. Mas uma parte de mim, irracionalmente, culpava-o pela morte de minha mãe. Não sei por que me sinto dessa maneira, e é muito difícil admiti-lo, mesmo para mim, mas do instante em que ela adoeceu, passei a olhá-lo de forma diferente. Como se ele não tivesse feito o bastante. Ou talvez eu o culpasse por não tê-la salvo depois do assassinato de Julie Miller. Ele não fora suficientemente forte. Não fora suficientemente bom marido. Será que o amor verdadeiro não teria ajudado minha mãe a se recuperar, não teria salvado seu espírito?

Como eu disse, irracionalmente.

A porta só tinha uma fresta aberta, mas isso me fez parar. Sempre a tranco. Moro num prédio sem porteiro em Manhattan - mas, por outro lado, eu não andava com a cabeça muito boa ultimamente. Talvez na pressa de encontrar Katy Miller eu a tivesse esquecido aberta. Nada mais natural. E às vezes o ferrolho ineficaz emperrava. Talvez eu nem tivesse fechado a porta direito, pra começo de conversa.

Franzi a testa. Era improvável.

Espalmei na porta e empurrei-a muito devagarzinho. Esperei, com receio de a porta ranger. Ouvi alguma coisa. Fracamente, de início. Enfiei a cabeça pela abertura e imediatamente senti meu corpo congelar por dentro.

Nada do que vi era fora do comum. As luzes estavam apagadas, essa é que era a verdade. As venezianas estavam fechadas, de maneira que não havia muita claridade. Não, não havia nada fora do comum - e repito, nada que eu pudesse ver. Fiquei no corredor e inclinei-me para dentro da sala mais um pouco.

Mas podia ouvir música.

De novo, só isso não teria me deixado nada alarmado. Não tenho o hábito de deixar música tocando, como alguns nova-iorquinos muito preocupados com segurança, mas confesso que um de meus traços característicos é a distração. Eu poderia ter deixado o CD tocando. Só isso não bastaria para me deixar temeroso daquele jeito.

O que me amedrontou, contudo, foi a seleção musical.

Era o que estava me impressionando. A canção que estava tocando - tentei me lembrar de quando a tinha ouvido pela última vez - era 'Don't fear the reaper'. Tremi.

Era a música favorita do Ken.

Uma gravação do Blue Oyster Cult, uma banda heavy metal, apesar de esta, a mais famosa de todas as suas músicas, ser a mais moderada, quase etérea. Ken costumava pegar a raquete de tênis e fingir que estava tocando solos de guitarra elétrica. Eu sabia que não havia aquela música em nenhum dos meus CDs. Nada feito. Lembranças demais.

Que diabo estava acontecendo?

Entrei. Como disse antes, as luzes estavam apagadas. Estava escuro. Parei e senti-me incrivelmente estúpido. Por que não iluminar o local, seu idiota? Não seria uma boa idéia?

Quando eu estava estendendo a mão para tocar o interruptor, outra voz interior me disse: "Melhor ainda, por que não sair correndo?" Não era isso que a gente sempre gritava para o personagem fazer nos filmes? O assassino está escondido dentro de casa. A adolescente estúpida, depois de ter encontrado o corpo decapitado de sua melhor amiga, resolve que aquela é a hora ideal para andar pela casa escura em vez de, digamos, sair correndo, gritando como um animal louco.

Tudo o que eu tinha de fazer era tirar toda a roupa, ficar de sutiã e interpretar o papel.

A canção ficou mais suave num solo de guitarra. Esperei pelo silêncio. Foi breve. A canção começou de novo. A mesma canção.

Que diabo estava acontecendo?

Fugir gritando. Isto é o que se quer. Era justamente o que eu ia fazer. A não ser por uma coisa. Eu não tinha tropeçado em nenhum cadáver sem cabeça. Então, como seria? O que fazer, exatamente? Chamar a polícia? Podia ver a cena: "Qual é o problema, meu senhor?" "Bem, a música favorita do meu irmão está tocando no meu aparelho de som, então eu resolvi sair correndo aos gritos". "O senhor pode dar uma chegada até aqui com o revólver na mão?" "Claro, claro, já estamos indo".

Tal atitude seria idiotice.;

E mesmo que eu achasse que alguém tinha invadido o apartamento, que havia mesmo um ladrão lá dentro, alguém que tinha trazido seu próprio CD...

... bem, quem provavelmente seria esse homem?

Meu coração desandou a bater mais forte à medida que meus olhos se habituavam à escuridão. Resolvi deixar as luzes apagadas. Se havia um intruso, não havia razão para eu deixar que soubesse que eu estava ali, de pé, um alvo fácil. Ou será que acender as luzes o deixaria com medo do que visse?

Cristo Rei, eu não sou nada bom para estas coisas.

Decidi mesmo deixar as luzes apagadas.

Tudo bem, vamos fazer do jeito dele. As luzes ficaram apagadas. E agora?

A música. Siga a música. Estava vindo do meu quarto. Voltei-me para aquela direção. A porta estava fechada. Caminhei até lá. Com cuidado. Eu não ia bancar o idiota completo. Escancarei a porta da frente e deixei-a aberta, para o caso de eu ter que gritar ou sair correndo.

Avancei numa espécie de deslize espástico, com o pé esquerdo na frente mas deixando o direito firmemente apontado para a saída. Essa posição me fez lembrar de uma daquelas de ioga do Squares. Abrimos as pernas e nos debruçamos para um lado, mas empregamos tanto nosso peso quanto nossa "percepção" na direção contrária. O corpo se move de uma forma, o espírito, de outra. Isso era o que alguns yogis, não o Squares, ainda bem, chamavam de "expandir seu conhecimento".

Deslizei um metro. Depois mais um. Buck Dharma, dos Blue Oyster Cult - o fato de eu me lembrar não só do nome, mas que o verdadeiro nome dele era Donald Roeser, revelava muito da minha infância -, cantava sobre como nós podemos ser como eles, como Romeu e Julieta.

Numa palavra: mortos.

Cheguei à porta do quarto. Engoli em seco e empurrei. Nada feito. Teria de girar a maçaneta. Minha mão agarrou o metal. Olhei sobre meu ombro. A porta ainda continuava escancarada. Meu pé direito continuava apontado naquela direção, apesar de eu não estar tão seguro da minha "percepção". Girei a maçaneta o mais silenciosamente possível, mas aos meus ouvidos ainda parecia ser o estrondo de um tiro.

Empurrei um pouco, só para afastá-la do batente. Soltei a maçaneta. A música estava mais forte agora. Alta e nítida. Com toda certeza, estava sendo tocada no CD Bose que Squares tinha me dado de presente de aniversário há dois anos.

Enfie minha cabeça só para dar uma olhada rápida.

Foi aí que alguém me agarrou pelos cabelos.

Mal tive tempo de respirar. Minha cabeça foi empurrada para a frente com tamanha fúria que meus pés se levantaram do chão. Voei pelo quarto, minhas mãos estendidas para a frente no estilo Super-Homem, e me esborrachei, dando uma barrigada no chão.

O ar saiu dos meus pulmões num sopro forte. Tentei girar o corpo, mas ele - presumi que fosse um homem - já estava em cima de mim. Suas pernas prenderam minhas costas. Um braço enlaçou meu pescoço, como uma cobra. Tentei lutar, mais ele me agarrava com uma força incrível. Puxou-me para trás, e senti ânsias.

Não podia me mover. Inteiramente à sua mercê, ele abaixou a cabeça junto da minha. Podia sentir seu hálito de encontro à minha orelha. Ele fez alguma coisa com o outro braço, conseguiu um ângulo ou contrapeso melhor e apertou. Minha traquéia estava sendo esmagada.

Meus olhos pareciam saltar das órbitas. Procurei agarrar minha garganta. Inútil. Minhas unhas tentaram se enterrar no braço dele, mas era como se estivesse tentando penetrar em mogno. A pressão na minha cabeça estava aumentando, crescendo a ponto de se tornar insuportável. Eu agitava os braços. Meu atacante não se moveu. Meu crânio parecia que ia explodir. Então ouvi sua voz.

- Olá, pequeno Willie.

A voz.

Identifiquei-a no mesmo instante. Eu não a ouvia - Cristo Rei, tentei lembrar - há dez, quinze anos talvez. Desde que Julie morrera, pelo menos. Mas existem certos sons, quase sempre

vozes, que ficam guardados em um local especial do córtex, na prateleiras das sobras, se quiserem, e assim que os ouvimos, todas as fibras do nosso corpo ficam tensas, pressentido perigo.

Ele soltou meu pescoço - de repente e completamente. Desmoronei no chão, sovado, engasgado, tentando arrancar alguma coisa imaginária da garganta. Ele me largou e riu.

- Não tá me conhecendo, pequeno Willie?

Dei uma virada e recuei depressa, engatinhando para trás. Meus olhos confirmaram o que meus ouvidos já me haviam dito. Eu não podia acreditar. Ele tinha mudado, mas não havia nenhuma dúvida.

- John? - perguntei. - John Asselta?

Ele sorriu, aquele sorriso que não tocava em nada. Senti-me retrocedendo no tempo. O medo - medo que eu não sentia desde a adolescência - veio à tona. O Fantasma - era assim que todos o chamavam, se bem que ninguém tivesse coragem de dizê-lo na cara dele - sempre me produzira aquele efeito. Acho que eu não era o único. Ele aterrorizava praticamente todo mundo, se bem que eu sempre tivesse sido protegido. Eu era o irmão caçula do Ken Klein. Para o Fantasma, isso bastava.

Sempre fui um fraco. A vida inteira me protegi de confrontações físicas. Alguns alegam que isto me torna prudente e maduro. Mas não é verdade. A verdade é que sou covarde. Tenho um medo mortal de violência. Talvez seja normal - instinto de sobrevivência e tudo mais -, mas ainda me enche de vergonha. Meu irmão que era, por mais estranho que pareça, o amigo mais chegado do Fantasma possuía aquela agressividade invejável que separava os que gostariam de ser, dos verdadeiramente grandes. Quando jogava tênis, por exemplo, lembrava um pouco o jovem John McEnroe com aquele espírito competitivo de abraçar o mundo inteiro, feroz como um pit-bull, que não admite perder, sempre no limite do estar indo longe demais. Mesmo quando criança, ele brigava com os outros até a morte - e pisava nas sobras depois que o oponente caía. Eu nunca fui assim.

Levantei-me, trôpego. Asselta manteve-se firmemente de pé, como um espírito brotando do túmulo. Abriu os braços.

- Não vai dar um abraço no seu velho amigo, pequeno Willie?

Ele se aproximou e, antes que eu pudesse reagir, me abraçou. Era bastante baixo, com aquele estranho tronco longo, braços curtos. Sua bochecha pressionou meu peito.

- Faz um bocado de tempo - disse ele.

Eu não estava certo do que dizia, por onde começar.

- Como foi que você entrou?

- O quê? - Ele me soltou. - Ora, a porta estava aberta. Desculpe eu ter entrado sorrateiramente e te surpreendido desse jeito, mas... - Ele sorriu, deu de ombros, cortando o pensamento. - Você não mudou nada, pequeno Willie. Está ótimo.

- Você não podia...

Ele inclinou a cabeça, e eu me lembrei do jeito como ele simplesmente atacava de repente. John Asselta tinha sido colega de escola do Ken, dois anos na minha frente, na Escola Secundária de Livingston. Ele era o chefe do time de luta romana e foi o campeão de peso leve do Essex County por dois anos seguidos. Provavelmente teria ganhado o campeonato estadual, mas foi desclassificado porque deslocara o ombro de um rival, de propósito. Sua terceira violação. Ainda me lembro de como seu oponente gritou de dor. Lembro-me de como alguns espectadores se sentiram extremamente mal ao ver aquele membro pendurado. Lembro-me do pequeno sorriso do Asselta enquanto levavam seu oponente.

Meu pai dizia que o Fantasma tinha complexo de Napoleão. Essa explicação me parecia extremamente simplista. Não sei o que era, se o Fantasma precisava provar alguma coisa ou se ele tinha um cromossomo Y a mais ou se era apenas o pior dos filhos-da-puta que existiam.

Fosse o que fosse, ele era definitivamente psicótico.

Não havia como negar. Ele gostava de machucar as pessoas. Uma aura de destruição cercava cada um de seus passos. Até mesmo os maiores atletas ficavam longe dele. A gente nunca o olhava de frente, nunca ficava no seu caminho, porque nunca sabia o que poderia provocá-lo. Podia atacar sem hesitação. Podia nos quebrar o nariz. Dar uma joelhada no saco. Furar nossos olhos com os polegares. Atacar quando você estivesse de costas para ele.

Ele provocou uma confusão no Milt Saperstein no meu segundo ano na universidade.

Saperstein, um calouro desagradável, tinha cometido o engano de se apoiar no armário do Fantasma. O Fantasma sorriu e o deixou ir, dando-lhe um tapinha nas costas. Mais tarde, naquele mesmo dia, Saperstein caminhava pelo corredor quando, de repente, o Fantasma aproximou-se dele por trás e socou o braço na cabeça do Milt. Saperstein não o viu se aproximar. Ele caiu no chão e, com uma risada, o Fantasma pisou-lhe a cabeça. Milt teve que ser levado para o pronto-socorro do hospital de St. Barnabas.

Ninguém testemunhou nada.

Quando ele tinha catorze anos - se o que se diz é verdade -, matou o cachorro do vizinho enfiando-lhe bombinhas no rabo. Mas pior do que isso, pior do que qualquer coisa imaginável, eram os boatos de que ele, com a tenra idade de dez anos, tinha apunhalado um garoto chamado Daniel Skinner com uma faca de cozinha. Supostamente, Skinner, que era uns anos mais velho, implicou com o Fantasma, e ele revidou com uma facada direto em seu coração. Dizia-se ainda que ele havia passado algum tempo em instituições e fazendo terapia, mas nada tinha adiantado. Ken dizia não saber nada sobre isso. Perguntei uma vez ao meu pai, mas ele não confirmou, nem negou.

Tentei deixar o passado de lado.

- O que você quer, John?

Eu nunca entendi a amizade de meu irmão com ele. Meus pais também não tinham gostado nem um pouco disto, se bem que Fantasma podia ser encantador com os adultos. Seu ar quase albino - daí o seu apelido - escondia traços suaves. Ele era quase bonito, com cílios longos e queixo quadrado. Ouvi dizer que, depois de se formar, tinha entrado para o exército. Supostamente, havia se alistado em algo clandestino relacionado às Operações Especiais ou aos Boinas-Verdes, uma coisa dessas, mas ninguém podia confirmar.

Fantasma inclinou a cabeça para o lado de novo.

- Onde está o Ken? - perguntou, com aquela voz sedosa, de antes das pancadas.

Não respondi.

- Passei muito tempo fora, pequeno Willie. No exterior.

- Fazendo o quê? - perguntei.

Mostrou seus dentes brilhantes novamente.

- Agora que voltei, pensei em procurar o meu melhor amigo.

Eu não sabia o que responder a ele. Mas, de repente, lembrei-me de estar na varanda na noite anterior. O homem me encarando do outro lado, na extremidade da rua. Tinha sido o Fantasma.

- E então, pequeno Willie, onde posso achá-lo?

- Não sei.

Ele levou a mão à orelha.

- Como é?

- Não sei onde ele está.

- Como é que pode? Ele é seu irmão. Gostava tanto de você.

- O que você quer aqui, John?

- Me diz uma coisa - mostrou os dentes de novo, o que aconteceu com a sua gostosinha do secundário, a Julie Miller? Vocês se amarravam, não é?

Eu o encarei. Ele sustentou o sorriso. Estava brincando comigo. Eu sabia. Ele e Julie, por estranho que pareça, tinham sido bastante chegados. Coisa que eu nunca entendi. Ela ficava dizendo que havia percebido alguma coisa a mais ali, alguma coisa embaixo daquela enorme psicose. Uma vez eu brinquei, dizendo que ela devia ter arrancado algum espinho da pata dele. Fiquei pensando agora como fazer. Cheguei mesmo a pensar em sair correndo, mas sabia que não ia conseguir fugir. Também sabia que não podia fazer frente a ele.

Isto estava me dando uma sensação muitíssimo desagradável.

- Você ficou fora muito tempo? - perguntei.

- Anos, pequeno Willie.

- Então, quando foi a última vez que viu o Ken?

Ele fingiu estar imerso em profundos pensamentos.

- Bem, deve ter sido, vamos ver, há uns doze anos? Fiquei no exterior desde então. Não tivemos contato.

- Sei.
 Ele apertou os olhos.
 - Você parece que está duvidando de mim, pequeno Willie. - Aproximou-se. Tentei não vacilar.
 - Está com medo?
 - Não.
 - O irmãozão não está mais aqui pra te proteger, pequeno Willie.
 - E você não está mais no secundário, John.
 Ele me olhou dentro dos olhos.
 - Acha que o mundo é muito diferente agora?
 Tentei ficar firme.
 - Você parece estar com medo, pequeno Willie.
 - Saia daqui - ordenei.
 Sua resposta foi brusca. Ele caiu no chão e puxou minhas pernas. desabei pesado, de costas.
 Antes que pudesse me mexer, ele já tinha me prendido com uma chave de braço. Já sentia uma pressão tremenda na junta, mas aí ele se levantou de encontro ao meu bíceps. O cotovelo começou a dobrar para o lado contrário. Uma dor profunda apunhalou meu braço.
 Tentei me mover a favor. Ceder. Qualquer coisa para aliviar a pressão.
 Fantasma falou com a voz mais calma que eu jamais ouvira.
 - Diga a ele para parar de se esconder, pequeno Willie. Diga a ele que outras pessoas podem se machucar. Como você. Ou seu pai. Ou sua irmã. Ou quem sabe até aquela chatinha de garotinha Miller que você encontrou hoje. Diga a ele.
 A rapidez de sua mão era sobrenatural. Em um movimento ele libertou meu braço e, com o punho, socou meu rosto com força. Meu nariz explodiu. Rolei de costas no chão, a cabeça rodando, apenas meio consciente. Ou talvez tenha desmaiado. Não sei mais.
 Quando olhei para o alto de novo, ele havia desaparecido.

19

SQUARES ME DEU UM SACO CHEIO DE GELO.

- É, mas eu devia ver o outro cara, é isto?
 - É - falei, pondo o saco no meu nariz bastante dolorido. - Ele parece um herói de televisão.
 Squares sentou no sofá e jogou as botas em cima da mesinha de café.
 - Explique.
 Expliquei.
 - Esse cara parece um príncipe - debochou Squares.
 - Conte que ele torturava animais?
 - Sim.
 - E que ele tinha uma coleção de crânios no quarto?
 - Puxa, isso deve ter impressionado as mulheres.
 - Não entendi. - Retirei o saco. Meu nariz parecia estar entupido com umas moedas amassadas. - Por que o Fantasma está querendo encontrar meu irmão?
 - Uma pergunta e tanto.
 - Acha que devo chamar a polícia?
 Squares deu de ombros.
 - Me diz o nome inteiro dele.
 - John Asselta.
 - Imagino que não saiba onde ele está morando.
 - Acertou.
 - Ele cresceu em Livingston?
 - Cresceu. No Woodland Terrace. Número cinqüenta e sete do Woodland Terrace.
 - Você se lembra do endereço?
 Agora era a minha vez de dar de ombros. Livingston era desse jeito. A gente lembrava desse tipo de coisas.
 - A mãe dele, eu não sei qual era a dela. Ela fugiu ou coisa parecida quando ele era muito pequeno. O pai bebia pra valer. Tinha dois irmãos mais velhos. Um - acho que o nome dele era Sean - era veterano do Vietnã. Usava aquele cabelão comprido e barba toda emaranhada, e a única coisa que fazia era ficar andando pela cidade, falando sozinho. Todo mundo achava que

ele era maluco. O jardim deles parecia um depósito de lixo, cheio de mato. O povo de Livingston não gostava. Os guardas os multavam por isso.

Squares anotou a informação.

- Vou dar uma olhada nisso.

Minha cabeça doía. Tentei me concentrar.

- Tinha alguém assim na sua escola? - perguntei. - Um psicótico que gostava de machucar as pessoas por prazer?

- Tinha - disse Squares. - Eu.

Achei difícil acreditar. Eu sabia, de uma forma imprecisa, que Squares tinha sido um marginal de primeira, mas a idéia de ele ter sido como o fantasma, que eu tremeria ao passar por ele nos corredores, ou que ele partiria uma cabeça e riria do ruído... não combinava.

Tornei a colocar o gelo no nariz, fazendo careta quando encostou.

Squares sacudiu a cabeça.

- Garoto.

- Pena que você nunca tenha pensado em estudar medicina.

- Com certeza seu nariz quebrou - disse ele.

- Pensei nisso.

- Quer ir para o hospital?

- Não, sou uma cara durão.

Deu um riso abafado.

- Eles não iam poder fazer nada. - Então parou, mordeu a bochecha por dentro e disse:

- Surgiu uma coisa nova.

Não gostei do seu tom de voz.

- Recebi um telefonema do seu agente federal favorito, Joe Pistillo.

Retirei o saco de gelo novamente.

- Encontraram a Sheila?

- Não sei.

- O que ele queria?

- Não disse. Só me pediu para levar você até ele.

- Quando?

- Agora. Ele disse que estava me telefonando como um favor.

- Favor pelo quê?

- Como é que vou saber?

- Meu nome é Clyde Smart - disse o homem com a voz mais suave que Edna Rogers já ouvira.

- Sou o médico-legista do condado.

Edna Rogers viu o marido, Neil, cumprimentar o homem. Ela limitou-se a um gesto de cabeça na sua direção. A xerife estava presente. Como também um de seus auxiliares. Todos eles, Edna Rogers pensou, tinham rostos solenes adequados. O homem chamado Clyde estava procurando dizer algumas palavras de consolo. Edna Rogers o fez calar.

Clyde Smart finalmente se encaminhou para a mesa. Neil e Edna Rogers, casados há quarenta e dois anos, ficaram lado a lado e esperaram. Não se tocaram. Não tiravam força um do outro. Haviã-se passado muitos anos desde que um parara de procurar o apoio do outro.

Por fim, o médico parou de falar e puxou o lençol.

Quando Neil Rogers viu o rosto de Sheila, recuou como um animal ferido. Ficou com os olhos para o alto e soltou um grito que fez Edna pensar em um coioe quando uma tempestade está se formando. Ela sabia, pela angústia do marido, mesmo antes de olhar, que não haveria nenhuma alteração, nenhum milagre de última hora. Armazenou toda coragem que tinha e olhou a filha. Estendeu uma mão - o desejo maternal de confortar, mesmo na morte, de nunca desistir -, mas obrigou-a a parar.

Edna continuou a olhar até que sua vista se anuviou, até que ela quase pudesse ver o rosto de Sheila se transformando, os anos recuando depressa, desfolhando, até sua primeira filha ser um bebê novamente, com toda a vida pela frente, dando uma segunda oportunidade para sua mãe acertar.

E então Edna Rogers começou a chorar.

- O QUE ACONTECEU COM O SEU NARIZ? - PERGUNTOU-ME PISTILLO.

Estávamos de volta ao escritório dele. Squares ficou na sala de espera. Sentei-me na cadeira de braços na frente da mesa de Pistillo.

A cadeira dele, notei desta vez, era um pouco mais alta do que a minha, provavelmente por motivos de intimidação. Claudia Fisher, a agente que havia nos procurado na Covenant House, ficou atrás de mim, como os braços cruzados.

- Você devia ter visto o outro cara - eu disse.

- Andou brigando?

- Caí.

Pistillo não acreditou, mas não importava. Colocou as duas mãos sobre a mesa:

- Gostaria que nos contasse tudo de novo - ordenou.

- Contar o quê?

- Como Sheila Rogers desapareceu.

- Vocês a encontraram?

- Tenha um pouco de paciência conosco. - Ele tossiu dentro da mão fechada. - A que horas Sheila deixou seu apartamento?

- Por quê?

- Por favor. Mr. Klein, se o senhor pudesse nos ajudar nisso

- Acho que por volta das cinco da manhã.

- Tem certeza?

- Eu acho. Eu usei a palavra acho.

- Por que tem certeza?

- Eu estava dormindo. Pensei que a tinha ouvido sair.

- Às cinco?

- É.

- Olhou o relógio?

- Esta falando sério? Eu não sei.

- Como, então, ia saber que eram cinco horas?

- Tenho um ótimo relógio interno. Eu não sei. Pode ir em frente?

- Ele fez que sim com a cabeça e se mexeu na cadeira.

- Ms. Rogers deixou um bilhete para o senhor, certo?

- Deixou.

- Onde estava?

- O senhor quer saber em que lugar do apartamento?

- É.

- Que diferença faz?

- Ofereceu-me seu sorriso mais superior.

- Por favor.

- Na bancada da cozinha. É de fórmica, se isso ajuda em alguma coisa.

- O que dizia o bilhete?

- É uma coisa pessoal.

- Mr. Klein.

Suspirei. Não havia motivo para lutar contra ele.

- Ela disse que me amaria para sempre.

- Que mais?

- Só isso.

- Só que ela o amaria para sempre?

- É.

- O senhor ainda tem o bilhete?

- Tenho.

- Posso vê-lo?

- Pode me dizer por que estou aqui?

Pistillo recostou-se.

- Depois de deixar a casa de seu pai, o senhor e Mr. Rogers foram diretamente para o

apartamento?

- A mudança de assunto intrigou.
- Do que o senhor esta falando?
- O senhor foi ao enterro de sua mãe, certo?
- Fui.
- Depois, o senhor e Sheila Rogers voltaram para o apartamento. Foi isso que o senhor nos disse, não foi?
- Foi isso que eu disse.
- E é verdade?
- É.
- O senhor parou no caminho de casa?
- Não.
- Alguém pode confirmar isso?
- Confirmar que eu não parei?
- Confirmar que foram para o seu apartamento e ficaram lá o resto da noite.
- Por que alguém teria de verificar isso?
- Por favor, Mr. Klein.
- Não sei se alguém pode ou não confirmar.
- O senhor falou com alguém?
- Não.
- Algum vizinho viu vocês ?
- Não sei. - Olhei por sobre o ombro para Claudia Fisher. - Por que o senhor não investiga a vizinhança? Não é por esse motivo que o senhor é famoso?
- Por que Sheila Rogers estava no Novo México?
- Eu me voltei para ele.
- Não sei se ela estava.
- Ela nunca disse para onde estava indo?
- Não sei de nada disso.
- E o senhor, Mr. Klein?
- Eu, o quê?
- Conhece alguém no Novo México?
- Eu nem sei o caminho para Santa Fé.
- San Jose - corrigiu-me Pistillo, sorrindo da minha piada sem graça. - Temos uma lista dos telefonemas que o senhor tem recebido.
- Muita gentileza de sua parte.
- Ele deu de ombros.
- Última tecnologia.
- E isto é legal? Gravar meus telefonemas?
- Nós temos um mandado.
- Aposto que tem. Então, o que o senhor quer saber?
- Claudia Fisher moveu-se pela primeira vez. Entregou-me uma folha de papel. Olhei o que me pareceu ser um fotocópia de uma conta telefônica. Um número - um número que não me era familiar - estava destacado em amarelo.
- O seu apartamento recebeu um telefonema feito de Paradise Hill, no Novo México, na noite da véspera do enterro da sua mãe. - Ele se debruçou para mais perto. - De quem foi este telefonema?
- Estudei o número, de novo completamente confuso. A chamada tinha sido feita às seis e quinze da noite. Demorara dezoito minutos. Eu não sabia o que significava, mas não estava gostando do tom da conversa. Levantei os olhos.
- Devo arranjar um advogado?
- Isso fez Pistillo ir mais devagar. Ele e Claudia Fisher trocaram um olhar.
- Você sempre pode arranjar um advogado - disse ele, um pouquinho cuidadoso demais.
- Eu tenho o Squares aqui.
- Ele não é advogado.
- Não importa. Não sei que diabo está acontecendo, mas eu não gosto dessas perguntas. Vim aqui porque pensei que o senhor tivesse alguma informação para me dar. Em vez disso, estou sendo interrogado.
- Interrogado? - Pistillo espalmou as mãos. - Estamos apenas batendo papo.
- Um telefone tocou atrás de mim.

Claudia Fisher passou a mão no seu celular rapidamente, à maneira de Wyatt Earp. Colocou no ouvido e disse: "Fisher". Depois de ouvir por um minuto, desligou sem se despedir. Então fez um sinal para Pistillo, como se fosse uma confirmação.

Levantei-me.

- Para mim chega.

- Sente-se, Mr. Klein.

- Estou cansado dessas suas besteiras, Pistillo, estou cansado de...

- O telefonema - interrompeu Pistillo.

- O que tem?

- Sente-se, Will.

Ele usou meu prenome. Não gostei do que ouvi. Fiquei onde estava e esperei.

- Só estávamos esperando pela confirmação visual.

- Do quê?

Ele não respondeu.

- Trouxemos os pais de Sheila Rogers de Idaho. Eles tornaram a identificação oficial, apesar de as digitais já nos terem dito tudo que queríamos saber.

Seu rosto amaciou-se. Meus joelhos dobraram, mas deu um jeito de fica de pé. Agora ele me olhou com os olhos pesados. Comecei a balançar a cabeça, eu sabia que não havia jeito de me livrar do golpe.

- Desculpe, Will - disse Pistillo. - Sheila Rogers está morta.

21

A NEGAÇÃO É UMA COISA ESPANTOSA.

Mesmo enquanto sentia meu estômago se retorcer e cair, mesmo enquanto sentia o calafrio expandir-se a partir do centro, mesmo enquanto sentia as lágrimas forçando passagem por meus olhos, de certa maneira, conseguia me manter desligado. Concordeava com a cabeça enquanto me concentrava nos poucos detalhes que Pistillo estava disposto a me passar. Ela tinha sido atirada numa vala à beira de uma estrada em Nebraska, me disse ele. Concordei. Ela havia sido morta - para usar as palavras de Pistillo - "de uma forma bastante brutal". Concordei um pouco mais. Fora encontrada sem nenhuma identificação, mas as digitais tinham combinado e os pais de Sheila tinham vindo de avião para reconhecer o corpo oficialmente. Concordei.

Não me sentei. Não chorei. Fiquei perfeitamente imóvel. Senti que algo dentro de mim enrijecia e crescia. Fazia pressão em minha caixa torácica, tornava a respiração quase impossível. Ouvi suas palavras como se fossem ditas de longe, através de um filtro, ou como se viessem de dentro d'água. Tinha lembranças de um simples momento: Sheila lendo em nosso sofá, o corpo esticado. Vi a concentração de seu rosto, o jeito de seus olhos se apertarem ao ler certos trechos, o jeito de erguer os olhos e sorrir ao se dar conta de que eu a estava olhando. Sheila estava morta.

Eu ainda estava lá, com Sheila, de volta ao nosso apartamento, agarrando-me à fumaça, tentando me agarrar ao que já não existia mais, quando as palavras de Pistillo cortaram a névoa.

- Você devia ter cooperado, Will.

Vim à superfície, como se de um sono.

- Quê?

- Se tivesse nos dito a verdade, talvez pudéssemos tê-la salvo.

Depois disso, só me lembro de já estar na van.

Squares alternava socos na direção e juras de vingança. Eu nunca o vira tão agitado. Minha reação fora exatamente oposta. Era como se alguém tivesse me desligado da tomada. Fiquei olhando pela janela. Ainda continuava a não aceitar, mas começava a sentir a realidade socando de encontro às paredes. Pensei no tempo que levaria antes de as paredes cederem sob as investidas.

- Vamos pegá-lo - disse Squares mais uma vez.

Por um momento, não dei importância.

Paramos em fila dupla diante do meu prédio. Squares saltou.

- Vou ficar bem - eu disse.

- Mesmo assim, vou subir com você. Quero te mostrar uma coisa.

Concordei, insensível.

Quando entramos, Squares botou a mão no bolso e tirou um revólver. Vasculhou o apartamento, o revólver na mão. Não havia ninguém. Ele me entregou a arma.

- Tranque a porta. Se aquele safado filho-da-mãe aparecer, passa fogo nele.

- Eu não preciso disso.

- Passa fogo nele - repetiu.

Fiquei olhando o revólver.

- Quer que eu fique? - perguntou.

- Acho que vou ficar melhor sozinho.

- Certo, tudo bem, mas se precisar de mim, ligue no celular. Vinte e quatro, sete.

- Certo. Obrigado.

Ele saiu sem dizer mais nenhuma palavra. Deixei o revólver em cima da mesa. Depois, vasculhei todo o apartamento. Não havia nada de Sheila em lugar nenhum. O cheiro dela se desvanecera. O ar parecia mais rarefeito, menos substancial. Eu queria fechar todas as janelas e todas as portas, trancá-las sob tábuas firmes, tentar preservar alguma coisa dela.

Alguém tinha assassinado a mulher que eu amava.

Pela segunda vez?

Não. O assassinato de Julie não era a mesma coisa que este. Nem de longe. A negação continuava ali, mas uma voz estava murmurando por entre as frestas: nada seria o mesmo novamente. Isso eu sabia. E não me recuperaria dessa vez. Há golpes que nos atingem, mas depois conseguimos nos erguer - como o que aconteceu em Ken e Julie. Mas esse era diferente. Muitos sentimentos ricocheteavam por mim. Mas o predominante era o desespero.

Eu nunca mais estaria com Sheila. Alguém tinha assassinado a mulher que eu amava.

Concentrei-me na segunda parte. Assassinada. Pensei no seu passado, no inferno que ela devia ter passado. Pensei na valentia com que ela havia lutado, e pensei em como alguém - provavelmente do seu passado - tinha se colocado sorrateiramente atrás dela e roubado tudo.

A raiva começou a se infiltrar também.

Fui até a mesa, abaixei-me, procurei no fundo da gaveta de baixo. Peguei uma caixa forrada de veludo, respirei fundo e abri.

O anel de brilhante era de um ponto três quilates, de tonalidade G, classificação VI, todo ele lapidado. O aro de platina era simples, com duas baguetes retangulares. Tinha comprado numa loja no quarteirão das jóias na Rua 47, há dois anos. Só havia mostrado para a minha mãe, e planejei fazer o pedido de casamento, para que ela pudesse ver. Mas minha mãe não teve mais dias bons depois daquilo. Esperei. Mesmo assim, consolava-me o fato de ela saber que eu havia encontrado alguém, alguém que ela mais do que aprovava. Eu só estava esperando pela hora certa - mas com minha mãe morrendo e tudo mais - para entregá-lo a Sheila.

Sheila e eu nos amávamos. Eu teria feito o pedido de uma forma antiquada, sem jeito, quase original, e os olhos dela estariam marejados e ela teria dito sim e me abraçado. Teríamos casado e sido companheiros a vida inteira. Teria sido ótimo.

Mas alguém me tinha tirado tudo isto.

O muro da negação começou a vergar e rachar. A dor espalhou-se sobre mim, arrancando o alento dos meus pulmões. Caí pesado numa cadeira e encolhi meus joelhos de encontro ao peito. Balancei-me para a frente e para trás e comecei a chorar, a chorar de verdade, com lamentos da mais profunda dor, de cortar a alma.

Não sei por quanto tempo solucei. Depois de algum tempo, forcei-me a parar. Foi quando decidi que ia enfrentar a dor. A dor imobiliza. A fúria, não. E a fúria estava ali também, latente, à espera de uma abertura.

Deixei-a entrar.

QUANDO KATY MILLER OUVIU O PAI ERGUER A VOZ, PAROU À PORTA.

- Por que você foi lá? - gritou ele.

Sua mãe e seu pai estavam no antigo quarto dos brinquedos. O local, como o restante da casa, era semelhante aos quartos de hotéis. A mobília era funcional, brilhante, resistente, inteiramente desprovida de aconchego. Os quadros na parede eram ilustrações inconseqüentes de navios à vela e naturezas-mortas. Não havia bibelôs, lembranças de férias, nenhuma coleção de nada, tampouco fotos de família.

- Fui fazer uma visita de pêsames - disse sua mãe.

- Por que raios você foi fazer uma coisa dessas?

- Porque achei que era a coisa certa para fazer.

- A coisa certa? O filho dela matou a nossa filha!

- O filho dela - Lucille Miller repetiu. - Não ela.

- Não me venha com essas besteiras. Foi ela quem o educou.

- Isso não faz dela a responsável.

- Você não acreditava nisso antigamente.

Sua mãe manteve-se empertigada.

- Acreditei durante muito tempo. Só não disse nada.

Warren Miller virou-se e começou a caminhar.

- E aquele grosso te expulsou?

- Ele está sofrendo. Ele apenas explodiu.

- Não quero que volte lá - ordenou, agitando um indicador impotente. - Está me ouvindo? Ao que sabemos, ela ajudou aquele filho-da-mãe a se esconder.

- E daí?

Katy conteve a respiração. A cabeça de Mr. Miller voltou-se de um tranco.

- O quê?

- Ela era a mãe dele. Nós teríamos agido de outra forma?

- Não diga besteira.

- Se não tivéssemos outra escolha. Se Julie tivesse matado Ken e precisasse se esconder. O que você faria?

- O que está dizendo é um absurdo!

- Não, Warren. Não estou dizendo. Eu quero saber. Quero saber se os papéis fossem invertidos, o que faríamos? Teríamos entregado Julie à polícia? Ou tentaríamos salvá-la?

Quando seu pai se virou, deu com Katy parada à porta. Seus olhos se encontraram e, pela enésima vez na vida, ele não pôde sustentar o olhar da filha. Sem dizer mais nada, Warren foi para cima, furioso. Entrou no novo "quarto de computador" e fechou a porta. O "quarto de computador" era o antigo quarto de Julie. Durante nove anos ficara exatamente como era no dia em que ela morreu. Então um dia, sem avisar ninguém, seu pai entrou no quarto, empacotou e guardou tudo. Pintou as paredes de branco e comprou um novo computador na Ikea. Agora era o quarto do computador. Muitos acharam que isto era sinal de que uma etapa tinha acabado ou que, pelo menos, agora era ir em frente. Mas a verdade era exatamente o oposto. A ação fora toda forçada, um moribundo mostrando que podia levantar da cama, quando toda realidade o tinha feito piorar. Katy nunca estava lá. Agora que o quarto não tinha mais nenhum sinal tangível da Julie, seu espírito parecia, de certa forma, mais agressivo ainda. Confiamos mais em nosso espírito do que em nossos olhos. Evocamos o que nunca deveríamos ver.

Lucille Miller foi para a cozinha. Katy a seguiu em silêncio. Sua mãe começou a lavar os pratos. Katy ficou olhando, desejando - também pela enésima vez - que pudesse dizer alguma coisa que não magoasse sua mãe ainda mais profundamente. Seus pais nunca falavam com ela a respeito de Julie. Nunca. Ao longo daqueles anos todos, ela os surpreendera falando sobre o crime talvez uma meia dúzia de vezes.

Acabava sempre assim. Em silêncio e lágrimas.

- Mamãe?

- Está tudo bem, querida.

Katy chegou mais perto. Sua mãe esfregou a louça com mais força. Katy notou que os cabelos de sua mãe tinham mais fios grisalhos. Sua costas estavam um pouquinho mais curvadas, o tom de pele mais baço.

- A senhora teria? - perguntou Katy.

Sua mãe não disse nada.

- Teria ajudado Julie a fugir?

Lucille Miller continuava esfregando. Encheu a máquina de lavar louça. Jogou o detergente e ligou. Katy esperou mais alguns instantes. Mas sua mãe não dizia nada.

Katy subiu, pé ante pé. Ouviu soluços angustiados do pai vindo do quarto do computador. O som era abafado pela porta, mas não o suficiente. Katy parou e pousou a mão na madeira. Pensou que talvez pudesse sentir as vibrações. Os soluços de seu pai eram sempre totais, tomavam conta de todo o seu corpo. Sua voz embargada implorava "Por favor, chega" sem parar, como se pedisse a um torturador invisível que lhe metesse uma bala na cabeça. Katy ficou parada e escutou, mas o barulho não cessava.

Depois de algum tempo, afastou-se. Foi para seu quarto. Lá, botou alguma roupa numa mochila e se preparou para acabar com aquilo de uma vez por todas.

Eu ainda estava sentado no escuro com meus joelhos de encontro ao peito.

Era quase meia-noite. Verifiquei quem tinha telefonado. Habitualmente, teria desligado o telefone, mas a não aceitação ainda era bastante forte para me fazer desejar que Pistillo me telefonasse e dissesse que tudo não passava de um grande engano. A cabeça faz dessas coisas. Tenta descobrir uma saída. Faz acordos com Deus. Faz promessas. Tenta se convencer de que talvez haja uma prorrogação, que talvez tudo seja um sonho, o mais mórbido de todos os pesadelos e que, de alguma forma, podemos encontrar nosso caminho de volta.

Tinha atendido ao telefone só uma vez e era o Squares. Disse que os garotos da Covenant House queriam organizar uma celebração religiosa para Sheila, amanhã. Estava bem? Respondi que Sheila iria gostar muito.

Olhei pela janela. A van deu a volta no quarteirão de novo. Sim. Era o Squares. Protegendo-me. Tinha passado a noite toda vigiando. Sabia que ele nunca ficaria longe demais. Provavelmente esperava que surgisse algum problema para que pudesse descarregar em cima de alguém. Lembrei-me do Squares comentando que ele não tinha sido nada diferente do Fantasma. Pensei no poder do passado e no que Squares havia suportado, e no que Sheila havia suportado, e me admirei por eles terem conseguido encontrar forças para nadar contra a corrente.

O telefone tocou de novo.

Olhei meu copo de cerveja. Não era meu gênero solucionar problemas bebendo. Quase desejei que fosse. Queria ficar inteiramente entorpecido agora, mas o oposto estava acontecendo. Minha pele estava sendo arrancada para que eu pudesse sentir tudo. Meus braços e minhas pernas ficaram impossivelmente pesados. Tive a sensação de estar afundando, me afogando, de que eu estava sempre alguns centímetros da superfície, minhas pernas presas por mãos invisíveis, incapaz de se libertar.

Esperei a secretária eletrônica atender. Depois do terceiro sinal ouvi um estalido e minha voz disse para deixar um recado gravado depois do bip. Quando o bip soou, ouvi um voz quase familiar.

- Mr. Klein?

Sentei-me. A voz feminina tentou sufocar no soluço.

- Quem esta falando aqui é Edna Rogers, mãe de Sheila.

Minha mão avançou num tranco e pegou o aparelho.

- Estou aqui - anunciei.

A resposta dela foi chorar. E comecei a chorar também.

- Não pensei que fosse doer tanto - disse ela, depois de algum tempo.

Sozinho no que havia sido o nosso apartamento, comecei a balançar o corpo, como se ninando a mim mesmo.

- Tirei-a de minha vida há tanto tempo - continuou Mrs. Rogers. - Ela não era mais a minha filha. Eu tinha outros filhos. Ela tinha ido embora. Para sempre. Não era isso que eu queria. Mas

foi assim que aconteceu. Até quando o chefe de polícia veio à minha casa, até quando disse que ele estava morta, não tive a menor reação.

Concordei com a cabeça e fiquei dura, o senhor entende?

Eu não entendia. Não disse nada. Só ouvi.

- E aí eles me trouxeram para cá. Para Nebraska. Disseram que já tinham as impressões digitais, mas precisavam de alguém da família que a identificasse. Então Neil e eu pegamos um carro, seguimos para o aeroporto em Boise e voamos pra cá. Trouxeram-nos para esta delegacia pequena. Na TV, sempre que vemos fazerem tudo atrás de uma separação envidraçada. O senhor sabe, não é? Eles ficam do lado de fora, trazem o corpo numa maca com rodas e é tudo atrás de um vidro. Mas aqui não. Eles me levaram àquele escritório e lá estava... aquela forma coberta com um lençol. Não estava nem ao menos numa maca. Estava numa mesa. Então o homem puxou o lençol e vi o rosto dela. Pela primeira vez em catorze anos eu vi o rosto dela. Pela primeira vez em catorze anos eu vi o rosto de Sheila.

Ela se desorientou. Começou a chorar e, por muito tempo, não conseguia parar. Fiquei com o aparelho no ouvido e esperei.

- Mr. Klein? - recomeçou.

- Me chame de Will, por favor.

- Você a amava, Will, não é?

- Muito.

- E a fez feliz?

Pensei no anel de brilhante.

- Espero que sim.

- Vou passar a noite em Lincoln. Quero pegar o avião para Nova York amanhã de manhã.

- Que bom. - Contei a ela da celebração religiosa.

- Teremos tempo para conversar depois? - perguntou.

- Claro.

- Tem umas coisas que eu gostaria de saber - disse ela. E umas outras, algumas duras, que tenho que te contar.

- Não sei se estou entendendo bem.

- Te vejo amanhã, Will. Então conversaremos.

Uma pessoa foi me visitar naquela noite.

À uma da manhã a campainha tocou. Pensei que fosse o Squares. Dei um jeito de sair da cama, me arrastei pelo quarto. Aí me lembrei do Fantasma. Olhei para trás. O revólver estava em cima da mesa. Parei.

A campainha tocou de novo.

Sacudi a cabeça. Não. Eu ainda não estava inteiramente consciente. Pelo menos, ainda não. Fui até a porta, espiei pelo olho mágico. Mas não era o Squares, nem o Fantasma.

Era o meu pai.

Abri a porta. Ficamos parados e nos olhamos como se estivéssemos a uma grande distância um do outro. Ele estava sem fôlego. Estava com os olhos inchados, vermelhos. Fiquei parado lá, sem me mover, sentindo que tudo dentro de mim entrava em colapso. Ele me cumprimentou com a cabeça, estendeu os braços, pedindo para que eu me aproximasse. Cedi ao seu abraço. Pressionei meu rosto contra seu casaco. Senti cheiro de velhice e de molhado. Ele me silenciou, acariciou meu cabelo e puxou-me para perto. Senti minhas pernas bambearam. Mas não escorreguei. Meu pai me sustentou de pé. Ficou segurando-me durante muito tempo.

LAS VEGAS

MORTY MEYER DIVIDIU O MAÇO. FEZ SINAL PARA A CARTEADORA DAR-LHE DUAS cartas. A primeira era um nove, a segunda um ás. Dezenove na primeira mão. E vinte e um.

Estava ganhando uma bolada. Oito mãos seguidas a seu favor, doze das últimas treze - perfazendo sólidos onze mil dólares. Morty estava numa maré de sorte. Aquela indefinível excitação do vencedor formigava-lhe os braços e as pernas. Sensação deliciosa. Não existia nada igual. Jogo. Morty aprendera que o jogo era a tentação máxima. Corremos atrás dela, ela nos

rechaça, rejeita, nos desgraça e, então, quando estamos prontos para desistir, coloca sua mão quente em nosso rosto, a caricia-nos suavemente, e é uma sensação tão gostosa, mas tão gostosa...

A carteadora estourou. Ah, sim, vencera de novo. A carteadora, uma alemã com cabelos como feno, muito bem tratados, recolheu as cartas e entregou-lhe as fichas. Morty estava ganhando. E apesar do que todos aqueles idiotas dos Jogadores Anônimos tentavam espalhar, era possível ganhar num cassino, sim. Alguém tinha que ganhar, não tinha? Olha só as probabilidades, pelo amor de Deus! A casa não pode vencer todo mundo. Que diabo, ainda podemos jogar dados apostando com a casa. Assim, é claro que algumas pessoas ganhavam. Algumas iam para casa com dinheiro no bolso. Tinha de ser. Era impossível ser diferente. Dizer que ninguém ganhava fazia parte das asneiras exageradas dos Jogadores Anônimos que deixavam a organização sem a menor credibilidade. Se eles começam mentindo para nós, como é que vamos confiar na ajuda deles?

Morty jogava em Las Vegas, Las Vegas - a verdadeira Las Vegas, a cidade em si, nada daquele comércio nas calçadas cheias de turistas passeando, usando falsas camurças e sapatos de sola crepe, nada de assovios, berros ou guinchos de alegria, nada de falsas Estátuas da Liberdade, ou Torre Eiffel, nada de Cirque du Soleil, nada de montanha-russa, nada de filmes em três dimensões ou roupas de gladiadores, nada de fontes dançantes ou vulcões de mentira ou galerias cheias de atrações para adolescentes. Este era o centro de Las Vegas. Era aqui que homens encardidos com quase nenhum dinheiro no bolso, a poeira de suas caminhonetes ainda brotando deles a cada curvatura dos ombros, era aqui que perdiam seus parcos salários. Os jogadores aqui tinham olhos turvos, exaustos, rostos lanhados de rugas, suas vidas duras estorricadas pelo sol. Um homem vinha aqui depois de se escravizar em um trabalho que odiava porque não queria voltar para casa, para o trailer onde morava ou coisa equivalente, seu lar com uma TV quebrada, crianças pequenas aos berros, a mulher desleixada que costumava fazer-lhe agrados na traseira daquela caminhonete e que agora o olhava com repulsa declarada. Ele trazia consigo o que conhecia de mais parecido com esperança, com um fiapo de certeza de que estava perto da aposta certa que poderia modificar sua vida. Mas a esperança jamais durava. Morty nem tinha certeza de que jamais estivera realmente presente. No fundo, os jogadores sabiam que não iria acontecer nunca. Eles sempre estariam esperando pelo chute da sorte, só que só levavam ponta-pés. Estavam destinados a uma vida de desapontamentos, na qual iriam relaxar com os rostos para sempre pressionados contra o vidro.

A mesa mudou de carteador. Morty recostou-se. Olhou seu lucro e a velha sombra passou sobre ele novamente.

Sentia falta da Leah. Algumas vezes ele acordava e se virava para ela, e quando se lembrava a tristeza o consumia. Ele não conseguia se levantar da cama. Agora olhava para aqueles homens encardidos naquele cassino. Quando era mais moço, Morty o chamava de perdedores. Mas sempre tinham uma desculpa para estarem ali. Eles bem que podiam ter nascido com o P de perdedor marcado a fogo no traseiro. Os pais de Morty, imigrantes vindo de um Shtetl* na Polônia, haviam se sacrificado por ele. Tinha se esgueirado para entrar nesse país, enfrentando penúrias terríveis à distância de um oceano que lhes era familiar; lutaram com unhas e dentes para que seu filho tivesse uma vida melhor. Desgastaram-se e morreram cedo, agüentando tempo suficiente para ver Morty se formar na escola de medicina, ver que sua luta significara alguma coisa, havia guiado a trajetória genealógica para melhor, agora e sempre. Morreram em paz.

Morty tirou um seis e um sete. Pediu carta e tirou um dez. Estourou. Perdeu a mão seguinte também. Diabo. Ele precisava daquele dinheiro. Locani, um agenciador de apostas famoso por quebrar as pernas dos maus jogadores, queria dinheiro vivo. Morty, o perdedor dos perdedores, quando pensamos nisto, o tinha driblado oferecendo informações. Tinha falado a Locani a respeito de um mascarado e de uma mulher ferida. De início Locani pareceu não ligar, mas o boato correu, e de repente alguém quis saber os detalhes.

* Shtetl - assentamentos judaicos nas Europas Central e Oriental. (N. do T.)

Morty contou a eles quase tudo.

Ele não contou, e não contaria, a respeito do passageiro no assento traseiro. Ele não fazia

idéia do que estava acontecendo, mas havia coisas que nem ele faria. Não importa quão fundo tivesse caído, Morty não diria nada a eles a este respeito.

Tirou dois ases. Cortou-os. Um homem sentou-se ao seu lado. Morty sentiu mais do que viu. Sentiu-o em seus velhos ossos, como se o homem fosse uma frente fria que se aproximava. Não voltou a cabeça, com medo até mesmo de olhar, por mais irracional que isso possa parecer.

O carteador deu as cartas. Um rei e um valete. Morty fizera dois vinte e um.

O homem debruçou-se mais perto e cochichou:

- Pare enquanto estiver ganhando, Morty.

Morty voltou-se lentamente e viu um homem com olhos de um cinzento esmaecido, uma pele que ia além do branco, translúcida demais, na verdade, de tal maneira que dava a impressão de poder ver todas as veias. O homem sorriu.

- Deve estar na hora - o cochicho prateado continuou - de trocar as suas fichas.

Morty tentou não tremer.

- Quem é você? O que quer?

- Temos que conversar - disse o homem.

- A respeito de quê?

- De uma paciente que, recentemente, visitou sua clínica tão considerada.

Morty engoliu em seco. Por que tinha trombeteado para o Locani? Devia tê-lo driblado com alguma coisa, qualquer coisa.

- Eu já disse tudo o que sabia.

O homem pálido empinou a cabeça.

- Contou, Morty?

- Conte.

Aqueles olhos mortícios caíram duros sobre ele. Nenhum dos dois falou ou se moveu. Morty sentiu o rosto enrubescer. Tentou se aprumar, mas sentia-se murchar sob aquele olhar.

- Acho que não, Morty. Acho que está escondendo alguma coisa.

Morty não disse nada.

- Quem estava no carro aquela noite?

Olhou suas fichas e tentou não tremer.

- Do que você está falando?

- Tinha outra pessoa, não tinha, Morty?

- Quer me deixar em paz, por favor? Estou ganhando uma bolada.

Levantando-se da cadeira, o Fantasma sacudiu a cabeça.

- Não, Morty - disse ele, tocando no braço gentilmente. - Eu diria que sua sorte está para mudar para pior.

A CELEBRAÇÃO RELIGIOSA FOI REALIZADA NO AUDITÓRIO DA COVENANT HOUSE.

Squares e Wanda sentaram-se à minha direita, meu pai à minha esquerda. Meu pai ficou com o braço por trás de mim, e às vezes esfregava minhas costas. Era agradável. O salão estava cheio, em sua maioria com garotos. Eles me abraçaram e choraram e me disseram como sentiriam falta de Sheila. A celebração durou quase duas horas. Terrell, um garoto de catorze anos que andara se vendendo por dez dólares por vez, tocou no trompete uma canção que compusera em sua memória. Era o som mais triste e mais doce que eu jamais ouvira. Lisa, de dezessete anos e com um diagnóstico de transtorno bipolar, falou de como Sheila havia sido a única pessoa com quem ela pôde conversar quando ficou sabendo que estava grávida. Sammy contou uma história engraçada de como Sheila tentou ensiná-lo a dançar aquela "droga de música de garota branca". Jim, de dezesseis anos, contou aos presentes que já havia desistido de si mesmo, já estava a ponto de se suicidar e, quando Sheila sorriu para ele, deu-se conta de que havia realmente o bem neste mundo. Sheila convenceu-o a ficar por mais um dia. E mais outro.

Deixei a dor de lado e ouvi atentamente, porque aqueles jovens mereciam. Aquele lugar significava muito para mim. Para nós. E quando tínhamos dúvidas quanto ao nosso sucesso, a

respeito do quanto estávamos ajudando, sempre lembrávamos que tudo era por causa da garotada. Eles não eram carinhosos. A maioria não era atraente, difícil de amar. A maioria viveria vidas terríveis e acabaria nas ruas, na cadeia ou mortos. Mas isso não significava que desistiríamos. Significava exatamente o contrário; de fato significava que deveríamos amá-los ainda mais. Incondicionalmente. Sem hesitar. Sheila sabia disso. Era importante para ela.

A mãe de Sheila - pelo menos, achei que fosse Mrs. Rogers - chegou uns vinte minutos atrasada à cerimônia. Era uma mulher alta. Seu rosto tinha o ar seco e frágil de algo que fora deixado muito tempo ao sol. Nossos olhos se encontraram. Ela me olhou com uma pergunta e eu fiz sinal que sim. À medida que a cerimônia prosseguia, eu me voltava e a olhava de vez em quando. Ela estava perfeitamente imóvel, ouvindo as palavras a respeito da filha com algo que se aproximava do espanto.

Em certo momento, quando nos levantamos como numa congregação, vi algo que me surpreendeu. Eu tinha estado olhando aquele mar de rostos familiares quando dei com uma figura conhecida com um lenço cobrindo-lhe o rosto.

Era Tanya.

A mulher marcada que "cuidava" daquele lixo do Louis Castman. De novo, presumi que fosse Tanya. Estava quase certo. O mesmo cabelo, a mesma altura, e apesar de a maior parte do rosto estar encoberto, ainda podia ver algo de familiar em seus olhos. Eu não tinha realmente pensado antes, é claro que havia a chance de ela e Sheila terem se conhecido na época em que ambas trabalhavam nas ruas.

Sentamos novamente.

Squares falou por último. Foi eloqüente e engraçado, e trouxe Sheila de volta à vida de um jeito que eu jamais conseguiria. Ele disse à garotada que Sheila tinha sido "uma de vocês", uma fugitiva lutadora, que tinha combatido seus próprios demônios. Lembrava-se do primeiro dia dela ali. Lembrava-se de como Sheila tinha florescido. Principalmente, disse, lembrava-se de tê-la visto se apaixonar por mim.

Senti-me vazio. Meu interior tinha sido escavado e, de novo, senti o golpe de compreender que esta dor seria permanente, que eu podia ser evasivo, que eu podia correr ao redor, investigar e cavar por uma verdade interior, mas no final nada mudaria. Minha tristeza estaria sempre do meu lado, minha companheira constante em lugar de Sheila.

Quando a cerimônia terminou, ninguém sabia exatamente o que fazer. Todos ficamos sentados durante um momento constrangedor, ninguém se moveu, até Terrell começar a tocar o trompete de novo. As pessoas se levantaram. Choraram e me abraçaram outra vez. Não sei por quanto tempo fiquei lá, aceitando tudo aquilo. Estava grato pelo extravasamento, mas isso me fazia sentir falta de Sheila. O entorpecimento passou porque tudo era doloroso demais. Sem estar entorpecido eu não conseguiria suportar.

Procurei por Tanya, mas ela já havia ido embora.

Alguém comunicou que havia café na copa. Os presentes, lentamente, dirigiram-se para lá. Localizei a mãe de Sheila de pé, num canto, as duas mãos agarrando uma bolsa pequena. Ela parecia consumida, como se toda a vitalidade tivesse escoado por sua boca aberta. Encaminhei-me em sua direção.

- Você é Will? - perguntou ela.

- Sim.

- Sou Edna Rogers.

Não nos abraçamos nem nos beijamos, nem ao menos nos demos às mãos.

- Onde podemos conversar? - perguntou ela.

Levei-a pelo corredor na direção das escadas. Squares percebeu que queríamos ficar sozinhos e evitar encontrar os visitantes. Passamos pela ala de especialidades médicas, pelos escritórios de psiquiatria, pelas áreas de tratamento de drogas. Muitas de nossas hóspedes são mães

recentes ou estão esperando bebê. Tentamos ajudá-las também. E, é claro, uma boa quantidade tem problemas com drogas. Fazemos o que podemos nesse setor também.

Encontramos um dormitório vazio e entramos. Fechei a porta. Mrs. Rogers deu-me as costas.

- Foi uma cerimônia muito linda - disse ela.

Concordei.

- A Sheila mudou. - Parou, meneou a cabeça. - Eu não fazia idéia. Gostaria de ter visto de perto. Gostaria que me tivesse procurado e contado.

Eu não sabia o que dizer.

- Sheila nunca me deu um segundo de orgulho enquanto estava viva. - Edna Rogers arrancou um lenço da bolsa como se alguma coisa dentro dela estivesse lutando. Assoou com força o nariz e guardou o lenço. - Sei que pode parecer falta de caridade. Ela era uma criança linda. E foi tão bem no primário. Mas no meio do caminho - olhou para o outro lado, deu de ombros - ela mudou. Ficou dura. Sempre se queixando. Sempre infeliz. Roubava dinheiro da minha bolsa. Fugiu não sei quantas vezes. Não tinha amigos. Os garotos a aborreciam. Ela odiava a escola. Odiava viver em Mason. Então, um dia, largou a escola e fugiu. Só que desta vez ela não voltou.

Ela me olhou como se esperando uma resposta.

- A senhora nunca mais a viu? - perguntei.

- Nunca.

- Eu não entendo. O que aconteceu?

- O senhor quer saber o que a fez fugir de vez?

- É.

- Talvez o senhor pense que foi por algum motivo muito sério, certo? - Sua voz estava mais alta agora, desafiadora. - Que o pai tenha abusado dela. Ou que eu, a tenha espancado. Uma coisa dessas explicaria tudo. É assim que funciona. Tudo muito claro e em ordem. Causa e efeito. Mas não foi nada disso. O pai dela e eu não éramos perfeitos. Longe disso. Mas também não foi culpa nossa.

- Não quis sugerir...

- Sei o que estava sugerindo.

Seus olhos esbrasearam-se. Espremeu os lábios e olhou-me desafiadoramente. Eu quis mudar de assunto.

- Sheila telefonava para a senhora?

- Telefonava.

- Sempre?

- A última vez foi há três anos.

Ela parou, esperando que eu continuasse.

Perguntei:

- Onde ela estava quando telefonou?

- Ela não quis me dizer.

- O que ela disse?

Desta vez ela levou muito tempo para responder. Edna Rogers começou a caminhar pelo quarto, olhando para as camas e as cômodas. Amaciou um travesseiro e ajeitou um lençol num canto da cama.

- Uma vez a cada seis meses Sheila telefonava para casa. Em geral estava drogada ou bêbada, não importa. Ficava muito agitada. Chorava, eu chorava e ela dizia coisas horríveis.

- Como o quê?

Ela sacudiu a cabeça.

- Lá embaixo. O que aquele homem com a tatuagem na testa disse. A respeito de vocês dois se encontrarem aqui e se apaixonarem. É verdade?

- É.

Ela empertigou-se e me olhou. Seus lábios curvaram-se no que poderia ser interpretado como um sorriso.

- Então - disse ela, e eu ouvi alguma coisa insinuar-se na sua voz - Sheila estava dormindo com o patrão.

Edna Rogers curvou o sorriso mais um pouco e era como se eu estivesse olhando para outra pessoa.

- Ela era voluntária - afirmei.

- Sei, sei. E para que exatamente se ofereceu para ser sua voluntária, Will?

Senti um tremor escorrer por minhas costas abaixo.

- Ainda está querendo me julgar? - perguntou.

- Acho que a senhora deve se retirar.

- Você não agüenta a verdade, não é? Você acha que eu sou algum tipo de monstro. Que desisti de minha filha por nenhum motivo importante.

- Não cabe a mim dizer.

- Sheila era uma garota miserável. Ela mentia. Ela roubava...

- Talvez eu esteja começando a compreender - eu disse.

- A compreender o quê?

- Por que ela fugiu.

Ela lançou-me um olhar feroz.

- Você não a conhecia. E ainda não a conhece.

- A senhora não ouviu nada do que foi dito lá embaixo?

- Ouvi. - Sua voz ficou mais macia. - Mas nunca conheci esta Sheila. Ela nunca me deixou. A Sheila que eu conheci...

- Com todo o respeito, não estou disposto a ouvir a senhora enxovalhar a Sheila desse jeito. Edna Rogers parou. Fechou os olhos e sentou-se na beirada de uma cama. O quarto ficou quietíssimo.

- Não foi pra isso que vim aqui.

- Por que veio, então?

- Pra começar, queria ouvir alguma coisa boa.

- E ouviu - enfatizei.

Ela concordou.

- Ouvi, sim.

- Que mais a senhora quer?

Edna Rogers ficou de pé. Caminhou para mim e eu lutei contra a vontade de me afastar. Olhou-me direto nos olhos.

- Vim por causa de Carly.

Esperei. Como ela não continuou, eu disse:

- A senhora falou esse nome ao telefone.

- Falei.

- Eu não conhecia nenhuma Carly naquela hora e não conheço nenhuma agora.

Ela me mostrou aquele sorriso cruel, curvo.

- Você não está mentindo para mim, está, Will?

Senti outro tremor.

- Não.

- Sheila nunca tocou nesse nome, Carly?

- Não.

- Tem certeza?

- Tenho. Quem é ela?

- Carly é a filha de Sheila.

Fiquei estarelecido. Edna Rogers viu minha reação. Pareceu gostar.

- A sua linda voluntária nunca disse que tinha uma filha, disse?

Eu não disse nada.

- Carly tem doze anos agora. Não, eu não sei quem é o pai. Acho que a Sheila também não sabia.

- Não estou entendendo.

Ela abriu uma bolsa e tirou uma fotografia. Mostrou-me. Era um daqueles retratos de recém-nascidos, tirado nos hospitais. Um bebê enrolado num cobertor, os olhos fechados, sem ver nada. Olhei no verso. Estava escrito à mão "Carly". A data do nascimento anotada embaixo. Minha cabeça começou a girar.

- A última vez que Sheila me telefonou foi quando Carly fez nove anos. Ela falou comigo. A Carly, quero dizer.

- Onde ela está?

- Não sei - anunciou Edna Rogers. - É por isso que estou aqui, Will. Quero encontrar a minha neta.

QUANDO VOLTEI PARA CASA, CAMINHANDO MEIO ESTONTEADO, KATY MILLER ESTAVA sentada junto à porta do meu apartamento, a mochila entre as pernas abertas em ângulo.

Ela levantou-se com dificuldade.

- Eu telefonei mas...

Concordei com a cabeça.

- Meus pais - disse Katy. - Não agüento ficar naquela casa nem mais um dia. Pensei que talvez eu pudesse me instalar no seu sofá.

- Não é uma hora muito boa.

- Oh!

Enfiei a chave na fechadura.

- É que estou tentando juntar as coisas, você sabe. Como nós conversamos. Quem podia ter matado a Julie. E comecei a pensar. Quanto você sabia sobre a vida dela depois que vocês terminaram?

Entramos no apartamento.

- Não sei se é uma hora muito boa.

Ela finalmente viu meu rosto.

- Por quê? O que aconteceu?

- Uma pessoa muito chegada a mim morreu.

- Você quer dizer a sua mãe?

Sacudi a cabeça negativamente.

- Outra pessoa muito chegada a mim. Ela foi assassinada.

Katy susteve a respiração e deixou cair a mochila.

- Muito chegada?

- Muito.

- Sua namorada?

- Sim.

- Uma pessoa que você amava?

- Muito.

Ela me olhou.

- Que foi? - perguntei.

- Não sei, Will. Mas parece que alguém mata as mulheres que você ama.

O mesmo pensamento que eu, antes, havia afastado. Dito em voz alta, soava ainda mais ridículo.

- Julie e eu acabamos mais de um ano antes de ela ser assassinada.

- Você não tinha mais nada com ela?

Eu não queria enveredar por aquele caminho novamente. Eu disse:

- O que tem a vida de Julie depois que nós acabamos?

Katy caiu no sofá do jeito que os adolescentes fazem, como se não tivessem ossos. A perna direita passando por cima do braço, a cabeça para trás, o queixo levantado.

Estava de novo usando jeans rasgado e uma camiseta tão apertada que parecia sutiã. O penteado puxado para trás num rabo-de-cavalo. Algumas mechas soltas caíam sobre o rosto.

- Comecei a pensar - disse - que se o Ken não a matou, então foi outra pessoa.

- Certo.

- Então, comecei a olhar como era a vida dela naquela época. Você sabe, procurei velhos amigos, tentando lembrar o que estava acontecendo com ela, esse tipo de coisa.

- E o que você descobriu?

- Que ela estava numa enrascada.

Tentei me concentrar no que ela estava dizendo.

- Como assim?

Ela pousou as duas pernas no chão e se sentou.

- Do que você se lembra?

- Que ela estava terminando os estudos em Haverton.

- Errado.

- Como errado?

- Ela tinha pulado fora.

Aquilo me surpreendeu.

- Tem certeza?

- No último ano - disse. Depois, perguntou:

- Quando foi a última vez que a viu, Will?

Pensei um pouco. Fazia um bocadinho de tempo. Foi o que eu disse a ela.

- Então, quando foi que vocês acabaram?

Balancei a cabeça.

- Ela acabou comigo pelo telefone.

- De vez?

- É.

- Coisa mais fria - salientou Katy. - E você aceitou?

- Tentei vê-la. Mas ela não me deixou.

Katy olhou-me como se eu tivesse soltado a desculpa mais esfarrapada da história da humanidade. Em retrospecto, acho que talvez tivesse razão. Por que não fui a Haverton? Por que não exigi encontrá-la cara a cara?

- Eu acho - disse Katy - que a Julie acabou aprontando alguma coisa errada.

- O que quer dizer com isso?

- Não sei. Vai ver isso já é ir longe demais. Não me lembro de muita coisa, mas ela parecia bem feliz antes de morrer. Eu não a via feliz daquele jeito há muito tempo. Acho que, vai ver, ela estava melhorando. Não sei.

A campainha tocou. Meus ombros pesaram com o som. Não estava com disposição para mais companhia. Katy, lendo meus pensamentos, ficou de pé num pulo e disse:

- Deixe que eu atendo.

Era um entregador com uma cesta de frutas. Katy pegou a cesta e trouxe-a para o quarto. Deixou-a na mesa.

- Tem um cartão - acentuou.

- Abra.

Ela puxou-o do pequeno envelope.

- É uma cesta de sementes de alguns dos garotos lá da Covenant House. - Ela tirou mais uma coisa do envelope. - Tem um cartãozinho de uma missa também.

Katy ficou olhando o cartão.

- Que foi?

Katy leu de novo. Então me olhou.

- Sheila Rogers?

- É.

- O nome da sua namorada era Sheila Rogers?

- Era. Por quê?

Katy balançou a cabeça e deixou o cartão na mesa.

- O que foi?

- Nada - disse ela.

- Não me venha com isso. Você a conhecia?

- Não.

- Então o que foi?

- Nada. - A voz de Katy estava firme, agora. - Deixa pra lá, certo?

O telefone tocou. Esperei o recado ser gravado. Ouvi a voz de Squares dizer:

- Atende.

Atendi.

Sem preâmbulos, Squares disse:

- Você acreditou no que a mãe disse? A respeito da Sheila ter uma filha?

- Acreditei.

- O que vamos fazer a esse respeito?

Eu vinha pensando nisso desde que recebera a notícia pela primeira vez.

- Tenho uma teoria - eu disse.

- Estou ouvindo.

- Vai ver que o fato de Sheila se mandar tenha alguma coisa que ver com a filha dela.

- De que jeito?

- Talvez estivesse tentando encontrar a Carly, ou trazê-la de volta. Talvez soubesse que a Carly estava encrencada. Não sei. Alguma coisa era.

- Parece lógico, em parte.

- Se pudermos descobrir o que aconteceu com Sheila antes, talvez possamos encontrar a

Carly.

- E talvez a gente acabe que nem a Sheila.

- É um risco - concordei.

Houve uma hesitação. Olhei para Katy. Ela estava com um olhar vago, beliscando o lábio inferior.

- Então você quer continuar - concluiu Squares.

- Quero, mas não quero botar você em perigo.

- Então esta é a hora em que você pode me mandar dar o fora a qualquer momento?

- Certo, e esta é a hora em que você vai dizer que ficará solidário comigo até o fim.

- Pode parar com os violinos - ordenou Squares. - Agora que já liquidamos este assunto, a Roscoe vulgo Raquel acabou de telefonar. Talvez ele tenha uma boa dica sobre como foi que Sheila se mandou. Quer dar uma saidinha à noite?

- Me apanha - eu disse.

26

PHILIP MCGUANE VIU SEU VELHO INIMIGO PELA CÂMERA DA SEGURANÇA. O recepcionista interfonou.

- Mr. McGuane?

- Pode mandar entrar.

- Sim, Mr. McGuane. Ele está com...

- Ela também.

McGuane ficou de pé. Tinha um escritório num prédio com vista para o rio Hudson, perto da extremidade sudoeste da ilha de Manhattan. Nos meses mais quentes os novos meganavios de cruzeiro, com suas decorações de néon, deslizavam, alguns subindo tão alto quanto as suas janelas. Hoje nenhuma agitação. McGuane ficava pressionando o controle remoto da câmera da segurança, vigiando seu antagonista federal Joe Pistillo e a subalterna que o acompanhava.

McGuane gastava uma nota em segurança - valia a pena. Seu sistema utilizava oitenta e três câmeras. Cada pessoa que entrava no seu elevador particular era gravada digitalmente de vários ângulos, mas o que realmente fazia com que o sistema fosse único era que os ângulos das câmeras haviam sido planejados para filmar de tal maneira que qualquer pessoa entrando podia parecer que também estava saindo. Tanto o corredor quanto o elevador eram pintados de um verde menta. Podia não parecer muito - era, na verdade, medonho -, mas para quem entende de efeitos especiais e manipulação digital, era primordial. Uma imagem sobre um fundo verde podia ser transferida e colocada de encontro a outro fundo.

Seus inimigos sentiam-se confortáveis indo lá. Aquilo era, afinal de contas, o seu escritório. Ninguém, eles avaliavam, seria suficientemente descarado para matar alguém no seu território. E é aí que eles se enganavam. A natureza descarada, o próprio fato de que as autoridades pensariam a mesma coisa - e o fato de poder oferecer provas de que a vítima havia deixado o local sem haver sido molestada -, fazia dali o local ideal para atacar.

McGuane pegou uma velha fotografia na primeira gaveta.

Bem cedo ele havia aprendido que nunca se deve subestimar uma pessoa ou uma situação. E também se deu conta de que fazendo seus oponentes o subestimarem, podia trapacear a vantagem. Ele olhou a fotografia dos três garotos de dezessete anos - Ken Klein, John "o Fantasma" Asselta e McGuane. Havia crescido nos subúrbios de Livingston, em Nova Jersey, se bem que McGuane tivesse vivido do lado oposto de onde Ken e o Fantasma moravam na cidade. Ficaram amigos no secundário, atraídos uns pelos outros, percebendo - ou talvez isto fosse dar-lhes demasiado crédito - uma afinidade nos olhos.

Ken Klein tinha sido um jogador de tênis fogoso, John Asselta, o lutador psicótico, e McGuane, o charmoso de sucesso e presidente do conselho estudantil. Examinou os rostos na fotografia. Ninguém perceberia nada. Tudo que se via eram três garotos muito populares de escola secundária. Nada além desta fachada. Quando aqueles garotos balearam Columbine há uns poucos anos, McGuane tinha acompanhado a reação da mídia fascinado. O mundo procurava justificativas confortáveis. Os garotos não eram dali. Tinham sido provocados e intimidados. V Tinham pais ausentes e jogavam videogames. Mas McGuane sabia que nada disso importava. Podia ter sido uma época ligeiramente diferente, mas podia ter sido eles - Ken, John e McGuane -, porque a verdade é que não importa você ser financeiramente confortável ou ser amado pelos

pais ou ficar na rua ou lutar para se deixar levar como a maioria.

Algumas pessoas têm essa fúria.

A porta do escritório se abriu. Joe Pistillo e sua jovem protegida entraram. McGuane sorriu e escondeu a fotografia.

- Ah, Javert - disse para Pistillo. - Ainda me perseguindo, quando tudo que fiz foi roubar um pouco de pão*?

- Pois é - disse Pistillo. - Esse é você, McGuane. O inocente perseguido.

McGuane voltou sua atenção para a agente.

- Me diz uma coisa, Joe, por que você têm sempre umas colegas tão bonitas te acompanhando?

- Esta é a agente especial Claudia Fisher.

- Encantado - disse McGuane. - Sentem-se, por favor.

- Preferimos ficar de pé.

McGuane deu de ombros, façam como quiserem, e caiu na sua cadeira. - Então, o que posso fazer para ajudá-los?

- Você está atravessando uma fase difícil, McGuane.

- Estou?

* Referência a Os miseráveis, de Vitor Hugo. O policial Javert vive obcecado para encontrar e prender Jean Valjean por um crime insignificante. (N. do T.)

- Sem dúvida.

- E você está aqui para me ajudar. Não podia ser melhor.

Pistillo resmungou.

- Faz tempo que ando atrás de você.

- Eu sei. Mas sou instável. Sugestão: mande um buquê de rosas da próxima vez. Abra a porta para eu passar. Use luz de vela. Um homem gosta de ser tratado na base do romance.

Pistillo colocou dois punhos fechados sobre a mesa.

- Há uma parte de mim que quer ficar recostado e ver você ser devorado vivo. - Ele engoliu, tentando manter algo no mais profundo de si sob controle. - Mas uma outra, bem maior, quer vê-lo apodrecer na cadeia pelo que fez.

McGuane voltou-se para Claudia Fisher.

- Ele fica muito sexy quando banca o durão, não acha?

- Adivinha quem nós achamos, McGuane.

- O Hoffa*? Já não era sem tempo.

- Fred Tanner.

- Quem?

Pistillo franziu o rosto.

- Não brinque comigo. Aquele bandidão. Que trabalha para você.

- Acho que ele está no meu departamento de segurança.

- Nós o achamos.

- Eu não sabia que ele havia sumido.

* Jimmy Hoffa foi um líder sindical, presidente dos Teamsters, que se envolveu com o submundo e com a máfia. Foi preso em 1967, solto em 1971 e finalmente desapareceu misteriosamente em 1975. Acredita-se que tenha sido assassinado, mas seu corpo nunca foi encontrado. (N. do T)

- Engraçado.

- Pensei que estava de férias, agente Pistillo.

- Permanentemente. Nós o encontramos no Rio Passaic.

McGuane franziu a testa.

- Que anti-higiênico.
- Principalmente por estar com duas balas na cabeça. Também achamos um cara chamado Peter Appel. Estrangulado. Ele era um ex-perito atirador do exército.
- Sejamos tudo que possamos ser.

Apenas um estrangulado, pensou McGuane. O Fantasma deve ter ficado desapontado por ter que atirar no outro.

- Muito bem, vamos ver - continuou Pistillo. - Temos esses dois homens mortos. Além disso, temos mais dois no Novo México. São quatro ao todo.
- E você nem usou os dedos. Não estão te pagando o bastante, Pistillo.
- Não quer me falar a respeito?
- Demais - disse McGuane. - Admito. Matei todos eles. Está feliz agora?

Pistillo debruçou-se sobre a mesa, de maneira que seus rostos ficaram bem próximos um do outro.

- Você está começando a se dar mal, McGuane.
- E você tomou sopa de cebola no almoço.
- Você se dá conta - continuou Pistillo, sem recuar - que Sheila Rogers também está morta?
- Quem?

Pistillo recuou, tronco reto.

- Certo. Você também não sabe quem é ela. Ela não trabalha para você.
- Muita gente trabalha para mim. Sou um homem de negócios.

Pistillo olhou para Fisher.

- Vamos embora.
- Já vão indo, tão cedo?
- Esperei muito tempo por isso - disse Pistillo. - Como é que se diz? A vingança é um prato que se come frio.
- Como vichyssoise.

Outra cara feia de Pistillo.

- Tenha um bom dia, McGuane.

Saíram. McGuane ficou sentado e não se mexeu por alguns minutos. Qual teria sido o propósito da visita? Perturbá-lo. Mais seria subestimar. Ele ligou a linha três, o telefone de segurança que era verificado diariamente contra escuta. Hesitou. Discou. Isto demonstraria pânico?

Pesou os prós e os contras e decidiu arriscar.

O Fantasma atendeu na primeira chamada com um prolongado, "Alô?"

- Onde você está?
- Saindo do avião, vindo de Las Vegas.
- Descobriu alguma coisa?
- Claro.
- Estou ouvindo.
- Havia uma terceira pessoa no carro com eles - disse o Fantasma.

McGuane se mexeu na cadeira.

- Quem?
- Uma garotinha - afirmou o Fantasma.
- Não devia ter mais de uns onze ou doze anos.

beijou no rosto. Squares arqueou uma sobrancelha na minha direção. Fechei a cara para ele.

- Pensei que fosse ficar no meu sofá - eu disse para ela.

Katy tinha ficado distraída depois da chegada da cesta de frutas.

- Amanhã eu volto.

- Não quer me dizer o que está acontecendo?

Ela enterrou fundo as mãos nos bolsos e deu de ombros.

- Só preciso fazer algumas poucas pesquisas.

- Sobre?

Ela sacudiu a cabeça. Não insisti. Ela me deu um sorrisinho rápido antes de se afastar. Entrei na van.

Squares disse:

- E quem é ela?

Expliquei enquanto rumávamos para o norte. Havia dezenas de sanduíches e cobertores numa cesta apropriada. Squares distribuía-os para as crianças. Os sanduíches e os cobertores, assim como o golpe da Angie desaparecida, era uma excelente forma de aproximação, mas mesmo que não fosse, as crianças tinham alguma coisa para comer e alguma coisa que os mantivesse aquecidos. Já vi Squares realizar milagres com esses elementos. Na primeira noite, um garoto podia, com toda certeza, recusar qualquer auxílio. Ele ou ela poderia até mesmo xingar e ser hostil. Squares não ficava ofendido. Continuava insistindo. Squares acreditava que a chave estava na insistência. Mostre à criança que você está presente o tempo todo. Mostre à criança que você não está indo embora. Mostre à criança que é incondicional.

Algumas noites depois aquela ela vai aceitar o sanduíche. Em outra, vai pegar o cobertor. Depois de algum tempo, vai esperar por você e pela van.

Estendi o braço para trás e peguei um sanduíche.

- Vai trabalhar esta noite de novo?

Ele abaixou a cabeça e me olhou por sobre os óculos escuros.

- Não - disse-me secamente. - Só estou mesmo com fome.

Guiou mais um pouco.

- Por quanto tempo vai continuar evitando-a, Squares?

Squares ligou o rádio. Carly Simon estava cantando *You're so vain*.

Squares cantou junto. Então disse:

- Lembra dessa música?

Fiz que sim.

- O boato era por causa do Warren Beatty. Será que era verdade?

- Não sei - respondi.

Seguimos adiante mais um pouco.

- Deixe eu te perguntar uma coisa, Will.

Ele ficou com os olhos no caminho. Esperei.

- Ficou muito surpreso quando soube que Sheila tinha uma filha?

- Fiquei.

- E - continuou - ficaria muito surpreso que eu te contasse que também tenho?

Encarei-o.

- Você não está entendendo a situação, Will.

- Gostaria de entender.

- Vamos nos concentrar em uma coisa de cada vez.

O tráfego estava miraculosamente bom naquela noite. Carly Simon desapareceu e o presidente do Conselho pediu à sua mulher que lhe desse um pouquinho mais de tempo e o amor dele certamente aumentaria. Tanto desespero naquele simples apelo. Eu adoro essa música.

Cortamos a cidade e pegamos o Harlem River Drive rumo ao norte. Quando passamos por um grupo de garotos encolhidos embaixo de uma plataforma, Squares parou e entrou pelo parque.

- Trabalhinho rápido - disse ele.

- Quer ajuda?

Squares sacudiu a cabeça.

- Não vai demorar muito.

- Vai dar os sanduíches?

Squares examinou os olhos que o acompanhavam e ponderou.

- Não, tenho coisa melhor.

- O quê?

- Cartões telefônicos.
- E deu-me alguns. - A TeleReach me fez doação de mil cartões. A garotada fica louca por isso.

Aqueles também ficaram. Assim que os viram, os meninos vieram correndo. Não há ninguém igual ao Squares. Vi seus rostos, tentei separar aquela massa informe em indivíduos com desejos, sonhos e esperanças. Os garotos não sobrevivem muito tempo aqui. Esqueça os incríveis perigos físicos. Eles podem, muitas vezes, ultrapassá-los. É a alma, a noção de si mesmo que se corrói aqui. E uma vez que a corrosão atinge certo nível, bem, não há mais o que fazer.

Sheila fora salva antes de atingir esse nível.

Então alguém a matou.

Tentei me livrar do pensamento. Não havia tempo para isso agora.

Tinha que me concentrar no trabalho a fazer. Ir em frente. A atividade mantinha a dor a distância. Dá combustível para avançar, para não reduzir a velocidade.

Faça-o - por mais sentimental que possa parecer - faça-o por ela.

Squares voltou alguns minutos depois.

- Vamos dançar um rock and roll.

- Você não me disse aonde estamos indo.

- Para a esquina da Rua 128 com a Segunda Avenida. A Raquel vai nos encontrar lá.

- E o que tem lá?

Ele sorriu.

- Uma pista provável.

Saímos da via expressa e passamos por uma zona de urbanização. Dois quarteirões adiante, vi Raquel. O que não era difícil. Raquel era do tamanho de um pequeno principado e estava vestida como uma explosão no Museu Liberace. Squares parou a van do lado dele e franziu a cara.

- Que é que há? - entouu Raquel.

- Sandálias cor-de-rosa e vestido verde?

- É coral e turquesa - corrigiu Raquel. - E a bolsa fúcsia dá o toque final.

Squares deu de ombros e parou na frente de uma loja que tinha um cartaz meio apagado onde mal se podia ler FARMACIA GOLDBERG. Quando saltei, Raquel colheu-me num abraço que dava a sensação de espuma de borracha. Ele estava tresandando Aqua Velva e, na minha cabeça, eu não podia deixar de pensar que neste caso, realmente, havia alguma coisa de especial num homem Aqua Velva.

- Desculpe - murmurou ele.

- Obrigado.

Ele me soltou e eu pude respirar de novo. Ele estava chorando. As lágrimas grudavam no rímel e escorriam rosto abaixo. As cores se misturavam e tomavam novos rumos nos ásperos da sua barba, de maneira que seu rosto começou a parecer como uma vela no fundo da loja Spencer's Gifts.

- Abe e Sadie estão lá dentro - disse Raquel. - Estão esperando vocês.

Squares fez que sim com a cabeça e entrou na farmácia. Fui atrás. Um ding-dong soou quando entramos. O cheiro me lembrava um purificador de ar com a forma de uma cerejeira pendurado numa janela dos fundos. As prateleiras eram altas e estavam totalmente cheias. Vi ataduras e desodorantes, xampus e remédios para tosse, tudo colocado com uma aparente falta de ordem.

Um velho de óculos, com aro no formato de meia lua pendurado numa corrente, apareceu. Estava usando um casaquinho de lã em cima de uma camisa branca. Os cabelos eram fartos, grossos e brancos, e pareciam uma peruca empoada do Bailey's. As sobancelhas eram bastante arrepiadas, dando-lhe uma aparência de coruja.

- Olha! É Mr. Squares!

Os dois homens se abraçaram, o velho dando umas palmadas fortes nas costas de Squares.

- Você está ótimo! - disse o velho.

- Você também, Abe.

- Sadie - gritou. - Sadie, Mr. Squares está aqui.

- Quem?

- O cara da ioga. O da tatuagem.

- Da tatuagem na testa?

- É, ele.

Sacudi a cabeça e me inclinei para Squares.

- Será que tem alguém que você não conheça?
Ele deu de ombros.

- Vivi uma vida mágica.
Sadie, uma mulher velha que nunca chegaria a ter um metro e cinquenta mesmo usando os saltos mais altos da Raquel, apareceu por trás do balcão da farmácia. Ela franziu a cara para Squares e disse:

- Você está muito magro.
- Deixei-o em paz - determinou Abe.
- Cale a boca. Você tem se alimentado bem?
- Claro - afirmou Squares.
- Só osso. Você é só osso.
- Sadie, quer deixar o homem em paz?
- Cale a boca. - Ela sorriu com ar conspiratório. - Tem um pouco de Kugel. Quer?
- Talvez mais tarde. Obrigado.
- Vou botar um pouco em um Tupperware.
- Seria muito bom, obrigado. - Squares voltou-se para mim. - Este aqui é meu amigo, Will Klein.

Os dois velhos mostraram-me seus olhos tristes.

- Ele era o seu namorado?
- Era.

Examinaram-se. Então se entreolharam.

- Não sei - disse Abe.
- Pode confiar nele - ressaltou Squares.
- Pode ser que sim, pode ser que não. Mas somos como padres aqui. Não falamos, você sabe disso. E ela era particularmente inflexível. Não devíamos dizer nada, não importa o que acontecesse.

- Eu sei.
- Se nós falarmos, o que valem os?
- Compreendo.
- Se nós falarmos, poderemos ser mortos.
- Ninguém vai ficar sabendo. Dou minha palavra.

Os velhos se entreolharam mais um pouco.

- Raquel - disse Abe -, ele é bom rapaz. Ou garota. Eu não sei, fico tão confuso às vezes. Squares caminhou para ele.

- Precisamos de sua ajuda.
Sadie pegou a mão do marido com um gesto tão íntimo que quase me virei para o outro lado.

- Ela era uma garota tão bonita, Abe.
- E tão boazinha - acrescentou ele. Abe suspirou e olhou para mim. A porta se abriu e o ding-dong soou novamente. Um negro todo amarelo entrou e disse:

- O Tyrone me mandou.
Sadie dirigiu-se a ele.

- Cuido de você ali - disse ela.

Abe continuou me encarando. Olhei Squares. Não estava entendendo nada.

Squares tirou os óculos escuros.

- Por favor, Abe - disse ele. - É importante.

Abe levantou uma mão.

- Está bem, está bem, mas pare de fazer essa cara, por favor. - E fez um sinal para avançarmos. - Venham por aqui.

Caminhamos para o fundo da loja. Ele levantou a passagem no balcão e seguimos em frente. Passamos pela pilula, pelas garrafas, pelas caixas cheias de receitas, pelos almofarizes e pilões. Abe abriu uma porta. Descemos ao porão. Abe acendeu a luz.

- É aqui - comunicou ele -, é aqui que tudo acontece.

Vi poucas coisas. Havia um computador, uma impressora, uma câmera digital. Era tudo. Olhei Abe e depois Squares.

- Será que alguém pode me explicar alguma coisa?
- Nosso negócio é muito simples - disse Abe. - Não guardamos nenhum registro. Se a polícia quiser levar este computador, muito bem, pode levar. Eles não vão ficar sabendo nada. Todos os registros estão guardados aqui. - Ele bateu com um dedo na testa. - E muitos desses registros vão se perdendo diariamente, estou certo, Squares?

Squares sorriu para ele.
Abe notou minha confusão.

- Ainda não entendeu?
- Ainda não.
- Identificações falsas - disse Abe.
- Sei.
- Não estou falando destas que os menores usam para poder beber.
- Está certo.

Ele abaixou a voz.

- Sabe alguma coisa a respeito?
- Não muito.
- Estou falando das que as pessoas precisam para desaparecer. Para fugir. Para começar de novo. Você está com problema? Puf! Eu te faço sumir. Como uma mágica, certo? Você não precisa ir embora, ir embora de verdade, não tem que procurar um agente de viagem. Me procura.
- Entendo - eu disse. - E há muita procura pelos seus - eu não sabia exatamente qual seria a palavra - serviços?
- Você se surpreenderia. Não é muito glamoroso. Em geral, são quase sempre caras que estão sob condicional e querem se livrar. Ou que estão soltos sob fiança. Ou alguém que as autoridades estão procurando para prender. Prestamos serviços a muitos imigrantes ilegais, também. Eles querem ficar no país, de forma que nós os transformamos em cidadãos. - Ele sorriu para mim. - E, de vez quando, aparece uma pessoa mais bacana.
- Como Sheila - disparei.
- Exatamente. Quer saber como a coisa funciona?

Antes que eu pudesse responder, Abe já tinha começado de novo.

- Não é como na TV, não. Lá eles fazem tudo tão complicado, estou certo? Procuram alguém que morreu e aí mandam buscar sua certidão de nascimento ou coisa parecida. Fazem todas essas falsificações complicadas.
- Não é assim que se faz?
- Não é assim que se faz, não. - Ele sentou-se diante do computador e começou a digitar. - Pra começar, demoraria muito. Depois, com a Net e os Web sites e toda essa baboseira, as pessoas mortas logo ficam mortas mesmo. Não ficam mais vivas. Você morre e o número da sua previdência social morre junto. Caso contrário eu poderia usar o número da previdência social de gente velha que tivesse morrido, não podia? Ou de gente de meia-idade que morre. Está entendendo?
- Acho que sim. Mas então, como o senhor faz uma identificação falsa?
- Eu não faço nada - disse Abe com um sorriso largo. - Eu uso as verdadeiras.
- Não estou entendendo.

Abe franziu a testa para Squares.

- Pensei que tinha dito que ele trabalhava nas ruas.
- Há muito tempo - disse Squares.
- Certo, muito bem, vamos ver. - Abe Goldberg voltou-se novamente para mim. - Você viu aquele homem lá em cima. O que chegou depois de você?
- Vi.
- Ele parece desempregado, não parece? Provavelmente, nem casa tem.
- Não sei.
- Não banque o politicamente correto comigo. Ele parecia um vagabundo, não parecia?
- Acho que sim.
- Mas ele é uma pessoa, entende? Ele tem um nome. Tem mãe. Nasceu neste país. E... - Abe sorriu e agitou as mãos teatralmente - tem um número de seguro social. Podia até ter uma carteira de motorista, talvez até já tivesse expirado. Não importa. Enquanto ele tiver um número de seguro social, ele existe. Tem uma identidade. Está entendendo?
- Estou.
- Então, vamos supor que ele precise de um dinheirinho. Pra que, eu não quero saber. Mas ele precisa de dinheiro. O que ele não precisa é de uma identidade. Ele está aí pelas ruas, e de que vai adiantar pra ele? Não é como se ele tivesse uma linha de crédito ou fosse proprietário de terras. Então, colocamos o nome dele aqui no nosso pequeno computador. - Ele bateu no alto do aparelho. - Vemos se não tem nenhum mandado importante contra ele. Se não tiver, e a maioria não tem mesmo, então compramos a identidade dele. Vamos dizer que o nome dele seja

John Smith. E vamos dizer, Will, que você precise se registrar em hotéis ou o que for, usando um nome que não seja o seu.

Vi onde ele estava querendo chegar.

- Você me vende o número do seguro social dele e eu fico sendo John Smith.

Abe estalou os dedos.

- Bingo!

- Mas supunha que não sejamos parecidos.

- Não existe nenhuma descrição física associada ao seu número de seguro social. Uma vez com o número, você pode ir a qualquer departamento do governo e conseguir não importa que documento precisar. Se estiver com muita pressa, tenho aqui equipamento até para lhe dar uma carteira de motorista de Ohio. Mas isto não consegue fazer frente a uma pesquisa minuciosa. Mas a coisa é esta: a identidade, consegue.

- Suponhamos que o nosso John Smith se meta numa enrascada e precise de uma identidade.

- Ele também pode arranjar uma. Puxa, cinco pessoas podem usar uma ao mesmo tempo.

Quem vai ficar sabendo? É simples, não estou certo?

- É simples - concordei. - Então a Sheila veio procurar você?

- Veio.

- Quando?

- Bem, tem uns dois, três dias. Como eu disse antes, ela não era nossa freguesa habitual.

Uma moça tão simpática. E tão bonita também.

- Ela disse para onde estava indo?

Abe sorriu e tocou meu braço.

- Será que isto aqui parece um daqueles negócios onde a gente faz um montão de perguntas?

Eles não querem dizer, e eu não quero saber. Você entende, nunca falamos. Nem uma palavra. Sadie e eu temos a nossa reputação, e, como eu disse lá em cima, falar muito pode acabar nos matando. Entende?

- Entendo.

- A verdade é que quando a Raquel começou a xeretar, não dissemos nenhum: e aí? Discrição. Esse é o nosso negócio. Adoramos a Raquel. Mas mesmo assim não dissemos nada. Calados, nem uma palavra.

- Então, o que fez o mudar de idéia?

Abe pareceu ficar magoado. Voltou-se para Squares, aí de novo para mim.

- Mas como, está pensando que nós somos animais? Pensa que não sentimos nada?

- Eu não quis dizer...

- O assassinato - interrompeu ele. - Ouvimos falar do que aconteceu com aquela moça tão linda, pobre garota. Não é justo. - Ele levantou as mãos. - Mas o que posso fazer? Não posso ir à polícia, certo? Confio na Raquel e no Mr. Squares. São pessoas boas. Vivem no escuro, mas irradiam luz. Como a minha Sadie e eu, está percebendo?

A porta de cima de nós se abriu e Sadie desceu.

- Já fechei - disse ela.

- Ótimo.

- Onde você estava? - perguntou ela.

- Estava dizendo a ele por que podemos estar dispostos a falar.

- Tudo bem.

Sadie Goldberg desceu a escada vagarosamente. Abe voltou seus olhos de coruja para mim e disse:

- Mr. Squares contou para nós que tem uma garotinha metida nisso.

- É a filhinha dela - eu disse. - Deve ter

uns doze anos de idade.

Sadie fez um barulhinho com a boca.

- Não sabe onde ela está?

- É, não sei, não.

Abe balançou a cabeça. Sadie aproximou-se dele, seus corpos se tocando, se encaixando de alguma maneira. Fiquei pensando há quanto tempo estariam casados, se tinham filhos, de onde teriam vindo, como vieram parar naquelas terras, como acabaram fazendo o que faziam.

- Quer saber de uma coisa? - perguntou-me Sadie.

Fiz que sim.

- A sua Sheila. Ela tinha - e ergueu os dois punhos no ar - uma coisa especial. Uma

espiritualidade nela. Era linda, é claro, mas tinha mais uma coisa. O fato de ela ter ido embora... a gente se sente roubada. Ela entrou e estava com um ar de tanto medo. E vai ver que a identidade que demos a ela não adiantou. Talvez por isso esteja morta.

- É por isso - disse Abe - que queremos ajudar. - Ele escreveu uma coisa num pedaço de papel e me entregou. - O nome que demos a ela foi Donna White. E este é o número do seguro social. Não sei se vai te ajudar ou não.

- E a verdadeira Donna White?

- É uma viciada em crack que mora nas ruas.

Olhei o pedaço de papel.

Sadie veio em minha direção e colocou a mão no meu rosto.

- Você parece ser um homem bom.

Eu a olhei.

- Ache a menininha - disse ela.

Concordei com a cabeça. Prometi que o faria.

28

KATY MILLER AINDA ESTAVA TREMENDO QUANDO CHEGOU EM CASA.

Não pode ser, ela pensou. Deve ser engano. Devo ter entendido mal o nome.

- Katy? - sua mãe chamou.

- Sim.

- Estou na cozinha.

- Já vou num minuto, mamãe.

Ela foi para a porta do porão. Quando sua mãe tocou a maçaneta, ela parou.

O porão. Ela detestava ir lá.

Seria de esperar que depois de tantos anos ela não se sensibilizasse mais com o sofá surrado, o tapete manchado de umidade e a televisão tão velha que nem dava para receber ligação a cabo. Continuava igual. Por tudo que os seus sentidos soubesse, o corpo de sua irmã ainda estava lá embaixo, inchado e apodrecido, o fedor da morte tão intenso que era difícil respirar.

Seus pais compreendiam. Katy nunca tivera de lavar a roupa. Seu pai nunca lhe pedira para buscar a caixa de ferramentas ou pegar uma lâmpada nova no quarto de depósito. Se alguma tarefa exigia uma viagem àquelas entranhas, seus pais procuravam poupá-la.

Mas desta vez, não. Desta vez ela estava sozinha.

No topo da escada ela acendeu a luz. Uma lâmpada nua - a bacia de vidro tinha quebrado durante o assassinato - veio à vida. Ela desceu. Manteve os olhos altos, acima do sofá, do tapete e da TV.

Por que ainda moravam ali?

Para ela, não fazia muito sentido. Quando JonBenét foi assassinada, os Ramsey se mudaram para o outro lado do país. Mas acontece que todos pensaram que eles a haviam matado. Os Ramsey estavam, provavelmente, fugindo dos olhares dos vizinhos tanto quanto da memória da morte da filha. Naturalmente, não era esse o caso aqui.

Mesmo assim, havia coisa nessa cidade. Seus pais tinham ficado. E o Klein também. Nenhum deles estava disposto a se render.

O que isso significava?

Ela encontrou a mala de Julie num canto. Seu pai tinha colocado uma espécie de caixote de madeira embaixo, para o caso de haver alguma enchente. Katy voltou no tempo e viu a irmã fazendo a mala para ir à universidade. Lembrava-se de ter entrado na mala enquanto Julie a arrumava, fingindo, de início, que a malona era um forte protetor e, depois disto, fingindo que Julie podia também empacotá-la para que pudessem ir juntas para a universidade.

Havia caixas empilhadas no alto. Katy tirou e colocou-as num canto. Examinou a fechadura. Não tinha chave, tudo que ela precisava era de alguma coisa lisa. Achou uma velha faca de manteiga num faqueiro guardado. Enfiou na abertura e girou. A fechadura abriu. Ela levantou os dois fechos e lentamente, como Van Helsing abrindo o caixão do Drácula, ergueu a tampa.

- O que você está fazendo?

A voz de sua mãe a espantou. Ela deu um salto para trás.

Lucille Miller se aproximou.

- Esta não é a mala da Julie?

- Credo, mamãe, a senhora me pregou um susto daqueles!

Sua mãe chegou mais perto.

- O que você está fazendo com a mala da Julie?

- Eu só... eu só estava olhando.

- Olhando o quê?

Katy empertigou-se.

- Ela era minha irmã.

- Eu sei que era, meu bem.

- Também não tenho direito de sentir falta dela?

Sua mãe olhou-a longamente.

- É por isso que você está aqui?

Katy fez que sim.

- Do resto está tudo bem? - perguntou sua mãe.

- Está.

- Você nunca foi de querer recordar nada, Katy.

- A senhora nunca me deixou - disse ela.

Sua mãe ponderou.

- Acho que é verdade.

- Mamãe?

- Que é?

- Por que vocês ficaram aqui?

Por um momento sua mãe parecia que ia ter a reação costumeira de não querer tocar no assunto. Mas, com a surpresa da visita do Will e com ela criando coragem suficiente para dar pêsames à família dos Klein, isto tudo estava se transformando numa semana fora do comum. Sua mãe sentou-se em uma das caixas. Alisou a saia.

- Quando uma tragédia se abate sobre nós - começou ela -, quer dizer, quando nos atinge em cheio, é o fim do mundo. É como se fôssemos atirados no oceano durante uma tempestade. A água nos joga de um lado para o outro, nos atira e não há nada que possamos fazer a não ser tentar não afundar. Parte da gente - talvez a maior parte - nem ao menos queira ficar com a cabeça fora d'água. Quer parar de lutar e se deixar desaparecer. Mas não podemos. O instinto de sobrevivência não permite, ou, talvez, no meu caso, porque eu tivesse uma outra filha para criar. Não sei. Mas de qualquer maneira, querendo ou não, ficamos na superfície.

Sua mãe limpou o canto do olho com um dedo. Ficou sentada um pouco e forçou um sorriso.

- Minha analogia não está dando certo - disse ela.

Katy pegou a mão da mãe.

- Parece muito boa pra mim.

- Pode ser - concordou Mrs. Miller -, mas você vê, depois de algum tempo, que uma parte da tempestade passou. E aí é que fica pior ainda. Acho que podemos dizer que somos levados para a praia. Mas toda aquela luta, aquele espancamento, tudo isso causou um mal irreparável. Sentimos uma dor terrível. E isso ainda não é o fim de tudo. Porque agora somos deixados com uma alternativa medonha.

Katy esperou, ainda segurando a mão de sua mãe.

- Podemos tentar nos locomover e ultrapassar a dor. Podemos tentar esquecer e seguir em frente com a nossa vida. Mas para o seu pai e para mim - Lucille Miller fechou os olhos e sacudiu a cabeça com firmeza -, esquecer seria muito obscuro. Não podíamos trair sua irmã daquela maneira. A dor pode ser enorme, mas como poderíamos seguir adiante se abandonássemos a Julie? Ela existia. Eu sei que isto não faz sentido.

Mas, pensou Katy, talvez fizesse.

Elas ficaram sentadas em silêncio. Por fim, Lucille Miller largou a mão de Katy. Bateu nas pernas e ficou de pé.

- Agora vou te deixar sozinha.
Katy ouviu suas passadas. Aí, voltou-se para a mala. Examinou o conteúdo. Levou quase uma hora, mas encontrou.
E esse fato mudou tudo.

29

QUANDO ESTÁVAMOS DE VOLTA NA VAN, PERGUNTEI A SQUARES O QUE DEVERÍAMOS fazer em seguida.

- Eu tenho uma fonte - disse ele, uma informação da mais incompleta que já existiu. - Nós vamos checar o nome de Donna White nos computadores das companhias de aviação para descobrir se ela viajou de avião ou onde ficou, seja o que for, enfim.

Caímos em silêncio.

- Alguém tem que dizer alguma coisa - começou Squares.

Olhei para as minhas mãos.

- Vá em frente, então.

- O que nós estamos tentando fazer aqui, Will?

- Encontrar a Carly - eu disse depressa demais.

- E depois? Você vai criá-la como se fosse sua?

- Não sei.

- Você se dá conta, é claro, de que está usando isso como pretexto para bloquear.

- Você também.

Olhei pela janela do carro. A vizinhança estava cheia de lixo. Passamos por alojamentos planejados que abrigavam quase que só miséria. Procurei alguma coisa boa. Não encontrei nada.

- Eu a pedi em casamento - enfim falei.

Squares continuou guiando, mas notei que alguma coisa em sua postura cedeu.

- Comprei um anel. Mostrei para minha mãe. Só estava esperando passar algum tempo. Você sabe, com a morte de minha mãe e tudo mais.

Paramos no sinal vermelho. Squares não se voltava para me olhar.

- Tenho que continuar procurando, porque não tenho certeza do que vou fazer se não fizer isso. Não tenho tendência para o suicídio nem nada disso, mas se eu parar de correr - calei-me, tentando pensar como dizer, preferi a forma mais simples -, acabo me alcançando.

- Acaba se alcançando mesmo, não importa o que aconteça - disse Squares.

- Eu sei, mas a esta altura, quem sabe consiga fazer alguma coisa boa. Talvez consiga salvar a filha dela. Talvez eu consiga ajudá-la, mesmo ela estando morta.

- Ou - reagiu Squares - você pode acabar descobrindo que ela não era a mulher que você pensava que fosse. Que enganou todos nós, ou pior.

- Que seja - eu disse. - Você ainda está comigo?

- Até o fim, Kemosabi*.

- Ótimo, porque acho que tive uma idéia.

Seu rosto sério rachou um sorriso.

* Expressão do dialeto dos índios tewe: Kena (amigo) e sabe (apache). Outro pesquisador indica a origem como sendo da língua yavapa - Kimasaba, quer dizer "aquele que é branco". (N. do T.)

- Rock and roll, cara, Manda ver.

- Você esqueceu de uma coisa.

- O quê?

- Do Novo México. As digitais de Sheila foram encontradas na cena do crime no Novo México. Ele concordou.

- Você acha que aquele assassinato tem alguma coisa a ver com a Carly?

- Pode ser.

Ele concordou.

- Mas nem sabemos quem foi morto no Novo México. Que diabo, nós nem sabemos exatamente onde era a cena do crime.

- É aí que o meu plano entra em ação. Deixei-me em casa. Acho que tenho que navegar um pouco na Internet.

Sim, eu tinha um plano.

Era lógico que não tinha sido o FBI quem encontrara os corpos. Com certeza, tinha sido um policial de lá mesmo. Ou talvez um vizinho. Ou um parente.

E como esse assassinato tinha acontecido numa cidade que ainda não fora anestesiada contra as violências repentinas, o crime havia sido, sem dúvida alguma, noticiado num jornal local.

Procurei referências no computador e chequei os jornais nacionais. Havia uma lista de trinta e três no Novo México. Procurei os da região de Albuquerque. Recostei-me e deixei as páginas rolarem. Encontrei uma. Ótimo, tudo bem. Cliquei em "Arquivo" e comecei a pesquisar. Eu tinha digitado "assassinato". Havia muitos. Tentei "assassinatos duplos". Também não funcionou. Tentei outro jornal. E mais outro.

Levei quase uma hora, mas finalmente encontrei.

DOIS HOMENS ENCONTRADOS MORTOS

Pequena comunidade chocada

Por Yvonne Sterno

Perto do fim da noite de ontem, o condomínio fechado de Stonepoint, em Albuquerque, chocou-se com a notícia de que dois homens foram baleados na cabeça em plena luz do dia, e entrados em uma das casas da comunidade. "Eu não ouvi nada, disse Fred Davison, um vizinho. "Não consigo acreditar que uma coisa dessas tenha acontecido em nossa comunidade." Os dois homens ainda não foram identificados. A polícia não fez nenhum comentário além de comunicar que estava investigando. Estamos acompanhando vários indícios." A casa está registrada no nome de Owen Enfield. Uma autópsia será realizada esta manhã.

Isso era tudo. Procurei no dia seguinte. Nada. Procurei no outro dia. Ainda nada. Procurei em todas as histórias escritas por Yvonne Sterno. Havia comentários sobre casamentos na cidade e eventos beneficentes. Nada, nem mais uma palavra sobre os crimes.

Recostei-me.

Por que não havia mais nada?

Havia um jeito de descobrir. Peguei o telefone e comecei a discar o número do New México Star-Beacon. Talvez tivesse sorte e localizasse Yvonne Sterno. Talvez ela me adiantasse alguma coisa.

A mesa telefônica era uma daquelas máquinas que pedem para soletrarmos o sobrenome da pessoa que estamos procurando. Eu tinha discado S-T-E-R quando a máquina cortou e me mandou discar um outro número se estivesse tentando localizar Yvonne Sterno. Cumpri as ordens. Dois chamados depois, a máquina voltou a falar.

- Aqui é Yvonne Sterno do Star-Beacon. Ou estou no telefone ou fora da sala.

Desliguei. Eu ainda estava no online, de forma que digitei o nome Sterno e tentei a área de Albuquerque. Deu certo. Um "Y e M Sterno" estava na lista como residindo no número 25 de Canterbury Drive, em Albuquerque. Disquei o número. Uma mulher atendeu.

- Alô? - Aí ela gritou: - Fiquem quietos aí, mamãe está falando ao telefone.

O berreiro das crianças não parou.

- Yvonne Sterno?

- Você está vendendo alguma coisa?

- Não.

- Então sou eu mesma.

- Meu nome é Will Klein...

- Acho que está mesmo querendo vender alguma coisa.

- Não estou, não - eu disse. - Você é Yvonne Sterno, que escreve para o Star-Beacon?

- Como disse que era seu nome? - Antes que eu pudesse responder, ela gritou: - Olha aqui, eu mandei vocês pararem com isso! Tommy, devolva o brinquedo pra ele. Não, já! - Voltou para mim. - Alô?

- Meu nome é Will Klein. Eu queria falar a respeito daquele assassinato duplo do qual a senhora escreveu há pouco tempo.

- Sei, sei. E qual é o seu interesse no caso?

- *Eu só queria fazer umas perguntas.*
- *O senhor está me achando com cara de biblioteca, Mr. Klein?*
- *Por favor, me chame de Will. E tenha paciência, só por um minuto. Com que frequência acontecem assassinatos como este em Stonepoint?*

- *Raramente.*

- *E assassinatos duplos em que as vítimas são encontradas assim?*

- *Ao que eu saiba, foi a primeira vez.*

- Então, por que não continuou cobrindo do caso?

As crianças explodiram novamente. Yvonne Sterno também.

- Agora chega, Tommy, suba para o seu quarto. Está bem, está bem, guarde as reclamações pra depois, cara, vamos! E me dá, me dá aquele brinquedo. Me dá isso antes que eu pegue e jogue no lixo. - Ouvi o telefone ser apanhado de novo. - Vou perguntar mais uma vez: qual é seu interesse nisto?

Eu conhecia o bastante a respeito de repórteres para saber que o melhor caminho para chegar aos seus corações era pegar um atalho.

- Talvez eu tenha informações pertinentes sobre o caso.

- Pertinentes - repetiu ela -, é uma boa palavra esta que você está usando, Will.

- Acredito que vai achar interessante o que tenho a dizer.

- De onde você está falando?

- De Nova York - eu disse.

Houve uma pausa.

- É um bocado longe da cena do crime.

- É.

- Estou escutando. Mas o que, por favor me diga, vou achar pertinente e interessante?

- Primeiro, preciso de umas informações básicas.

- Não é assim que eu trabalho, Will.

- Procurei seus outros comentários, Mrs. Sterno.

- É senhorita Sterno. E desde que estamos tão íntimos, pode me chamar de Yvonne.

- Ótimo. Você escreve artigos, na maior parte das vezes. Você faz cobertura de casamentos.

De jantares de sociedade.

- Eles promovem umas festas daquelas, Will, e eu fico muito bem de vestido preto. Aonde você quer chegar?

- Uma história como essa não cai nas suas mãos todo dia.

- Está bem, você está me deixando fervendo de curiosidade. Aonde quer chegar?

- Quero chegar aqui: não perca esta oportunidade. Apenas responda a umas perguntas simples. Que mal pode haver? E quem sabe eu seja legal.

Como ela não respondeu, fui em frente.

- Você depara com uma história de assassinato como esta. Mas o seu artigo não diz quem são as vítimas, nem fala dos suspeitos, não dá nenhum detalhe de verdade.

- Eu não sabia de nada - disse ela. - O relatório apareceu no scanner tarde da noite.

Nós mal tivemos tempo pra sair na edição matinal.

- Por que não deu prosseguimento? Isto tinha que ser uma coisa grande. Por que só saiu aquela nota?

Silêncio.

- Alô?

- Me dá um tempo. As crianças estão aprontando de novo.

Só que agora eu não estava ouvindo barulho nenhum.

- Fui obrigada a calar a boca - concluiu suavemente.

- O que isso quer dizer?

- Significa que tivemos sorte de conseguir, pelo menos, aquele pouco que saiu. No dia seguinte de manhã, havia agentes federais por toda parte. O AEE local...

- O que é um AEE?

- Agente Especial Encarregado. O chefe dos agentes federais da área. Ele fez o meu chefe acabar com a minha história. Tentei descobrir alguma coisa sozinha, mas tudo que encontrei foi um bando de nada-a-comentar.

- Isso é esquisito?

- Não sei, Will. Eu nunca tinha feito cobertura de assassinato antes. Mas você tem razão, parece bastante esquisito, sim.

- Por que acha isso?

- Pelo jeito como meu chefe está reagindo. - Yvonne deu um suspiro fundo. - É coisa grande. Muito grande. Muito maior do que um duplo assassinato. Agora é a sua vez, Will.

Pensei até que ponto eu podia ir.

- Você ouviu falar a respeito de umas impressões digitais encontradas no local?

- Não.

- Havia digitais de mulher.

- Que mais?

- Aquela mulher que foi achada morta ontem.

- Assassinada?

- É.

- Onde?

- Numa cidadezinha em Nebraska.

- Qual é o nome dela?

Recostei-me.

- Fale-me do dono da casa, Owen Enfield.

- Ah, estou vendo. Pingue-pongue. Você bate, eu bato.

- Mais ou menos. O Enfield era uma das vítimas?

- Não sei.

- O que você sabe a respeito dele?

- Que morava lá fazia três meses.

- Sozinho?

- Segundo os vizinhos, ele se mudou sozinho. Uma mulher e uma criança andavam por lá nestas últimas semanas.

Uma criança.

Meu coração começou a tremer. Sentei-me.

- Que idade tinha a criança?

- Não sei. Idade escolar.

- Uns doze, talvez.

- É, talvez.

- Menino ou menina?

- Menina.

Fiquei gelado.

- Você, ainda está aí?

- Sabe o nome da menina?

- Não. Ninguém sabia nada mesmo a respeito delas.

- E onde estão elas agora?

- Não sei.

- Como pode?

- É um dos grandes mistérios da vida. Não consegui descobrir onde foi que elas se meteram.

Mas, como eu já disse, não tenho mais nada que ver com o caso. E não tenho me esforçado muito.

- Você poderia descobrir onde elas estão?

- Posso tentar.

- Tem alguma coisa mais? Você ouviu o nome de um suspeito ou de uma das vítimas, qualquer coisa?

- Como eu disse, ficou tudo muito quieto. Eu não trabalho no jornal em tempo integral. Só peguei a história porque eu era a única que estava no jornal quando ela foi enviada. Mas tenho algumas poucas fontes boas.

- Temos que encontrar Enfield. Ou pelo menos a mulher e a menina.

- Parece um bom lugar pra começar - concordou ela. - Quer me dizer qual é o seu interesse nisso tudo?

Pensei antes de responder.

- Está disposta a saber a verdade?

- Sim, Will. Estou.

- Você agüenta firme?

- Quer uma demonstração?

- Quero.

- Você pode estar me telefonando de Nova York, mas você é mesmo de Nova Jersey. A verdade é que, embora possa haver mais do que um Will Klein por lá, minha aposta é que você

é o irmão de um assassino abominável.

- Um supostamente assassino abominável - corriji. - Como você sabe?

- Eu tenho uma ligação Lexis-Nexis aqui no meu computador. Procurei seu nome e apareceu tudo isto. Um dos comentários dizia que agora você mora em Manhattan.

- Meu irmão não teve nada a ver com isso.

- Claro, e ele era inocente de te matado a sua vizinha também, certo?

- Não foi isso que eu quis dizer. O assassino duplo não tem nada a ver com ele.

- Então qual é a ligação?

Deixei escapar um suspiro.

- Outra pessoa que era muito ligada a mim.

- Quem?

- Minha namorada. As digitais dela foram encontradas na cena do crime.

Ouvi as crianças fazerem barulho novamente.

Soava como se estivessem correndo pela sala fazendo ruído de sirene de carros. Yvonne Sterno não gritou desta vez.

- Então foi a sua namorada que encontraram morta em Nebraska?

- Foi.

- E este é o seu interesse nisso tudo?

- Em parte, é.

- E a outra parte?

Eu não estava preparado para falar sobre Carly.

- Descubra onde está Enfield - pedi.

- Qual era o nome dela? Da sua namorada.

- Apenas o encontre.

- Olhe aqui, você quer que trabalhem juntos? Não esconda nada de mim. Eu posso descobrir em cinco segundos, é só procurar. Diga.

- Rogers - eu disse. - O nome dela era Sheila Rogers.

Ouvi-a digitando um pouco mais.

- Vou fazer o impossível. Will. Fica firme. Eu te ligo logo, logo.

30

TIVE UM ESTRANHO QUASE-SONHO.

Digo "quase" porque não estava inteiramente adormecido. Estava flutuando naquela estreiteza entre cochilo e consciência, aquele estado no qual às vezes tropeçamos e mergulhamos, e precisamos agarrar as beiradas da cama. Fiquei deitado no escuro, com as mãos na nuca, de olhos fechados.

Mencionei anteriormente que Sheila gostava de dançar. Ela chegou mesmo a me fazer entrar para um clube de danças no Centro da Comunidade Judaica em West Orange, Nova Jersey. O CCJ era perto do hospital onde estava minha mãe e da nossa casa em Livingston. Íamos visitar minha mãe todas as quarta e então, às seis e meia, tínhamos nosso encontro com os companheiros dançarinos.

Éramos os mais jovem do clube - e estou fazendo o cálculo por alto - , todos tinham por volta de setenta e cinco anos, mas cara, como aqueles coroas sabiam se mexer. Eu procurava me manter à altura, mas não havia jeito. Sentia-me muito constrangido naquele ambiente. Sheila não. Às vezes, no meio de uma dança, ela soltava minha mão e saía flutuando sozinha. De olhos fechados. Havia uma luminosidade em seu rosto e ela desaparecia totalmente na felicidade.

Havia um outro casal mais velho, os Segal, que dançavam junto desde aquelas reuniões da USO* nos anos quarenta.

Formavam um casal bonito e elegante. Mr. Segal sempre usava um lenço branco no pescoço. Mrs. Segal usava alguma coisa azul e um colar de pérolas. No salão, eram pura magia. Moviam-se como dois apaixonados. Moviam-se como se fossem uma única pessoa. Nos intervalos eram sociáveis e amistosos com todos. Mas quando a música começava, só tinham olhos um para o outro.

Numa noite nevoenta de fevereiro - pensamos que o clube estaria provavelmente fechado, mas não estava -, Mr. Segal apareceu sozinho. Ainda estava usando o lenço branco. Seu terno

estava impecável. Mas bastou olhar a seriedade do seu rosto e vimos logo. Sheila agarrou minha mão. Pude ver uma lágrima fugindo de um dos seus olhos. Quando a música começou, Mr. Segal levantou-se, caminhou sem hesitação para a pista de dança e dançou sozinho. Ele abriu os braços e moveu-se como se sua mulher ainda estivesse ali. Ele a guiava pelo salão, ninando seu fantasma tão carinhosamente que não ousamos perturbá-lo.

Na semana seguinte, Mr. Segal não apareceu. Soubemos, pelos demais, que Mrs. Segal havia perdido uma longa batalha contra o câncer.

*USO - United Service Organization é uma organização que promove espetáculos, cria bibliotecas e fornece equipamentos, como telefones e televisões, para os membros das forças armadas. Durante a Segunda Grande Guerra, a USO promovia grandes festas com música e dança para os soldados. (N. do T.)

Mas ela dançou até o fim. A música começou então. Todos pegamos nossos pares e fomos para a pista. E enquanto eu segurava a Sheila apertada contra mim, inacreditavelmente apertada, me dei conta de que, por mais triste que fosse a história dos Segal, eu não conheço ninguém que pudesse ter tido outra melhor.

Foi nesse ponto que entrei no quase-sonho, embora desde o início eu houvesse reconhecido. Eu estava de volta ao clube de danças do CCJ. Mr. Segal estava lá. Como muitas outras pessoas que eu nunca vira antes, todas sem par. Quando a música começou, todos dançaram sozinhos.

Olhei ao redor. Meu pai estava lá, dançando um foxtrote desajeitado. Ele me fez sinal com a cabeça.

Olhei os outros dançando. Todos sentiam, claramente, a presença de sua ausente bem-amada. Olhavam os fantasmagóricos de suas companheiras. Tentei ir em frente, mas alguma coisa estava errada. Não vi nada. Estava dançando sozinho. Sheila não viria até mim.

Longe, ouvi o telefone tocar. Uma voz profunda no gravador penetrou meu sonho adentro.

- Aqui é o Tenente Daniels, do Departamento de Polícia de Livingston. Estou tentando me comunicar com Will Klein.

Ao fundo, por trás do Tenente Daniels, ouvi a risada sufocada de uma mulher. Meus olhos abriram-se num golpe e o Clube de Danças do CCJ desapareceu. Quando peguei o telefone, ouvi a jovem soltar outra risada.

Parecia a voz de Katy Miller.

- Talvez eu deva telefonar para os seus pais - dizia o Tenente Daniels, para quem quer que estivesse rindo.

- Não. - Era Katy. - Eu tenho dezoito anos. Você não pode me obrigar...

Peguei o telefone.

- Aqui é Will Klein.

O Tenente Daniels disse:

- Olá, Will. Quem está falando aqui é Tim Daniels. Fomos colegas de escola, você se lembra?

Tim Daniels. Ele costumava trabalhar no posto do Hess da cidade. Usava seu uniforme sujo de óleo na escola, completo, com nome bordado no bolso. Pensei que continuava gostando de uniformes.

- Claro - eu disse, inteiramente confuso. - Com vão as coisas?

- Numa boa, obrigado.

- Você está na polícia agora? - Nada me atrapalha.

- Estou. E ainda moro aqui na cidade. Casei com Betty Jo Stetson. Temos duas filhas.

Tentei me lembrar de Betty Jo, mas não consegui.

- Puxa, parabéns.

- Obrigado. - Sua voz ficou grave. - Eu li a respeito de sua mãe no *Tribune*. *Meus pésames*.

- Muita gentileza sua, obrigado.

Katy Miller começou a rir de novo.

- Escute, o motivo de eu estar telefonando é que, acho que você conhece a Katy Miller.

- Conheço.

Houve um momento de silêncio. Ele provavelmente lembrou-se de que eu tinha sido namorado de sua irmã mais velha dela, e que destino ela acabara tendo.

- Ela me pediu para te telefonar.

- Algum problema?

- Encontrei Katy Miller no playground de Mount Pleasant com meia garrafa de Absolut. Ela está inteiramente bêbada. Eu ia telefonar para os pais dela...

- Esquece! - Katy gritou de novo. - Tenho dezoito anos!

- Tá bem, não interessa. Enfim, ela pediu pra te telefonar, em vez de chamar os pais. Eu me lembro de quando éramos garoto. Nós éramos perfeitos também, sabe o que eu estou dizendo, não?

- Sei.

Foi aí que Katy berrou alguma coisa, e o meu corpo enrijeceu. Esperava ter ouvido mal. Mas as palavras dela, o jeito quase irônico de ela gritar, teve o efeito de uma mão fria comprimindo minha nuca.

- Idaho! - berrou. - Estou certa, Will? Idaho!

Apertei o telefone, certo de ter ouvido mal.

- O que ela está dizendo?

- Não sei. Ela fica berrando uma coisa a respeito de Idaho, mas ainda está de pileque.

Katy novamente:

- Porra de Idaho! Batatas*! Idaho! Estou certa, não estou?

Minha respiração ficou bloqueada.

- Escute, Will, eu sei que já é muito tarde, mas você não pode dar um pulo aqui e levá-la embora?

Encontrei voz suficiente em mim para dizer:

- Estou indo.

* Estado de Idaho é essencialmente agrícola, famoso pela produção de suas excelentes batatas. (N. do T.)

31

SQUARES SUBIU PELA ESCADA PARA EVITAR O RISCO DE ACORDAR WANDA COM O barulho do elevador.

O prédio era de propriedade da Yoga Squared Corporation. Ele e Wanda moravam nos dois andares em cima do estúdio de ioga. Eram três horas da manhã. Squares abriu a porta. As luzes estavam apagadas. Ele entrou no quarto. As luzes da rua penetravam em duras estrias de iluminação.

Wanda estava sentada no sofá, no escuro. Sua pernas e braços estavam cruzados.

- Oi - sussurrou ele, como se estivesse com receio de acordar alguém, se bem que não houvesse ninguém mais no prédio.

- Você quer se livrar disso? - disse ela.

Squares desejou ter ficado de óculos escuros.

- Estou morto de cansaço, Wanda. Me deixe dormir algumas horas.

- Não.

- O que quer que eu diga?

- Ainda estou no primeiro trimestre. Tudo que tenho que fazer é tomar uma pílula. Eu só queria saber. Você quer se livrar disso?

- Então agora, de repente, depende de mim?

- Estou esperando.

- Pensei que fosse uma grande feminista, Wanda. E o direito que as mulheres têm de escolher?

- Não me venha com besteira.

Squares enterrou as mãos nos bolsos.

- O que você quer fazer?

Wanda voltou a cabeça para o lado. Ela podia ver o perfil, seu pescoço longo, seu porte orgulhoso. Ele a amava. Nunca tinha amado ninguém antes, e ninguém tampouco o tinha amado. Quando ele era bem pequeno, sua mãe gostava de queimá-lo com o ferro de ondular cabelo. Ela parou, por fim, quando ele fez dois anos - no mesmo dia, coincidiu de seu pai matá-la de pancada e se enforcar no banheiro.

- Você usa seu passado na testa - disse Wanda. - Nem todos podem se dar a esse luxo.
- Não sei do que está falando.
Nenhum dos dois tinha acendido a luz. Os olhos estavam se habituando, mas tudo era uma névoa escura e talvez isso facilitasse as coisas.
Wanda disse:
- Eu fui a oradora na turma no secundário.
- Eu sei.
Ela fechou os olhos.
- Me deixa dizer uma coisa, certo?
Squares fez um gesto para ela prosseguir.
- Cresci num subúrbio de rico. Havia poucas famílias negras. Eu era a única negra numa classe de trezentos. E era a primeira da classe. Eu podia escolher a universidade que quisesse. E escolhi Princeton.
Ele já sabia dessa história, mas não disse nada.
- Quando cheguei lá, comecei a sentir que não estava à altura. Não vou agora fazer uma análise detalhada a respeito do meu fraco valor pessoal e tudo mais. Mas parei para comer. Perdi peso. Fiquei anoréxica. Não comia nada que não pudesse pôr pra fora. Ficava acordada o tempo todo.
Pesava uns quarenta e cinco quilos e ainda me olhava no espelho e odiava a gorducha que me olhava de volta.
Squares aproximou-se dela. Queria pegar-lhes a mão. Mas, idiota que era, não pegou.
- Passei fome a ponto de ser hospitalizado. Danifiquei meus órgãos. Meu fígado, meu coração, os médicos ainda não têm certeza de quanto. Nunca cheguei a ter parada cardíaca, mas houve um período em que estive bem perto disto. Finalmente me recuperei, não vou entrar em detalhes, mas os médicos de disseram que eu, com toda certeza, nunca ficaria grávida. E se ficasse, certamente não conseguiria chegar ao fim de gravidez.
Squares ficou de pé, ao lado dela.
- E o que seu médico disse agora?
- Ele não prometeu nada.- Wanda o olhou. - Eu nunca tive tanto medo na vida.
Ele sentiu o coração desmoronar no peito. Queria sentar-se junto dela, abraçá-la.
Mas de novo alguma coisa o deteve e ele se odiou por isso.
- Se seguir adiante com isso e for um risco pra sua vida.... - começou ele.
- Então o risco é meu - completou ela.
Ele procurou sorrir.
- A volta da grande feminista.
- Quando eu disse que estava com medo, não estava falando só da minha saúde.
Ele sabia.
- Squares?
- Sim?
Sua voz era quase um pedido.
- Não me afaste, tá bem?
Ele não sabia o que dizer, então preferiu o óbvio.
- É um passo e tanto.
- Eu sei.
- Eu não acho - disse ele lentamente - que seja preparado pra enfrentar isso.
- Eu te amo.
Eu também te amo.
- Você é o homem mais forte que já conheci.
Squares sacudiu a cabeça. Algum bêbedor na rua começou a cantar, berrando que o amor cresce aonde a sua Rosemary vai e ninguém sabe a não ser ele. Wanda descruzou os braços e esperou.
- Talvez - começou Squares - não devêssemos ir em frente com isso. Nem que seja pela sua saúde.
Wanda o viu recuar e se afastar. Antes que pudesse responder, ele já havia saído.

Aluguei um carro numa locadora que ficava aberta vinte e quatro horas, na Rua 37,

e fui até a central de polícia de Livingston. Eu não havia estado naquele ambiente sacrossanto desde a visita da Escola Elementar Burnett Hill, quando eu estava no primário. Naquela manhã ensolarada, não nos permitiram ver as celas, onde agora eu encontraria Katy, porque, assim como nesta noite, havia alguém lá. A idéia de que talvez um criminoso daqueles estivesse trancado a poucos metros de onde estávamos era mais bacana do que um garoto do primário podia imaginar.

O detetive Tim Daniels recebeu-me com um aperto de mão não muito firme. Notei que ele havia colocado seu cinturão alto demais. Ele o chacoalhava - suas chaves, suas algemas ou fosse lá o que fosse - enquanto caminhava. Estava mais encorpado do que quando era jovem, mas seu rosto continuava suave e sem marcas.

Preenchi alguns papéis, e Katy foi solta sob minha custódia. Tinha ficado sóbria durante o tempo que levei para chegar lá. Não havia risadas agora. Estava com a cabeça abaixada. Seu rosto tinha adquirido a postura sombria clássica dos adolescentes.

Agradei novamente ao Tim. Katy não tentou sequer sorrir ou acenar. Íamos em direção ao carro, mas, quando saímos ao ar livre, ela agarrou meu braço.

- Vamos dar uma volta - disse ela.
- São quatro da manhã. Estou cansado.
- Vou vomitar se andar de carro.

Parei.

- Por que estava gritando Idaho no telefone?

Mas Katy já estava atravessando a Livingston Avenue. Fui atrás. Ela foi mais depressa quando chegou à praça. Alcancei-a.

- Seus pais vão ficar preocupados - alertei.
- Eu disse a eles que ia ficar na casa de uma amiga. Está tudo bem.
- Quer me dizer por que estava bebendo sozinha?

Katy continuou andando. Sua respiração ficou mais intensa.

- Estou com sede.
- Sei. E por que estava berrando sobre Idaho?

Ela me olhou, mas continuou a passos largos.

- Acho que você sabe.

Agarrei o braço dela.

- Que tipo de jogo está disputando comigo?
- Não sou de joguinho nenhum, Will.
- Do que está falando?
- De Idaho, Will.

A sua Sheila Rogers era de Idaho, não era?

Novamente suas palavras me agrediram como um soco.

- Como você sabia?

- Eu li.

- No jornal?

Ela deu uma risadinha.

- Você não sabia mesmo?

Segurei-a pelos ombros.

- Do que você está falando?
- Onde a sua Sheila estudou? - perguntou ela.
- Não sei.
- Pensei que vocês dois estavam loucamente apaixonados.
- É uma coisa complicada.
- Aposto que é.

- Ainda não estou entendendo, Katy.

- Sheila Rogers estudou em Haverton, Will. Com Julie. Elas estavam no mesmo grêmio.

Fiquei petrificado.

- Não é possível.

- Não acredito que você não sabia. A Sheila nunca te disse?

Sacudi a cabeça negativamente.

- Você tem certeza?

- Sheila Rogers, de Mason, Idaho. Formou-se em comunicação. Está tudo na publicação do grêmio. Encontrei numa mala velha, no porão.

- Eu não entendo. Você se lembrou do nome dela depois de todos estes anos?

- É.
- Como? Quer dizer, você se lembra do nome de todas as colegas do grêmio da Julie?
- Não.
- Então como foi se lembrar de Sheila Rogers?
- Porque - disse Katy - Sheila e Julie eram colegas de quarto.

32

SQUARES CHEGOU AO MEU APARTAMENTO TRAZENDO PÃO JUDEU E PATÊS, comprados em um lugar inteligentemente chamado La Bagel*, na esquina da Rua 15 com a Primeira Avenida. Eram dez horas da manhã e Katy estava dormindo no sofá. Squares acendeu um cigarro. Reparei que ele ainda usava as mesmas roupas da véspera. Não era fácil perceber - não era como se Squares fosse uma figura importante no mundo da alta costura -, mas naquela manhã ele parecia ainda mais desmazelado. Sentamos nos banquinhos perto da bancada da cozinha.

- Olhe aqui - eu disse -, sei que quer se parecer com essa gente que anda pelas ruas, mas... Ele tirou um prato do armário.
- Você via ficar aí me divertindo com essa falação engraçada ou vai me contar o que aconteceu?
- Algum motivo para eu não fazer as duas coisas?

Ele abaixou a cabeça e, de novo, me olhou por cima dos óculos escuros.

* Bagel é o nome do pão judeu, donde a ironia de Will. (N. do T.)

- É tão ruim assim, é?
- Pior - eu disse.

Katy se mexeu no sofá. Ouvi-a dizer "Ai!". Eu estava com um Tylenol extraforte à mão.. Dei dois para ela num copo d'água. Ela engoliu tudo e foi trôpega para o chuveiro. Voltei ao banquinho.

- Como está seu nariz? - perguntou Squares.
- Como se o meu coração tivesse subido pra lá e estivesse latejando pra tentar sair.

Ele fez que sim e pegou um pedaço de pão com patê de salmão defumado. Mastigou lentamente. Seus ombros caíram. Eu sabia que ele não tinha passado a noite em casa. Sabia que algo acontecera entre ele e Wanda. E mais importante, sabia que ele não queria que eu perguntasse nada.

- Você estava falando que era pior - começou.
- A Sheila mentiu pra mim.
- Já sabíamos disso.
- Não desse jeito.

Ele continuou mastigando.

- Ela conhecia Julie Miller. Pertenciam ao mesmo grêmio na universidade. Até dividiam o mesmo quarto.

Ele parou de mastigar.

- Como é que é?

Contei a ele o que ficara sabendo. O chuveiro estava correndo o tempo todo. Imaginei que a cabeça de Katy continuaria doendo ainda algum tempo em consequência da bebida. Mas a verdade é que os jovens se recuperam mais depressa do que nós.

Quando acabei de dar as informações, Squares inclinou o corpo para trás, cruzou os braços e sorriu.

- Até parece moda.
- É. É, foi exatamente o que pensei.
- Não estou entendendo, cara. - E começou a passar patê em outro pedaço de pão. - Sua antiga namorada, assassinada há onze anos, era companheira de quarto da sua namorada mais recente, que também foi assassinada.
- Certo.
- E seu irmão foi culpado pelo primeiro crime.

- Certo, de novo.

- Tudo bem - concordou Squares, confiante. - Mas ainda não estou entendendo.

- Deve ter sido uma armação - enfatizei.

- O que foi armação?

- Sheila e eu. - Tentei dar de ombros. - Deve ter sido tudo uma armação. Uma mentira.

Ele fez um gesto de sim e não com a cabeça. Seu cabelo comprido caiu sobre o rosto. Ele o jogou para trás.

- Com que finalidade?

- Não sei.

- Pense.

- Já pensei. A noite inteira.

- Certo. Vamos supor que você esteja certo. Suponha que Sheila tenha mentido ou, lá sei eu, que ela tenha armado pra você de alguma maneira. Tá me entendendo?

- Estou.

Ele levantou as palmas das mãos.

- Com que finalidade?

- De novo, não sei.

- Então vamos estudar as possibilidades - disse Squares. Levantou o indicador. - Pra começar, podia ser uma coincidência daquelas.

Fiquei olhando-o.

- Espere aí, você namorou a Julie Miller o que, há mais de doze anos?

- Sim.

- Então, talvez a Sheila nem lembrasse. Quer dizer, você se lembra do nome de todas as ex-namoradas dos seus amigos? Vai ver a Sheila esqueceu o seu nome. E aí, anos depois, vocês se encontraram...

Fiquei olhando-o mais um pouco.

- Está bem, tudo certo, é um pouco demais - concordou ele. - Deixa pra lá. Possibilidade número dois - Squares levantou mais um dedo, fez uma pausa, olhou para o alto -, que diabo, agora me perdi.

- Certo.

Comemos. Ficamos remoendo mais um pouco.

- Tudo bem, vamos supor que a Sheila soubesse exatamente quem você era, desde o começo.

- Certo.

- Continuo sem entender, cara. Sobra o quê?

- Que até parece moda - respondi.

O chuveiro parou. Peguei um saquinho de sementes de papoula. As sementes grudaram na minha mão.

- Fiquei pensando nisso a noite inteira - insisti.

- E?

- E fico voltando ao Novo México.

- Como assim?

- O FBI queria interrogar Sheila a respeito de um duplo assassinato em Albuquerque.

- E daí?

- Alguns anos antes, Julie Miller também foi assassinada.

- E o caso ficou sem solução - disse Squares -, apesar de eles suspeitarem que foi seu irmão.

- É.

- Você vê uma ligação entre as duas coisas? - perguntou Squares.

- Tem que haver.

Squares concordou.

- Tudo bem, estou entendendo seu ponto de vista. Mas não consigo relacionar um com o outro.

- Nem eu.

Ficamos calados. Katy meteu a cabeça pela porta. Seu rosto tinha aquela palidez do dia seguinte. Ela grunhiu e disse:

- Vomitei de novo.

- Obrigado pela informação.

- Onde estão as minhas roupas?

- No armário do quarto - respondi.

Ela fez um gesto de dor e fechou a porta. Olhei para o lado direito do sofá, para o lugar onde

Sheila gostava de ficar sentada, lendo. Como isto podia estar acontecendo? O velho adágio: "É melhor ter amado e perdido o amor do que nunca ter amado" veio à minha lembrança. Fiquei pensando nele. Mas, mais do que isso, pensei no que seria pior - perder o amor de toda uma vida ou dar-se conta de que ela jamais nos amou.

Bela escolha.

O telefone tocou. Desta vez não esperei pela gravação. Atendi.

- Will?

- Sim.

- Aqui é Yvonne Sterno. A resposta de Albuquerque para Jimmy Olsen.

- O que você descobriu?

- Passei a noite inteira trabalhando nisso.

- E então?

- Fica cada vez mais esquisito.

- Estou ouvindo.

- Tudo bem. Eu consegui que o meu contato procurasse nas escrituras e nos registros de impostos. Agora, entenda que o meu contato é uma funcionária do governo e eu tive que conseguir que ela o fizesse fora do horário de serviço. Temos mais chance de transformar água em vinho ou que o meu tio pegue um cheque do que fazer um funcionário do governo se apresentar...

- Yvonne? - interrompi.

- Sim?

- Admita que já estou impressionado com os seus recursos. O que você descobriu?

- Tudo bem, você está certo. - Ouvi alguns papéis serem manuseados. - A casa onde ocorreu o crime foi alugada por uma corporação chamada Cripco.

- E eles são?

- Não deu para descobrir. É uma fachada. Parece que não fazem nada.

Pensei sobre o que ela falou.

- Owen Enfield tinha um carro. Um Honda Accord cinza. Também alugado pelos caras bacanas da Cripco.

- Talvez ele trabalhasse pra eles.

- Pode ser. Estou tentando verificar isso agora.

- Onde o carro está?

- Essa é outra coisa interessante - disse Yvonne. - A polícia encontrou-o abandonado numa alameda em Lacida. Fica a uns duzentos e cinquenta quilômetros a leste daqui.

- Mas então onde está Owen Enfield?

- Sabe o que eu acho? Está morto. Ao que sabemos, ele era uma das vítimas.

- E a mulher e a garotinha? Onde elas estão?

- Não faço idéia. Que diabo, eu nem sei quem elas são.

- Você falou com os vizinhos?

- Falei. É como eu já disse: ninguém sabia muita coisa a respeito deles.

- E a descrição física?

- É...

- É o quê?

- Era sobre isso que eu queria falar com você.

Squares continuava comendo, mas eu podia dizer que estava ouvindo tudo. Katy ainda estava em meu quarto se vestindo ou fazendo outra oferta para os deuses de porcelana.

- As descrições eram bastante vagas - continuou Yvonne. - A mulher tinha seus trinta e poucos anos, era atraente, cabelos pretos. Isso foi mais ou menos tudo o que os vizinhos puderam me dizer. Ninguém sabia o nome da menininha. Devia ter seus onze ou doze anos e tinha cabelos castanho-claros. Um dos vizinhos disse que ela era uma gracinha, mas qual garota dessa idade não é? Mr. Enfield foi descrito como tendo um metro e noventa, com cabelos grisalhos à escovinha e cavanhaque. Uns quarenta anos, mais ou menos.

- Então ele não era uma das vítimas.

- Como é que você sabe?

- Eu vi uma fotografia da cena do crime.

- Quando?

- Quando fui interrogado pela FBI a respeito do paradeiro da minha namorada.

- Você podia distinguir as vítimas?

- Não claramente, mas o suficiente para ver que nenhum dos dois tinha cabelo cortado à

escovinha.

- Sei. Então a família toda se mandou e sumiu.
- Pois é.
- Tem outra coisa, Will.
- O quê?
- Stonepoint é uma comunidade nova. Tudo é auto-suficiente.
- O que você quer dizer com isso?
- Você conhece as QuickGo, aquela rede de lojas de

conveniência?

- Claro - eu disse. - Temos uma QuickGo aqui também.

Squares tirou os óculos escuros e olhou-me interessado. Dei de ombros e ele se aproximou de mim.

- Bem, tem uma QuickGo enorme bem no começo do complexo - anunciou Yvonne. - Quase todos os moradores compram lá.

- Então?

- Um dos moradores jura que viu Owen Enfield lá, às três horas, no dia dos assassinatos.

- Não estou entendendo, Yvonne.

- Bem - continuou ela -, o problema é o seguinte: todas as QuickGo têm câmeras de segurança. - Ela fez uma pausa. - Está entendendo agora?

- Estou, acho que estou.

- Eu já verifiquei - continuou ela. - Eles guardam as fitas por um mês antes de usá-las de novo.

- Então, se conseguimos aquela gravação - comecei -, poderemos ver muito bem a cara do Mr. Enfield.

- Vai ser difícil. O gerente da loja foi firme. Disse que não havia jeito de me entregar coisa alguma.

- Mas deve ter uma maneira.

- Estou aberta para sugestões, Will.

Squares botou a mão no meu ombro.

- O quê?

Eu cobri o bocal com a mão e perguntei:

- Você conhece alguém ligado à QuickGo?

- Por incrível que pareça, a resposta é não.

Droga. Ficamos remoendo sobre o assunto mais um pouco. Yvonne começou a cantarolar o jingle da QuickGo, uma daquelas musiquinhas torturantes que entram por nosso ouvido e começam a ricochetear por nosso crânio à procura de um caminho de fuga que nunca descubrem. Lembrei-me da nova campanha comercial, aquela em que eles haviam modernizado o antigo jingle acrescentando uma guitarra elétrica, um sintetizado e um baixo, e colocando à frente da banda um cantor pop de sucesso conhecido como Sonay.

- Segura o fone, Sonay.

Squares me olhou.

- O quê?

- Acho que você vai poder me ajudar, afinal de contas - eu disse.

SHEILA E JULIE TINHAM PERTENCIDO AO GRÊMIO FEMININO CHIGAMMA. EU AINDA estava de posse do carro alugado na noite anterior para ir a Livingston, então Katy e eu decidimos fazer uma viagem de duas horas até o Haverton College em Connecticut e ver o que podíamos descobrir.

Durante a manhã, eu havia telefonado ao escritório de registros de Haverton para fazer umas averiguações. Fiquei sabendo que a encarregada dos dormitórios do grêmio tinha sido uma certa Rose Baker. Mrs. Baker tinha se aposentado há três anos e se mudado para uma casa no campus bem do outro lado da rua. Ela seria o alvo principal da nossa pseudo-investigação.

Paramos em frente à casa Chi Gamma. Lembrava-me dela por causa das minhas não muito frequentes visitas durante meus tempos no Amherst College. Podia-se dizer de cara que se

tratava de uma das casas dos grêmios. Tinha aquelas falsas colunas greco-romanas de antes da guerra, brancas, com beirais enfeitados que davam um toque feminino a todo o prédio. Alguma coisa nele me fazia pensar em um bolo de noiva.

A casa de Rose Baker era, para ser condescendente, mais modesta. Tinha começado sua história como uma pequena casa ao estilo Cape Cod, mas ao longo do tempo os detalhes haviam se planificado. A cor vermelha era agora de um tom de barro desbotado. As rendas das cortinas pareciam ter sido estraçalhadas por gatos. Os revestimentos de madeira tinham descascado como se a casa tivesse sofrido uma crise aguda de seborréia.

Em circunstâncias normais, eu teria marcado um encontro. Na televisão nunca se faz assim. O detetive aparece, e a pessoa sempre está em casa. Sempre achei isso tão irreal quanto complicado, contudo, agora eu compreendia um pouquinho melhor. Para começar, a mulher muito falante no arquivo me informou que Rose Baker raramente saía de casa, e quando o fazia, dificilmente ia longe. Em segundo lugar - e acho que era o mais importante -, se eu telefonasse para Rose Baker e ela me perguntasse por que eu queria vê-la, o que eu iria dizer? Oi, vamos bater um papo sobre assassinato? Não, o melhor era aparecer com Katy e ver onde tudo isso nos levaria. Se ela não estivesse em casa, poderíamos vasculhar os arquivos na biblioteca ou visitar a casa do grêmio. Eu não fazia idéia de como essas coisas poderiam nos servir, mas, ora, estávamos apenas fazendo um vôo cego.

Quando nos aproximamos da porta de Rose Baker, não pude deixar de sentir uma ponta de inveja dos estudantes com suas mochilas, que vi caminhando para todos os lados. E tinha adorado a universidade. Gostava de tudo que representava. Gostava de perambular com meus amigos mais desleixados e preguiçosos. Gostava de morar sozinho, de lavar minha própria roupa e comer pizzas de pepperoni à noite. Gostava de conversar com os professores acessíveis, que mais pareciam hippies. Gostava de debater assuntos elevados e cruas realidades que nunca, jamais, poderiam penetrar pelos gramados do nosso campus.

Quando chegamos ao capacho com uma saudação abertamente entusiástica, ouvi a música familiar vindo pelo portal de madeira. Fiz uma careta e escutei atento. O som estava abafado, mas parecia ser Elton John - mais especificamente a sua canção "Candle in the Wind", do clássico álbum duplo *Goodbye Yellow Brick Road**. Bati à porta.

Uma voz feminina soou:

- Só um minuto.

Poucos segundos depois, a porta se abriu. Rose Baker tinha provavelmente uns setenta anos e estava vestida, fiquei surpreso de ver, para ir a um enterro. Seu traje, desde o grande chapéu de aba larga com véu até os sapatos confortáveis, era preto. O ruço na face parecia ter sido aplicado sem restrições com uma lata de spray. Sua boca formava um "O" quase perfeito, e seus olhos eram grandes pires vermelhos, como se seu rosto tivesse se congelado imediatamente após ter levado um susto.

- Mrs. Baker? - perguntei.

Ela levantou o véu:

- Sim?

- Meu nome é Will Klein. Esta é Katy Miller.

Os olhos de pires voltaram-se para Katy e caíram em posição.

- Viemos numa hora inadequada?

Ela pareceu surpresa com a minha pergunta.

- Não, de forma alguma.

Eu disse:

- Gostaríamos de dar uma palavrinha com a senhora, se não se importar.

- Katy Miller - repetiu, os olhos ainda sobre ela.

- É, sim senhora - confirmei.

- Irmã de Julie.

Não era uma pergunta, mas Katy fez que sim com um movimento de cabeça. Rose Baker abriu a porta de tela.

- Entrem, por favor.

Nós a seguimos e entramos na sala de visitas. Katy e eu paramos, chocados com o que vimos.

Era a Princesa Di.

Ela estava em toda a parte. A sala inteira estava coberta, forrada, sufocada com a parafernália da Princesa Di. Havia fotografias, é claro, mas aparelhos de chá, pratos comemorativos, almofadas bordadas, abajures, figurinos, livros, dedais, pequeninos copos de bebida (tão respeitosos), uma escova de dentes (que nojo!), um abajur de criado-mudo, óculos escuros,

conjuntos de sal e pimenta, tudo que se possa imaginar. Me dei conta de que a canção que estava ouvindo não era a gravação clássica original do Elton John e Bernie Taupin, mas a mais recente versão de tributo à Princesa Di, o poema agora oferecendo um adeus à nossa "rosa inglesa". Eu havia lido em algum lugar que a versão do tributo a Diana era o disco mais vendido na história fonográfica. Isto devia significar alguma coisa, se bem que eu não estava certo de querer saber o que era.

Rose Baker disse:

- Vocês se lembram de quando a Princesa Diana morreu?

Olhei para Katy. Ela me olhou. Fizemos sim com a cabeça.

- Lembram-se da mentira pela qual o mundo a pranteou?

Ela nos olhou mais. Novamente, ambos concordamos.

- Para a maior parte das pessoas, a dor, o luto, foi apenas uma moda passageira. Fizemos durante alguns dias, talvez uma semana ou duas. Depois... - ela estalou os dedos, como faria um mágico, seus olhos de pires maiores do que nunca. - E acabou-se para eles. Como se ela nunca tivesse existido.

Ela nos olhou e esperou as reações de concordância. Tentei não fazer caras.

- Mas para alguns de nós, Diana, Princesa de Gales, bem, ela era realmente um anjo. Boa demais para este mundo, com certeza. Nunca a esqueceremos. Vamos manter sua memória viva.

Ela piscou de leve. Um comentário sarcástico aflorou aos meus lábios, mas me controlei.

- Por favor - disse ela. - Sentem-se. Gostariam de tomar um pouco de chá?

Katy e eu recusamos polidamente.

- Um biscoitinho, então?

Ela apresentou um prato cheio de biscoitos com a forma, sim, do perfil da Princesa Diana. O açúcar formava a coroa. Não aceitamos, nenhum de nós estava disposto a morder a falecida Lady Di. Decidi entrar direto no assunto.

- Mrs. Baker, a senhora se lembra da irmã de Katy, a Julie?

- Lembro, é claro. - Ela pousou o prato de biscoitos na mesa. - Me lembro de todas as minhas garotas. Meu marido, Frank - ele ensinava inglês aqui -, morreu em 1969. Não tínhamos filhos. Todos os meus parentes já haviam falecido. A casa do grêmio, as meninas, durante vinte e seis anos foram a minha vida.

- Entendo.

- E Julie, bem, tarde da noite, quando eu já estou na cama, é o rosto dela que vejo mais do que os outros. Não porque ela fosse uma garota especial - oh, e ela era -, mas, é claro, por causa do que aconteceu com ela.

- A senhora está se referindo ao assassinato? - Era uma coisa tola de perguntar, mas eu era novo nisso. Só queria que ela continuasse falando.

- É. - Rose Baker estendeu o braço e pegou a mão de Katy. - Que tragédia. Fico penalizada com a sua perda.

Katy agradeceu:

- Obrigada.

Por mais descaridoso que fosse, minha cabeça não podia evitar penar: uma tragédia, sim, mas, por falar nisto, onde é que estava a imagem de Julie ou do marido e da família de Rose Baker neste turbilhão de miscelânea de tristeza real?

- Mrs. Baker, a senhora se lembra de uma outra garota do grêmio que se chamava Sheila Rogers? - perguntei.

Seu rosto se contraiu e sua voz foi incisiva.

- Sim. - Ela moveu-se, firmemente. - Sim, me lembro.

Por causa de sua reação, era bastante óbvio que ela não tinha ouvido nada sobre o assassinato. Decidi não contar, por enquanto. Estava claro que ela tinha um problema com Sheila eu queria saber o que era. Precisávamos de honestidade aqui. Se eu dissesse agora que Sheila estava morta, ela poderia adocicar suas respostas. Antes que pudesse prosseguir, Mrs. Baker levantou a mão.

- Posso fazer-lhe uma pergunta?

- Claro.

- Por que está me perguntando tudo isso? - Ela olhou Katy. - Aconteceu faz tanto tempo.

Katy pegou a deixa.

- Estou tentando descobrir a verdade.

- A verdade sobre o quê?

- Minha irmã ficou diferente enquanto estava aqui.
Rose Baker fechou os olhos.
- Você não precisa ouvir nada disso, minha filha.
- Eu sei. – Katy falou e o desespero em sua voz era palpável o suficiente para escancarar uma janela. – Por favor. Nós precisamos saber.
Rose Baker ficou com os olhos fechados por mais um instante. Então, pareceu concordar consigo mesma e abriu-os. Cruzou as mãos sobre o colo.
- Que idade você tem?
- Dezoito.
- Mais ou menos a idade de Julie quando chegou aqui. – Rose Baker sorriu. – Você se parece com ela.
- É o que todos dizem.
- É um elogio. Julie iluminava onde estivesse. De muitas maneiras ela me lembra a própria Diana. As duas eram lindas. E muito especiais, quase divinas. – Ela sorriu e sacudiu o indicador.
- E ambas tinham um traço selvagem. Eram descomedidamente teimosas. Julie era uma boa pessoa. Boa, esperta como ninguém. Era uma aluna excelente.
- Contudo – eu disse -, ela desistiu.
- Desistiu.
- Por quê?
Ela direcionou os olhos para mim.
- A Princesa Di tentou ser firme. Mas ninguém pode controlar os ventos do destino. Eles sopram para onde bem entendem.
Katy disse:
- Não estou compreendendo a senhora.
Um relógio da Princesa Di bateu as horas, o som era uma imitação abafada do Big Ben. Rose Baker esperou até que ele ficasse em silêncio novamente.
- A universidade muda as pessoas. É a primeira vez que se está longe de casa, a primeira vez que estamos sozinhos... – Ela estava com o pensamento longe, e por um momento pensei que teria que chamar sua atenção para que continuasse. – Eu não estou explicando isso corretamente. A Julie era excelente no início, mas aí ela, bem, ela começou a se afastar.
De todos nós. Começou a faltar às aulas. Brigou com o namorado que tinha deixado na cidade. Não que isso não fosse incomum. Todas as garotas fazem isso no primeiro ano. Mas no caso dela foi mais tarde. Foi no penúltimo ano, eu acho. Pensei que ela realmente o amava.
Engoli em seco, mantive-me firme.
- Mas antes – disse Rose Baker – o senhor me perguntou sobre Sheila Rogers.
Katy disse:
- É.
- Ela foi uma influência muito ruim.
- De que maneira?
- Quando Sheila começou a estudar conosco, naquele mesmo ano – Rose apoiou um dedo no queixo e inclinou a cabeça como se uma nova idéia tivesse acabado de forçar para entrar -, bem, talvez fossem os ventos do destino. Como os paparazzi que fizeram a limusine de Diana sair em alta velocidade. Ou aquele motorista horrível, Henri Paul, vocês sabem que o nível de álcool no sangue dele era três vezes maior do que o permitido legalmente?
- Sheila e Julie ficaram amigas? – tentei.
- Ficaram.
- Dividiram o mesmo quarto, certo?
- Por um período, sim. – Agora seus olhos estavam marejados. – Não quero parecer melodramática, mas Sheila Rogers trouxe alguma coisa ruim para a Chi Gamma. Eu devia tê-la mandado embora. Hoje eu sei que devia. Mas não tinha prova de nenhuma má ação.
- O que ela fez?
Ela sacudiu a cabeça de novo.
Pensei por um momento. No penúltimo ano, Julie havia me visitado em Amherst. Eu, por outro lado, tinha sido desencorajado de ir até Haverton, o que foi um pouco estranho. Retrocedi até a última vez em que Julie e eu estivemos juntos. Ela tinha arranjado um esconderijo calmo em um hotelzinho em Mystic, em vez de arrumar para ficarmos no campus. Na época, achei muito romântico. Agora, é claro, eu sabia que não era nada disso.
Três semanas mais tarde, Julie telefonou e terminou comigo. Mas, agora, recordo-me de que ela estava agindo de uma forma tão letárgica quanto estranha durante minha visita. Passamos

apenas uma noite em Mystic, e mesmo enquanto fazíamos amor, eu a sentia se afastando de mim.

Ela culpou os estudos, disse que estava muito sobrecarregada. Acreditei porque, pensando bem, eu queria acreditar.

Agora, juntando todos os fatos, a explicação tornava-se bastante óbvia. Sheila chegou aqui imediatamente depois de ter sido enganada por Luis Castman, abusado das drogas e das ruas. Aquela vida não era assim tão fácil de se libertar. Acredito que ela tenha trazido um pouco daquela decadência consigo. Não é preciso muita coisa para envenenar o poço. Sheila chegou no início do penúltimo ano de Julie. Época em que Julie começou a agir de forma estranha.

Fazia sentido.

Tentei outra tática.

- Sheila se formou?

- Não, ela também saiu.

- Ao mesmo tempo que Julie?

- Eu nem tenho certeza de que as duas desistiram oficialmente. A Julie só parou de ir às aulas no final do ano. Ficava muito tempo no quarto. Dormia até depois do meio-dia. Quando a confrontei... – sua voz tremeu – ela se mudou.

- Mudou para onde?

- Para um apartamento fora do campus. A Sheila ficou lá também.

- Quando exatamente Sheila Rogers foi embora?

Rose Baker fingiu estar pensando nisso. Digo que fingiu porque eu estava vendo que ela sabia a resposta muito bem e que a representação era em nosso benefício.

- Penso que a Sheila saiu depois da Julie.

- Quanto tempo depois?

Ela ficou com os olhos baixos.

- Não me lembro de tê-la visto depois do crime.

Olhei para Katy. Seus olhos também estavam voltados para o chão. Rose Baker levou a mão trêmula à boca.

- A senhora sabe quando a Sheila foi embora? – perguntei.

- Não. Ela tinha ido embora. Isso era tudo que interessava.. ela não olhava mais para nós.

Achei essa atitude perturbadora.

- Mrs. Baker?

Ela ainda não me encarava.

- Mrs. Baker, o que mais aconteceu?

- Por que o senhor está aqui? – perguntou ela.

- Nós já dissemos. Queríamos saber...

- Sim, mas por que agora?

Katy e eu nos entreolhamos. Ela fez que sim. Voltei-me para Rose Baker e disse:

- Ontem, Sheila Rogers foi encontrada morta.

Foi assassinada.

Pensei que talvez ela não tivesse ouvido. Rose Baker ficou com os olhos grudados numa Diana de vestido de veludo preto, uma reprodução grotesca e aterrorizante. Os dentes de Diana eram azuis, a pele tinha um tom do bronzeado por meio de algum produto químico de má qualidade. Rose encarava o retrato e, de novo, comecei a pensar que ali não havia nenhuma foto de seu marido, nem de sua família ou das mocinhas do grêmio – só dessa estranha morta do estrangeiro. Pensei em como eu estava lidando com todas essas mortes, como ficava caçando sombras para desviar a dor, e imaginei que talvez alguma coisa semelhante a isso estivesse acontecendo ali também.

- Mrs. Baker?

- Foi estrangulada como as outras?

- Não – eu disse. E aí parei. Voltei-me para Katy. Ela também ouvira.

- A senhora disse as outras?

- Sim.

- Que outras?

- A Julie foi estrangulada – afirmou.

- Certo.

Seus ombros caíram. Agora as rugas em rosto pareciam mais pronunciadas, os sulcos cravados mais fundo na carne. Nossa visita havia libertado os demônios que ela trancara em caixas ou talvez enterrara sob os vestidos de Lady Di.

- Vocês não sabem sobre Laura Emerson, sabem?
 Katy e eu trocamos outro olhar.

- Não.

Os olhos de Rose Baker começaram a cortar a sala, atingindo as paredes de novo.

- Têm certeza de que não querem um pouco de chá?

- Por favor, Mrs. Baker. Quem é Laura Emerson?

Ela ficou de pé e caminhou sem segurança até a borda da lareira. Seus dedos avançaram e tocaram carinhosamente um busto de cerâmica. Usou a unha para limpar.

- Foi encontrada morta perto de casa, em Dakota do Norte, oito meses antes da Julie. Também tinha sido estrangulada.

Mãos geladas estavam agarrando-me as pernas, puxando-me para baixo. O rosto de Katy estava branco. Deu de ombros para mim, informando-me de que aquilo também era novidade para ela.

- Encontraram quem a matou? – perguntei.

- Não – disse Rose Baker. – Nunca.

Tentei peneirar tudo aquilo, processar aquela nova informação, descobrir o que tudo queria dizer.

- Mrs. Baker, a polícia interrogou-a depois da morte de Julie?

- A polícia, não.

- Mas alguém interrogou?

Ela concordou.

- Dois homens do FBI.

- A senhora se lembra dos nomes deles?

- Não.

- Eles perguntaram a respeito de Laura Emerson?

- Não. Mas contei mesmo assim.

- O que a senhora disse?

- Lembrei a eles que uma outra moça tinha sido estrangulada.

- E como eles reagiram?

- Disseram-me que eu não devia comentar com ninguém. Que eu podia comprometer a investigação se dissesse alguma coisa.

Depressa demais, pensei. Tudo estava vindo a mim depressa demais. Não ia registrar. Três moças estavam mortas. Três moças do mesmo dormitório na universidade. Havia um padrão nisso tudo, sem a menor sombra de dúvida. Um padrão significava que a morte de Julie não tinha sido por acaso, um ato de violência isolado como o FBI nos tinha levado – a nós e ao mundo – a acreditar.

O pior de tudo é que o FBI sabia. Tinham mentido para nós esses anos todos.

A pergunta agora era, por quê?

CARA, A MINHA CABEÇA ESTAVA LATEJANDO. QUERIA ENTRAR NO ESCRITORIO DO Pistillo e explodir. Queria irromper, agarrá-lo pelas lapelas e exigir respostas. Mas a vida real não funciona desse jeito. A Rota 95 estava cheia de consertos, que provocavam atrasos. O tráfego estava péssimo na Via Expressa que atravessava o Bronx. No Harlem River Drive o fluxo se arrastava como um soldado ferido. Eu me debruçava na buzina entrava e saía por outros caminhos, mas em Nova York não há saída.

Katy usou o celular para chamar a amiga, Ronnie, que dizia entender de computadores. Ronnie pesquisou Laura Emerson na Internet, confirmando exatamente o que já sabíamos. Tinha sido estrangulada oito meses antes de Julie. Seu corpo fora encontrado em Fessender, no Court Manor Motor Lodge, em Dakota do Norte.

O crime teve cobertura local ampla, mas vaga nas duas semanas antes de deixar a primeira página e sumir. Não havia nem uma menção de violência sexual.

Estercei, peguei a saída, atravessei o sinal vermelho, encontrei o estacionamento do Kinney, perto da Federal Plaza e estacionei. Corremos para o prédio. Mantive minha cabeça erguida e os pés em movimento, mas, infelizmente havia um posto examinando todo mundo. Tivemos que passar por um detector de metais. Minhas chaves acionaram o alarme. Esvaziei os bolsos. Agora

foi a vez do meu cinto. Um guarda passou um espelho que parecia um vibrador sobre o meu corpo. Tudo bem, estávamos limpos.

Quando chegamos ao escritório de Pistillo, exigi vê-lo, fazendo minha voz soar mais firme. A secretária dele não apareceu se intimidar. Sorriu com a autenticidade de uma mulher de um político e gentilmente pediu para que eu me sentasse. Katy me olhou e deu de ombros. Não me sentei. Fiquei andando como um leão na jaula, mas podia sentir minha fúria esmaecendo.

Quinze minutos depois, a secretária disse que o diretor assistente encarregado Joseph Pistillo – foi exatamente isso que ela disse, usando o título por completo – iria me receber. Ela abriu a porta. Invadir o escritório.

Pistillo já estava de pé, preparado. Fez um gesto indicando Katy.

- Quem é esta aí?

- Katy Miller – respondi.

Ele pareceu pasmado. Disse a ela:

- O que você está fazendo na companhia dele?

Mas eu não estava ali para ele mudar de assunto.

- Por que nunca nos falou a respeito de Laura Emerson?

Ele se virou para mim.

- Quem?

- Não me insulte, Pistillo.

Pistillo esperou um tempo. Então disse:

- Por que todos nós não nos sentamos?

- Responda a minha pergunta.

Ele se sentou, sem desviar os olhos. Sua mesa parecia brilhante e grudenta. Um cheiro de loção com perfume de limão enchia o ar.

- Você não está na posição de fazer pergunta alguma – sentenciou ele.

- Laura Emerson foi estrangulada oito meses antes da Julie.

- E daí?

- As duas pertenciam à mesma agremiação.

Pistillo ergueu as mãos, juntando as pontas dos dedos. Jogou o jogo da espera e ganhou.

Eu disse:

- Você vai me dizer que não sabia de nada?

- Sabia, sim.

- E não vê nenhuma ligação?

- Correto.

Seus olhos estavam firmes, mas ele tinha prática.

- Você não pode estar falando sério – eu disse.

Ele deixou o olhar correr pelas paredes. Não havia muita coisa para vê. Somente uma fotografia do presidente Bush, uma bandeira americana e alguns diplomas. Era tudo.

- Na época, nós examinamos o caso, claro. Acho que a mídia local também fez a mesma coisa. Eles podiam até terem encontrado alguma pista – nem me lembro mais. Mas no fim ninguém encontrou uma ligação de fato.

- Você deve estar brincando.

- Laura Emerson foi estrangulada em outro estado, em outra época. Não havia sinais de estupro ou violência sexual. Foi encontrada num motel. A Julie – voltou-se para Katy -, sua irmã foi encontrada em casa.

- E o fato de as duas pertencerem ao mesmo grêmio universitário?

- Mera coincidência.

- Você está mentindo – eu disse.

Ele não gostou do que ouviu e seu rosto corou ligeiramente.

- Tome cuidado – disse ele, apontando um dedo gordo na minha direção. – Você não tem prestígio nenhum aqui.

- Está querendo nos dizer que não viu a menor ligação entre os dois assassinatos?

- Exatamente.

- E agora, Pistillo?

- O que é que tem agora?

A fúria estava crescendo novamente.

- Sheila Rogers era um membro daquele grêmio também. Isto é outra coincidência?

Isto o pegou desprevenido. Reclinou-se para trás, tentando provocar algum distanciamento. Seria porque ele não sabia ou porque achava que eu ia descobrir sobre isto?

- Não vou comentar com você sobre o andamento da investigação.

- Você sabia – concluí lentamente – que meu irmão era inocente.

Ele sacudiu a cabeça, mas não havia nada por trás disso.

- Eu não sabia. Não, deixe-me corrigir: eu não sei nada sobre isso.

Mas eu não acreditava nele. Tinha mentido desde o início. Agora eu tinha certeza. Ele enrijeceu o corpo como que se preparando a minha nova explosão. Mas para minha surpresa, sua voz ficou suave de repente.

- Você se dá conta do que fez? – perguntei, num murmúrio quase inaudível. – Do mal que fez à minha família? Meu pai, minha mãe...?

- Isto não envolve você, Will.

- Uma ova que não!

- Por favor – concluiu ele. – Vocês dois. Não se metam nisso.

Encarei-o.

- Não.

- Pelo próprio bem de vocês. Podem não acreditar no que vou dizer, mas estou protegendo vocês dois.

- De quem?

Ele bateu nos braços da cadeira e ficou de pé.

- Esta conversa acabou.

- O que você realmente quer com meu irmão, Pistillo?

- Não vou fazer mais nenhum comentário sobre uma investigação em andamento. – Dirigiu-se para a porta. Tentei bloquear sua passagem. Ele me deu seu olhar mais duro e caminhou ao redor de mim.

- Não se envolva na minha investigação ou mando prendê-lo por obstrução.

- Por que está tentando incriminar meu irmão?

Pistillo parou e se virou. Vi alguma coisa mudar em sua conduta. Um enrijecimento da coluna, talvez. Um rápido brilho no olhar.

- Você quer saber da mudança de tom. De repente, não estava seguro da resposta.

- Sim.

- Então – disse ele lentamente – vamos começar com você.

- Que é que tem eu?

- Você sempre se convenceu de que seu irmão era inocente – continuou, numa postura mais agressiva agora. – Por quê?

- Porque eu o conheço.

- Conhece? E você e o Ken eram muito ligados perto do fim?

- Sempre fomos ligados.

- Via-o sempre?

Mexi os pés.

- Não temos que ver alguém com frequência para sermos ligados.

- É mesmo? Então nos diga, Will: quem você acha que matou a Julie Miller?

- Não sei.

- Muito bem, então vamos examinar o que você acha que aconteceu, certo? – Pistillo caminhou até mim. De algum modo, eu perdi a vantagem que tinha sobre ele. Havia fogo dentro dele agora e eu não fazia idéia por quê.

Ele aproximou-se o bastante para começar a invadir o meu espaço. – Seu querido irmão, aquele a quem você era tão chegado, teve relações sexuais com a sua namorada na noite do crime. Esta é a sua teoria, não é, Will?

Talvez eu tenha mostrado constrangimento.

- Sim.

- Sua ex-namorada e seu irmão fazendo aquela sujeira. – Ele fez um ruído de fuc-fuc. – Deve tê-lo deixado furioso.

- Que baboseira você está falando?

- A verdade, Will. Nós queremos lidar com a verdade, certo? Então vamos lá, vamos todos botar nossas cartas na mesa. – Seus olhos fixaram-se em mim, francos e controlados. – Seu irmão volta pra casa pela primeira vez em, quanto tempo?, dois anos. E o que ele faz? Desce o quarto e vai ter relações com a garota que você amava.

- Nós já tínhamos acabado tudo – esclareci, embora eu pudesse ouvir a franqueza chorosa em minha própria voz.

Ele deu uma risadinha irônica.

- Claro, isso sempre põe um ponto final na coisa, não é? Está aberta a temporada de caça para ela ser apanhada – principalmente por um irmão tão querido. – Pistillo não tirava os olhos do meu rosto. – Você alega que viu uma pessoa naquela noite. Alguém que estava misteriosamente espreitando a casa dos Miller.

- É verdade.

- E você a viu nitidamente?

- O que quer dizer? – perguntei. Mas eu sabia.

- Você disse que viu alguém perto da casa dos Miller, correto?

- Sim.

Pistillo sorriu e abriu as mãos.

- Mas tem uma coisa, Will, nunca nos disse o que você estava fazendo lá naquela noite. – Ele falou com indiferença, quase com uma cantilena na voz. – Você, Will. Do lado de fora da casa dos Miller. Sozinho. Tarde da noite. Com seu irmão e sua ex, sozinhos lá dentro...

Katy voltou-se e olhou para mim.

- Eu estava dando uma volta – respondi depressa.

Pistillo caminhou, sublinhando sua vantagem.

- Sim, sim, certo, tudo bem, então vamos ver se está tudo bem claro. Seu irmão está tendo relações com a garota que você ainda amava. Acontece que você estava dando uma volta perto da casa dela naquela noite. Ela acaba morta. Nós encontramos o sangue do seu irmão no local. E você, Will, sabe que seu irmão não é o culpado.

Ele parou e me deu aquele sorriso forçado novamente.

- Assim, se você fosse o investigador, de quem suspeitaria?

Uma pedra pesada estava esmagando meu peito. Eu não podia falar.

- Se você está sugerindo...

- Estou sugerindo que vão para casa – disse Pistillo. – Só isso. Vão para casa, vocês dois, e não se metam mais em nada.

35

PISTILLO SE OFERECIU PARA ARRANJAR QUEM LEVASSE KATY EM CASA. Ela recusou e disse que ficaria comigo. Ele não gostou, mas o que podia fazer?

Voltamos para o apartamento, em silêncio. Uma vez lá, mostrei a ela a minha notável coleção de cardápios para encomendar refeições por telefone. Ela pediu comida chinesa. Eu desci e peguei. Espalhamos as caixinhas brancas em cima da mesa. Fiquei no meu lugar de sempre. Katy sentou-se no de Sheila. Lembrei-me de estar comendo comida chinesa com Sheila – seu cabelo preso atrás, recém saída do chuveiro, exalando um perfume adocicado, usando aquele robe felpudo, as sardas no seu peito...

É estranho como nos lembramos de certas coisas.

A dor rugiu de volta sobre mim, em ondas imensas, perigosas. Sempre que eu parava de me mover, ela me atingia, dura e profundamente. A dor me exaure. Se não nos protegemos contra ela, ela nos cansa, a ponto de não nos importarmos mais.

Joguei um pouco de arroz frito no meu prato e acrescentei uma pitada de molho de lagosta.

- Tem certeza de que vai querer ficar aqui hoje?

Katy fez que sim.

- Então você vai dormir no quarto – anunciei.

- Prefiro dormir no sofá.

- Tem certeza?

- Absoluta.

Fingíamos que estávamos comendo.

- Eu não matei a Julie – afirmei.

- Eu sei.

Fingimos comer mais um pouco.

Por fim ela perguntou:

- Por que você estava lá naquela noite?

Tentei sorrir.

- Por quê, não aceita que eu estava dando uma volta?

- Não.

Deixei os pauzinhos de lado, como se eles pudessem se esstraçalhar. Fiquei pensando como poderia explicar, ali no meu apartamento, falando com a irmã da mulher que um dia amei, que estava sentada na cadeira da mulher com quem eu tinha intenção de casar. Ambas assassinadas. Ambas ligadas a mim. Olhei para o alto e disse:

- Acho que ainda não tinha me libertado da Julie.

- Você queria vê-la?

- Queria.

- E aí?

- Eu toquei a campainha. Ninguém atendeu.

Katy pensou nisso. Baixou os olhos para o prato e tentou soar normal:

- Você apareceu na hora errada.

Peguei os pauzinhos.

- Will?

Fiquei com a cabeça baixa.

- Você sabia que seu irmão estava lá?

Mexi a comida no prato. Ela levantou a cabeça e me observou. Ouvi meu vizinho abrir e fechar a porta. Uma buzina soou. Alguém na rua estava gritando numa língua que bem podia ser russo.

- Você sabia – disse Katy. – Você sabia que o Ken estava em nossa casa. Com a Julie.

- Eu não matei a sua irmã.

- O que aconteceu, Will?

Cruzei os braços sobre o peito. Reclinei-me para trás, fechei os olhos, forcei a cabeça para trás o máximo que pude. Não queria estar de volta lá, mas não tinha outra escolha. Katy queria saber. Ela merecia saber.

- Foi um fim de semana muito estranho - comecei. – Eu e Julie já tínhamos terminado há mais de um ano. Não a vi durante esse tempo todo. Tentei encontrá-la nos feriados, mas ela nunca parecia estar perto.

- Fazia muito tempo que ela não voltava para casa – disse Katy.

Concordei.

- Ken também. Isso é que faz tudo ser tão esquisito. E, de repente, nós três estávamos em Livingston ao mesmo tempo. Não me lembro da última em vez que tinha acontecido. Ken estava se comportando de um jeito muito estranho também. Ficava olhando pela janela o tempo todo. Não saía de casa. Devia estar querendo aprontar alguma. Eu não sabia o quê. De qualquer maneira, ele me perguntou se eu ainda estava gamado na Julie. Eu disse que não. Que já era história antiga.

- Você mentiu pra ele.

- Foi como...

- Tentei ver como explicar. – Meu irmão era como um deus para mim. Ele era forte e corajoso e... - Sacudi a cabeça. Eu não estava dizendo a coisa certa. Comecei de novo. – Quando eu tinha dezesseis anos, meus pais levaram a família para uma viagem à Espanha. Fomos para Costa Del Sol. O lugar todinho parecia uma grande festa. Era como se fossem as férias de verão na Flórida para os europeus. Ken e eu fomos para uma discoteca que ficava perto do nosso hotel. Em nossa quarta noite lá, um cara deu um encontrão comigo na pista de dança. Eu olhei para ele. Ele riu na minha cara. Voltei a dançar. Aí outro cara deu um encontrão em mim. Tentei ignorar esse outro também. Então, o primeiro cara correu na minha direção e me jogou no chão. – Eu parei, tentei piscar para me livrar da lembrança, como se fosse areia nos meus olhos. Olhei-a. – Sabe o que eu fiz?

Ela sacudiu a cabeça.

- Dei um grito, chamando o Ken. Não fiquei de pé. Nem empurrei o cara de volta. Eu gritei pelo irmão mais velho e me mandei.

- Você estava com medo.

- Sempre – eu disse.

- É natural.

Eu não achava que fosse.

- Ele o acudiu? – perguntou.

- Claro.

- E depois?

- Começou uma briga. Tinha um grupo grande, todos de um país escandinavo. O Ken acabou com eles.

- E você?

- Não cheguei a dar nem um soco. Fiquei longe, tentava acalmar, convencê-los a parar. – A vergonha enrubescou meu rosto de novo. Meu irmão, que já tinha estado metido em um bocado de brigas, estava certo. Uma pancada dói algum tempo. A vergonha da covardia não passa nunca. – Ken quebrou o braço na confusão. O braço direito. Ele era um jogador de tênis incrível. Estava entre os melhores do país. Stanford estava interessada nele. Seu desempenho nunca mais foi igual depois disso. Acabou não indo para a universidade.

- Não foi culpa sua.

Como ela estava enganada.

- O ponto é o seguinte: Ken sempre me defendeu. Claro, brigávamos como os irmãos brigam. Ele me ataçava sem piedade. Mas ficaria na frente de um trem de carga se fosse preciso para me proteger. E eu nunca tive coragem de retribuir.

Katy colocou a mão no queixo.

- O que foi? – perguntei.

- Tudo isso é muito esquisito.

- Tudo o quê?

- Que seu irmão fosse tão insensível a ponto de dormir com a Julie.

- Não foi culpa dele. Ele me perguntou se estava tudo acabado. Eu disse que estava.

- Você acendeu a luz verde pra ele – disse ela.

- É.

- Mas aí você acabou o seguindo.

- Você não está entendendo.

- Não, estou sim – disse Katy. – Todos nós fazemos esse tipo de coisa.

36

CAÍ NUM SONO TÃO PROFUNDO QUE NÃO O OUVI SE APROXIMAR DE MIM.

Tinha encontrado lençóis e cobertores limpos para Katy, assegurei-me de que ela estava confortável no sofá, tomei uma ducha e tentei ler. As palavras nadavam numa nebulosa turva. Voltava atrás e relia, e tornava a esquecer o mesmo parágrafo, mais de uma vez. Entrei na Internet e pesquisei. Fiz algumas posições de ioga que o Squares tinha me ensinado. Não queria me deitar. Não queria parar, deixar que a dor me pegasse desprevenido.

Eu era um adversário à altura, mas, por fim, o sono deu um jeito de me pegar e derrubar. Desmaiei, caindo num buraco inteiramente despido de sonhos, quando senti um tranco e ouvi um estalido. Ainda adormecido, tentei puxar a mão para o lado do meu corpo, mas ela não se moveu.

Alguma coisa metálica prendeu meu pulso.

Minhas pálpebras estavam se abrindo, trêmulas, quando ele saltou em cima de mim. Caiu pesado, fazendo o ar soprar dos meus pulmões. Engoli, enquanto seja lá quem fosse, estava montado no meu tronco. Seus joelhos prendiam meus ombros. Antes que eu pudesse tentar qualquer espécie de luta séria, meu atacante puxou minha mão livre para o lado, acima da minha cabeça. Não ouvi o estalido desta vez, mas senti o frio do metal ao redor da minha pele.

Minhas mãos estavam algemadas na cama.

Minhas veias encheram-se de gelo. Por um momento eu simplesmente me tranquei, como sempre fazia durante alterações físicas.

Abri a boca para gritar ou, pelo menos, dizer alguma coisa. Meu atacante agarrou minha nuca e me puxou para a frente. Sem hesitação, cortou um pedaço de fita colante e cobriu minha boca. Então, além disso, começou a enrolar mais fita desde a minha nuca, passando sobre a minha boca, umas dez ou quinze vezes, como se estivesse amarrando meu crânio para comprimi-lo.

Eu não podia mais falar nem gritar. Respirar era uma dificuldade – tinha que aspirar o ar pelo meu nariz quebrado. Um inferno de dor. Meus ombros doíam por causa das algemas e do peso do corpo dele. Lutei, mas não adiantava nada. Tentei livrar-me dele. Tampouco adiantou. Desejava perguntar o que ele queria, o que planejava fazer agora que eu estava indefeso.

E foi aí que pensei na Katy sozinha no outro quarto.

O quarto estava escuro. Meu assaltante não era mais do que uma sombra para mim. Era um mascarado. Usava algum tipo de máscara, uma coisa escura, mas eu não podia distinguir o que havia sobre ela, se é que havia. Respirar estava tornando-se quase impossível. Eu resfolegava

em meio à dor.

Seja lá quem fosse, acabou tapando-me a boca. Hesitou apenas um segundo antes de sair de cima de mim. Então, enquanto eu olhava com horror impotente, ele dirigiu para a porta do quarto, abriu-a e entrou onde Katy estava dormindo, fechando-a em seguida.

Meus olhos se arregalaram. Tentei gritar, mas a fita abafava qualquer som. Dei pinotes como um potro selvagem. Chutei e me agitei. Nenhum progresso.

Então parei e ouvi. Por um momento não houve nada. Puro silêncio.

E aí Katy gritou.

Ah, Cristo! Chutei mais um pouco. O grito dela fora curto, parara na metade, como se alguém tivesse desligado um interruptor. Desencadeou-se o pânico total. Pânico absoluto, alerta vermelho. Puxei com força as duas algemas. Virei minha cabeça para trás e para frente. Nada.

Katy gritou de novo.

O som era mais fraco agora – o gemido de um animal ferido. Não havia maneira de alguém ouvir, e mesmo que ouvissem, ninguém reagiria. Não em Nova York.

Não àquela hora da noite. E mesmo que o fizessem – mesmo que alguém chamasse a polícia ou corresse em seu auxílio -, seria tarde demais.

Então fiquei profundamente agitado.

Senti como se a minha sanidade tivesse sido partida em duas. Fiquei doido. Me torci todo como se estivesse tendo um ataque. Meu nariz doía pra burro. Engoli algumas fibras da fita que me amordaçava. Lutei um pouco mais.

Não consegui nada.

Meu Deus! Tudo bem, fique calmo. Calmo. Pense um segundo.

Voltei minha cabeça para meu pulso direito. Não parecia muito apertado. Podia ceder um pouco aqui. Muito bem, quem sabe se eu agisse mais lentamente poderia soltar a mão. Isso. Calma. Tente espremer a mão, espremê-la ao máximo.

Então tentei. Tentei ordenar minha mão a se transformar numa coisa mais afilada. Arredondei minha palma forçando a base do meu polegar na direção da base do meu mínimo. Puxei para baixo, devagar de início, depois com mais força. Não deu certo. A pele se enrugou ao redor do anel de metal e começou a machucar. Continuei puxando.

Não estava dando certo.

Havia silêncio no quarto ao lado.

Agucei os ouvidos para escutar alguma coisa. Não havia nenhum barulho. Nada. Tentei curvar meu corpo, tentei me erguer e sair da cama com tanta força que, eu nem sei, quem sabe a cama se ergueria também. Só alguns centímetros e aí, quem sabe, quebraria ao cair. Esperneei mais um pouco. A cama se mexeu alguns centímetros, de fato. Mas não estava adiantando nada.

Eu ainda estava na armadilha.

Ouvi Katy gritar novamente. E com uma voz amedrontada, cheia de pânico, ela gritou:

- John...

E foi calada de novo.

John, pensei. Ela havia dito John.

Asselta?

O Fantasma...

Não, por favor, meu Deus, não. Ouvi alguma coisa abafada. Vozes. Um gemido talvez. Como se alguma coisa estivesse sendo abafada com um travesseiro. Meu coração saltou loucamente dentro da caixa torácica. O medo me agrediu por todos os lados. Agitei a cabeça de um lado para o outro, procurei alguma coisa, qualquer coisa.

O telefone.

Será que eu poderia...? Minhas pernas ainda estavam livres. Quem sabe eu poderia balançá-las para o alto, pegar o fone com os pés, e fazê-lo cair na minha mão. Daí eu poderia, na sei, quem sabe, discar 911 ou 0. Já estava erguendo os pés. Contraí os músculos do abdômen, levantei as pernas, balancei-as para a direita. Mas eu ainda em estado de histeria. Meu peso oscilou para o lado. Perdi o controle das pernas. Puxei-as para trás, tentando retomar o equilíbrio, mas, quando consegui, meu pé bateu no telefone.

O fone caiu no chão com estardalhaço.

Maldição.

E agora? Minha cabeça deu um estalo – quer dizer, eu tinha botado tudo a perder. Pensei em animais presos naquelas armadilhas que os pegavam pelas pernas, nos que comiam um membro

para poder fugir. Agitei-me até ficar exausto, não sabia mais o que fazer, já estava pensando em desistir quando me lembrei de uma coisa que o Squares tinha me ensinado.

A posição do arado.

Era assim que se chamava. Em hindu era Halāsana. Geralmente era feito a partir do apoio dos ombros. Deitamos de costas e levantamos as pernas e, erguendo as cadeiras, as fazemos passar sobre a cabeça. Os dedos dos pés vão tocar o chão atrás da cabeça. Eu não sabia se conseguiria chegar até lá, mais não importava. Encolhi o estômago e levantei as pernas tão alto quanto o possível. Depois, as fiz descer para trás. As palmas dos meus pés bateram de encontro à parede. Meu peito estava grudado no meu queixo, tornando a respiração mais difícil ainda.

Empurrei a parede com as pernas. Adrenalina começou a funcionar. A cama deslizou, afastando-se da parede. Empurrei mais um pouco, agora tinha espaço suficiente. Tudo bem, ótimo. Agora para a etapa mais difícil. Se as algemas fossem muito apertadas, se não permitisse que meus punhos girassem dentro delas, ou eu não conseguiria ou deslocaria os dois ombros. Não importava.

Silêncio, silêncio de morte no quarto ao lado.

Deixei minhas pernas caírem para o chão. Eu estava, realmente, dando salto mortal para trás a fim de sair da cama. O peso de minha me deu o impulso e – um golpe de sorte – meus pulsos giraram nas algemas. Meus pés bateram com força no chão. Eu fui junto, arranhado a frente das minhas coxas e meu abdômen na cabeceira baixa.

Quando terminei, estava de pé atrás da cama.

Minhas mãos ainda estavam algemadas. Minha boca ainda estava tapada. Mas eu estava de pé. Senti outra onda de adrenalina.

Muito bem, mas o que fazer agora?

Não havia tempo a perder. Dobrei os joelhos. Abaixei o ombro junto à traseira da cabeceira da cama e puxei-a na direção da porta, como se eu fosse um atacante na ofensiva e a cama fosse o adversário a agarrar. Minhas pernas moveram-se como êmbolos. Não hesitei. E não parei.

A cama chocou-se com a porta.

A colisão foi ruidosa. Senti uma dor apunhalando-me o ombro, meus braços, minha coluna. Algo estalou e uma dor quente inundou minhas juntas. Ignorando-a, recuei e soquei a porta novamente. E de novo. A mordaca fazia meus gritos audíveis apenas para meus próprios ouvidos. Da terceira vez, puxei com mais força ainda as duas algemas no momento exato em que a cama fazia contato com a parede.

A grade da cabeceira quebrou.

Eu estava livre.

Afastei a cama da porta. Tentei arrancar minha mordaca, mas estava levando muito tempo. Peguei a maçaneta e girei. Escancarei a porta e saltei na escuridão.

Katy estava no chão.

Seus olhos estavam fechados. Seu corpo, amolecido. O homem estava sentado em cima dela com as pernas abertas. Tinha as mãos na sua garganta.

Ele a estava sufocando.

Sem hesitar, atirei-me em cima dele como um foguete. Pareceu-me levar muito tempo até alcançá-lo, como se eu tivesse saltando sobre xarope. Ele me viu chegando – tinha tempo de sobra para se preparar -, mas ainda teria que largar a garganta dela. Ele se voltou e me encarou. Eu ainda não podia distinguir nada além de um contorno preto. Ele agarrou meu ombro, botou o pé no meu estômago e usando meu próprio impulso, simplesmente rolou para trás.

Voei pelo quarto.

Meus braços eram como asas de moinho de vento. Mas eu estava sem sorte de novo. Pelo menos foi o que pensei. Caí na cadeira de leitura, macia. Ela balançou por um instante. Depois caiu ao meu peso. Minha cabeça atingiu com força a mesinha ao lado, antes de bater no chão.

Tentei me libertar da tonteira e ficar de joelhos. Quando estava começando a me erguer para uma segunda ofensiva, vi algo que me aterrorizou mais do que qualquer outra coisa antes.

O atacante embuçado também estava de pé. Agora tinha uma faca. E estava encaminhando-se para Katy.

Tudo ficou muito lento. O que aconteceu em seguida não levou mais do que um ou dois segundos. Mas para os olhos do meu espírito, aconteceu em uma medida de tempo alternativa. O tempo faz dessas coisas. É realmente relativo. Os instantes voam. Os momentos ficam numa imagem congelada.

Eu estava longe demais para alcançá-lo. Eu sabia. Mesmo com toda aquela tontura, apesar do

choque de ter batido minha cabeça na mesa...

A mesa.

Onde eu havia colocado o revólver de Squares.

Haveria tempo de apanhá-lo e atirar? Meus olhos ainda estavam voltados para Katy e o assaltante. Não, não haveria tempo suficiente. Soube disso no mesmo instante.

O homem se abaixou e agarrou Katy pelos cabelos.

Enquanto pegava o revólver, puxei a mordaca que me tapava a boca. A fita deslizou o bastante para eu poder gritar:

- Pára aí ou eu atiro!

Ele voltou-se para mim. Eu já estava rastejando. Movia-me esfregando a barriga no chão, à maneira das tropas militantes. Ele viu que eu estava desarmado e me deu as costas para terminar o que tinha começado. Minha mão encontrou o revólver. Não havia tempo para fazer mira. Puxei o gatilho.

O homem se assustou com o barulho.

Isso me deu tempo. Girei o corpo segurando o revólver, já puxando o gatilho novamente. O homem rolou como um ginasta. Eu ainda mal conseguia distingui-lo, era apenas uma sombra. Comecei a mover o revólver na direção daquela massa preta, atirando sempre. Quantas balas aquele troço tinha?

Quantos tiros eu já tinha dado?

Ele recuou num tranco, mas continuou se movendo. Será que eu o tinha atingido?

O homem deu um salto na direção da porta. Gritei para que parasse. Ele não obedeceu. Pensei em atirar pelas costas, mas alguma coisa, talvez um resquício de humanidade, me fez parar. Ele já tinha saído. E eu tinha problemas maiores.

Olhei Katy. Ela não estava se mexendo.

37

OUTRO AGENTE DA POLÍCIA – O QUINTO, PELAS MINHAS CONTAS – VEIO OUVIR O meu relato.

- Primeiro, quero saber como ela está – eu disse.

O médico tinha parado de me atender. No cinema os médicos sempre defendem os pacientes. Dizem ao policial que não pode interrogá-lo no momento, que ele precisa repousar. O meu médico, um dos internos do pronto-socorro, creio, paquistanês, não pensava assim. Colocou meu ombro de volta no lugar quando eles começaram o interrogatório cerrado. Passou iodo nos meus punhos feridos. Brincou com o meu nariz. Pegou uma serra para metal – não sei o que uma serra estava fazendo no hospital – e cortou minhas algemas enquanto eu era interrogado. Eu ainda vestia meu short de dormir e meu paletó de pijama. O hospital tinha coberto meus pés com pantufas de papel.

- Apenas responda as minhas perguntas – disse o policial.

Isso estava acontecendo há duas horas. A adrenalina tinha acalmado e a dor estava começando a corroer meus ossos. Eu não agüentava mais.

- Tudo bem, tudo bem, você me pegou – eu disse. – Primeiro, eu coloquei algumas algemas nas minhas duas mãos. Depois quebrei umas mobílias, atirei umas balas nas paredes, quase a estrangulei no meu próprio apartamento e aí chamei a polícia para me prender. Você me pegou.

- Podia ter sido isso – disse o policial. Era um homem grande com um bigode fino que me fez pensar num daqueles quartetos vocais de barbearia. Ele se apresentou, mas eu já tinha deixado de prestar atenção a policiais há um bocado de tempo.

- E então?

- Um ardil, quem sabe.

- Quer dizer que desloquei meu ombro, cortei as mãos e quebrei minha cama só para desviar suspeitas?

Ele me fez aquele típico dar de ombros dos policiais.

- Olha aqui, peguei um cara uma vez que cortou fora o pau só para não pensarmos que ele tinha atacado a namorada. Disse que um grupo de negros o tinha atacado. O caso é que ele só queria cortar um pouquinho, mas acabou cortando tudo fora.

- Uma história e tanto – eu disse.

- Podia ser a mesma coisa neste caso.
- Meu pênis está passando muito bem, grato pelo interesse.
- Você falou que um sujeito invadiu seu apartamento. Os vizinhos ouviram tiros.
- É.

Deu-me um olhar céptico.

- Então, como é que nenhum dos vizinhos o viu fugindo?
- Porque, e isto é só um tiro no escuro, eram duas da madrugada?

Eu ainda estava sentado numa das mesas do interrogatório. Minhas pernas penduradas. Começavam a dormir por causa do ângulo. Eu pulei.

- Aonde pensa que está indo? – perguntou o policial.
- Quero ver Katy.
- Acho que não. – O policial torceu o bigode. – Os pais estão com ela agora.

Ele estudou meu rosto para ver a reação. Procurei não ter nenhuma.

O bigode tremeu.

- O pai dela tem opiniões bastante fortes contra você – disse ele.
- Aposto que sim.
- Acha que isso foi coisa sua.
- Com que finalidade?
- Quer dizer com que motivo?
- Não, quero dizer finalidade, intenção. Acha que eu estava tentando matá-la?

Ele cruzou os braços e deu de ombros.

- Parece razoável pra mim.
- Então, por que chamei vocês enquanto ela ainda estava viva? – perguntei. – Inventei toda esta artimanha, certo? Por que não acabei com ela?
- Estrangular uma pessoa não é assim tão fácil – disse ele. – Vai pensar que ela já estava morta.
- Você percebe a besteira que está dizendo?

O médico abriu a porta e Pistillo entrou. Ele me deu um olhar, o mais pesado que havia. Fechei os olhos e massageei meu nariz com o polegar e o indicador. Pistillo estava com um dos policiais que tinham me interrogado anteriormente. O policial fez um sinal para seu companheiro de bigode.

O bigodudo pareceu chateado com a interrupção, mas seguiu o outro, saindo. Agora eu estava sozinho com Pistillo.

De início ele não disse nada. Pistillo caminhou num círculo pelo cômodo, estudando um jarro cheio de bolas de algodão, o instrumento para abaixar as línguas, a lata de lixo. Quartos de hospital geralmente cheiram a anti-sépticos, mas este tresandava a água de colônia de comissários de bordo. Eu não sabia se era do médico ou do policial, mas pude ver o nariz de Pistillo torcer de nojo. Eu já estava acostumado.

- Conte-me o que aconteceu – pediu ele.
- Seus amigos do Departamento de Polícia de Nova York não passaram todos os detalhes?
- Disse a eles que queria ouvir você contando – anunciou Pistillo. – Antes que atirem você na cadeia.
- Quero saber como Katy está passando.

Ele avaliou meu pedido por um ou dois segundos.

- O pescoço e as cordas vocais vão doer um pouco, mas, de resto, ela está bem.

Fechei os olhos e deixei o alívio escorrer sobre mim.

- Comece a falar – ordenou Pistillo.

Contei o que tinha acontecido. Ficou calado até o momento em que eu a ouvir gritar o nome “John”.

- Faz idéia de quem esse John possa ser? – perguntou ele.
- Talvez.
- Estou ouvindo.
- Um cara que eu conheci quando estava crescendo. O nome dele é John Asselta.

A cara de Pistillo caiu.

- Você o conhece? – perguntei.

Ele ignorou minha pergunta.

- O que o faz pensar que ela estava falando do Asselta?
- Foi ele quem quebrou o meu nariz.

Completei contando a invasão do Fantasma e o ataque. Pistillo não parecia satisfeito.

- O Asselta estava procurando seu irmão?
 - Foi o que ele disse.
 Seu rosto ficou vermelho.
 - Por que diabo não me contou isso antes?
 - Eu sei, é estranho – eu disse. – Você sempre foi o cara que eu podia procurar, o amigo em quem eu podia confiar, contar tudo.
 Ele continuou zangado.
 - Você sabe alguma coisa a respeito do John Asselta?
 - Crescemos na mesma cidade. Costumávamos chamá-lo de Fantasma.
 - Ele é um dos malucos mais perigosos que andam soltos por aí – concluiu Pistillo. Parou, sacudiu a cabeça. – Não pode ter sido ele.
 - Por que está dizendo isso?
 - Porque vocês dois estão vivos.
 Silêncio.
 - Ele é um assassino frio.
 - Então, por que não está na cadeia? – perguntei.
 - Não seja ingênuo. Ele é bom no que faz.
 - Matar gente?
 - É. Ele vive no estrangeiro, ninguém sabe exatamente onde. Trabalhou para esquadrões da morte do governo na América Central. Ajudou tiranos na África. – Pistillo sacudiu a cabeça. – Não, se Asselta quisesse que ela morresse, agora eu estaria amarrando uma etiqueta de identificação no dedão do pé dela.
 - Talvez ela estivesse se referindo a um outro John – concluí. – Ou quem sabe eu ouvi mal.
 - Pode ser. – Ele pensou nisto. – Tem outra coisa que não entendo. Se o Fantasma ou qualquer outra pessoa quisesse matar Katy Miller, por que não fazê-lo logo de uma vez? Para que ter todo aquele trabalho de prender você com as algemas?
 Isto também tinha me preocupado, mas eu tinha levantado uma possibilidade.
 - Quem sabe não foi uma coisa planejada?
 Ele franziu a testa.
 - O que você está achando?
 - O assassino me algema na cama. Mata a Katy. Então... – eu podia sentir o meu couro cabeludo arrepiar-se – ele prepara tudo para dar a impressão de que eu tinha feito aquilo. – Olhei para ele.
 Pistillo continuou com a cara amarrada.
 - Você não vai dizer 'Como aconteceu com o seu irmão', vai?
 - É. Acho que sim.
 - Isso é besteira.
 - Pense um pouco, Pistillo. Uma coisa que vocês nunca conseguiram esclarecer. Por que o sangue do meu irmão estava na cena do crime?
 - Porque Julie Miller lutou com ele.
 - Você sabe que não foi isso. Tinha sangue demais para ter sido uma luta. – Aproximei-me dele. – O Ken foi falsamente incriminado há onze anos e, quem sabe esta noite, alguém queria fazer a história se repetir.
 Ele escarneceu.
 - Não seja melodramático. E me deixa te dizer uma coisa.
 Os policiais não estão engolindo essa história de se livrar das algemas, que mais parece coisa de Houdini. Acham que você tentou matá-la.
 - E você, acha o quê? – perguntei.
 - O pai da Katy está aqui. Ele está puto da vida.
 - O que não é surpreendente.
 - Mas ficamos pensando coisas.
 - Sabe que não tenho culpa, Pistillo. E, apesar do seu comportamento ontem, você sabe que eu não matei a Julie.
 - Eu avisei para não se meter.
 - E eu escolhi não dar ouvidos ao seu aviso.
 Pistillo deixou escapar um suspiro longo e concordou.
 - Exato, seu durão, então é assim que nós vamos fazer agora. – Chegou mais perto e tentou me encarar nos olhos. Não pisquei. – Você vai para a cadeia.

Suspirei.

- Acho que já ultrapassei minha quota mínima de ameaças por hoje.
- Ameaça coisa nenhuma. Você vai ser mandado para a cadeia esta noite mesmo.
- Muito bem, então quero um advogado.

Ele olhou o relógio.

- Agora é tarde demais. Você vai passar a noite no xilindró. Amanhã vai ser acusado. As acusações serão tentativa de homicídio e assalto. O escritório do promotor vai alegar que você pode fugir – a questão é: o seu irmão – e vão pedir ao juiz para negar fiança. Acredito que o juiz irá consentir.

Comecei a falar, mas ele levantou uma mão.

- Poupe seu fôlego porque – você não vai gostar nada disto, - não me importo se você é culpado ou não. Vou descobrir provas suficientes para condená-lo. E se não puder descobrir nenhuma, invento. Vá em frente, conte para o seu advogado a nossa conversinha. Você é um cara suspeito de assassinato, que ajudou a esconder o irmão durante onze anos. Eu sou um dos agentes mantenedores da lei mais respeitados deste país. Em quem você acha que eles vão acreditar?

Olhei para ele.

- Por que está fazendo isso?
- Eu disse para você não se meter.
- O que teria feito se estivesse no meu lugar? Se fosse o seu irmão?
- Não se trata disso. Você não me ouviu. E agora a sua namorada está morta e Katy Miller escapou viva por um triz.
- Nunca fiz mal a nenhuma das duas.
- Fez, sim. Você provocou tudo. Se tivesse me ouvido, acha que elas estariam onde estão agora?

Suas palavras atingiram o alvo, mas fui em frente.

- E você, Pistillo? Que escondeu a relação da Laura Emerson com...
- Calma, não estou aqui para brincar de ponto-contraponto com você. Você vai para a cadeia essa noite. E esteja certo. Será condenado.

Encaminhou-se para a porta.

- Pistillo?

Quando ele se virou, eu disse:

- O que está realmente querendo descobrir?

Ele parou e inclinou o corpo de maneira que seus lábios estavam a poucos centímetros do meu ouvido. E cochichou:

- Pergunte para seu irmão – e desapareceu.

PASSEI A NOITE NA PRISÃO DA DELEGACIA MIDTOWN SOUTH NA RUA 35 OESTE. A cela fedia a urina, vômito e aquele cheiro de vodca azeda quando os bêbados transpiram. Ainda era um grau acima do aroma da água de colônia do comissário de bordo. Eu tinha dois companheiros de cela. Um era um travesti prostituta, que chorava muito e parecia confuso sem saber se sentava ou ficava de pé quando usava o toalete de metal. O outro era um negro que dormia o tempo todo. Não tenho nenhuma história de maus tratos, roubo ou estupro. A noite foi inteiramente despida de acontecimentos.

Quem quer que estivesse trabalhando naquela noite tocou o CD do Bruce Springsteen, "Born to Run". Foi reconfortante. Como todo bom garoto de Nova Jersey, eu tinha decorado a letra. Isso pode parecer estranho, mas eu sempre pensava no Ken quando ouvia essas baladas. Não fazíamos trabalhos pesados nem passávamos dificuldades, e nenhum dos dois tinha andado em carros de ricos ou zangado à beira-mar (em Jersey sempre se dizia "à beira-mar", nunca "na praia"), mas, a julgar pelo que tenho visto nos recentes concertos de bandas de rua, e que era

provavelmente verdadeiro à maioria de seus ouvintes, havia alguma coisa nas histórias de luta, no espírito de um homem acorrentado tentando se libertar, querendo alguma coisa a mais e achando coragem para fugir, que não só encontrava ressonância em mim, mas fazia-me pensar no meu irmão, mesmo antes do assassinato.

Naquela noite, porém, quando Bruce cantou que ela era tão bonita que ele se perdera nas estrelas, pensei em Sheila. E sofri tido novamente.

Meu único telefonema foi para Squares. Acordei-o. Quando contei o que havia acontecido, ele disse:

- Mas que droga! – Depois prometeu encontrar um bom advogado e ver o que podia descobrir sobre as condições da Katy.

- Olha, os tapes de segurança da QuickGo – disse Squares.

- O que tem eles?

- Sua idéia deu certo. Poderemos vê-los amanhã.

- Se me deixarem sair daqui.

Pois é – concordou Squares. E acrescentou: - Se não te derem fiança, cara, deu pra trás.

Pela manhã, os policiais me levaram para a central de registro, na Rua 100. O departamento de correção assumiu. Fui parar numa cela que ficava no porão. Se você não acredita mais que a América seja uma mistura de raça, devia passar algum tempo com essa coleção de desumanidade que habita esta miniNações Unidas. Ouvi pelo menos dez línguas diferentes. Havia tons de pele que poderiam inspirar os fabricantes de lápis Crayola. Havia bonés de beisebol, turbantes, perucas e até um fez. Todos falavam ao mesmo tempo. E o quanto eu podia compreendê-los – mesmo quando não podia -, todos afirmavam ser inocentes.

Squares estava lá quando fiquei diante do juiz. Também estava minha nova advogada, uma mulher chamada, Hester Crimstein. Reconheci-a de algum caso famoso, mas não me lembrava de qual caso exatamente. Ela se apresentou para mim e ninguém olhou na minha direção outra vez. Ela se voltou e encarou o jovem promotor, como se ele fosse um javali sangrando e ela, uma pantera com um caso de hemorróidas de proporções industriais.

- Solicitamos que Mr. Klein seja detido sem direito a fiança – disse o jovem promotor. – Acreditamos que ele poderia ser o caso muito provável de desaparecer.

- Por quê? – perguntou o juiz que parecia transpirar tédio por todos os poros.

- Seu irmão, suspeita de assassinato está foragido há onze anos. Não apenas isso, Meritíssimo, mas a vítima do seu irmão era irmã desta vítima.

Isso chamou a atenção do juiz.

- Pode esclarecer!

- O réu, Mr. Klein, é acusado de tentar uma certa Katherine Miller. O irmão de Mr. Klein, Kenneth, é o principal suspeito do assassinato, ocorrido há onze anos, de Julie, irmã mais velha da vítima.

O juiz, que estavam esfregando o rosto, parou bruscamente.

- Espere, eu me lembro desse caso.

O jovem promotor sorriu como se tivesse recebido uma estrela de ouro.

O juiz voltou-se para Hester Crimstein.

- Ms. Crimstein?

- Meritíssimo, solicitamos que todas as acusações feitas contra Mr. Klein sejam retiradas imediatamente.

O juiz começou esfregar o rosto novamente.

- Estou chocada, Ms. Crimstein.

- Além disso, acreditamos que Mr. Klein deva ser libertado com o compromisso de cumprir determinação judicial. Mr. Klein não tem nenhuma ficha criminal e tem um emprego, trabalha com os pobres da cidade. Tem raízes na comunidade. Quanto àquela comparação ridícula com seu irmão, trata-se de culpa por associação, e das piores.

- Não acredita que as pessoas possam ter traços em comum, Ms. Crimstein?

- De forma alguma, Meritíssimo. Fiquei sabendo que, recentemente, a irmã de Mr. Klein fez permanente nos cabelos. O senhor acredita que isso torne mais provável que ele faça o mesmo? Houve risadas.

O jovem promotor sentia-se eufórico.

- Meritíssimo, com o devido respeito à analogia tola de minha colega...
- O que tem de tola? – atacou Crimstein.
- Nosso ponto de vista é que Mr. Klein possui recursos para fugir.
- Isso é ridículo. Ele não tem mais possibilidades financeiras do que qualquer pessoa. O motivo de estarem fazendo esta solicitação é porque acreditam que o irmão dele fugiu - e ninguém tem ao menos certeza disso. Ele pode estar morto. Mas, de qualquer forma, Meritíssimo, o promotor assistente está ignorando um elemento importantíssimo nesta questão.

Hester Crimstein voltou-se para o jovem promotor e sorriu.

- Mr. Thomson? – chamou o juiz.

Thomson, o jovem promotor, manteve a cabeça abaixada.

Hester Crimstein esperou um tempo e atacou.

- A vítima desse crime hediondo, de nome Katherine Miller, declarou esta manhã que Mr. Klein é inocente.

O juiz não gostou disso.

- Mr. Thomson?
- Isto não é exatamente verdade, Meritíssimo.
- Não é exatamente?
- Ms. Miller alega que não chegou a ver quem a atacou. Estava escuro. O homem estava mascarado.
- E - Hester Crimstein terminou por ele – disse que não era o meu cliente.
- Ela disse que não acreditava que fosse Mr. Klein – contra-atacou Thomson. – Mas, Meritíssimo, ela está ferida e confusa. Não viu o agressor e não podia excluí-lo realmente...
- Não estamos julgando este caso aqui, senhor advogado – interrompeu o juiz. – Mas seu pedido para que não haja fiança está negado. A fiança será de trinta mil dólares.

O juiz bateu o martelo. E eu estava livre.

39

EU QUERIA IR DIRETO PARA O HOSPITAL E VER KATY. SQUARES SACUDIU A CABEÇA E disse que isso era uma má idéia. O pai dela estava lá. Recusava-se a sair do seu lado. Tinha contratado um guarda armado para ficar na porta do quarto. Eu compreendia. Mr. Miller tinha fracassado em proteger uma filha. Nunca deixaria a história se repetir novamente.

Telefonei para o hospital pelo celular de Squares, mas lá a telefonista informou que as chamadas haviam sido proibidas. Liguei para uma florista e mandei um buquê desejando a Katy rápida recuperação. Parecia simples demais, uma tolice – ela quase tinha sido estrangulada no meu apartamento e eu mandava uma cesta de flores, um ursinho de pelúcia e um balão prateado na ponta de uma varinha – mas era a única coisa que me ocorria no momento para fazê-la saber que eu estava preocupado com ela.

Squares guiou seu próprio carro, um Coupe de Ville 1968 azul veneziano, que era quase tão pouco chamativo quanto o nosso travesti Raquel/Roscoe numa reunião das

Filhas da Revolução Americana, passando pelo Lincoln Tunnel. O túnel não estava nada fácil, como sempre. As pessoas diziam que o trânsito estava ficando cada vez pior. Não tenho tanta certeza. Quando eu era garoto, o carro de nossa família – naquele tempo, era uma daquelas caminhonetes forradas de madeira – costumava atravessar aquele túnel em domingos alternados. Lembro-me de como a viagem era lenta, no escuro, com todas aquelas ridículas luzes amarelas de atenção penduradas como morcegos no alto do teto do túnel como se precisássemos realmente ser informados de que era preciso ir devagar, aquela pequena cabine de vidro com o trabalhador dentro, a fuligem cobrindo os azulejos do túnel com uma tonalidade de marfim amarelado como urina, todos nós espionando a luz do dia irrompendo lá adiante e, finalmente, aquelas divisórias de borracha que pareciam de metal erguendo-se em saudação, e subíamos até o mundo das grandes alturas, como se tivéssemos viajado em um desterro. Íamos aos circos Ringling Bros. e Barnum & Bailey, e rodeávamos todas aquelas pequeninas luzes; ou às vezes íamos ao Radio City Music Hall para ver algum espetáculo que nos maravilhava por uns dez minutos e aí nos aborrecia; ou ficávamos na fila para comprar entradas que custavam a

metade do preço nas cabines do TKTS, ou ficávamos olhando os livros nas vitrines da Barnes & Noble (acho que só havia uma naquela época), ou dávamos um pulo até o Museu de História Natural, ou a uma feira ao ar livre – a favorita da minha mãe era a “Nova York é um País de Livros”, em setembro, na Quinta Avenida.

Meu pai resmungava por conta do trânsito, do estacionamento e de tudo quando fosse “sujeira”, mas minha mãe adorava Nova York. Ela sentia falta dos teatros, das artes, do movimento e da agitação da cidade. Sunny tinha dado um jeito de encolher o suficiente para caber no mundo suburbano de dias alternados de dar carona nos carros e de tênis de solas de borracha, mas seus sonhos, aquela saudade há muito sufocada, estavam bem ali, bem abaixo da superfície.

Ela nos amava, eu sei disso, mas às vezes, quando me sentava ao lado dela naquela caminhonete e a via olhando pela janela pensava se não seria mais feliz se nós não existíssemos.

- Pensando coisas boas? – perguntou Squares.

- Quê?

- Lembrando-se de que Sonay era uma praticante fervorosa do Yoga Squared?

- Como isso funciona?

- Telefonei para Sonay e contei os nossos problemas. Ela me disse que a QuickGo pertencia a dois irmãos, Ian e Noah Muller. Ela telefonou para eles, disse o que queria e... – Squares deu de ombros.

Balancei a cabeça.

- Você é espantoso.

- É. É, eu sou, sim.

Os escritórios da QuickGo estavam localizados em um armazém perto da Rota 3, no coração dos pantanais do noroeste de Nova Jersey. Nova Jersey ridicularizada principalmente porque as nossas estradas secundárias mais utilizadas cortam alguns dos trechos mais feios do assim chamado Estado Jardim. Sou daqueles que defendem o seu estado natal. A maior parte de Nova Jersey é surpreendentemente encantadora, mais nossos críticos vencem sobre dois aspectos. Um, é que as nossas cidades estão em petição de miséria. Trenton, Newark, Atlantic City, é só escolher. Elas ganham e merecem muito pouco respeito. Vejam Newark como um bom exemplo. Tenho amigos que cresceram em Quincy, em Massachusetts. Sempre dizem que são de Boston. Tenho amigos que cresceram em Bryn Mawr. Sempre dizem que são de Filadélfia. Eu nasci a menos de quinze quilômetros do coração de Newark. Mas nunca disse e nunca ouvi alguém dizer que era de Newark.

Dois – e não me importa o que os outros digam -, há um cheiro nas terras pantanosas do norte de Nova Jersey. Muitas vezes é fraco, mas, mesmo assim, nota-se. Não é agradável. Não tem cheiro, de esterco. Cheira a fumaça, produtos químicos é um tanque séptico com vazamento. Foi esse o cheiro que nos recebeu quando deixamos o carro no armazém da QuickGo.

Squares perguntou:

- Você peidou?

Encarei-o.

- Olhe, só estou procurando acabar com a tensão.

Entramos no armazém.

Os irmãos Muller estavam valendo perto de cem milhões de dólares cada um, mas mesmo assim dividiam um escritório pequeno que ficava no centro de uma sala que mais parecia um hangar. Suas mesas, que pareciam ter sido compradas numa escola primária que deixou de funcionar, haviam sido colocadas uma na frente da outra. As cadeiras eram de madeira envernizada, de tempos pré-ergonômicos. Não havia computadores, máquinas de fax ou fotocopiadoras, apenas as mesas, os arquivos de metal altos e dois telefones. Todas as quatro paredes eram envidraçadas. Os irmãos gostavam de olhar para fora e ver as caixas de encomendas e os guindastes. Não se importavam muito com quem olhasse para dentro.

Os irmãos eram parecidos e vestiam-se iguais. Usavam o que meu pai chamaria de “calções de carvoeiro” com colarinhos brancos sobre camisetas de algodão com a gola em V. As camisas ficavam bem abertas deixando ver os pêlos grisalhos dos seus peitos, espetados como palha de aço. Os irmãos levantaram-se e dirigiram seu sorriso mais rasgado para Squares.

- O senhor deve ser o guru de Ms. Sonay – disse um deles. – O Yogi Squares.

Squares respondeu com uma afirmação de cabeça serena, de homem sábio.

Os dois correram para ele, sacudiram-lhe a mão. Eu quase esperei que ficassem de joelhos.

- Mandamos que revisassem as gravações à noite – disse o mais alto dos irmãos, obviamente esperando uma aprovação. Squares dirigiu outra afirmação com a cabeça na sua direção. Eles nos levaram para outro lado da área cimentada. Ouvi o ruído de carros dando macha a ré. Portas como as de uma garagem abriram-se e os caminhões foram carregados. Os irmãos cumprimentavam cada trabalhador, e os trabalhadores respondiam.

Entramos em uma sala sem janelas com um Mr. Coffe num balcão. Havia uma TV com antena interna, um videocassete e um daqueles carrinhos de metal que eu não via desde os tempos em que todos os garotos entravam nas aulas do primário puxando um.

O irmão mais alto ligou a TV. Eclodiu pura estática.

Enfiou uma fita no videocassete.

- Essa fita cobre doze horas – anunciou. – Você mencionou que o cara havia estado na loja por volta das três, certo?

- Foi o que me disseram – enfatizou Squares.

- Adiantei para as duas e quarenta e cinco. A fita roda muito depressa, já que só grava uma imagem a cada três segundos. E o fast forward não está funcionando, desculpe. Também não temos controle remoto, então você aperta o botão Play quando estiver no ponto. Achamos que vocês gostariam de privacidade, então vamos deixá-los sozinhos. Levem o tempo que quiserem.

- Talvez a gente precise ficar com a fita – disse Squares.

- Não tem problema. Podemos fazer uma cópia.

- Obrigado.

Um irmão deu a mão a Squares novamente. O outro – não estou inventando – fez uma reverência. Deixaram-nos a sós. Aproximei-me do videocassete e apertei o Play. A estática sumiu. O som também. Mexi no botão do volume na TV, mas não havia som algum.

As imagens eram em preto e branco. Havia um relógio na parte baixa da tela. Do alto, a câmera apontava para a caixa registradora. Uma moça com cabelos loiros e longos estava trabalhando. Seus movimentos aos trancos a cada tomada de três segundos deixou-me tonto.

- Como vamos saber quem é o Owen Enfield? – indagou Squares.

- Estamos procurando um cara de seus quarenta anos, com cabelo cortado à escovinha, acho.

Vendo agora, dei-me conta de que esta tarefa poderia ser mais fácil do que eu havia imaginado. Os fregueses eram todos de mais de idade, e usavam trajes de golfe. Fiquei pensando se Stonepoint servia mais a aposentados. Fiz uma anotação mental para perguntar a Yvonne Sterno.

Às 3h08m15s, nós o localizamos. De costas, pelo menos. Usava short e uma camisa social de mangas curtas. Não podíamos ver seu rosto, mas ele tinha cabelo à escovinha. Ele passou pela caixa registradora e caminhou pelo último corredor. Esperamos. Às 3h09m28s, nosso suposto Owen Enfield virou a esquina, caminhando de volta para a loira de cabelos compridos na caixa.

Ele carregava o que parecia ser um litro de leite e um pão. Coloquei o dedo perto do botão da pausa para que eu pudesse parar e ver melhor.

Mas não foi preciso.

A barba à Vandyke podia enganar. Como também o cabelo grisalho cortado curtinho. Se eu tivesse encontrado essa fita por acaso, ou tivesse passado por ele numa rua movimentada, talvez não tivesse reparado. Mas eu não estava nada casual agora. Estava me concentrando. E eu sabia. Apertei o botão da pausa, de qualquer forma. Às 3h09m51s.

Todas as dúvidas se dissiparam. Fiquei parado lá, sem me mover. Não sabia se devia comemorar ou chorar. Voltei-me para Squares. Seus olhos estavam em mim e não na tela. Fiz que sim para ele, confirmado o que ele já suspeitava.

Owen Enfield era meu irmão Ken.

40

O INTERFONE TOCOU.

- Mr. McGuane? – perguntou o recepcionista que fazia parte da sua equipe de segurança.

- Sim.

- Joshua Ford e Raymond Cromwell estão aqui.

Joshua Ford era o chefe da diretoria da Stanford, Cummings e Ford, uma firma que empregava mais de trezentos advogados.

Raymond Cromwell seria assim um subalterno que se limitava a tomar notas e a fazer horas

extras. Philip viu os dois pelo monitor. Ford era um sujeito grande, sessenta e quatro anos, um metro e noventa. Tinha reputação de durão, agressivo, mau e, para fazer jus a este perfil, fazia uma cara de que estava mascando um charuto ou um pedaço de carne humana. Cromwell, em contraste, era moço, suave, mãos bem tratadas e fácil de lidar.

McGuane olhou para o Fantasma. O Fantasma sorriu, e McGuane sentiu outro sopro de friagem. Novamente pensou se teria sido certo trazer Asselta para participar daquilo. No fim, decidira que sim. O Fantasma tinha algo a ver com aquilo também.

Alem do mais, o Fantasma eras bom nessas coisas.

Ainda mantendo os olhos naquele sorriso que rastejava por sua pele, McGuane respondeu:

- Por favor, mande Mr. Ford entrar sozinho. Faça com que Mr. Cromwell se sinta confortável na sala de espera.

- Sim, Mr. McGuane.

McGuane tinha refletido sobre como agir aqui. Ele não ligava para violência pela violência, mas tampouco tinha relutado contra isso. Era um meio para atingir o fim. O Fantasma tinha razão quanto àquela merda de ateu na trincheira. A verdade é que nós não passamos de animais, até mesmo de organismos, um pouquinho mais complexos do que um paramécio básico. A gente morre e tudo acaba. Era pura megalomania pensar que nós, humanos, estamos, de alguma forma, acima da morte, que nós, ao contrario de qualquer outra criatura, temos a habilidade de transcendê-la. Na vida, é claro, somos especiais, dominantes, porque somos os mais fortes e os mais impiedosos. Nós mandamos. Mas na morte, acreditar que somos, de alguma forma, especiais aos olhos de Deus, que podemos encontrar o caminho para as graças divinas beijando seu rabo, bem, e não ficar parecendo comunista, é o tipo de raciocínio que os ricos costumavam ter para manter os pobres no seu lugar desde o começo do império do homem.

O Fantasma dirigiu-se para a porta.

Podemos reduzir os efeitos do jeito que der. McGuane freqüentemente palmilhava atalhos que os outros consideravam tabus. Nunca se deveria matar, por exemplo, um agente federal, um procurador ou um policial. Nunca se deveria atacar, para dar outro exemplo, gente poderosa que podia causar problema ou chamar a atenção.

McGuane não acreditava nisso tampouco.

Quando Joshua Ford abriu a porta, o Fantasma já estava com o porrete de metal preparado. Era aproximadamente do tamanho de um taco de beisebol, com uma mola forte que ajudava a dar uma pancada com a violência de um cassete. Se fôssemos bater na cabeça de uma pessoa com certa força, o crânio seria esmigalhado como uma casca de ovo.

Joshua Ford entrou com um balanço de homem rico. Sorriu para McGuane.

- Mr. McGuane.

McGuane sorriu de volta.

- Mr. Ford.

Percebendo que havia alguém à sua direita, Ford voltou-se para o Fantasma, a mão estendida para o habitual cumprimento. O Fantasma estava olhando para o outro lado.

Ele direcionou a barra de metal para a canela de Ford e golpeou com força. Ford gritou e caiu no chão como uma marionete cujos fios tivessem sido cortados. O Fantasma golpeou-o novamente, desta vez no ombro direito. Ford sentiu o braço amortecer. O Fantasma golpeou violentamente a caixa torácica. Houve um barulho de algo que partia. Ford tentou enrodilhar-se, fazendo-se uma bola.

Do outro lado da sala McGuane perguntou:

- Onde ele está?

Joshua Ford engoliu e grasnou:

- Ele quem?

Grande erro. O Fantasma desceu a arma com força sobre o calcanhar do homem. Ford urrou. McGuane olhou para trás, para ver o monitor de segurança. Cromwell estava confortavelmente instalado na sala de espera. Não ouviria nada. Ninguém mais ouviria também.

Fantasma atacou outra vez o advogado, encontrando o mesmo lugar no calcanhar. Ouviu-se um barulho de algo que se esmigalhava, como o de um pneu passando por cima de uma garrafa de cerveja. Ford levantou uma mão, implorando misericórdia.

Ao longo dos anos, McGuane havia aprendido que era melhor atacar antes de interrogar. A maioria das pessoas, quando diante da ameaça da dor, tentam sempre falar e se sair bem. Isso vale ainda mais para homens habituados a usar a boca para argumentar. Eles procuram ângulos, meias-verdades, mentiras em que se possa acreditar. São racionais, é o que se imagina, e seus oponentes também devem ser. As palavras podem ser usadas para aplacar as

crises.

É preciso despojá-los desta ilusão.

A dor e o medo que acompanham um ataque físico repentino são devastadores para a psique. O raciocínio cognitivo – sua *inteligentsia*, se preferirem, vocês, homens intelectuais – some, afunda. São deixados com os Neandertal, o seu eu mais primitivo, que sabe apenas fugir à dor.

Fantasma olhou McGuane. McGuane fez um sinal. Fantasma recuou e deixou que ele se aproximasse.

- Ele parou em Las Vegas – explicou McGuane. – Esse foi o grande erro dele. Lá, procurou um médico.

Verificamos as chamadas dos telefones públicos feitas uma hora antes e uma hora depois de ele ter estado lá. Só havia um telefonema que interessava. Para o senhor, Mr. Ford. Ele telefonou para o senhor. E, só para me certificar, mandei um cara ficar vigiando seu escritório. Os agentes federais foram ver o senhor ontem. Assim, o senhor está vendo que tudo se encaixa. O Ken precisava de um advogado. Ele iria querer um sujeito durão, independente, que não tivesse nenhuma ligação comigo. Esse homem seria o senhor.

Joshua Ford começou a falar:

- Mas...

McGuane levantou a mão para que ele se calasse. Ford obedeceu e fechou a boca. McGuane recuou, olhou o Fantasma e ordenou:

- John.

Fantasma avançou e, sem hesitar, atingiu Ford no braço, logo acima do cotovelo. O cotovelo dobrou para trás e o rosto de Ford perdeu o resto de cor que ainda tinha.

- Se o senhor negar ou fingir que não sabe do que estou falando – ameaçou McGuane -, o meu amigo aqui vai parar com estes tapinhas carinhosos e machucá-lo pra valer. Está entendendo?

Ford levou alguns segundos. Quando, finalmente, levantou os olhos, McGuane surpreendeu-se com a firmeza do olhar do homem. Ford olhou o Fantasma, depois McGuane.

- Vão pro inferno – e cuspiu.

Fantasma olhou para McGuane. Arqueou uma sobrancelha, sorriu e disse:

- Corajoso.

- John...

Mas o Fantasma ignorou-o. ele chicoteou a barra de ferro no rosto de Ford. Houve um som de algo molhado que se rasgava quando sua cabeça girou para o lado. O sangue espirrou pelo escritório. Ford caiu para trás e não se mexeu. O Fantasma se preparou para dar outro golpe.

McGuane perguntou:

- Ele ainda está consciente?

Isto fez o Fantasma parar. Debruçou o tronco.

- Consciente – comunicou o Fantasma -, mas mal está respirando. Voltou a ficar ereto. – Mais um golpe e Mr. Ford dirá adeus.

McGuane pensou a respeito.

- Mr. Ford?

Ford olhou para cima.

- Onde está ele? – perguntou de novo McGuane.

Desta vez Ford negou com a cabeça.

McGuane encaminhou-se para o monitor. Ligou-o para que Joshua Ford pudesse ver a tela. Cromwell estava sentado, de pernas cruzadas, tomando café.

Fantasma apontou o monitor.

- Ele usa sapatos muito bons. São do Allen-Edmonds?

Ford tentou sentar. Colocou as mãos embaixo do corpo, tentou dar um impulso, caiu para trás.

- Que idade ele tem? – quis saber McGuane.

Ford não respondeu.

John levantou a barra de ferro.

- Ele perguntou...

- Vinte e nove.

- É casado?

Ford fez que sim.

- Filhos?

- Dois meninos.

McGuane estudou o monitor mais um pouco.

- Você tem razão, John. Os sapatos são muito bons. – Voltou-se para Ford. – Diga-me onde o Ken está ou ele morre.

Fantasma abaixou a barra de ferro lentamente. Ele procurou no bolso e tirou um pedaço de pau Thuggee para estrangular. O cabo era feito de mogno. Tinha oito polegadas de comprimento e duas de diâmetro. A superfície era octogonal. Havia sulcos profundos entalhados, tornando mais fácil de segurar. A cada extremidade havia uma corda retorcida. A corda era feita de crina.

- Ele não tem nada a ver com isso – enfatizou Ford.

- Escute direitinho – disse McGuane. – Eu só vou dizer uma vez.

Ford esperou.

- Nós nunca brincamos – afirmou McGuane.

Fantasma sorriu. McGuane esperou um tempo sem tirar os olhos de Ford. Então, pressionou o botão do interfone. O recepcionista da segurança atendeu.

- Sim, Mr. McGuane.

- Traga Mr. Cromwell aqui.

- Sim, senhor.

Os dois viram pelo monitor quando um segurança reforçado chegou à porta e fez um sinal para Cromwell. Cromwell descruzou as pernas, deixou a xícara de café, levantou-se, ajeitou o paletó. Seguiu o segurança e passou pela porta. Ford voltou-se para McGuane. Seus olhos se encontraram e se fixaram.

- Você é um homem estúpido – disse McGuane.

Fantasma segurou o cabo de madeira com firmeza e esperou.

O segurança abriu a porta. Raymond Cromwell entrou com um sorriso pronto. Quando viu o sangue e seu chefe prostrado no chão, seu rosto caiu como se alguém tivesse dado um curto-circuito em seus músculos.

- O que...?

John Asselta foi para trás de Cromwell e bateu nas costas das suas pernas. Cromwell deu um grito e caiu de joelhos. Os movimentos do Fantasma eram decorados, graciosamente sem esforço, como se executasse um balé grotesco.

A corda caiu sobre a cabeça do homem mais jovem. Quando havia rodeado seu pescoço por completo, o Fantasma deu-lhe um tranco violento para trás enquanto, ao mesmo tempo, punha o joelho na coluna de Cromwell. A corda apertou forte a pele macia de Cromwell. Fantasma torceu o cabo, cortando toda a circulação de sangue para o cérebro. Os olhos de Cromwell arregalaram-se. Suas mãos tentaram agarrar a corda. Fantasma não largou.

- Pare! – gritou Ford. – Eu digo tudo.

Não houve resposta.

John ficou olhando sua vítima. O rosto de Cromwell estava com uma cor horrível de vermelho.

- Eu disse... – Ford voltou-se rapidamente para McGuane. McGuane ficou de pé, os braços cruzados. Os dois homens se encararam. Os sons muito baixos, os gargarejos horríveis que vinham de Cromwell, ecoavam no silêncio.

Ford murmurou:

- Por favor.

Mas McGuane sacudiu a cabeça e repetiu o que já dissera antes.

- Nós nunca brincamos.

O Fantasma torceu o cabo mais uma vez e segurou firme.

EU TINHA QUE CONTAR AO MEU PAI A RESPEITO DA FITA DA SEGURANÇA.

Squares me deixou em um ponto de ônibus perto de Meadowlands. Eu não fazia idéia de como agir com o que acabara de ver. Em algum ponto da auto-estrada de Nova Jersey, enquanto eu olhava os pátios industriais em ruínas, meu cérebro ligou o piloto automático. Era a única forma de continuar indo em frente.

Ken estava realmente vivo.

Havia visto a prova. Estava vivendo no Novo México, usando o nome Owen Enfield. Parte de mim estava em êxtase. Havia uma chance de redenção, uma chance de estar de novo com meu

irmão, uma chance – será que eu ousaria pensar nisso? – de tudo dar certo.

Mas, então, pensei em Sheila.

Suas digitais tinham sido encontradas na casa do meu irmão, junto aos dois corpos mortos. Como Sheila se encaixava nisso tudo? Eu não fazia idéia – ou talvez apenas me recusasse a enfrentar o óbvio. Ela havia me traído – quando minha cabeça funcionava, os únicos enredos em que eu podia pensar eram relacionados à traição, de uma forma ou de outra -, e se eu ficasse ligado a isso por muito tempo, se realmente me permitisse mergulhar nas mais simples lembranças – o jeito como ela se sentava em cima dos pés quando ficávamos conversando no sofá, o jeito como puxava o cabelo para trás como se estivesse de pé embaixo de uma cachoeira, seu perfume quando usava aquele robe felpudo quando saía do chuveiro, o jeito como usava as minhas camisetas de algodão, grandes demais para ela, nas noites de outubro, o jeito como cantarolava ao meu ouvido enquanto dançávamos, o jeito como me tirava o fôlego quando me olhava do outro lado do quarto -, que tudo tinha sido apenas algum tipo de mentira elaborada...

Piloto automático.

Então, fui em frente com um único pensamento: acabar com aquilo. Meu irmão e minha amante tinham me deixado sem nenhum aviso, tinham sumido sem dizer adeus. Sei que nunca poderia deixar nada disso de lado até saber a verdade. Squares havia me prevenido no começo, disse que talvez eu não fosse gostar do que descobrisse, mas, por fim, seria necessário. Quem sabe agora, finalmente, era chegada a minha vez de ser corajoso. Quem sabe agora eu salvaria o Ken em vez de ser o contrário.

Então era nisso que eu estava concentrado: Ken estava vivo. E era inocente – se eu tivesse, subconscientemente, alimentado quaisquer dúvidas, Pistillo as teria apagado. Eu poderia vê-lo e estar com ele novamente. Poderia – não sei – vingar o passado, deixar minha mãe descansar em paz, sei lá mais o quê.

No último dia do nosso luto oficial, meu pai não estava em casa. Tia Selma estava na cozinha. Disse que ele tinha saído para dar uma volta. Tia Selma estava de avental.

Fiquei pensando onde o tinha arranjado, pois não tínhamos nenhum, eu tinha certeza. Teria trazido com ela? Ela parecia estar sempre usando avental, mesmo quando não estava, se é que entendem o que estou dizendo. Eu a vi lavando a pia. Selma só estava... ali. Era uma daquelas pessoas que viviam a vida abaixo do radar, como se ela tivesse receio de chamar a atenção. Ela e o tio Murray não tinham filhos. Eu não sabia por quê, embora uma vez tivesse ouvido meus pais conversando sobre ela ter tido um filho natimorto. Fiquei parado, olhando-a como se pela primeira vez, apenas olhando para outro ser humano lutando diariamente para fazer a coisa certa.

- Obrigado – disse a ela.

Selma aceitou com a cabeça.

Queria dizer que a amava e admirava, e desejava que nós, principalmente agora que mamãe tinha ido embora, fôssemos mais próximos, queria dizer que eu sabia que mamãe gostaria que fosse assim. Mas não pude. Em vez disso, abracei-a. Selma enrijeceu o corpo de início, espantada com minha exagerada demonstração de afeto, mas depois relaxou.

- Tudo vai dar certo – encorajou-me.

Eu sabia qual era o caminho predileto do meu pai para dar sua volta. Atravessei Coddington Terrace, tomando cuidado para evitar a casa dos Miller. Meu pai, eu sabia, fazia o mesmo. Ele mudara o trajeto havia anos. Atravessei os jardins dos Jarat e dos Arnay, e enveredei pelo caminho que cortava o Meadowbrook até os campos de beisebol do time Júnior. Os campos estavam vazios, a temporada havia terminado, e meu pai estava sentado sozinho no alto das arquibancadas de metal. Lembrei-me de como ele gostava de ser treinador, a camisa de algodão branca com as mangas três-quartos verdes, a palavra Senators estampada no peito, o boné vermelho com o S plantado bem no alto da cabeça. ele adorava ficar nos abrigos onde jogadores se sentavam, os braços soltos apoiados nos caibros de madeira, o suor gotejando pelo campo. Ele punha o pé no primeiro degrau de concreto, o outro no chão, e num movimento suave, contínuo, tirava o boné, enxugava a testa com o antebraço e punha o boné cuidadosamente no lugar. Seu rosto fulgurava naquelas noites de fim de primavera, principalmente quando Ken jogava. Ele era treinador, com Mr. Bertillo e Mr. Horowitz, seus dois melhores amigos, companheiros de boteco, os dois mortos por ataques cardíacos antes dos sessenta, e sabia que, sentado ali perto dele agora, ele ainda podia ouvir as palmas e aquelas constantes palhaçadas e o cheiro adocicado de terra da turma do time Júnior.

Ele me olhou e sorriu.

- Lembra do ano em que sua mãe foi juíza?

- Acho que só um pouco. Eu tinha, o quê, quatro anos?

- É, por aí. - Ele sacudiu a cabeça, ainda sorrindo, perdido nas lembranças. - Isso aconteceu no auge da fase feminista da sua mãe. Ela usava aquelas camisetas com coisas escritas, como O LUGAR DE UMA MULHER É EM CASA E NO SENADO, coisas desse tipo. Lembre-se de que isso foi uns poucos anos antes de permitirem que as moças jogassem nos times juniores, certo? E aí, não se sabe direito como, sua mãe descobriu que não havia juízes mulheres. Ela consultou o livro das regras e viu que não havia nada que proibisse isso.

- Então ela se inscreveu.

- Certo.

- E depois?

- Bem, os mais velhos do clube tiveram um ataque, mas regra é regra. Então tiveram que aceitá-la como juiz. Mas ocorreram uns probleminhas.

- Como o quê?

- Ela era a pior juíza do mundo. - Papai sorriu de novo, um sorriso que eu raramente voltaria a ver, um sorriso tão firmemente alicerçado no passado que doeu. - Ela mal conhecia as regras. A visão dela, como você já sabe, era péssima. Me lembro que, no seu primeiro jogo, ela levantou o polegar e gritou "São e salvo". Logo após, fez todos aqueles movimentos giratórios, parecia uma coreografia de Bob Fosse.

Rimos, e eu quase pude vê-lo assistindo-a, movimentando-se teatralmente, meio embaraçada, meio emocionada.

- Os treinadores não enlouqueceram?

- Claro. Mas sabe o que a liga fez?

Neguei com a cabeça.

- Fizeram-na se associar ao Harvey Newhouse.

Você se lembra dele?

- O filho dele era meu colega de classe. Ele jogava futebol profissional, não jogava?

- Para os Rams, sim. No ataque. O Harvey era um brutamontes. Então ele ficou de vigia e, quando sua mãe entrava no campo, sempre que algum treinador ia sair do sério, Harvey dava uma olhada para ele e o treinador sentava logo.

Rimos novamente, e deixamo-nos cair suavemente em silêncio, os dois pensando em como um espírito como aquele poderia ser sufocado, mesmo antes do início da doença. Por fim, voltou-se e me olhou. Seus olhos arregalaram-se quando percebeu que eu estava ferido.

- O que aconteceu com você?

- Está tudo bem - respondi.

- Andou brigando?

- Estou bem, estou mesmo. Queria falar com o senhor a respeito de uma coisa.

Ele ficou quieto. Fiquei pensando em como começar, mas papai cuidou disso.

- Deixa eu ver...- iniciou.

Olhei-o.

- Sua irmã me telefonou hoje de manhã. E me falou da fotografia.

Ela ainda estava comigo. Mostrei. Ele deixou-a fora da palma da mão, como se tivesse receio de amassá-la. Baixou os olhos e disse:

- Meu Deus. - Seus olhos começaram a brilhar.

- O senhor não sabia? - perguntei.

- Não. - Olhou a fotografia de novo. - Sua mãe nunca disse nada, você sabe. - Percebi alguma coisa no rosto dele. Sua mulher, sua companheira de toda a vida, tinha escondido aquele fato dele, e aquilo o magoava.

- Tem mais uma coisa - acrescentei.

Ele virou-se para mim.

- Ken está morando no Novo México. - Dei a ele um esboço rápido do que ficara sabendo. Ele ouviu tudo calado e firme, como se tivesse encontrado seu equilíbrio.

Quando terminei, papai disse:

- Há quanto tempo está morando lá?

- Há uns poucos meses. Por quê?

- Sua mãe disse que ele ia voltar. E que voltaria quando pudesse provar sua inocência.

Ficamos sentados em silêncio. Deixei meu pensamento voar. Imagine, eu pensei, que tivesse sido assim: há onze anos Ken havia sido incriminado. Ele fugiu e viveu no estrangeiro - escondido ou coisa assim, como os noticiários diziam. Os anos passam. Ele voltou para casa.

Por quê?

Teria sido, como minha mãe dissera, para provar sua inocência? Fazia sentido, acho, mas por que agora? Eu não sabia o por quê, mas qualquer que fosse o motivo, o Ken tinha mesmo voltado - e o tiro saía pelo culatra. Alguém descobrira.

Quem?

A resposta parecia óbvia: quem quer que tivesse assassinado Julie. Essa pessoa, fosse ele ou ela, teria que calar o Ken. E depois? Eu não fazia idéia. Ainda havia peças faltando.

- Pai?

- O quê?

- O senhor nunca suspeitou que Ken estivesse vivo?

Ele demorou a responder.

- Era mais fácil pensar que ele estava morto.

- Isso não é resposta.

Ele deixou seu olhar pairar longe de novo.

- Ken gostava muito de você, Will.

Deixei as palavras ficarem suspensas no ar.

- Mas ele não era de todo bom.

- Eu sei disso.

Ele deixou a frase calar.

- Quando Julie foi assassinada, Ken já estava metido em confusão.

- Como assim?

- Ele voltou pra casa, para se esconder.

- De quê?

- Não sei.

Pensei nisso. E de novo me lembrei que fazia pelo menos dois anos que ele não dava as caras em casa e que parecia nervoso, mesmo quando me perguntou a respeito de Julie. Eu só não sabia o que tudo aquilo queria dizer.

Papai perguntou:

- Você se lembra de Phil McGuane?

Fiz que sim. O velho amigo de Ken da escola secundária, o "líder da classe" que agora tinha a reputação de "ter ligações".

- Ouvi dizer que ele havia se mudado para a antiga casa de Bonanno.

- É.

Quando eu era menino, os Bonanno, famosos mafiosos dos velhos tempos, tinham morado na maior propriedade de Livingston, aquela que tinha um grande portão de ferro e entrada de carros guardada por dois leões de pedra. Dizia-se - e, como devem ter avaliado, o subúrbio está cheio de rumores - que havia corpos enterrados na propriedade e as grades podiam eletrocutar, e que se um garoto tentasse penetrar pelo bosque atrás, poderiam atirar nele na cabeça.

Eu duvidava que algumas dessas histórias fossem verídicas, mas a polícia finalmente prendeu o velho Bonanno quando ele tinha noventa e um anos.

- O que tem ele? - perguntei.

- Ken estava envolvido com McGuane.

- Como?

- Isso é tudo que sei.

Pensei no Fantasma.

- John Asselta também estava envolvido?

Meu pai ficou duro. Vi medo em seus olhos.

- Por que está me perguntando isso?

- Os três eram muito amigos no secundário - comecei, e decidi que ia até o fim. - Eu o vi há pouco tempo.

- Asselta?

- É.

Sua voz estava suave.

- Ele voltou?

Fiz que sim.

Papai fechou os olhos.

- Que foi?

- Ele é perigoso - alertou-me.

- Sei que é.

Ele apontou para o meu rosto.

- Foi ele que fez isso?

Boa pergunta, pensei.

- Pelo menos, em parte.

- Em parte?

- É uma longa história, papai.

Ele fechou os olhos de novo. Quando abriu, apoiou as mãos nas coxas e se levantou.

- Vamos para casa - ordenou.

Queria perguntar mais, mas sabia que agora não era hora. Segui-o. Papai teve trabalho para descer os degraus inseguros da arquibancada. Ofereci minha mão. Ele recusou. Quando chegamos ao chão recoberto de pedregulho, seguimos pelo caminho de volta. E ali, sorrindo pacientemente com as mãos nos bolsos, estava Fantasma.

Por um momento pensei que fosse minha imaginação, como se o fato de termos pensado nele tivesse provocado aquela miragem hedionda. Mas ouvi meu pai respirar fundo. E depois, aquela voz.

- Não é comovente? - disse o Fantasma.

Meu pai tomou minha frente como se tentasse me proteger.

- O que você quer? - gritou.

Mas o Fantasma riu.

- Puxa, filho, quando eu acertei em cheio no jogo - disse ele, caçoando -, tive que chupar um tubo inteiro de *Life Savers* para me sentir melhor.

Ficamos grudados no mesmo lugar. Ele olhou para o céu, fechou os olhos, aspirou uma profunda golfada de ar.

- Ah, o time Júnior. - Baixou o olhar para o meu pai. - O senhor se lembra de quando meu pai apareceu no jogo,

Mr. Klein?

Meu pai trancou o queixo com firmeza.

- Foi um grande momento, Will. Um clássico. O meu querido papai estava tão bêbado que deu uma mijada bem ali, perto do barzinho. Já imaginou? Pensei que Mr. Tansmore fosse ter um ataque. - Ele riu gostosamente, o barulho me agredia enquanto ecoava. Quando acabou, acrescentou:

- Bons tempos, não foram?

- O que você quer? - meu pai perguntou de novo.

Mas ele continuava com aquela conversa. Não ia desviar.

- Me diga uma coisa, Mr. Klein, o senhor se lembra de ter treinado o time vencedor nos jogos estaduais finais?

Meu pai respondeu:

- Lembro.

- Ken e eu estávamos na quarta série, não estávamos?

Não houve reação de meu pai desta vez.

O Fantasma estalou.

- Espere aí. - O sorriso sumiu do seu rosto. - Eu quase esqueci. Perdi aquele ano. E o ano seguinte também, não foi? Estava na cadeia, o senhor sabe.

- Você nunca foi preso - disse meu pai.

- Verdade, é verdade, o senhor está absolutamente certo, Mr. Klein. Eu estava - fez sinais de aspas com os seus dedos magros - hospitalizado. Sabe o que isto significa, pequeno Willie? Eles trancam uma criança com os malucos mais depravados que jamais amaldiçoaram esta porcaria de planeta, para fazê-los se sentir melhor. Meu primeiro colega de quarto era o Timmy, um piromaniaco. Com a tenra idade de treze anos, Timmy matou os pais ateando fogo neles. Uma noite, roubou os fósforos de um funcionário bêbado e botou fogo na minha cama. Passei três semanas no hospital. Quase botei fogo em mim mesmo só para não ter de voltar.

Um carro desceu a Meadowbrook Road. Eu podia ver um menino no banco traseiro, sentado alto numa cadeirinha de segurança ou coisa parecida. Não havia vento. As árvores estavam imóveis.

- Isto foi há muito tempo - disse meu pai suavemente.

Os olhos de John se contraíram como se tivessem dado às palavras de meu pai uma atenção toda especial. Finalmente concordou com a cabeça e disse:

- Sim, sim, foi.

O senhor também tem razão a este respeito, Mr. Klein. Não foi como se eu tivesse tido uma vida em casa lá muito boa. Quer dizer, que perspectivas eu tinha, afinal de contas? O senhor pode até achar que o que aconteceu comigo foi uma bênção: eu podia fazer terapia em vez de viver com um pai que me espancava.

Eu me dei conta, então, que ele estava falando da morte de Daniel Skinner, o poltrão que havia sido morto com uma faca de cozinha. Mas o que me impressionou foi que, quando tive uma pausa para pensar, a história dele parecia com as dos garotos da Covenant House - histórias de abusos em casa, crimes quando ainda crianças, alguma forma de psicose. Tentei olhar o Fantasma sob este prisma, como se fosse apenas um dos meus garotos. Mas a imagem não batia. Ele não era mais nenhum garoto. Eu não sabia quando eles cruzavam a linha, com que idade deixavam de ser garotos que precisam de ajuda para serem uns degenerados que deviam ser trancafiados, ou se até isto seria justo.

- Hei, pequeno Willie?

O Fantasma tentou me olhar nos olhos, mas meu pai se colocou no caminho do seu olhar. Coloquei a mão em seu ombro, como se lhe dissesse que eu podia cuidar do caso.

- Que foi? - perguntei.

- Você não sabia que eu estava - outra vez fazendo aspas com os dedos - hospitalizado de novo, sabia?

- Sabia.

- Eu já estava me formando, você era calouro.

- Me lembro.

- Eu só tive uma visita durante aquele tempo todo. Sabe quem foi?

Fiz que sim. A resposta era Julie.

- Irônico, você não acha?

- Foi você quem a matou? - perguntei.

- Só um de nós dois aqui tem culpa.

Meu pai se interpôs.

- Agora chega - ordenou.

Eu fui para o lado.

- O que quer dizer com isso?

- Você, pequeno Willie, estou me referindo a você.

Fiquei confuso.

- O quê?

- Chega - meu pai disse mais uma vez.

- Você devia ter lutado por ela - continuou o Fantasma -, devia tê-la protegido.

As palavras, mesmo saindo daquele lunático, perfuraram meu peito como um furador de gelo.

- Por que você está aqui? - perguntou meu pai.

- A verdade, Mr. Klein? Não estou inteiramente certo.

- Deixe minha família em paz. Se quer alguém de nós, fique comigo.

- Não, senhor. Não quero o senhor, não. - Ele estudou meu pai e eu senti uma coisa fria se enrodilhar dentro do meu abdômen. - Acho que prefiro o senhor desse jeito.

O Fantasma deu um adeusinho com a mão e encaminhou-se para o bosque. Nós o vimos andar cada vez mais para o fundo, entre as árvores, sumindo, até que, como seu apelido, ele desapareceu. Ficamos parados lá por mais um ou dois minutos. Podia ouvir a respiração do meu pai, abafada e curta, como se estivesse brotando de uma caverna profunda.

- Papai?

Mas ele já havia retomado o caminho.

- Vamos pra casa, Will.

42

MEU PAI NÃO QUERIA FALAR.

Quando voltamos para casa, ele foi direto para o seu quarto, o mesmo que havia dividido com minha mãe por quase quarenta anos, e fechou a porta. Havia tanta coisa vindo até mim agora. Tentei selecionar, mas era demais. Meu cérebro ameaçava trancar-se. E eu ainda não sabia o bastante. Não por enquanto. Precisava saber mais.

Sheila.

Havia mais uma pessoa capaz de esclarecer o enigma que tinha sido o amor da minha vida. Dei algumas desculpas, me despedi e voltei para a cidade. Tomei o metrô e fui o Bronx. O céu tinha começado a escurecer, e a vizinhança era péssima, mas pelo menos uma vez na vida eu estava longe de me sentir temeroso.

Mesmo antes de bater, a porta se abriu numa fresta, a corrente ainda passada. Tanya disse:

- Ele está dormindo.
- Quero falar com você.
- Não tenho nada a dizer.
- Vi você na cerimônia religiosa.
- Vá embora.
- Por favor. É importante.

Tanya suspirou e tirou a corrente. Entrei. A luz fraca estava no canto, ao fundo, derramando o mais suave dos brilhos. Deixei meus olhos correrem por este lugar tão deprimente. Pensei se Tanya não seria prisioneira ali, tanto quanto Louis Castman. Encarei-a. Ela se encolheu como se meu olhar tivesse a possibilidade de queimá-la.

- Por quanto tempo planeja ficar com ele aqui?
- Não faço planos.

Tanya não me convidou para sentar. Ficamos os dois ali de pé, um encarando o outro. Ela cruzou os braços e esperou.

- Por que foi à cerimônia?
- Queria prestar minhas condolências.
- Você conhecia Sheila?
- Conhecia.
- Eram amigas?

Tanya podia ter sorrido. Seu rosto tava tão lacerado - as cicatrizes desenhando linhas denteadas que entravam pela sua boca - que eu não podia ter certeza.

- Nem mesmo chegadas.
- Então porque você foi?

Ela virou a cabeça atrevidamente para o lado.

- Quer ouvir uma coisa estranha?

Eu não estava certo do que responder, de forma que me limitei a concordar calado.

- Aquela foi a primeira vez que saí deste apartamento depois de dezesseis meses.

Eu não estava muito seguro de como responder a isso, então tentei:

- Fiquei feliz por ter ido.

Tanya me olhou cinicamente. O quarto estava silencioso, a não ser por sua respiração. Não sei o que havia de fisicamente errado com ela, se era alguma coisa ligada ao dilaceramento brutal ou não, mas cada respiração soava como se sua garganta fosse um canudinho de palha estreito com algumas gotas de líquido entupindo.

Eu disse:

- Por favor, me diga por que foi até lá.

- É como eu disse. Quis prestar minhas condolências. - Fez uma pausa. - Pensei que poderia ajudar.

- Ajudar?

Ela olhou para a porta do quarto de Louis Castman. Segui seu olhar. - Ele me disse por que você tinha vindo aqui. Pensei que talvez pudesse dar mais alguma informação.

- O que ele disse?

- Que você estava apaixonado por Sheila. - Tanya aproximou-se da luz. Difícil não desviar o olhar. Finalmente se sentou e me indicou para fazer o mesmo, com um gesto. - É verdade?

- É.

- Você a matou? - ela quis saber.

A pergunta me espantou.

- Não.

Ela não pareceu convencida.

- Não entendo - comecei. - Você foi ajudar?

- Sim.

- Então por que fugiu?

- Você ainda não entendeu?

Sacudi negativamente a cabeça.

Ela sentada - mais como se tivesse desabado - na cadeira. Suas mãos caíram no colo e

começou a balançar o corpo para a frente e para trás.

- Tanya?

- Eu ouvi o seu nome - disse ela.

- O quê?

- Você me perguntou por que eu fugi. - Ela parou de se balançar. - Foi porque ouvi o seu nome.

- Não estou entendendo.

Ela olhou para a porta de novo.

- Louis não sabia quem você era. Nem eu - até ouvir o seu nome na cerimônia, quando Squares estava falando dela. Você é Will Klein.

- Sou.

- E - sua voz ficou suave, tão suave que eu tive de me inclinar para ouvir - você é irmão do Ken.

Silêncio.

- Você conhecia meu irmão?

- Nós nos encontramos. Faz muito tempo.

- Como?

- Através da Sheila. - Ela endireitou o tronco e me olhou. Era estranho. Dizem que os olhos são as janelas da alma. Tolice. Os olhos de Tanya eram normais. Eu não via nenhuma cicatriz neles, nenhuma sugestão de imperfeição, nenhuma sombra de sua história s de seus padecimentos. - Louis te falou de um gângster da pesada que tinha se envolvido com a Sheila?

- Falou.

- Era o seu irmão.

Sacudi a cabeça. Estava prestes a protestar, mas me contive quando percebi que ela tinha outras coisas para contar.

- Sheila nunca deu certo com esse tipo de vida. Ela era muito ambiciosa. Ela e o Ken se encontraram. Ele a ajudou a entrar para um colégio bacana em Connecticut, mas era mais para vender drogas do que outra coisa. Aí nas ruas você encontra uns caras que se despedaçam para conseguir um ponto de venda numa esquina. Mas lá, numa escola fina de garotada rica, se você pudesse circular e controlar o negócio, podia fazer uma grana fácil.

- E você está me dizendo que foi meu irmão que arrumou tudo isso?

Ela começou a se balançar de novo.

- Está me dizendo que não sabia mesmo?

- Estou.

- Eu pensei... - ela parou.

- O quê?

Ela sacudiu a cabeça.

- Não sei o que pensei.

- Por favor.

- É muito esquisito. Primeiro a Sheila com o seu irmão. Depois ela aparece de novo, mas com você. E você se comporta como se não soubesse nada de nada.

Mais uma vez eu não sabia o que responder.

- Então, o que aconteceu com a Sheila?

- Você sabe melhor que eu.

- Não, estou falando de antigamente. Quando ela estava naquela universidade.

- Nunca mais a vi depois que largou a vida. Telefonou-me umas duas vezes, só isso. Depois parou de telefonar também. Mas Ken representava más notícias. Você e Squares parecem representar boas. Como se tivesse achado coisa melhor. Mas aí, quando ouvi seu nome... - Ela afastou o pensamento.

- O nome Carly significa alguma coisa pra você?

- Não. Por quê? Devia?

- Você sabia que Sheila tem uma filha?

Isso fez Tanya começar a se balançar de novo. A voz brotou dolorida.

- Meus Deus!

- Sabia?

Ela negou com a cabeça.

- Não.

Eu não deixei passar.

- Você conhece uma cara chamado Philip McGuane?

Ainda negando com a cabeça.

- Não.
- E John Asselta? Ou Julie Miller?
- Não - responde depressa. - Não conheço ninguém dessa gente. - Ela ficou de pé e afastou-se de mim. - Eu tinha tanta esperança de que ela tivesse escapado - concluiu.
- Ela conseguiu. Por um tempo.
- Vi seus ombros caírem. Sua respiração parecia ainda mais difícil.
- Ela devia ter tido um fim melhor.
- Tanya encaminhou-se para a porta. Não a segui. Olhei de volta para o quarto de Louis Castman. Novamente pensei que ali havia dois prisioneiros. Tanya parou. Podia sentir seus olhos sobre mim. Voltei-me para ela.
- Há cirurgiões - eu disse para ela. - O Squares conhece gente. Podemos ajudar.
- Não, obrigada.
- Você não pode viver de vingança a vida inteira.
- Ela tentou sorrir.
- Acha que tudo isto é vingança? - Mostrou seu rosto mutilado. - Acha que o mantenho aqui por causa disso?
- Fiquei confuso.
- Tanya negou com a cabeça.
- Ela te contou como pegou a Sheila?
- Fiz que sim.
- Ele diz que os créditos são dele. Vangloria-se dos seus ternos elegantes e de sua fala macia. Mas a maioria das garotas, mesmo as que saíam fresquinhas do ônibus, tinham medo de se mandar sozinhas com um cara. Então, olha só, o que fazia as coisas parecerem outras, era que o Louis tinha outra pessoa com ele. Uma mulher. Para ajudar na compra. Para enganar as garotas, fazê-las se sentirem seguras.
- Ela esperou. Seus olhos estavam secos. Um tremor começou profundo dentro de mim e se espalhou por todo o corpo. Tanya aproximou-se da porta. Abriu-a para mim. Saí e nunca mais voltei.

43

HAVIA DOIS RECADOS GRAVADOS NA SECRETÁRIA ELETRÔNICA. O PRIMEIRO ERA DA mãe da Sheila, Edna Rogers. Seu tom era duro e impessoal. O enterro seria dentro de dois dias, numa capela em Mason, em Idaho. Mrs. Rogers disse a hora, o endereço e indicações de como chegar lá, saindo de Boise. Salvei a mensagem.

O segundo era de Yvonne Sterno. Disse que era urgente e pediu para que eu retornasse imediatamente. Seu tom era de uma excitação que mal podia controlar. O que me deixou inseguro. Pensei que ela poderia ter descoberto a verdadeira identidade de Owen Enfield - se tivesse, seria uma coisa positiva ou negativa?

Yvonne atendeu ao primeiro toque.

- O que aconteceu? - perguntei.
- Coisa grande, Will.
- Estou ouvindo.
- Devíamos ter percebido antes.
- O quê?
- Junte os fatos. Um cara com o pseudônimo. O grande interesse do FBI. Todo este segredo. Uma pequena comunidade numa região pacata. Está me acompanhando?
- Não estou muito, não.
- A chave está na Cripco - continuou. - Como eu disse, é uma empresa-fantasma. Então, verifiquei com algumas fontes. A verdade é que eles não se esforçam para escondê-las tanto assim. O disfarce não é tão perfeito. Eles acham que se alguém localizar o cara, ou sabem ou não sabem. Não vão fazer uma checagem detalhada dos antecedentes.
- Yvonne? - alertei.
- O quê?
- Não faço a menor idéia do que você está falando.

- A Cripco, a companhia que alugou a casa e o carro, está ligada à central de polícia dos Estados Unidos.

Senti minha cabeça oscilar e girar. Deixei correr, e uma esperança luminosa chegou à superfície na névoa escura, azulada.

- Espere um pouco. Está querendo me dizer que Owen Enfield é um agente secreto?

- Não, não acho que seja isso. Quer dizer, o que ele estaria investigando em Stonepoint? Que tinha alguém jogando buraco e roubando?

- Então o quê?

- É a central de polícia dos Estados Unidos, não é FBI, que é o responsável pelo serviço de proteção às testemunhas.

Mas confusão ainda.

- Então você está me dizendo que o Owen Enfield...

- Que o governo está escondendo ele aqui, está. Deram a ele uma nova identidade. A chave, como eu disse antes, é que eles não se aprofundam demais examinando os antecedentes. Muita gente não sabe disso. Às vezes, até bancam os idiotas. Minha fonte no jornal contou a respeito daquele traficante negro de Baltimore que eles meteram em um subúrbio de brancos fora de Chicago. Foi uma confusão geral. O caso não era este, mas se, digamos, o Gotti estivesse procurando por Sammy, o Touro, ou eles o reconheceriam ou não. Não iam se preocupar em verificar seus antecedentes para ter certeza. Está entendendo o que eu estou dizendo?

- Acho que sim.

- Então, o que acho que aconteceu é que o Owen Enfield representavam más notícias. Como são a maioria desses caras que ficam sob o serviço de proteção às testemunhas. Então ele está no programa e, por algum motivo, liquida com aqueles dois caras e se manda. O FBI não quer que a notícia se espalhe. Olha só como ia ser embaraçoso - o governo faz um acordo com um cara e aí ele cai numa farra de assassinatos? Péssima cobertura da imprensa, entende?

Eu não disse nada.

- Will?

- Sim?

Houve uma pausa

- Você não está escondendo nada de mim, está?

Pensei no que devia fazer.

- Vamos - disse ela. - Tem ida e volta, lembra? Eu bato a bola, você rebate.

Eu não sabia o que dizer - se

deveria dizer que meu irmão e Owen Enfield eram a mesma pessoa, ou se deveria ter concluído que publicar tudo seria melhor do que manter em segredo - mas não precisei tomar esta decisão. Ouvi um ruído, e o telefone ficou mudo.

Houve uma batida forte na porta.

- Polícia Federal. Abra.

Reconheci a voz. Era Claudia Fisher. Peguei a maçaneta, girei e quase me jogaram no chão. Fisher avançou com um revólver em punho. Disse-me para levantar as mãos. Seu companheiro, Darryl Wilcox, estava com ela. Os dois pareciam pálidos, cansados e talvez até um pouco receosos.

- Que diabo está acontecendo? - perguntei.

- Mãos ao alto!

Fiz o que ela mandou. Ela pegou as algemas e então, como se tivesse pensado melhor, parou. Sua voz ficou repentinamente suave.

- Você vem com a gente sem problemas? - perguntou.

Concordei.

- Então anda, vamos.

EU NÃO DISCUTI. NÃO EXIGI QUE ME PROVASSEM QUE ESTAVAM AGINDO CERTO NEM exigir um telefonema ou nada disso. Nem ao menos perguntei para onde estávamos indo. Todas estas reclamações num momento tão delicado seriam, eu sabia, ou supérfluas ou prejudiciais.

Pistillo havia me avisado para não me meter. Tinha chegado ao ponto de me mandar prender

por um crime que eu não tinha cometido. Prometeu que me incriminaria se preciso fosse. E eu ainda não tinha recuado. Ficava pensando de onde desenterrara esta coragem recém-encontrada e compreendi que era apenas caso de não ter mais nada a perder. Vai ver a coragem é isso - ultrapassar a condição de não ligar mais a mínima. Sheila e minha mãe estavam mortas. Meu irmão tinha estado longe de mim. Encurrale um homem, até mesmo um tão fraco quanto este, e verá o animal emergir.

Fomos até uma seqüência de casas em Fair Lawn, em Nova Jersey. Para todos os lados que olhava eu via os mesmos gramados bem cuidados, canteiros demasiadamente cheios de flores, mobílias enferrujadas que já haviam sido brancas, esguichos feito cobras cortando os gramados ligados a irrigadores que estremeciam em uma névoa preguiçosa. Aproximamo-nos de uma casa que em nada diferia das demais. Fisher experimentou a maçaneta. Estava aberta. Fizeram-me atravessar uma sala com um sofá cor-de-rosa e um móvel com TV. Fotografias de dois rapazes sobre o móvel. As fotografias estavam colocadas na ordem de idades, começando com dois meninos. Na última, os garotos, agora adolescentes, estavam vestidos formalmente, cada um dando um beijo nas faces de uma mulher que se supunha ser sua mãe.

A porta da cozinha era de molas. Pistillo estava sentado a uma mesa de fórmica, tomando chá gelado. A mulher da fotografia, provavelmente a mãe, estava junto à pia. Fisher e Wilcox sumiram. Eu fiquei de pé.

- Você botou escuta no meu telefone - instiguei.

Pistillo sacudiu a cabeça.

- Um dispositivo de escuta apenas nos diz de onde uma chamada se originou. Aqui estamos usando aparelhos de escuta. E para não sermos acusados de nada, temos ordem judicial para fazê-lo.

- O que você quer comigo? - perguntei.

- A mesma coisa que tenho desejado há onze anos. Seu irmão.

A mulher na pia abriu a torneira. Lavou um copo. Mais fotografias, algumas com a mulher, algumas com Pistillo e outros jovens, mas de novo, sempre com aqueles dois adolescentes, tinham sido grudados na geladeira com ímãs. Estas eram fotos recentes, instantâneos - na praia, no quintal, esse tipo de coisa.

Pistillo chamou:

- Maria?

A mulher desligou a água e voltou-se para ele.

- Maria, este é Will Klein. Will, Maria.

A mulher - imaginei que fosse a esposa de Pistillo - enxugou as mãos num pano de prato. Deu-me um aperto de mão firme.

- Muito prazer - disse ela um pouco formal demais.

Resmunguei, fiz um gesto de cabeça e, quando Pistillo fez um sinal, sentei-me numa cadeira de ferro com assento estofado de vinil.

- Quer tomar alguma coisa, Mr. Klein? - perguntou Maria.

- Não, obrigado.

Pistillo ergueu seu copo de chá gelado.

- Isto é um estouro. Você devia tomar um copo.

Maria manteve-se ali. Acabei aceitando o chá gelado só para seguirmos em frente. Ela ocupou seu tempo servindo e colocando o copo na minha frente. Agradei e procurei sorrir. Ela tentou sorrir de volta, mas seu esforço foi menor do que o meu.

Ela disse:

- Estarei esperando no outro quarto, Joe.

- Obrigado, Maria.

Ela empurrou a porta de mola e saiu.

- Ela é minha irmã - disse ele, ainda olhando a porta por onde ela havia passado. Apontou para os retratos na geladeira. - Estes são os dois filhos dela. Vic Júnior tem dezoito anos agora. Jack, dezesseis.

- Sei. - Cruzei os braços e pousei-os na mesa. - Você tem estado ouvindo os meus telefonemas.

- Tenho.

- Então já sabe que não tenho a mínima idéia de onde o meu irmão está.

Ele tomou um gole de chá gelado.

- Isto eu sei. - Ele ainda estava olhando para a geladeira, e fez um gesto com a mão para eu fazer o mesmo. - Você nota que tem alguma coisa faltando nestas fotografias?

- Não estou com disposição para jogos de adivinhação, Pistillo.

- Não, eu também não. Mas olhe mais um pouco. Quem está faltando?

Eu não dei ao trabalho de olhar porque já sabia.

- O pai.

Ele estalou os dedos e apontou para mim como se fosse o apresentador de um programa de perguntas e respostas na televisão.

- Acertou na primeira. Impressionante.

- Que diabo é isto, afinal?

- Minha irmã perdeu o marido há doze anos. Os meninos, bem, você pode fazer as contas sozinho. Tinham seis e quatro anos. A Maria os criou sozinha. Eu ajudava no que podia, mas tio não é pai, sabe o que eu estou dizendo?

Eu não disse nada.

- O nome dele era Victor Dober. Esse nome diz alguma coisa a você?

- Não.

- Vic foi assassinado. Levou dois tiros na cabeça, no estilo das execuções. - Ele tomou todo o chá gelado e acrescentou: - Seu irmão estava presente.

Meu coração deu um salto dentro de mim. Pistillo ficou de pé sem esperar pela minha reação.

- Sei que a minha bexiga vai lamentar isto, Will, mas vou tomar outro copo. Quer alguma coisa enquanto estou de pé?

Tentei vencer o choque.

- O que quer dizer com o meu irmão estava presente?

Mas Pistillo estava ocupado agora. Abriu o congelador, pegou uma bandeja de gelo, tirou as pedras na pia. Os cubos fizeram barulho quando bateram na cerâmica. Pegou alguns com a mão e encheu o copo.

- Antes de começarmos, quero que me prometa uma coisa.

- O quê?

- Isto envolve Katy Miller.

- O que tem ela?

- Ela não passa de uma garota.

- Eu sei.

- Esta é uma situação perigosa. Você não precisa ser nenhum gênio para perceber isso. Não quero que ela seja machucada de novo.

- Nem eu.

- Então estamos combinados. Me prometa, Will. Prometa que você não vai envolvê-la mais nisso.

Olhei para ele e sabia que aquele detalhe não podia ser negociado.

- Tudo bem - concordei. - Ela está fora.

Ele examinou meu rosto, procurando a mentira, mas quanto a este detalhe ele estava certo. Katy já tinha pagado um preço muito alto. Eu não tinha certeza de poder agüentar caso ela fosse forçada a pagar um preço ainda maior.

- Fale-me sobre meu irmão - solicitei.

Ele acabou de se servir o chá gelado e voltou a se acomodar na cadeira. Olhou para a mesa e ergueu os olhos.

- Você leu nos jornais a respeito das grandes batidas - começou Pistillo. - Leu sobre como o mercado de peixes Fulton tinha sido limpo. Via aquela fila de velhos nos noticiários e pensava: esses dias acabaram. As quadrilhas acabaram. A polícia venceu.

Minha garganta ficou repentinamente ressequida, arenosa, como se pudesse fechar completamente. Tomei um grande gole do meu copo. O chá estava muito doce.

- Você sabe alguma coisa a respeito do Darwin? - perguntou ele.

Pensei que a pergunta era retórica, mas ele queria uma resposta. Eu disse:

- A sobrevivência do mais forte, e tudo mais.

- Não é do mais forte - corrigiu-me. - Esta é a interpretação moderna, e está errada. A chave para Darwin não era que os mais fortes sobreviviam - os mais adaptáveis, sim. Está vendo a diferença?

Concordei com a cabeça.

- Assim, os maus-caracteres mais espertos se adaptam. Mudam seus escritórios para fora de Manhattan. Vendem drogas, por exemplo, nas regiões menos competitivas. Para a corrupção de base, começam a alimentar as cidades de Jersey. Camden, por exemplo. Três dos últimos prefeitos foram condenados por crimes. Atlantic City, você sabe, cara, não se atravessa a rua

sem comer bola. Newark e toda essa revitalização é tudo uma merda. Revitalização significa dinheiro. Dinheiro significa coerção e bola.

Mudei a posição na cadeia.

- Tudo isto significa o quê, Pistillo?

- Olha aqui, seu idiota, significa muita coisa. - Seu rosto ficou vermelho. Os traços continuaram firmes, se bem que não sem um grande esforço. - Meu cunhado, o pai daqueles dois garotos, tentou limpar as ruas daquele lixo. Trabalhou disfarçado. Alguém descobriu. Ele e o companheiro acabaram sendo mortos.

- E você acha que meu irmão estava metido nisto?

- É, acho sim.

- Tem provas?

- Mais do que isso. - Pistillo sorriu. - Seu irmão confessou.

Recostei-me, como se ele tivesse me dado um soco. Sacudi a cabeça. Calma. Ele diria e faria qualquer coisa, foi o que me disse. Ele não estivera disposto a me incriminar ainda ontem à noite?

- Estamos indo depressa demais, Will. E não quero que fique com impressões erradas. Não achamos que seu irmão tenha matado ninguém.

Outra chicotada.

- Mas você disse...

Ele levantou uma mão.

- Quer me escutar?

Pistillo levantou-se de novo. Precisava de tempo. Eu podia ver que sim. Estava com o rosto surpreendentemente prosaico, até mesmo composto, mas isto era porque estava trancando sua raiva de volta no armário. Pensei por quanto tempo a porta do armário agüentaria. Pensei quantas vezes, quando ele olhava para a irmã, a porta cedia e a fúria ficava à solta.

- Seu irmão trabalhava para Philip McGuane. Suponho que saiba quem é.

Eu não ia lhe dar nenhuma informação.

- Continue.

- McGuane é mais perigoso do que o seu amiguinho Asselta, principalmente porque é mais esperto. A DICO considera-se um dos chefões da costa leste.

- Que DICO?

- A Divisão de Investigação do Crime Organizado - explicou ele. - Quando ainda era bastante moço, McGuane previu tudo direitinho. A gente fala sobre adaptação, mas esse cara é o sobrevivente dos sobreviventes. Não vou entrar em detalhes a respeito da situação do crime organizado - os novos russos, a Tríade*, os chineses, os italianos do velho mundo. McGuane estava dois passos à frente da concorrência. Já era chefe quando tinha vinte e três anos. Operava com todos os clássicos - drogas, prostituição, agiotagem -, mas se especializou em bolas e coerção, em estabelecer seu tráfico de drogas em lugares menos competitivos, longe da cidade.

Pensei no que Tanya havia dito a respeito de Sheila vendendo drogas no Haverton College.

- McGuane matou meu cunhado e o companheiro dele, um cara chamado Curtis Angler. Seu irmão estava metido. Nós o prendemos, mas por acusações menores.

- Quando?

- Seis meses antes de Julie Miller ser assassinada.

- Como nunca fiquei sabendo de nada disso?

- Porque o Ken não te contou. E porque nós não queríamos o seu irmão. Queríamos McGuane. Então, entramos num acordo com ele.

- Num acordo?

- Demos imunidade ao Ken em troca da sua cooperação.

- Vocês queriam que ele testemunhasse contra McGuane?

- Mais que isso. McGuane era cuidadoso. Não tínhamos o suficiente para incriminá-lo e indicá-lo por assassinato. Precisávamos de uma informação. Então, colocamos uma escuta nele e o mandamos de volta.

- Quer dizer que o Ken trabalha como agente secreto pra vocês?

Alguma coisa brilhou nos olhos de Pistillo.

- Não comece a enfeitar a coisa - atacou. - Seu irmão contraventor não tinha nada de representante da lei. Não passava de um monte de lixo tentando salvar a própria pele.

Fiz que sim, dizendo a mim mesmo que tudo isso podia não passar de uma mentira.

- Vá em frente - incitei mais uma vez.

Ele estendeu o braço para trás e pegou um bolinho de cima da bancada. Mastigou lentamente e engoliu com um trago de chá gelado.

- Não sabemos exatamente o que aconteceu. Posso apenas expor nossa teoria.
- Está bem.
- McGuane descobriu. Você tem que entender. McGuane é um filho-da-mãe brutal. Matar alguém é sempre uma opção para ele, você sabe, como decidir entre seguir pelo Lincoln Tunnel ou pelo Holland. Questão de conveniência, nada mais. Ele não sente coisa alguma.

Agora eu percebia aonde ele estava querendo chegar.

- Assim, se McGuane sabia que o Ken tinha se tornado um informante...
- Acertou em cheio - terminou por mim. - Seu irmão sabia os riscos. Nós o estávamos vigiando de perto, mas uma noite ele deu no pé.
- Porque McGuane descobriu?
- É o que achamos. Ele acabou na sua casa. Não sabemos por quê. Nossa teoria é que ele pensou ser um lugar seguro para se esconder, principalmente porque McGuane nunca iria imaginar que ele colocaria a família em perigo.
- E depois?
- A esta altura você já deve ter adivinhado que Asselta também estava trabalhando para McGuane.
- Se você está dizendo...

Ele ignorou minha observação.

- Asselta tinha muito a perder aqui, também. Você mencionou Laura Emerson, a outra garota do grêmio que foi assassinada. Seu irmão nos disse que Asselta tinha acabado com ela. Foi estrangulada, que é a forma predileta de execução do Asselta. De acordo com Ken, Laura Emerson tinha descoberto tudo a respeito do comércio de drogas em Haverton e corria que tinha denunciado.

Fiz uma careta.

- Eles a mataram por causa disso?
- É, mataram-na por causa disso. O que você acha que eles iam fazer? Comprar um sorvete pra ela? Eles são monstros, Will. Meta isso na sua cabeça dura.

Lembrei-me de quando Phil McGuane aparecia para jogar Risk. Ganhava sempre. Era quieto e observador, o tipo de garoto que faz a gente pensar em águas paradas e coisas assim. Era presidente da classe, acho. Ele me impressionava. O Fantasma sempre fora declaradamente psicótico. Podia vê-lo fazendo qualquer coisa. Mas McGuane?

- Não sei como eles descobriram onde seu irmão estava se escondendo. Talvez o Fantasma tenha seguido a Julie quando ela saiu da universidade, não sabemos. Seja como for, ele descobriu seu irmão na casa dos Miller. Nossa teoria é que ele tentou matar os dois. Você disse que viu uma pessoa naquela noite. Acreditamos em você. Também acreditamos que o homem que você viu era, provavelmente, Asselta. Achamos digitais dele no local. Ken foi ferido na luta - e isso explica o sangue -, mas, de alguma maneira, ele conseguiu fugir. Fantasma foi deixado lá com o cadáver de Julie Miller. Então, qual seria a coisa mais lógica que ele tinha a fazer? Fazer parecer que Ken tinha feito aquilo. Haveria melhor maneira de desacreditá-lo ou até mesmo aterrorizá-lo e fazê-lo fugir?

Ele parou e começou a lambiscar outro bolinho. Não me olhava. Eu sabia que ele podia estar mentindo, mas suas palavras tinham um toque de verdade. Tentei me acalmar, deixar que aquele discurso se calasse dentro de mim. Fitei os olhos nele. Ele ficou com os olhos no bolinho. Agora era a minha vez de reagir contra a fúria.

- Então, durante todo esse tempo - parei, engoli, tentei novamente - então, durante todo esse tempo você sabia que Ken não tinha matado Julie?
- Não, de jeito nenhum.
- Mas acabou de dizer...
- Uma teoria, Will. É apenas uma teoria. Há tantas probabilidades para que ele a tivesse matado.
- Você não acredita nisso.
- Não me diga no que eu acredito.
- Mas que motivo Ken teria para fazer isso?
- Seu irmão era um sujeito mau. Não se engane a esse respeito.
- Isso não é motivo. - Sacudi a cabeça. - Por quê? Se você sabia que Ken provavelmente não a tinha matado, por que sempre insistiu nisso?

Ele preferiu não responder. Mas talvez nem precisasse. A resposta era, de repente, óbvia. Olhei os instantâneos na geladeira. Eles explicavam muita coisa.

- Porque você queria o Ken de volta a qualquer custo - afirmei, respondendo à minha própria pergunta. - Ken era a única pessoa que podia te entregar o McGuane. Se ele estivesse se escondendo como testemunha importante, ninguém iria se importar. Não haveria cobertura na imprensa. Não haveria nenhuma perseguição de repercussão. Mas se o Ken matasse uma moça no porão da casa da família dela - aquela história de os subúrbios terem dado errado -, a atenção da mídia seria maciça. E as manchetes, você avalia, dificultariam ainda mais para ele conseguir se esconder.

Ele continuava estudando as mãos.

- Estou certo, não estou?

Pistillo me olhou lentamente.

- Seu irmão fez um acordo com a gente - disse friamente. - Quando ele fugiu, quebrou o acordo.

- Então justifica mentir?

- Justifica tentar encontrá-lo usando todos os meios necessários.

Eu estava tremendo de verdade.

- E a família dele que se dane?

- Não venha colocar a culpa em mim.

- Você avalia o que fez com a gente?

- Quer saber de uma coisa, Will? Eu não estou dando a mínima. Você acha que sofreu? Veja os olhos da minha irmã. Olha para os filhos dela.

- Mas não é certo...

Ele bateu com a mão na mesa.

- Não me venha dizer o que é certo e o que é errado. Minha irmã foi uma vítima inocente.

- Minha mãe também.

- Não! - Ele bateu na mesa, desta vez com o punho fechado, e apontou um dedo para mim. - Tem uma grande diferença entre elas, de maneira que entenda isto direito! Vic era um policial que foi assassinado. Não teve escolha. Ele não podia impedir que a sua família sofresse. O seu irmão, por outro lado, escolheu fugir. Se isso, de algum jeito, magoou sua família, a culpa é dele.

- Mas você o fez fugir. Alguém estava tentando matá-lo, e você, ainda por cima, o fez pensar que seria preso por assassinato. Você forçou a barra. Você o empurrou mais para o fundo ainda.

- Foi ele que fez isso, não eu.

- Você queria ajudar sua família e, no processo, sacrificou a minha.

Pistillo deu um safanão agora, jogando o corpo por cima da mesa. O chá gelado espirrou em cima de mim. O copo foi para o chão e se estilhaçou.

Ele se levantou e olhou para mim.

- Você não se atreva a comparar o que a sua família passou com o que a minha irmã passou. Não se atreva.

Enfrentei seus olhos. Discutir com ele seria inútil - e eu ainda não sabia se ele estava dizendo a verdade ou torcendo-a à sua conveniência. De qualquer maneira, eu queria saber mais. Antagonizá-lo não seria nada bom para mim. Havia mais coisas do que ele tinha me contado. Ele ainda não tinha terminado ainda havia muita coisa a ser respondida.

A porta se abriu. Claudia Fisher inclinou a cabeça para verificar toda aquela comoção. Pistillo levantou a mão para lhe dizer que estava tudo sob controle. Acomodou-se novamente na cadeira. Fisher esperou um tempo e saiu.

Pistillo ainda estava respirando pesado.

- E o que vai acontecer agora? - perguntei.

Ele me olhou.

- Ainda não adivinhou?

- Não.

- Na verdade, foi um golpe de sorte. Um dos nossos agentes estava passando férias em Estocolmo. Foi pura sorte.

- Do que você está falando?

- Do nosso agente. Ele viu seu irmão na rua.

Eu pisquei.

- Espera aí. Quando foi isso?

Pistillo fez os cálculos rapidamente na cabeça.

- Há quatro meses.
Eu ainda estava confuso.
- E o Ken escapou?
- Claro que não. O agente não ia perder nenhuma oportunidade. Ela pegou seu irmão ali mesmo, na hora.
Pistillo cruzou as mãos e se debruçou para mim.
- Nós o pegamos - disse, a voz praticamente um murmúrio. - Pegamos seu irmão e o trouxemos de volta.

45

PHILIP MCGUANE SERVIU O CONHAQUE.

O corpo do jovem advogado Cromwell já havia sido retirado. Joshua Ford continuava deitado como um daqueles tapetes de pele de urso. Estava vivo, até mesmo consciente, mas não se mexia.

McGuane serviu uma dose para o Fantasma. Os dois se sentaram. McGuane bebeu um gole longo. Fantasma colheu o copo entre as mãos e sorriu.

- Que foi? - perguntou McGuane.

- Conhaque excelente.

- É.

O Fantasma ficou olhando a bebida.

- Eu estava me lembrando de como

ficávamos zanzando lá no bosque, atrás do Riker Hill, e de como bebíamos a cerveja mais barata que podíamos encontrar. Lembra disso, Philip?

- Schlitz e Old Milwaukee - disse McGuane.

- Falou.

- Ken tinha um amigo na Economy Wine and Liquor. Ele nunca disse quem eles eram.

- Bons tempos - disse o Fantasma.

- Isto - McGuane ergueu o copo - é melhor.

- Você acha? - Fantasma provou um gole. Fechou os olhos e engoliu. - Você conhece a filosofia de que toda escolha que você faz divide o mundo em universos alternativos?

- Conheço.

- Muitas vezes fico pensando se há uns que enveredam por caminhos diferentes, ou se, ao contrário, nós fomos destinados a estar aqui por seja lá o que for.

McGuane forçou um sorriso.

- Você agora não vai bancar o mole pra cima de mim, vai John?

- De jeito nenhum - disse Fantasma. - Mas nos momentos de fraqueza eu não posso deixar de pensar se devia ser desse jeito.

- Você gosta de machucar as pessoas, John.

- Gosto.

- Você sempre gostou.

Asselta pensou no assunto.

- Não, nem sempre. Mas claro que a pergunta maior é por quê?

- Por que você gosta de machucar as pessoas?

- Não é só machucá-las. Eu gosto de matá-las dolorosamente. Escolhi estrangulamento porque é uma forma horrível de morrer. Nada de uma bala rápida. Nada de uma facada brusca. A pessoa fica engasgada, procurando por um último suspiro. Você sente que o oxigênio que o alimenta está sendo negado. E eu faço isso com elas, de perto, vendo-as lutar por um ar que nunca chega.

- Ora, ora - disse McGuane, deixando de lado o copo de conhaque.

- Você deve ser divertidíssimo nas festas, John.

- Eu sou - concordou. E, sério de novo, o Fantasma disse: - Mas por quê, Philip, por que será que eu sinto esta emoção tão forte? O que será que aconteceu comigo, com a minha bússola moral, que a hora que eu me sinto mais vivo é quando estou acabando com o fôlego de outra pessoa?

- Você não vai pôr a culpa no seu papai, vai, John?

- Não, isto seria muito apropriado. - Ele deixou o copo de lado e encarou McGuane. - Você teria me matado, Philip? Se eu não tivesse liquidado com aqueles dois homens no cemitério, você teria acabado comigo?

McGuane optou pela metade.

- Não sei - disse ele. - Provavelmente.

- E você é o meu melhor amigo - afirmou Fantasma.

- E você, com certeza, é o meu.

O Fantasma sorriu.

- Nós somos uma coisa, não somos, Philip?

McGuane não respondeu.

- Conheci o Ken quando eu tinha quatro anos - continuou Fantasma. - Todos os garotos da redondeza tinham sido avisados para ficarem longe das nossas casas. Os Asselta eram má influência - era o que diziam. Você sabe como é...

- Sei - disse McGuane.

- Mas para o Ken, era um desafio. Ele adorava explorar a nossa casa. Me lembro de quando descobrimos o revólver do velho. Tínhamos seis anos, acho. Me lembro de tê-lo pegado. A sensação de poder. Fiquei hipnotizado. Usávamos o revólver para botar medo no Richard Werner - acho que você não o conheceu, ele se mudou daqui quando estava no terceiro ano. Certa vez, nós o raptamos e amarramos. Ela chorou e mijou nas calças.

- E você adorou.

Fantasma concordou lentamente.

- Talvez.

- Quero te fazer uma pergunta - disse McGuane.

- Estou ouvindo.

- Se o seu pai tinha um revólver, por que você usou uma faca no Daniel Skinner?

John sacudiu a cabeça.

- Não quero falar sobre isso.

- Você nunca falou.

- Está certo.

- Por quê?

Ele não respondeu a pergunta diretamente.

- Meu pai descobriu que a gente andava brincando com o revólver. E me deu uma sova daquelas.

- O que ele fazia muito.

- É verdade.

- Você nunca pensou em se vingar dele? - perguntou McGuane.

- Do meu pai? Não. Ele era desprezível demais para ser odiado. Nunca agüentou o fato de minha mãe ter-nos deixado. Sempre pensou que ela voltaria. Ele costumava se preparar para isso. Quando bebia, ficava sentado sozinho no sofá e conversava com ela, ria com ela e depois começava a soluçar.

Ela partiu o coração dele. Eu já feri muitos homens, Philip. Já vi homens implorarem para morrer. Mas acho que nunca ouvi coisa mais lamentável, do que meu pai soluçar por causa da minha mãe.

Caído no chão, Joshua Ford deixou escapar um gemido baixo. Os dois o ignoraram.

- Onde seu pai está agora? - quis saber McGuane.

- Em Cheyenne, no Wyoming. Ele não bebe mais. Encontrou uma mulher boa. Virou um cara religioso agora. Trocou o álcool por Deus - um vício pelo outro.

- Você nunca fala com ele?

A voz de Fantasma era suave.

- Não.

Eles beberam em silêncio.

- E você, Philip? Você não era pobre. Seus pais não maltratavam você.

- Eram apenas pais - concordou McGuane.

- Sei que o seu tio foi atacado. Foi ele que te meteu nesse negócio. Mas você podia ter se emendado. Por que não fez isso?

McGuane deu uma risadinha.

- Que foi?

- Somos mais diferentes do que eu pensava.

- Como assim?

- Você se ressentia - disse McGuane. - Você faz, você gosta de fazer, você é bom nesse troço. Mas você se considera mau. - Sentou-se de repente. - Meus Deus.

- Que foi?

- Você é mais perigoso do que eu pensava, John.

- De que jeito?

- Você não voltou por causa do Ken - expôs McGuane. E com a voz baixa concluiu: - Você voltou por causa daquela garota, não foi?

Fantasma tomou um gole longo. Preferiu não responder.

- Aquelas escolhas e os universos alternativos de que você estava falando - continuou McGuane. - Você pensa que se o Ken tivesse morrido naquela noite, tudo seria diferente.

- Podia ser mesmo um universo alternativo - enfatizou Fantasma.

- Mas talvez não fosse melhor - contrapôs McGuane. E acrescentou: - E agora, o quê?

- Vamos precisar da cooperação do Will. Ele é o único que pode tirar o Ken do esconderijo.

- Ele não vai ajudar.

John franziu a testa.

- Você, de todas as pessoas, devia saber melhor.

- O pai dele?

- Não.

- A irmã?

- Ela está muito longe - disse o Fantasma.

- Você tem alguma idéia?

- Pense - provocou o Fantasma.

McGuane pensou. E quando percebeu, seu rosto se abriu num sorriso.

- Katy Miller.

46

PISTILLO FICOU COM OS OLHOS SOBRE MIM, ESPERANDO MINHA REAÇÃO À SUA bomba. Mas eu me recompos depressa. Talvez isto estivesse começando a fazer sentido.

- Você pegou meu irmão?

- Peguei.

- E o extraditou de volta para os Estados Unidos?

- Correto.

- Então, como não saiu nos jornais? - perguntei.

- Nós mantivemos em segredo.

- Porque ficou com medo de que McGuane descobrisse?

- Em grande parte.

- Que mais?

Ele sacudiu a cabeça.

- Você ainda queria McGuane - concluí.

- Certo.

- E meu irmão ainda podia entregá-lo.

- Podia ajudar.

- Então fez outro acordo com ele.

- Mais ou menos, restauramos o antigo.

Comecei a perceber a névoa se clareando.

- E você o integrou no programa de proteção às testemunhas?

Pistillo concordou.

- De início o mantivemos num hotel sob custódia preventiva. Mas a esta altura muitas informações que seu irmão tinha eram velhas. Ele ainda continuaria sendo uma testemunha importante - provavelmente a mais importante que tínhamos -, mas precisávamos de mais tempo. Não podíamos deixá-lo para sempre no hotel, nem ele queria ficar. Ken contratou um advogado em ascensão, e nós traçamos um outro acordo. Achamos um lugar para ele ficar no Novo México. Ele tinha que se comunicar com um dos nossos agentes diariamente. Nós o chamaríamos para testemunhar quando precisássemos. Se houvesse qualquer quebra no acordo, as acusações, incluindo a morte de Julie Miller, voltariam a ser reinstauradas.

- O que deu errado?

- McGuane descobriu.
- Como?
- Não sabemos. Alguma coisa vazou. Seja como for, McGuane mandou dois capangas para acabar com o seu irmão.
- Aqueles dois homens mortos na casa - concluí.
- Correto.
- Quem os matou?
- Acharmos que foi seu irmão. Eles subestimaram o Ken. Ele os matou e fugiu.
- E novamente você quer o Ken de volta.

Seu olhar voltou-se para as fotografias na porta da geladeira.

- É.
- Mas não sei onde ele está.
- Agora eu sei que não. Olha, vai ver que fizemos uma besteira aqui. Não sei, não. Mas o Ken precisa estar nessa. Vamos protegê-lo, vigilância de vinte e quatro horas sem parar, uma casa segura, tudo que ele quiser. Essa é a recompensa. O castigo será que a sentença de prisão vai depender da cooperação dele.
- Então o que quer de mim?
- Ele vai acabar procurando você.
- O que faz ter tanta certeza?

Ele suspirou e olhou o copo.

- O que faz ter tanta certeza? - perguntei mais uma vez.
- Porque - disse Pistillo - o Ken já te telefonou.

Um bloco de chumbo se formou no meu peito.

- Foram dois telefonemas feitos de um telefone público perto da casa do seu irmão, em Albuquerque, para o seu apartamento - começou ele. - Um feito mais ou menos uma semana antes de os capangas serem mortos. O outro, logo depois.

Eu devia ter ficado chocado, mas não fiquei. Talvez as coisas estivessem finalmente se encaixando, só que eu não estava gostando nada.

- Você não sabia dos telefonemas, sabia, Will?

Eu engoli e pensei quem, além de mim, poderia ter atendido o telefone se Ken tivesse mesmo chamado.

Sheila.

- Não sabíamos disso quando entramos em contato com você pela primeira vez. Era natural pensar que você tivesse atendido ao telefonema.

Eu o olhei.

- Mas como Sheila se encaixa nisso tudo?
- Suas digitais foram encontradas na cena do crime.
- Eu sei.
- Então deixe-me fazer uma pergunta, Will. Sabemos que seu irmão te ligou. Sabemos que sua namorada tinha visitado a casa do Ken no Novo México. No nosso lugar, a que conclusão chegaria?
- Que eu devia estar envolvido nisso, de um jeito ou de outro.
- Certo. Acharmos que Sheila fosse sua intermediária ou seja lá o que for, e que você estava ajudando o seu irmão. E quando Ken fugiu, imaginamos que vocês sabiam onde ele estava escondido.
- Mas agora você sabe que não foi nada disso.
- Correto.
- E do que suspeita agora?
- Da mesma coisa que você, Will. - Sua voz era suave e... maldição! - até senti um toque de piedade nela. - Que Sheila Rogers te usou. Que ela trabalhava para McGuane. E foi quem deu a dica sobre seu irmão. E quando o golpe não deu certo, McGuane liquidou com ela.

Sheila. Sua traição me golpeou fundo, foi até os ossos. Defendê-la agora, e pensar que eu não tinha sido para ela nada mais do que um idiota, seria não querer enfrentar a verdade. Era preciso ser mais ingênuo do que Poliana* e otimista demais para não ver a verdade.

- Estou contando tudo isto, Will, porque tive medo de que você fizesse alguma estupidez.

* Personagem central do livro de Eleanor Porter (1913), uma jovem que só enxergava o lado bom das coisas. (N.doT.)

- Como falar com a imprensa - arrisquei.
- Sim, e porque quero que entenda: seu irmão tinha duas escolhas. Ou McGuane e o Fantasma o achavam e acabavam com ele, ou nós o encontrávamos e dávamos proteção.
- Certo. E até agora vocês meteram os pés pelas mãos.
- Éramos a melhor opção que ele tinha - contra-atacou ele. - E não pense que McGuane vai parar no seu irmão, não. Você acredita que o ataque a Katy Miller foi coincidência? Para o bem de todos vocês, precisamos da sua colaboração.

Eu não disse nada. Eu não podia confiar nele. Sabia. Não podia confiar em ninguém. Isto era tudo o que eu tinha aprendido ali. Mas Pistillo era especialmente perigoso. Ele tinha passado onze anos vendo o rosto amargurado da irmã. Esse tipo de coisa mexe com a gente. Eu sabia desse tipo de coisa, sobre querer tanto uma coisa que tudo acabava ficando distorcido. Pistillo tinha deixado bem claro que faria qualquer coisa para pegar McGuane. Sacrificaria meu irmão. Tinha me colocado na cadeia. E, acima de tudo, tinha destruído minha família. Pensei em minha irmã fugindo para Seattle. Pensei em minha mãe, naquele sorriso da Sunny, e me dei conta de que aquele homem que estava sentado ali na minha frente, o homem que dizia ser a salvação do meu irmão, tinha diluído aquele sorriso. Ele matara minha mãe - ninguém podia me convencer de que o câncer não estava, de alguma maneira, ligado a tudo que ela havia passado, que seu sistema imunológico não tinha sido outra vítima daquela noite horrenda - e agora queria que eu o ajudasse.

Eu não avaliava o quanto daquilo tudo era mentira. Mas decidi que mentiria de volta.

- Eu ajudo.

- Ótimo. Vou fazer com que as acusações contra você sejam retiradas imediatamente.

Eu não disse obrigado.

- Levamos você de volta, se quiser.

Eu queria recusar, mas não queria levantar a menor suspeita. Se ele queria enganar, tudo bem, eu podia tentar a mesma coisa. Então, disse que seria ótimo. Quando me levantei, ele falou:

- Soube que está chegando o dia do enterro da Sheila.

- É.

- E agora que não há nenhuma acusação contra você, está livre para viajar.

Eu não disse nada.

- Você vai? - perguntou ele.

Desta vez eu disse a verdade:

- Não sei.

47

EU NÃO PODIA FICAR EM CASA ESPERANDO SEI-LÁ-O-QUÊ, E ASSIM, DE MANHÃ, FUI trabalhar. Foi engraçado. Pensei que não fosse servir de nada, mas não foi o caso. Quando entrei na Covenant House - só posso comparar com a experiência de um atleta se armando com a sua "cara de competição" quando entra na arena -, disse a mim mesmo que aquelas crianças não mereciam nada menos que o meu melhor. Uma frase batida, certo, mas me convenci e mergulhei satisfeito no trabalho.

Claro que as pessoas se aproximaram de mim para me dar pêsames. E, sim, o espírito de Sheila estava em toda parte. Poucos lugares naquele prédio não guardavam alguma lembrança dela. Mas não consegui ir em frente. Isso não quer dizer que eu tenha me esquecido de tudo, ou que não quisesse mais procurar saber onde meu irmão estava ou quem tinha assassinado Sheila ou qual tinha sido o destino de sua filha Carly. Tudo continuava intocado. Mas hoje não havia muito que eu pudesse fazer. Tinha telefonado para o quarto da Katy no hospital, mas o telefone continuava bloqueado. Squares tinha uma agência de detetives verificando o pseudônimo de Sheila, Donna White, através dos computadores das empresas aéreas, e até o momento ainda não haviam conseguido nada. Então esperei.

Apresentei-me como voluntário para trabalhar na van à noite. Squares foi comigo - já o havia informado sobre tudo - e, juntos, desaparecemos na escuridão. As crianças nas ruas eram iluminadas pelo o azul da noite. Se seus rostos eram lisos, sem traços, magros. Vimos um adulto vagabundo, uma mulher carregando todos seus pertences em sacolas plásticas, um homem com

um carrinho de compras, alguém dormindo dentro de uma caixa de papelão, e outro pedindo uma moeda de esmola com copinho de café na mão, e sabemos que todos moram nas ruas. Mas o problema com os adolescentes, com os garotos de quinze e dezesseis anos que fogem dos maus-tratos em casa, que se entregam ao vício das drogas, à prostituição e à loucura é que eles se fundem melhor com tudo. Com os adolescentes não podemos dizer se têm casa e estão só perambulando ou não.

Apesar de tudo que ouvimos, não é fácil ignorar a situação penosa dos adultos sem casa. Está bem ali na nossa cara. Podemos desviar o olhar, continuar andando e dizer a nós mesmos que se cedermos, se dermos uns dólares ou algumas moedas, eles irão comprar bebidas ou drogas ou qualquer outra coisa que nos passe pela cabeça, mas o que fizermos, o fato de termos sido abordados por um ser humano necessitado, ainda nos marca, ainda provoca um baque. As nossas crianças, contudo, são realmente invisíveis. Elas parecem tecidas na noite. Podemos negligenciá-las e não haverá consequência.

Música cerrada, algumas coisa com uma pesada batida latina. Squares me deu vários cartões telefônicos para distribuir. Chegamos a uma biboca na Avenida A, famosa pela sua heroína, e começamos nossa ronda habitual. Conversamos, adulamos e ouvimos. Vi os olhos desolados. Vi o jeito deles de coçarem percevejos imaginários sob a pele. Vi as marcas das agulhas e as veias fundas.

Às quatro da manhã, Squares e eu voltamos para a van. Não tínhamos conversado muito nas últimas horas. Ele olhou pelas janelas. As crianças ainda estavam lá. Parecia que havia mais, como se os tijolos as sangrassem.

- Devíamos ir ao enterro - disse Squares.

Eu não confiava na minha voz.

- Você chegou a vê-la aqui? - perguntou ele. - A cara dela quando trabalhava com estas crianças?

Eu tinha. Sabia do que estava falando.

- Esse tipo de coisa a gente não finge, Will.

- Gostaria de acreditar nisso.

- Como Sheila fazia você se sentir?

- Como se eu fosse o homem mais feliz do mundo - respondi.

Ele concordou com a cabeça.

- A gente não consegue fingir isso também - disse ele.

- Então, como explica tudo isso?

- Não explico nada. - Squares engatou a marcha e a van ganhou a rua.

- Mas estamos fazendo muita coisa com as nossas cabeças. Talvez devêssemos nos lembrar também do coração.

Franzi a testa.

- Parece muito bom, Squares, mas não tenho certeza de que faça algum sentido.

- Que tal isto, então? Você vai prestar seus respeitos à Sheila que nós conhecíamos.

- Mesmo que fosse uma mentira?

- Mesmo. E talvez a gente também vá aprender. Entender o que aconteceu aqui.

- Não foi você que disse que podíamos não gostar do que a gente descobrisse?

- Sei, está certo. - Squares levantou as sobrancelhas. - Diabo, eu sou bom mesmo.

Eu sorri.

- Devemos isso a ela, Will. À memória dela.

Ele tinha razão. Isto voltava ao encerramento de tudo. Eu precisava de respostas. Quem sabe alguém no enterro poderia me dar alguma - e quem sabe o enterro em si, o ato de enterrar a minha falsa bem-amada, me ajudaria no processo de cura. Não podia imaginar como seria, mas estava disposto a tentar.

- E ainda tem a Carly, que precisamos levar em conta. - Squares apontou a janela. - Salvar crianças. Não se trata disto, afinal?

Voltei-me para ele.

- É - eu disse. E depois: - E por falar em crianças...

Esperei. Não podia ver seus olhos -

muitas vezes ele, como na velha canção do Corey Hart, usava seus óculos escuros de noite -, mas ele apertou a direção com mais força.

- Squares?

Seu tom era duro:

- Estamos falando de você e de Sheila.

- Isso é passado. Não importa o que a gente fique sabendo agora, não vai mudar o que aconteceu.

- Vamos nos concentrar numa coisa de cada vez, tá bem?

- Não tá bem coisa nenhuma. Essa coisa de amizade. É uma via de mão dupla.

Ele sacudiu a cabeça. Ligou a van e foi em frente. Caímos no silêncio. Fiquei olhando seu rosto marcado, barbudo. A tatuagem parecia escurecer. Ele estava mordendo o lábio inferior.

Depois de algum tempo, ele disse:

- Nunca contei para Wanda.

- A respeito de você ter um filho?

- Um menino - disse Squares, suave.

- Onde ele está agora?

Ele tirou uma das mãos da direção e coçou o rosto. A mão, percebi, estava um tanto trêmula.

- Ele já estava embaixo da terra antes de completar quatro anos.

Fechei os olhos.

- O nome dele era Michael. Eu não queria nada com ele. Só o vi duas vezes. Deixei-o sozinho com a mãe, uma viciada de dezessete anos em quem a gente não confiaria nem para tomar conta de um cachorro. Quando ele tinha três anos, ela ficou de porre e bateu direto num caminhão. Matou os dois. Ainda não sei se foi suicídio ou não.

- Sinto muito - lamentei, a voz fraca.

- Ele teria vinte e um anos agora.

Procurei alguma coisa para dizer. Nada funcionava, mas tentei, mesmo assim.

- Já faz muito tempo. Você ainda era um garoto.

- Não procure racionalizar, Will.

- Não estou. Só quero dizer que... - eu não fazia idéia de como me expressar - se eu tivesse um filho, pediria para você ser o padrinho. E faria de você o tutor se me acontecesse alguma coisa. Não faria isso por amizade, nem por lealdade. Faria por egoísmo. Pelo bem do meu filho.

Ele continuou guiando.

- Tem coisas que não esquecemos nunca.

- Você não o matou, Squares.

- Eu sei, tá certo. Não tenho culpa nenhuma.

Paramos no semáforo vermelho. Ele ligou o rádio. Falação. Um daqueles comerciais de remédios milagrosos para emagrecer. Ele desligou. Inclinou o tronco e descansou o braço no alto de direção.

- Vejo essa garotada aqui. Tento salvá-la. Fico pensando que se eu salvar o bastante, não sei, quem sabe eu mudo as coisas para o Michael. Talvez eu possa dar um jeito de salvá-lo. - Os óculos caíram. Sua voz ficou mais dura. - Mas só sei, o que eu sempre soube, é que não importa o que eu faça, não valho nada.

Sacudi a cabeça. Tentei pensar em algo reconfortante, esclarecedor ou pelo menos que o distraísse, mas não consegui pensar em coisa alguma. Todas as frases que me ocorriam pareciam triviais e forçadas. Como a maioria das tragédias, explicava muito, mas não esclarecia nada a respeito do homem.

No fim, tudo o que eu disse foi:

- Você está errado.

Ele tornou a colocar os óculos escuros e olhou a rua. Vi que ele ia se trancar novamente.

Decidi forçar a barra.

- Você fica aí falando que a gente deve ir ao enterro por causa do que devemos à Sheila. E a Wanda?

- Will?

- Quê?

- Acho que não quero falar disso agora.

NÃO ACONTECEU NADA DE DIFERENTE NO NOSSO VÔO PARA BOISE DE MANHÃ. Saímos do LaGuardia, que poderia ser um aeroporto ruim, mas não sem uma séria interferência de Deus. Fiquei na habitual classe econômica, atrás de uma velhinha mínima que insistiu em reclinar a poltrona em cima dos meus joelhos durante a viagem inteirinha. Estudar seus folículos grisalhos

e couro cabeludo descolorido - a cabeça dela estava praticamente no meu colo - ajudou a me distrair.

Squares sentou-se à minha direita. Estava lendo um artigo sobre ele no *Yoga Journal*. Em certos momentos movimentava a cabeça concordando com o que estava lendo a seu respeito, e dizia:

- Verdade, isso é bem verdade, eu sou assim mesmo. - Fazia isso para me chatear. Por isso é que ele era meu melhor amigo.

Consegui me manter à parte até ver a saudação: BEM-VINDO A MASON, IDAHO. Squares alugou um Buick Stylark. Perdemos-nos duas vezes. Mesmo aqui, nesta lonjura, afastados da cidade, as lojas ao longo da alameda predominavam. Havia todas as megalojas de sempre - a Chef Central, o Home Depot, a Old Navy, o campo unificado numa monotonia intumescida.

A capela era pequena, branca, sem nada de espetacular. Localizei Edna Rogers. Estava do lado de fora, sozinha, fumando um cigarro. Squares parou o carro. Senti um aperto no estômago. Saí do carro. A grama estava marrom, crestada. Edna Rogers olhou em nossa direção. Com os olhos ainda em mim, exalou uma longa baforada.

Fui até ela. Squares ficou do meu lado. Sentia-me vazio, longe do funeral de Sheila. Estávamos lá para enterrá-la. O pensamento tremeu como as linhas horizontais num aparelho de televisão.

Edna Rogers continuava a fumar, os olhos duros e secos.

- Não sabia se você conseguiria - disse-me ela.

- Estou aqui.

- Descobriu alguma coisa sobre Carly?

- Não - eu disse, o que não era bem verdade. - E a senhora?

Ela sacudiu a cabeça.

- A polícia não está se esforçando muito. Dizem que não há nenhum registro do nascimento da criança. Acho que eles nem acreditam que ela exista.

O resto foi um borrão apressado. Squares interrompeu e deu pêsames. Outras pessoas se aproximaram. Quase todos eram homens de terno. Ouvindo, percebi que a maioria trabalhava com o pai de Sheila numa fábrica que fazia controles eletrônicos para abrir portas de garagem. Aquilo me pareceu estranho, mas no momento eu não sabia bem o porquê. Cumprimentei mais pessoas e esqueci seus nomes. O pai de Sheila era um homem alto, bem-apessoado. Cumprimentou-me com um abraço de urso e foi juntar-se aos companheiros de trabalho. Sheila tinha um irmão e uma irmã, ambos mais moços, ambos carrancudos e distraídos.

Ficamos todos do lado de fora, como se estivéssemos com medo de dar início à cerimônia. As pessoas ficaram em grupos. Os mais jovens, com a irmã e o irmão de Sheila. O pai ficou em um semi-círculo com os homens de terno, todos mexendo as cabeças, com gravatas largas e as mãos nos bolsos. As mulheres se agruparam perto da porta.

Squares atraiu olhares, mas estava acostumado com isso. Ainda usava seu jeans empoeirado, com um blazer azul e gravata cinza. Teria vestido terno, ele disse com um sorriso, mas aí Sheila jamais o teria reconhecido.

Por fim, os presentes começaram a entrar na pequena capela e fiquei surpreso com a quantidade de gente, mas todos que encontrei estavam lá por causa dos pais de Sheila, e não por causa dela. Fazia muito tempo que ela os deixara. Edna Rogers ficou do meu lado e enlaçou meu braço. Erguei os olhos e forcei um sorriso corajoso. Eu ainda não a entendia.

Fomos os últimos a entrar na capela. Havia cochichos sobre como Sheila estava "bem", como "parecia viva", comentários que sempre achei extremamente horripilantes. Não sou um cara religioso, mas gosto da maneira pela qual nós, da fé hebraica, tratamos nossos mortos - quer dizer, enterramos logo. Não deixamos os caixões abertos.

Não gosto de caixões abertos.

Não gosto por todos os motivos óbvios. Olhar um corpo morto, um corpo que já foi privado de força e fluidos vitais, embalsamado, vestido apropriadamente, pintado, parecendo um boneco do museu de cera da Madame Tussaud ou, pior ainda, parecendo tão "vivo" que a gente fica esperando que respire e, de repente, até acha que está respirando mesmo, pode apostar que é uma coisa que me arrepiava. Mas, mais do que isso, que tipo de imagem duradoura pode um cadáver colocado desse jeito, como um salmão defumado, deixar nas pessoas? Será que eu queria que minha última lembrança da Sheila fosse aqui, ela deitada de olhos fechados sobre um acolchoado - por que é que os caixões são sempre tão bem acolchoados? - numa caixa hermeticamente trancada, feita do melhor mogno? Quando fiquei no fim da fila com Edna Rogers - nós ficamos realmente enfileirados para contemplar a nave vazia, - estes pensamentos

tornaram-se pesados, vergando-me.

Mas eu não tinha outra saída. Edna agarrou meu braço forte demais.

Quando nos aproximamos, o joelhos dela fraquejaram. Ajudei-a a ficar firme. Ela sorriu-me de novo e, desta vez, parecia haver uma doçura autêntica nele.

- Eu a amava - murmurou. - Uma mãe nunca deixa de amar seus filhos.

Concordei com receio de falar. Demos mais um passo, o processo não era tão diferente de embarcar naquele maldito avião. Quase esperei que uma voz no alto-falante dissesse: "Os que estiverem nos assentos de número vinte e cinco para cima podem agora ver o corpo". Pensamento estúpido, mas deixei minha cabeça desviar e tomar outros caminhos. Qualquer coisa para me livrar daquilo.

Squares estava atrás de nós, o último da fila. Fiquei desviando os olhos, mas à medida que avançávamos sentia que uma esperança exagerada batia no meu peito. Não acho isso fora do comum. Aconteceu até no enterro da minha mãe, a idéia de que, de certa maneira, tudo não passava de um engano, um erro cósmico, que eu olharia para o caixão e ele estaria vazio ou que não seria Sheila. Talvez fosse por esse motivo que algumas pessoas gostassem dos caixões abertos. Finalidade. Você sabe, a gente aceita. Eu estava com minha mãe quando ela morreu. Acompanhei seu último suspiro. Contudo ainda me senti tentado a verificar o caixão naquele dia, só para ter certeza, só para ver se Deus talvez não tinha mudado de idéia.

Muitos dos que acompanham enterros, eu acho, passam por algo parecido. A negação faz parte do processo. Então esperamos o impossível. Eu estava fazendo isto agora. Estava fazendo acordos com uma entidade na qual eu não acreditava realmente, rezando por um milagre - que as impressões digitais, o FBI, a identidade de Mr. e Mrs. Rogers, e todos aqueles amigos e membros da família estavam, de alguma maneira, enganados, que Sheila estava viva, não tinha sido assassinada e jogada numa beira de estrada.

Mas é óbvio que isso não aconteceu.

Não bem assim.

Quando Edna Rogers e eu chegamos perto do caixão, obriguei-me a olhar para baixo.

E quando o fiz, o chão se abriu sob os meus pés e comecei a afundar rapidamente.

- Eles fizeram um belo trabalho, não acha? - cochichou Mrs. Rogers.

Ela agarrou o meu braço e começou a chorar. Mas tudo estava acontecendo em outro lugar, em um lugar muito longe dali. Eu não estava com ela. Eu estava olhando para baixo. Foi aí que a verdade se revelou para mim.

Sheila Rogers estava realmente morta. Não havia a menor dúvida.

Mas a mulher que eu amava, a mulher com quem eu tinha vivido, abraçado, com quem eu queira casar, não era Sheila Rogers.

49

NÃO DESMAIEI, MAS CHEGUEI PERTO.

O quarto girou de verdade. Minha visão fez uma daquelas coisas de abrir e fechar, chegar perto e ir para longe. Tropecei para a frente, quase caindo no caixão com Sheila Rogers - uma mulher que eu nunca tinha visto antes, mas conhecia intimamente. Uma mão avançou e agarrou meu braço. Squares. Olhei para ele. Seu rosto estava firme. Estava sem nenhuma cor. Nossos olhos se encontraram e ele me fez um sinal muito de leve com a cabeça.

Não tinha sido imaginação minha, nem uma miragem. Squares também vira.

Ficamos para o enterro. Que mais poderíamos fazer? Fiquei sentado lá, sem poder tirar os olhos do corpo daquela desconhecida, sem poder falar. Eu não podia fazer nada, meu corpo tremendo, mas ninguém estava prestando atenção. Afinal de contas, tratava-se de um funeral. Depois que o esquife baixou à terra, Edna Rogers quis que fôssemos até sua casa. Justificamos alegando que o horário dos vôos era muito apertado. Entramos no carro alugado. Squares ligou o motor. Esperamos até estarmos bem longe. Então, Squares parou e me deixou falar.

- Vamos ver se estamos na mesma sintonia - disse Squares.

Concordei, quase calmo agora. Novamente tive que me controlar, desta vez disfarçando a possível euforia. Não fiquei de olho no prêmio, nem na paisagem, em nada disso. Concentrei-me nos detalhes, nas minúcias. Concentrei-me em uma única árvore porque não havia jeito de ver a

floresta inteira.

- Tudo aquilo que ficamos sabendo sobre Sheila, sobre ela ter fugido, os anos que passou nas ruas, vendendo drogas, ter dividido o quarto com a sua antiga namorada, as digitais na casa do seu irmão - tudo isso...

- Tem a ver com aquela desconhecida que acabamos de enterrar - terminei para ele.
- Então nossa Sheila, quer dizer, a mulher que nós pensávamos que fosse a Sheila...
- Não fez nenhuma dessas coisas. E não era nada daquilo.

Squares ponderou.

- Um engano - disse ele.

Dei um jeito de sorrir.

- Definitivamente.

No avião, Squares disse:

- Se a nossa Sheila não está morta, então ela está viva.

Olhei para ele.

- Olha só - disse ele -, e tem gente que paga uma bolada por um raciocínio assim.
- E pensar que estou conseguindo de graça.
- O que vamos fazer agora?

Cruzei os braços.

- Donna White.
- O pseudônimo que ela comprou com os Goldberg?
- Certo. O seu pessoal só verificou uma companhia de aviação?

Ele fez que sim.

- Estamos tentando descobrir como foi que ela se mandou para o Oeste.
- Pode dar um jeito de eles ampliarem a busca agora?
- Acho que sim.

A comissária nos serviu o lanche. Minha cabeça continuava girando. O vôo estava me fazendo muito bem. Ganhei tempo para pensar. Infelizmente, também estava me dando tempo para alterar realidades, ver quais seriam as repercussões. Tentei me livrar desses pensamentos. Não queria deixar que as esperanças enuviassem meus pensamentos. Ainda não. Eu ainda sabia tão pouco. Mas mesmo assim...

- Isto explica tanta coisa - eu disse.
- Como o quê?
- Ela ser tão cheia de segredos. Não querer que tirassem seu retrato. Ou ter tão poucos pertences. O fato de não querer falar do passado.

Squares concordou.

- Certa vez, Sheila... - parei porque este não era o nome dela - ela deixou escapar que tinha crescido numa fazenda. Mas o pai da verdadeira Sheila Rogers trabalhava numa fábrica de controles para abrir portas de garagens. Ela também ficava apavorada com a possibilidade de telefonar para os pais, porque, pura e simplesmente, eles não eram seus pais. Achei que fosse por ter sido terrivelmente maltratada quando criança.

- Mas também podia ser alguém que estava se escondendo.
- Certo.
- E assim, a verdadeira Sheila Rogers - continuou Squares, erguendo os olhos -, quer dizer, aquela que acabamos de enterrar lá, saía com seu irmão?

- É o que parece.
- E as digitais dela estavam na cena do crime.
- Certo.

- E a sua Sheila?

Dei de ombros.

- Tudo bem - disse Squares. - Então, assumimos que a mulher que estava com o Ken no Novo México, a mulher que os vizinhos viram era a Sheila Rogers que morreu?

- Sim.
- E eles tinham uma menininha com eles - continuou.

Silêncio.

Squares me olhou.

- Está pensando a mesma coisa que eu?

Fiz que sim.

- Que a garotinha era a Carly. E que o Ken bem que podia ser o pai dela.
 - Exato.
- Recostei-me e fechei os olhos. Squares abriu o lanche, viu o que tinha dentro, xingou.
- Will?
 - O quê?
 - A mulher que você amava. Faz alguma idéia de quem ela possa ser?
- Ainda com os olhos fechados eu disse:
- Nenhuma.

50

SQUARES FOI PARA CASA. PROMETEU COMUNICAR-SE COMIGO ASSIM QUE descobrisse alguma coisa sobre o pseudônimo Donna White. Segui para minha casa, profundamente exausto. Quando cheguei à porta do apartamento e botei a chave na fechadura, uma mão tocou meu ombro. Dei um pulo para trás, assustado.

- Está tudo bem - disse ela.

Era Katy Miller.

Sua voz estava rouca. Usava uma pescoceira. Seu rosto estava inchado. Os olhos injetados. Embaixo do queixo, onde a pescoceira terminava, eu podia ver marcas vermelhas e amareladas.

- Você está bem? - perguntei.

Ela fez que sim.

Abracei-a delicadamente, com um cuidado excessivo, usando apenas os braços, mantendo distância, com receio de machucá-la ainda mais.

- Eu não vou quebrar - afirmou ela.
- Quando te deram alta? - perguntei.
- Há algumas horas.

Não posso demora. Se meu pai souber onde estou...

Levantei uma mão.

- Não diga mais nada.

Empurramos a porta e entramos. Ela franzia o rosto de dor quando andava. Sentamo-nos no sofá. Perguntei se queria beber ou comer alguma coisa. Ela disse que não.

- Tem certeza de que já podia ter saído do hospital?
- Disseram que eu estava bem, mas que precisava descansar.
- Como se livrou do seu pai?

Ela tentou sorrir.

- Eu sou cabeça-dura.
- Estou vendo.
- E menti.
- Sem dúvida.

Ela moveu os olhos para o lado - não podia mexer a cabeça - e eles ficaram marejados.

- Obrigada, Will.

Neguei com a cabeça.

- Não posso deixar de sentir que foi tudo culpa minha.
- Bobagem.

Mexi-me no sofá.

- Enquanto estava sendo atacada, você gritou o nome John. Pelo menos, acho que foi isso que ouvi.

- A polícia me disse.
- Você não se lembra?

Ela sacudiu a cabeça.

- Do que você se lembra?

- Das mãos na minha garganta. - Ela olhou para o outro lado. - Eu estava dormindo. E alguém estava apertando meu pescoço. Lembro-me de ter ficado sem ar. - A voz morreu.

- Sabe quem é John Asselta? - perguntei.

- Sei. Era amigo da Julie.

- Poderia estar se referindo a ele?

- Você quer dizer na hora em que gritei John? - Ela ponderou. - Não sei, Will. Por quê?

- Eu acho... - lembrei de minha promessa a Pistillo, de que a manteria fora disso. - Eu acho que ele pode ter tido alguma coisa a ver com o assassinato da Julie.

Ela ouviu sem pestanejar.

- Quando você disse que ele pode ter tido alguma coisa com...

- É tudo o que posso dizer por hora.

- Você estar parecendo a polícia.

- Tem sido uma semana esquisita - eu disse.

- Me conta o que você descobriu.

- Sei que você é curiosa, mas devia fazer o que os médicos disseram.

Ela olhou firme para mim.

- O que isso quer dizer?

- Acho que precisa repousar.

- Você quer que eu fique fora disso?

- Quero.

- Tem medo que eu me machuque outra vez?

- Tenho e muito.

Seus olhos pegaram fogo.

- Posso cuidar de mim mesma.

- Não tenho dúvida. Mas agora você está no terreno muito perigoso.

- E você não?

Ela estava certa.

- Escute, preciso que confie em mim.

- Will?

- Sim?

- Você não vai se livrar de mim assim tão fácil, não.

- Não quero me livrar de você. Mas preciso te proteger.

- Você não pode - disse suavemente. - Você sabe.

Eu não disse nada.

Katy aconchegou-se mais perto de mim.

- Tenho que resolver isso. Você, mais do que ninguém, devia entender.

- Eu entendo.

- E então?

- Prometi que não diria nada.

- Prometeu para quem?

Balancei a cabeça.

- Confie em mim, tá?

Ela se levantou.

- Nada disso.

- Estou tentando...

- E se eu te mandasse não se meter mais, você ia me escutar?

Fiquei com a cabeça abaixada.

- Não posso dizer nada.

Ela foi para a porta.

- Espere um pouco - chamei.

- Não tenho mais tempo pra isso agora - disse ela rapidamente. - Meu pai deve estar aflito para saber onde foi que eu me meti.

Fiquei de pé.

- Me telefona, está bem? - Dei a ela o número do celular. Eu já sabia o dela de cor.

Ela bateu a porta ao sair.

Katy Miller chegou à rua. Seu pescoço estava doendo muito. Ela estava forçando demais, sabia disso, mas não podia fazer por menos. Estava furiosa. Será que eles tinham feito contato com Will? Não parecia ser possível, mais vai ver ele era tão ruim quanto os outros. Talvez não. Ou então, acreditava mesmo que a estava protegendo.

Ela deveria ter mais cuidado ainda agora.

Sua garganta estava seca. Estava louca para beber alguma coisa, mas engolir ainda era uma tarefa dolorosa. Ficou imaginando quando tudo aquilo acabaria. Esperava que fosse logo. Não

agüentaria até o fim. Tinha prometido a si mesma. Não haveria recuo, nem fim, até que o assassino de Julie fosse levado à justiça, de um jeito ou de outro.

Ela pegou a Rua 18 na direção sul, e depois virou para oeste no bairro do frigoríficos de carne. Estava calmo agora, naquela pausa entre a descarga do dia e a perversa vida depois da meia-noite. A cidade era assim, um teatro que encenava dois espetáculos por dia, mudando os acessórios e os cenários, às vezes até os atores. Mas fosse de dia ou à noite, ou mesmo no crepúsculo, aquela rua ainda tinha aquele cheiro de carne podre. Não havia jeito de livrar-se dele. Fosse humano ou animal, Katy não tinha certeza de qual era.

O pânico voltou.

Parou e tentou libertar-se dele. A sensação daquelas mãos agarradas à sua garganta, brincando com ela, abrindo e fechando a sua traquéia ao bel-prazer. Tamanho poder contra tamanho desamparo. Ele tinha parado a sua respiração. Pensava nisso. Tinha apertado seu pescoço até ela parar de respirar, até que sua energia vital comesçasse e escoar.

Exatamente como acontecera com Julie.

Ela estava tão perdida dentro daquelas lembranças horripilantes que não avaliou a presença de alguém, até que ele agarrou seu cotovelo. Ela girou.

- O quê... ?

O Fantasma não a soltou.

- Ouvi dizer que você estava me chamando - disse com voz ronronante. E sorrindo, acrescentou: - Pois bem, estou aqui.

51

FIQUEI SENTADO LÁ. KATY TINHA TODO O DIREITO DE FICAR ZANGADA. MAS EU PODIA SUPORTAR A RAIVA DELA. Era preferível isto a outro enterro. Esfreguei os olhos. Botei os pés para cima. Acho que devo ter dormido - não posso afirmar -, mas quando o telefone tocou, fiquei surpreso de ver que já era de manhã. Verifiquei quem estava chamando. Era Squares. Tateei para achar o aparelho e o apoiei no ouvido.

- Oi - cumprimentei.

Ele deixou as brincadeiras de lado.

- Acho que encontramos a Sheila.

Meia hora depois, eu estava entrando no saguão do Hotel Regina.

Ficava a pouco mais de um quilômetro do meu apartamento. Tínhamos pensado que ela fugira para o outro lado do país, mas Sheila... com que nome eu deveria chamá-la agora?... tinha ficado tão perto.

A agência de detetives que o Squares gostava de contratar não teve muito trabalho em localizá-la, principalmente depois de ter ficado descuidada desde a morte da sua xará. Tinha depositado dinheiro no First National e feito compras com cartão de crédito Visa. Não se pode viver nesta cidade - que inferno, em qualquer lugar que seja - sem um cartão de crédito. Os dias em que era possível se registrar num motel sob um nome falso, ou pagar à vista, acabaram. Ainda existem alguns buracos, antros inadequados para seres humanos habitarem, que fazem que não vêem, mas em quase todos os lugares eles querem, pelo menos, ter uma cópia do cartão no caso de alguém roubar alguma coisa ou danificar o quarto seriamente. A transação não precisava, necessariamente, ser feita usando o cartão - como eu disse, eles só tiram cópia -, mas ele é necessário, mesmo assim.

Certamente acreditava estar em segurança, o que é compreensível. Os Goldberg, um casal que sobrevivera por ser discreto, tinham vendido uma identidade para ela. Não havia razão para acreditar que eles falariam - o único motivo que os levaram a agir assim foi a amizade com Squares e com Raquel, além do fato de, em parte, se culparem pelo seu assassinato teórico. Acrescente-se a isso a realidade de que agora Sheila Rogers estava "morta" e que, assim, ninguém iria tentar localizá-la, bem, isto pode ter contribuído para que ela se descuidasse um pouco.

O cartão de crédito tinha sido usado no dia anterior para retirar dinheiro de um caixa eletrônico na Union Squares. Dali era só questão de procurar nos hotéis da redondeza. A maior parte do trabalho dos detetives é feita por meio de fontes ou informações pagas nas companhias

telefônicas, firmas que dão informações sobre impostos, companhias de cartões de crédito, no Departamento de Trânsito, seja lá onde for. Se acha que isto é complicado - que é difícil encontrar gente que passe informação confidencial em troca de dinheiro vivo - é porque não lê os jornais regularmente.

Mas isto foi ainda mais fácil.

É só telefonar para os hotéis e pedir para falar com Donna White. E vai fazendo as chamadas até alguém no hotel dizer "Um momento" e fazer a ligação. E agora, subindo os degraus que levavam ao saguão do Hotel Regina, senti a excitação. Ela estava viva. Eu não me deixaria convencer - não conseguia - até que a visse com meus próprios olhos. A esperança faz coisas estranhas com a cabeça da gente. Pode escurecer, mas também pode clarear. Onde antes eu havia me obrigado a acreditar que um milagre era possível, agora eu temia que tudo me pudesse ser roubado novamente, que desta vez, quando olhasse dentro daquela esquiife, a minha Sheila não estaria lá.

Te amarei para sempre.

Era o que o seu bilhete dizia. Para sempre.

Aproximei-me da recepção. Dissera a Squares que queria resolver isto sozinho. Ele compreendeu. A recepcionista, uma mulher loira com um sorriso hesitante, estava ao telefone. Ela me mostrou os dentes e apontou o telefone, indicando-me que logo ficaria livre para me atender. Dei de ombros, como a dizer não tem pressa e me apoiei no balcão, pretendendo parecer relaxado.

Passado um minuto, ela deixou o telefone e me deu toda atenção.

- Posso ajudá-lo?

- Sim - eu disse. Minha voz não soava natural, estava modulada demais, como se eu estivesse fazendo um daqueles programas suaves na FM. - Estou aqui para ver Donna White. Pode me dar o número do quarto dela?

- Desculpe, senhor. Mas não damos o número do quarto dos nossos hóspedes.

Eu me dei um tapa na testa. Como é que podia ter sido tão estúpido?

- Claro, me desculpe. Telefonei antes. Tem telefone interno?

Ele me apontou para a direita. Três telefones brancos, dos quais era impossível disar diretamente, alinhavam-se na parede. Peguei um e ouvi o chamado. Uma telefonista atendeu. Pedi para me ligar com o quarto de Dona White. Ela disse - percebi que era um bordão que todos os funcionários dos hotéis usavam em todas ocasiões: "Será um prazer". Ouvi o telefone chamar.

Meu coração subiu garganta acima.

Chamou duas vezes. Depois três. Fui transferido para sessão de recados. Uma voz mecânica comunicou que o hóspede não estava e o que eu devia fazer se quisesse deixar uma mensagem. Desliguei.

E agora?

Esperar, pensei. Que mais havia fazer? Comprei um jornal e encontrei um lugar num canto do saguão onde podia ver a porta de entrada. Fiquei com o jornal sobre o rosto, no estilo Spy vs. Spy, e me senti um perfeito idiota. Minhas entranhas revolviam. Nunca me imaginei como o tipo de pessoa dada a úlceras, mas, nesses últimos dias, uma acidez começava a me queimar o estômago.

Tentei ler o jornal - uma proposta totalmente inútil, claro, já que não podia me concentrar. Não podia reunir força o bastante para me interessar pelo que estava acontecendo no mundo. Não podia ficar quieto sem olhar para a porta a cada três segundos. Virei as páginas. Olhei as imagens. Procurei os quadrinhos, mas até o Beetle Bailey me pareceu cansativo.

Às vezes a recepcionista loira lançava uns olhares na minha direção. Quando nossos olhos se encontravam, ela me sorria com condescendência. Estava de olho em mim, com toda certeza. Ou talvez isto já fosse um pensamento paranóico da minha parte. Eu não passava de um homem num saguão, lendo jornal. Não fizera nada que levantasse suspeitas.

Passou uma hora e nada aconteceu. Meu celular tocou, atendi.

- Já se encontrou com ela? - perguntou Squares.

- Ela não estava no quarto. Ou então não estava atendendo ao telefone.

- Onde você está agora?

- Estou vigiando o hall.

Squares fez um barulho.

- O quê? - perguntei.

- Você disse vigiando?

- Dá um tempo, certo?

- Olha aqui, por que não contratamos dois caras lá na agência e fazemos essa coisa direito? Eles nos chamam assim que ela voltar.

Pensei no que disse.

- Ainda não - determinei.

E então ela entrou.

Meus olhos se abriram. Comecei a respirar forte, sorvendo o ar fundo. Meu Deus, era mesmo a minha Sheila. Ela estava viva. O telefone escapou das minhas mãos, quase caiu no chão.

- Will?

- Agora não dá.

- Ela está aí?

- Te ligo depois.

Desliguei. A minha Sheila - a chamo assim, pois não sei de que outra forma poderia me referi a ela - tinha mudado o cabelo. Estava mais curto, as pontas curvadas para cima, e abaixo do seu pescoço de cisne. Usava franjinha também. Tinha escurecido o tom. Mais o efeito geral... eu a vi, e foi como se alguém tivesse me socado o peito com um punho gigante.

Sheila continuou andando. Comecei a me levantar. Uma tontura me obrigou a parar. Ela caminhava do jeito de sempre - sem hesitação, cabeça erguida, com um objetivo. A porta do elevador já estava aberta e percebi que talvez não desse tempo.

Ela entrou. Eu estava de pé agora. Apressei-me pelo saguão, sem correr. Não queria fazer uma cena. Não importa o que estivesse acontecendo ali - não importa o que a havia feito desaparecer, mudar de nome, usar um disfarce, sabe Deus lá mais o quê -, tinha de ser feito com elegância. Eu não podia sair gritando seu nome e me atirar pelo saguão.

Meus pés estalaram de encontro ao mármore. O som ecoou alto demais aos meus ouvidos. Não ia dar tempo. Parei e vi a porta do elevador fechar.

Maldição.

Apertei o botão. Outro elevador abriu a porta imediatamente. Comecei a ir para ele, mas parei. Espere, de que vai adiantar? Eu nem sabia o andar dela. Fiquei olhando o indicador das luzes do elevador onde Sheila estava. Moviam-se regularmente, quinto andar, depois sexto. Sheila era a única no elevador?

Achava que sim.

O elevador parou no nono andar. Tudo bem, ótimo. Agora apertei o botão. O mesmo elevador estava lá. Entrei depressa, apertei o botão nove, esperando chegar lá antes de ela entrar no quarto. A porta começou a fechar. Recostei-me ao fundo. No último segundo, uma mão avançou. As portas chocaram-se na mão e voltaram a abrir. Um homem suado vestindo terno cinzento entrou suspirando, deu-me um cumprimento de cabeça. Apertou para o décimo primeiro. A porta fechou de novo e começou a subir.

- Está quente lá fora - disse ele.

- É.

Ele suspirou outra vez.

Hotelzinho bom, não é?

Um turista, pensei. Eu já devia ter organizado um milhão de elevadores em Nova York antes. Os nova-iorquinos compreendiam as regras: a gente fica olhando para os números luminosos. Ninguém fica puxando conversa.

Disse que sim, era bom, e assim que as portas se abriram, saí fora. O corredor era longo. Olhei para minha esquerda. Nada. Olhei para direita e ouvi uma porta fechando. Como um cão farejador, voei na direção do som. Do lado direito, pensei. No fim do corredor.

Segui uma dica auditiva, se quiserem, e concluí que o som tinha vindo do quarto 912 ou 914. Olhei para uma porta, depois para a outra. Lembrei-me daquele episódio do Batman, quando a Mulher-Gato promete que uma porta levará a ela, e a outra, a um tigre feroz. Batman escolheu a porta errada. Hora extra, que droga, isto aqui não é Batman.

Bati nas duas portas. Fiquei entre elas e esperei.

Nada.

Bati novamente, desta vez com mais força. Movimento. Fui premiado com algum tipo de movimento vindo do interior do 912. Deslizei bem para frente da porta. Ajustei o colarinho. Podia ouvir a corrente de segurança escorrendo para o lado. Aprumei-me. A maçaneta girou e a porta começou a se abrir.

O homem estava mal-encarado e chateado. Vestia a camiseta com gola em V e calções listrados. Ele ladrrou:.

- Que é?

- Desculpe. Estou procurando Donna White.

Ele botou os punhos cerrados nas cadeiras.

- E eu tenho cara de Donna White?

Sons estranhos vieram do quarto do grosseirão. Fiquei atento. Gemidos. Gemidos quase apaixonados de prazeres falsos. Ele me encarou, mas não pareceu nada satisfeito. Dei um passo atrás. TV a cabo, pensei. Filmes de canal fechado. O homem estava vendo uns filmes quentes. A pornografia fora interrompida.

- Desculpe - justifiquei-me.

Ele bateu a porta.

Tudo bem, eliminamos o quarto 912. Pelo menos, era o que eu esperava. Era loucura.

Levantei a mão para bater na porta do 914 quando ouvi uma voz perguntar:

- Posso ajudar?

Voltei-me e vi, no fim do corredor, um fulano sem pescoço, cabelo escovinha, usando blazer azul. No blazer tinha uma pequena identificação na lapela e ele usava uma braçadeira. Ele encheu o peito. Segurança do hotel, com muito orgulho.

- Não, eu estou bem - agradei.

Ele fechou a cara.

- O senhor é hóspede do hotel?

- Sou.

- Qual é o número do seu quarto?

- Eu não tenho número de quarto.

- Mas o senhor acabou de dizer...

Eu bati na porta com força. O Escovinha correu na minha direção. Por um momento pensei que ele fosse dar um mergulho para proteger a porta mas, no último momento, ele parou.

- Por favor, venha comigo.

Ignorei e bati mas uma vez. Ainda não houve resposta. O Escovinha me pegou pelo braço. Soltei-me dele, bati de novo e gritei:

- Eu sei que você não é a Sheila. - Isto confundiu o Escovinha. Ele fechou ainda mais a cara. Paramos e olhamos a porta. Ninguém abriu. O Escovinha pegou meu braço, mas delicadamente agora. Não resisti. E ele me levou para baixo e atravessou o saguão comigo.

Eu estava na calçada. Voltei-me. O Escovinha tornou a estufar o peito e cruzou os braços.

E agora?

Outra regra da cidade de Nova York: Não se pode ficar parado na calçada num lugar só. O fluxo deve ser contínuo. As pessoas vão apressadas, não esperam encontrar ninguém plantado no meio do caminho. Se encontram, podem desviar, mas não param nunca.

Procurei por um lugar seguro. O segredo era ficar perto do prédio tanto quanto possível, as costas para a calçada. Me encolhi junto a uma vitrine, peguei meu celular, disquei para o hotel e pedi para me ligar com o quarto de Donna White. Ouvi outro "Será um prazer" e procederam a chamada.

Não houve resposta.

Desta vez deixei um recado simples. O número do meu celular, e tentei não soar como se estivesse implorando que ela me desse retorno.

Coloquei o telefone de volta no bolso e de novo me perguntei: e agora?

Minha Sheila estava lá dentro. Meu pensamento me fez levitar.

Era ansiedade demais. Muitas possibilidades e tantos e se? Obriguei-me a não pensar mais em nada.

Tudo bem, então o que isto significava exatamente? Para começar, haveria outra saída? Pelo porão ou pelos fundos? Será que ela tinha me visto atrás daqueles óculos escuros? Será que foi por isso que ela se apressou para o elevador? Quando eu a segui, será que tinha me enganado com o número do quarto? Podia ser. Sabia que ela estava no nono andar. Era um começo. Ou será que não? Se ela tivesse me visto, podia ter parado em outro andar para despistar.

E eu vou ficar parado aqui?

Não sabia. Não podia ir para casa, isto era certo. Respirei fundo. Vi os pedestres passarem apressados, tantos deles, uma massa turva, entidades separadas formando um todo. E aí, olhando através daquela massa, eu a vi.

Meu coração parou.

Ela ficou parada lá, me olhando. Estava espantado demais para me mover. Senti algo ceder dentro de mim. Botei a mão na boca para abafar um grito. Ela se moveu na minha direção.

Lágrimas brotaram dos meus olhos. Balancei a cabeça. Ela não parou. Chegou a mim e me puxou, apertando-me.

- Está tudo bem - cochichou.

Fechei os olhos. Por um longo tempo ficamos abraçados. Não dissemos nada. Não nos mexemos. Apenas deslizamos para longe.

52

- MEU VERDADEIRO NOME É NORA SPRING.

Estávamos sentados em um dos andares subterrâneos de um Starbucks na Park Avenue South, num canto perto da saída de emergência. Não havia mais ninguém lá. Ela mantinha os olhos na escada, preocupada de eu ter sido seguido. Este Starbucks, como tantos outros, era decorado em tons terrosos, com trabalho de arte de volutas surreais, grandes fotos de ditos mulatos colhendo café. Ela tomava um grande caffè latte gelado, que segurava com as duas mãos. Eu escolhi um frappuccino.

As cadeiras eram vermelhas, imensas e adequadamente estofadas. Aproximamos uma da outra. Nos demos as mãos. Eu estava confuso, claro. Queria respostas. Mas acima de tudo, em um plano muito mais elevado, a alegria pura se derramava sobre mim. Era uma sensação espantosa. Acalmava-me. Eu estava feliz. O que quer que eu viesse a saber não alteraria isto. A mulher que eu amava estava de volta. Não ia permitir que nada mudasse.

Ela bebeu o latte.

- Me perdoe - pediu.

Apertei sua mão.

- Fugir daquele jeito. Deixar você pensar... - parou - eu nem imagino o que você deve ter pensado. - Seus olhos encontraram os meus. - Nunca quis magoá-lo.

- Estou bem - anunciei.

- Como descobriu que eu não era a Sheila?

- No funeral. Eu vi o corpo.

- Eu queria te dizer, principalmente depois que eu soube que ela tinha sido assassinada.

- Por que não disse?

- Porque o Ken me falou que poderiam matar você.

O nome do meu irmão me sacudiu. Nora desviou o rosto. Coloquei a mão em seu braço e subi até o ombro. A tensão havia retesado seus músculos. Eu os massageei delicadamente, um momento familiar para nós. Ela fechou os olhos e deixou meus dedos trabalharem. Por longo tempo nenhum de nós falou. Quebrei o silêncio.

- Há quanto tempo conhece meu irmão?

- Quase quatro anos - respondeu ela.

Concordei com a cabeça, sentindo-me chocado, tentando encorajá-la a me revelar mais, mas ela ainda estava com o rosto voltado para o lado. Peguei-lhe o queixo gentilmente e a volvei para mim. Beije-a de leve nos lábios.

Ela disse:

- Eu te amo demais.

Senti um impulso que quase me levantou da cadeira.

- Eu também te amo.

- Estou assustada, Will.

- Protegerei você.

Ela sustentou meu olhar.

- Tenho mentido para você. O tempo todo que estivemos juntos.

- Eu sei.

- Acredita mesmo que conseguiremos sobreviver a isto?

- Já te perdi uma vez. Não vou perder outra.

- Tem tanta certeza assim?

- Te amo - eu disse. - Sempre.

Ela estudou meu rosto. Eu não sabia o que ela estava procurando.

- Eu sou casada, Will.

Tentei conservar meu rosto inexpressivo, mas não era fácil. Essas palavras embrulharam-se em mim e me apertaram, como cobra. Quase afastei minha mão.

- Me conte - pedi.

- Faz cinco anos. Fugi do meu marido, Cray. Ele era - fechou os olhos - incrivelmente agressivo. Não quero entrar em detalhes. Agora isso não é importante. Morávamos numa cidade chamada Cramden. Não é longe de Kansas City. Um dia, depois de o Cray ter me botado no hospital, fugi. Isso é tudo que você precisa saber.

Concordei.

- Não tenho família nenhuma. Eu tinha amigos, mas não queria mesmo que eles se envolvessem. Cray é um louco. Não me largava. Me ameaçava... - Sua voz esmoreceu. - Não importava que ele me ameaçasse. O que eu não podia era pôr outras pessoas em risco. Então, encontrei um abrigo que ajudava mulheres brutalizadas. Eles me acolheram. Eu queria sair de lá. Mas tinha medo do Cray. Você entende. o Cray é policial. Você não faz idéias... a gente vive aterrorizada por tanto tempo que começa a pensar que um homem é onipotente. É impossível explicar.

Eu me aproximei um pouco mais, ainda segurando-lhe a mão. Eu já tinha visto as consequências de maus-tratos, compreendia.

- O abrigo me ajudou a fugir para a Europa. Morei em Estocolmo. Era duro. Arranjei emprego de garçone. Vivía sozinha o tempo todo. Queria voltar, mas ainda tinha muito medo do meu marido, não ousava. Depois de seis meses, pensei que fosse ficar maluca. Ainda tinha pesadelos, sonhava que Cray tinha me achado...

Sua voz parou. Eu não sabia o que fazer. Tentei me aproximar ainda para mais perto dela. Os braços das cadeiras já estavam grudados, mas acho que ela percebeu a intenção e gostou.

- Finalmente conheci uma mulher. Era uma americana que estava morando lá. Nós nos aproximamos com cuidado, mas havia alguma coisa nela. Acho que nós duas tínhamos cara de que estávamos fugindo. Éramos muito solitária, apesar de ela ter, pelo menos, marido e filha. Eles também estavam escondidos. No começo eu não sabia por quê.

- E esta mulher - concluí - era Sheila Rogers.

- Era.

- E o marido dela... - eu parei e engoli - era o meu irmão.

Ela fez que sim.

- Eles tem uma filha chamada Carly.

Eu estava começando a entender.

- Sheila e eu ficamos muito amigas e, embora tenha levado um pouco mais de tempo para ele confiar em mim, acabamos nos aproximando também. Fui morar com eles, comecei ajudando-os a cuidar da Carly. Sua sobrinha é uma criança maravilhosa, Will. Inteligente e bonita e, eu não quero bancar a metafísica nem nada, mas ela tem assim uma aura.

Minha sobrinha. O Ken tinha uma filha. Eu tinha uma sobrinha que nunca vira.

- Seu irmão falava de você o tempo inteiro, Will. Ela podia falar de sua mãe, de seu pai e até mesmo da Melissa, mas você é que era o mundo dele. Ele acompanhou sua carreira. Sabia tudo a respeito do seu trabalho na Covenant House. Ele tinha ficado escondido por quantos anos, sete? Também se sentia sozinho, acho. Assim, do momento em que passou a confiar em mim, conversava comigo. E o que ele mais falava era de você.

Pisquei e olhei a mesa. Vi o guardanapo marrom do Starbucks. Tinha um poema ridículo a respeito de aroma e uma promessa. Feito de papel reciclado. A cor era marrom porque eles não usavam sabão que clareia.

- Você está bem? - perguntou ela.

- Estou ótimo - respondi. Olhei para cima. - E o que aconteceu depois?

- Entrei em contato com uma amiga de lá onde eu morava. Ela me disse que o Cray tinha contratado um detetive particular que sabia que eu estava em Estocolmo. Entrei em pânico, mas, ao mesmo tempo, estava pronta para seguir em frente. Como eu disse, eu tinha vivido com o Cray no Missouri. Achei que me mudando para Nova York estaria a salvo. Mas eu precisava de outra identidade, caso o Cray continuasse me caçando. A Sheila estava na mesma situação. Sua identidade falsa era só fachada, só uma mudança de nome. Foi aí que nós fizemos um plano bem simples.

Eu afirmei. Isto eu sabia.

- Vocês trocaram de identidade.

- Exatamente. Ela se tornou Nora Spring e eu Sheila Rogers. Assim, se meu marido fosse atrás de mim, ele só ia encontrá-la. E se as pessoas que estavam à procura

deles achassem a Sheila Rogers, bem, você está vendo, não levaria nada.

Ponderei sobre isto, mas ainda havia uma coisa não se encaixava.

- Tudo bem, foi assim que você ficou sendo Sheila Rogers. Vocês trocaram de identidade.

- É.

- E você acabou aqui em Nova York.

- É.

- E - aqui entrava a parte que eu não estava entendendo - nós acabamos nos conhecendo.

Nora sorriu.

- Você está intrigado com a gente, não está?

- Acho que estou.

- Está achando que foi coincidência demais eu me apresentar como voluntária exatamente onde você trabalha?

- Parece pouco provável - concordei.

- Bem, você tem razão. Não foi coincidência nenhuma. - Ela se recostou e suspirou. - Não estou bem certa de como vou explicar, Will.

Apenas segurei sua mão e esperei.

- Muito bem, você precisa compreender. Eu me sentia muito sozinha no estrangeiro. Tudo que eu tinha era seu irmão e Sheila e, claro, Carly. Passava o dia inteiro ouvindo seu irmão dizer maravilhas a seu respeito, era como se... como se fosse diferente de todos os homens que eu já tinha conhecido. Na verdade, acho que já estava meio apaixonada por você mesmo antes de conhecê-lo. Então disse a mim mesma que quando voltasse pra Nova York, iria encontrá-lo e ver como você realmente era. Talvez se eu achasse que estava tudo bem, podia até dizer que o seu irmão estava vivo, que era inocente, apesar de o Ken ter dito várias vezes que isso seria muito perigoso. Não foi plano nem nada. Vim para Nova York e um dia entrei na Covenant House e, chame de destino ou de sorte, ou o que for, mas desde o momento em que vi você eu soube que te amaria pra sempre.

Eu estava receoso, confuso, sorrindo.

- Que foi? - perguntou ela.

- Eu te amo.

Ela pousou a cabeça no meu ombro. Ficamos quietos. Havia mais. Surgiria com o tempo. Por enquanto saboreávamos o silêncio de estarmos um com o outro. Depois de alguns minutos, Nora começou de novo.

- Há umas semanas eu estava sentada junto de sua mãe no hospital.

Ela estava sentindo muita dor, Will. Não suportava mais, ela me confessou. Queria morrer. Estava se sentindo muito mal, você sabe.

Concordei com a cabeça.

- Eu amava muito sua mãe. Acho que você sabe.

- Sim, eu sei.

- Não podia ficar lá sentada sem fazer nada. Então, quebrei a promessa que havia feito a seu irmão. Antes de ela morrer, quis que soubesse a verdade. Ela merecia. Quis que soubesse que o filho estava vivo, que a amava e que não tinha feito mal nenhum a ninguém.

- Você contou a ela a respeito de Ken?

- Conteí. Mas mesmo naquele torpor todo, ela estava cética. Acho que precisava de uma prova.

Fiquei gelado e me virei para ela. Agora eu entendia o que tinha desencadeado tudo. A visita ao quarto depois do enterro. O retrato escondido atrás da moldura.

- Então você deu à minha mãe aquela fotografia do Ken.

Nora disse que sim.

- Ela nunca o viu. Só na fotografia.

- É verdade.

O que explica por que nunca ficamos sabendo nada.

- Mas disse a ela que ele voltaria.

- Disse.

- Você estava mentindo?

Ela pensou.

- Talvez eu estivesse exagerado, mas não, não acredito que fosse pura mentira. Você entende. Sheila entrou em contato comigo quando capturaram Ken. Ele sempre tinha sido muito cuidadoso. Tinha tudo preparado para Sheila e para Carly. Assim, quando o pegaram, Sheila e Carly fugiram. A polícia nunca ficou sabendo a respeito delas. A Sheila ficou no estrangeiro até

Ken achar que era seguro. Então ela voltou escondida.

- E procurou por você quando chegou?

- Procurou.

Tudo se esclarecia.

- Ligou de um telefone público no Novo México.

- É.

Este seria o primeiro telefonema do qual Pistillo havia falado - que fora feito do Novo México para o meu apartamento.

- O que aconteceu depois?

Tudo começou a dar errado - expôs ela. - Recebi um telefonema do Ken. Ele estava aflitíssimo. Alguém os tinha encontrado. Ele e Carly não estavam em casa quando dois homens a invadiram. Torturaram Sheila para saber onde ele estava.

Ken voltou para casa durante o ataque. Atirou nos dois. Mas Sheila estava seriamente ferida. Ele me telefonou avisando que eu precisava fugir. A polícia ia encontrar as digitais da Sheila. McGuane e o pessoal dele ficariam sabendo que Sheila Rogers tinha estado com ele.

- E estariam todos procurando pela Sheila - concluí.

- Exatamente.

- E agora você era ela. Então você tinha que sumir.

- Eu queria te contar tudo, mas o Ken insistiu. Se você não soubesse de nada, estaria salvo. Também me alertou sobre Carly, que tínhamos que considerar. Aquela gente tinha torturado e matado a mãe dela. Eu não ia me perdoar nunca se alguma coisa acontecesse com a Carly.

- Que idade tem Carly?

- Deve estar perto de doze, agora.

- Então ela nasceu antes do Ken fugir.

- Acho que tinha seis meses.

Outro ponto doloroso. O Ken tinha uma filha e nunca me contou. Perguntei:

- Por que ela a manteve em segredo?

- Não sei.

Até então eu tinha conseguido seguir a lógica, mas não via como Carly se encaixava nisto tudo. Fiquei remoendo. Seis meses antes de ele ter sumido. O que estava acontecendo com a vida dele? Foi pouco antes do FBI pegá-lo. Podia ter alguma ligação?

Será que o Ken tinha medo de que suas ações pudessem pôr sua filha em perigo? Fazia sentido, concluí.

- Não, estava faltando alguma coisa.

Eu estava a ponto de fazer mais uma pergunta pertinente, tentar conseguir mais detalhes, quando meu celular tocou. Era Squares, com certeza. Verifiquei quem estava chamando. Nada feito, não era Squares. Mas reconheci o número imediatamente. Katy Miller. Atendi.

- Katy?

- Ooooo, não, desculpe, está enganado. Tente de novo, por favor.

O medo apoderou-se de mim novamente. Cristo! O Fantasma! fechei os olhos.

- Se você machucá-la, juro que...

- Que é isto, Will? - interrompeu o Fantasma. - Ameaças impotentes são indignas de você.

- O que você quer?

- Precisamos bater um papo, garotão.

- Onde ela está?

- Quem? Oh, você quer dizer a Katy? Ora, ela está bem aqui.

- Quero falar com ela.

- Não acredita em mim, Will? Isso me magoa.

- Quero falar com ela - repeti.

- Quer uma prova de que ela está viva?

- Uma coisa assim.

- Que tal isto? - começou o Fantasma, usando sua voz mais sedosa - Posso fazê-la gritar para você ouvir. Isso ajuda?

Fechei os olhos novamente.

- Não estou te ouvindo, Will.

- Não.

- Tem certeza? Não seria problema nenhum. Um grito só, bem profundo, daqueles de estralhar seus nervos. O que você me diz?

- Por favor, não a machuque. Ela não tem nada a ver com isso.

- Onde você está?
- Na Park Avenue South.
- Seja mais preciso.

Descrevi um lugar há dois quarteirões dali.

- Vou mandar um carro te pegar dentro de cinco minutos. Entre nele. Está entendendo?
- Sim, estou.
- E, Will.
- O quê?
- Não telefone pra ninguém. Não conte a ninguém. A Katy Miller já está com o pescoço machucado por causa de um encontro anterior. Não preciso dizer como é tentador fazer um teste com ele agora. - Ele parou e murmurou. - Ainda está me ouvindo, velho amigo?
- Estou.
- Fica firme. Tudo isso vai acabar logo.

53

CLAUDIA FISHER IRROMPEU PELO ESCRITÓRIO DE JOSEPH PISTILLO

Pistillo levantou a cabeça.

- Que foi?
- Raymond Cromwell não apareceu.

Cromwell era o agente secreto que eles tinham mandado trabalhar com Joshua Ford, o advogado de Ken Klein.

- Pensei que ele estivesse com o gravador.
- Eles tinham um encontro com McGuane. Ele não podia ir com gravador.
- E ninguém mais o viu depois do encontro?

Fisher fez que não.

- E o mesmo com Ford. Os dois desapareceram.
- Jesus Cristo.
- O que o senhor quer fazer?

Pistillo já havia se levantado e estava andando.

- Junte todos os agentes que puder. Vamos dar uma batida no escritório do McGuane.

Deixar Nora sozinha desse jeito - eu já havia me habituado com o nome - era de cortar o coração, mas que escolha eu podia ter? A idéia de Katy estar só, com aquele psicótico sádico, estava me corroendo até o tutano. Lembro-me de como me sentira algemado na cama, impotente enquanto ele a atacava. Fechei os olhos e desejei não pensar mais nisso.

Nora fez um esforço para me impedir, mas compreendeu. Era uma coisa que eu tinha de fazer. Nosso beijo de despedida foi quase terno demais. Afastei-me. As lágrimas retornaram aos olhos dela.

- Volta pra mim - disse ela.

Respondi que voltaria e saí depressa.

O carro era um Ford Taurus preto com janelas escuras. Só havia o motorista. Não o reconheci. Ele deu-me algo para tapar os olhos, como as vendas que ganhamos nos aviões, disse para eu a colocar e me deitar de costas no banco traseiro. Fiz o que pediu. Ele ligou o carro e partimos. Usei o tempo que tinha para pensar. Agora eu sabia de muita coisa. Mas não sabia de tudo. Não o suficiente. Mas estava razoavelmente certo de que o Fantasma havia previsto: tudo acabaria logo.

Passsei os acontecimentos em revista na cabeça e foi isto que quase concluí: há onze anos o Ken estava envolvido em atividades ilegais com seus velhos amigos, McGuane e Fantasma. Não havia mais como negar. Ken tinha agido mal. Ele podia ter sido um herói para mim, mas minha irmã, Melissa, tinha salientado que ele era dado à violência. Eu podia acrescentar a isto que ele sentia falta de ação, sentia atração pelo perigo extremo. Mas isto eram apenas palavras.

A certa altura, Ken foi preso e concordou em ajudar e pegarem McGuane. Arriscou a vida. Bancou o agente secreto. Usou microfones. De alguma maneira, McGuane e Fantasma descobriram. Ken fugiu. Foi para casa, embora eu não tenha certeza do porquê, como também não sei onde Julie entra nisso tudo. De qualquer maneira, ela não tinha estado em casa há mais de um ano. Teria sido a volta dela uma coincidência? Será que ela estava apenas seguindo o Ken, talvez como amante, talvez porque ele fosse o seu fornecedor de drogas? Será que o

Fantasma a seguiu, sabendo que, mais cedo ou mais tarde, ele o levaria até Ken?

Eu não sabia nada disso. Pelo menos, ainda não.

Seja como for, o Fantasma achou os dois, provavelmente num momento inadequado. Atacou. Ken ficou ferido, mas fugiu, Julie não teve tanta sorte. Fantasma queria pressionar Ken, de maneira que o incriminou pelo assassinato. Com medo de ser morto ou coisa pior, Ken fugiu. Pegou sua namorada, Sheila Rogers, e a filha, Carly. E os três desapareceram.

A minha vista, apesar de estar vendada, escureceu. Ouvi um barulho diferente, como se fosse um sopro contínuo. Tínhamos entrado em túnel. Podia ser o Midtown, mas eu apostava que estávamos no Lincoln, seguindo para Nova Jersey. Agora pensei no papel de Pistillo em tudo isso. Para ele, era o velho debate de "os fins justificam os meios". Sob certas circunstâncias, ele podia ser uma cara "dos meios", mas esse caso era pessoal. Era fácil identificar seu ponto de vista. Ken era um contraventor. Tinha feito um acordo e não importa o motivo, tinha rompido ao fugir. Temporada de caça a ele. Fazer dele um fugitivo, deixar o mundo inteiro passar o pente fino na sujeira e encontrar o cara.

Passam-se os anos. Ken e Sheila ficam juntos. A filha deles, Carly, cresce. Então um dia, Ken é capturado. É trazido de volta para os Estados Unidos, convencido, suponho, de que vai ser enforcado pelo o assassinato de Julie Miller. Mas as autoridades sempre souberam a verdade. Não querem por esse motivo. Querem a cabeça do monstro, McGuane. E Ken ainda pode ajudá-lo a entregá-lo.

Então fazem um acordo. Ken se esconde no Novo México. Quando acredita estar seguro, Sheila e Carly vêm da Suécia para ficar com ele. Mas McGuane é um inimigo poderoso. Fica sabendo onde eles estão. Manda dois homens. Ken não estava em casa, mas eles torturam Sheila para descobrir onde ele estava. Ken os surpreende, mata-os, coloca sua mulher ferida e a filha no carro, foge de novo. Avisa a Nora, que está usando a identidade de Sheila, que as autoridades e McGuane vão estar na sua cola. Ela é obrigada a fugir também.

Isto era tudo que eu sabia.

O Ford Taurus parou. Ouvi o motorista desligar o motor.

Chega de passividade, pensei. Se eu tivesse alguma esperança de sair disso com vida, teria que ser firme. Arranquei a venda e olhei meu relógio. Tínhamos rodado por uma hora. Sentei-me.

Estávamos no meio de um bosque cerrado. O solo estava coberto de folhas de pinheiro. As árvores estavam cheias, pesadas de verde. Havia uma espécie de torre de vigia, uma pequena estrutura de alumínio sobre uma plataforma a quase três metros do chão. Parecia um barracão para guardar ferramentas, construído exatamente para esse fim. Era uma coisa abandonada e industrial. Ferrugem carcomia os cantos e a porta.

O motorista ordenou:

- Saia.

Fiz o que mandou. Meus olhos fitaram a estrutura. Vi a porta se abrir e o Fantasma saiu. Estava todo de preto, como se estivesse a caminho de uma leitura de poesia no Village. Acenou para mim.

- Olá, Will.

- Onde está ela? - perguntei.

- Quem?

- Não me venha com gracinhas.

Fantasma cruzou os braços.

- Ora, ora - disse ele -, olha só que soldadinho corajoso você é.

- Onde ela está?

- Está se referindo a Katy Miller?

- Você sabe que estou.

Ele concordou com a cabeça. Tinha uma coisa na mão. Um tipo de corda. Um laço, com certeza. Gelei.

- Ela se parece tanto com a irmã, você não acha? Como eu podia resistir? Quer dizer, aquele pescoço. Aquele lindo pescocinho de cisne. Já estava machucado...

Tentei impedir que minha voz tremesse.

- Onde está ela?

Ele piscou.

- Está morta, Will.

Meu coração afundou.

- Fiquei chateado de esperar e... - Então ele começou a rir. O barulho ecoou no silêncio,

arranhando o ar, agarrando-se às folhas. Fiquei lá, imóvel. Ele apontou e gritou.

- Te peguei! Eu só estava te gozando, pequeno Willie. Me divertindo um pouco. A Katy está legal. - Fez um sinal para eu avançar. - Venha ver.

Fui depressa até a plataforma, o coração firmemente grudado na garganta. Havia uma escada enferrujada. Subi. Fantasma ainda estava rindo. Empurrei-o para passar e abri a porta do barracão de alumínio.

Virei para a direita.

Katy estava lá.

A risada do Fantasma ainda ecoava em meus ouvidos. Apressei-me até ela. Seus olhos estavam abertos, mas muitas mechas de cabelo estavam caídas sobre eles. As marcas no seu pescoço tinham ficado um amarelo de icterícia. Seus braços estavam amarrados a uma cadeira, mas não parecia ter sido machucada.

Abaixei-me e afastei os cabelos do seu rosto.

- Você está bem? - perguntei.

- Estou ótima.

Podia sentir a fúria crescendo.

- Ele judiou de você?

Katy Miller balançou a cabeça. A voz tremeu.

- O que ele quer conosco?

- Por favor, me deixa responder essa pergunta.

Voltamo-nos quando o Fantasma entrou. Ele deixou a porta aberta. O chão estava coberto de garrafas de cerveja quebradas. Tinha um fichário velho num canto. Um computador laptop fechado num outro canto. Três cadeiras de metal, de armar, usadas nas assembleias escolares. Katy estava sentada em uma delas. Fantasma pegou a segunda e me fez sinal para a que estava bem à sua esquerda. Continuei de pé. Ele suspirou e ficou imóvel.

- Preciso da sua ajuda, Will. - Olhou para Katy. - E pensei que se tivesse Miss Miller aqui com a gente, bem - deu um sorriso que fez a minha pele arrepiar -, pensei que ela poderia funcionar assim como um incentivo.

Enfrentei-o.

- Se você machucá-la, se botar a mão nela, só isso e eu...

Ele não me deixou acabar. Não recuou. Apenas deu um safanão com a mão e me acertou embaixo do queixo. E me aplicou um golpe no pescoço. Um ruído de engasgo soprou por entre os meus lábios. Senti como se estivesse engolindo minha própria garganta. Cambaleei e virei para o lado. Fantasma não teve pressa. Abaixou-se e me aplicou um golpe de direita. Seu punho fechado agrediu firme os meus rins. Caí de joelhos, quase paralisado pelo golpe.

Ele me olhou de cima.

- Seu comportamento está me dando nos nervos, pequeno Willie.

Eu estava perto de vomitar.

- Precisamos entrar em contato com seu irmão - continuou. - É por isso que você está aqui.

Olhei para cima.

- Não sei onde ele está.

Ele afastou-se de mim num deslize. Ficou atrás da cadeira de Katy. Suavemente, quase suavemente demais, colocou as mãos nos ombros dela. Ela se encolheu ao seu toque. Ele esticou os dois indicadores e agradeceu as manchas no seu pescoço.

- Estou dizendo a verdade - enfatizei.

- Oh, acredito em você.

- Então, o que você quer?

- Eu sei como entrar em contato com o Ken.

Fiquei confuso.

- O quê?

- Você já viu esses filmes antigos em que o fugitivo deixa recados nos anúncios dos classificados?

- Acho que sim.

Fantasma sorriu satisfeito com a minha resposta.

- O Ken está um passo adiante. Está usando um grupo de notícias da Internet. Mais especificamente, ele deixa e recebe mensagens numa coisa chamada rec.music.elvis. Como deve ter percebido, é uma coisa para os fãs de Elvis. Por exemplo, se o advogado dele quiser entrar em contato, deixa data, hora e local com um nome codificado. Depois, Ken liga para o advogado pelo IM.

- IM?

- Instant Message, ou seja, Mensagem Instantânea. Suponho que você já tenha usado antes. É como se fosse uma sala de conversas particulares. Impossível de localizar.

- Como sabe de tudo isso? - perguntei.

Ele sorriu de novo e levou as mãos para mais perto ainda do pescoço de Katy.

- Colher informações faz parte da minha especialidade.

Sua mãos afastaram-se de Katy. Dei-me conta de que tinha prendido a respiração. Ele botou a mão no bolso e outra vez tirou o laço de corda.

- E o que quer de mim? - indaguei.

- Seu irmão não concordou em encontrar com o advogado dele - disse o Fantasma. - Acredito que estava suspeitando de alguma armadilha. Marcamos um outro encontro através do IM. Estamos muito esperançosos de que você possa persuadi-lo a se avistar com a gente.

- E se eu não puder?

Ele ergueu a corda. Havia um cabo preso a uma extremidade.

- Sabe o que é isso?

Não respondi.

- É um laço Punjab - disse ele, como se fosse o início de uma conferência.

- Os tuguês o usavam. Eles são conhecidos como os assassinos silenciosos na Índia. Algumas pessoas acreditam que todos foram eliminados no século XIX. Outros, bem, há outros que não têm tanta certeza. - Olhou Katy e levantou ao alto a arma primitiva. - Preciso continuar, Will?

Neguei com a cabeça.

- Ele vai saber que é uma armadilha - eu disse.

- Sua função é convencê-lo do contrário. Se fracassar - ele olhou para o alto, sorrindo -, bem, do lado positivo, você vai poder constatar como foi que a Julie sofreu há tantos anos.

Eu podia sentir o sangue fugindo das extremidades dos meus membros.

- Você vai matá-lo - eu disse.

- Não necessariamente.

Eu sabia que era mentira, mas o rosto dele era aterrorizantemente sincero.

- Seu irmão gravou fitas, colheu informações incriminadoras - expôs. - Mas ainda não mostrou coisa alguma para os federais. Conservou tudo escondido estes anos todos. É uma coisa boa. Mostra cooperação, que ainda é o Ken que todos nós conhecemos e amamos. E... - parou para pensar - ele tem uma coisa que eu quero.

- O quê? - perguntei.

Ele me ignorou.

- O acordo é este. Se ele devolver tudo e prometer desaparecer mais uma vez, podemos todos ir em frente.

Mentira. Eu sabia. Ele ia matar o Ken. E mataria nós todos. Eu não tinha dúvidas quanto a isto.

- E se eu não acreditar em você?

Ele deixou a corda ao redor do pescoço de Katy. Ela deu um gritinho. O Fantasma sorriu e olhou direto para mim.

- Importa?

Engoli em seco.

- Acho que não.

- Adivinhe.

- Vou cooperar.

Ele soltou a corda, que ficou pendurada no pescoço dela como o mais perverso dos colares.

- Não toque nisso - ordenou. - Temos uma hora. Passe esse tempo olhando o pescoço dela, Will. E imagine.

McGUANE FORA APANHADO DESPREVENIDO.

Viu o FBI invadindo o escritório. O que não havia previsto. Sim, Joshua Ford era importante. Sim, seu desaparecimento iria despertar suspeitas, mesmo que ele tivesse obrigado o Ford a telefonar para a mulher e dizer que tinha sido chamado para tratar de "um assunto delicado" fora da cidade. Mas uma reação tão violenta? Parecia exagero.

Não importa. McGuane estava sempre preparado. O sangue tinha sido limpo com um novíssimo preparado à base de peróxido, e nem mesmo os testes mais eficientes poderiam encontrar alguma coisa. Os cabelos e as fibras tinham sido eliminados, mas, mesmo que encontrassem alguma coisa, e daí? Ele não negaria que Ford e Cromwell tivessem estado lá. Admitiria com satisfação. Também admitiria que tinham ido embora. E podia oferecer provas: seu pessoal da segurança já havia alterado digitalmente a gravação que mostrava Ford e Cromwell saindo do local por livre e espontânea vontade.

McGuane apertou um botão que automaticamente apagava e modificava os arquivos do computador. Nada seria encontrado. McGuane automaticamente fez o e-mail funcionar. A cada hora, os computadores mandavam um e-mail para uma conta secreta. Os arquivos ficavam em segurança no espaço cibernético. Só McGuane conhecia o endereço. Podia reaver as mensagens quando quisesse.

Levantou-se, ajeitou a gravata enquanto Pistillo irrompia pela porta, com Claudia Fisher e mais dois agentes. Pistillo apontou uma arma para McGuane.

McGuane espalmou. Nenhum medo. Nunca demonstre estar com medo.

- Que surpresa agradável.

- Onde estão eles? - gritou Pistillo.

- Quem?

- Joshua Ford e o agente especial Raymond Cromwell.

McGuane não pestanejou. Isso explicava tudo.

- Você está me dizendo que Mr. Cromwell é um agente federal?

- Estou - vociferou Pistillo. - Onde está ele?

- Neste caso eu gostaria de registrar uma queixa.

- O quê?

- O agente Cromwell se fez passar por um advogado - continuou McGuane, sua voz tão estável quanto possível. - Confiei na sua apresentação. Confiei nele, imaginando que eu estava protegido pelo que liga um cliente ao seu advogado. E agora o senhor vem me dizer que ele era um agente secreto. Quero ter certeza de que nada do que eu disse possa ser usado contra mim.

O rosto de Pistillo ficou vermelho.

- Onde está ele, McGuane?

- Não faço a menor idéia. Ele saiu daqui com Mr. Ford.

- Qual era a natureza do seu negócio com ele?

McGuane sorriu.

- Pistillo, você sabe das coisas. O nosso encontro está ligado ao relacionamento entre advogado e cliente.

Pistillo queria muito puxar o gatilho. Fez a mira bem no centro do rosto de McGuane, que continuou não demonstrando a menor reação. Pistillo baixou a arma.

- Revistem tudo - urrou ele. - Levem o que for possível e identifiquem tudo. Prendam esse cara.

McGuane deixou que o algemassem. Não diria nada a respeito da fita da segurança. Que a encontrassem sozinhos. Teria muito mais impacto desta maneira. Mesmo assim, enquanto os agentes o arrastavam, sabia que isto não era bom. Ele não se importava de ser descarado - como foi mencionado anteriormente, esse não era o primeiro agente federal que mandara liquidar -, mas não podia deixar de pensar se não tinha deixado escapar alguma coisa, se havia se deixado de alguma forma a descoberto, se finalmente havia cometido o erro crucial que lhe custaria tudo.

FANTASMA ENTROU PELO BOSQUE DEIXANDO KATY E A MIM SOZINHOS. Fiquei sentado em minha cadeira olhando a corda pendurada no pescoço dela. Estava produzindo o efeito desejado. Eu iria cooperar. Não arriscaria ver aquela corda ser apertada ao redor do pescoço daquela garota apavorada.

Katy me olhou e disse:

- Ele vai nos matar.

Não era pergunta. Era verdade, claro, mas eu ainda negava. Prometi a ele que ficaria bem, que eu encontraria uma saída, mas acho que não aliviei suas preocupações. Não era de admirar.

Minha garganta estava melhor, mais meu rim ainda doía por causa do murro. Meus olhos caminharam pelo lugar.

Pense, Will. E pense depressa.

Eu sabia o que ia acontecer. Fantasma faria com que eu marcasse o encontro. Assim que o Ken aparecesse, estaríamos todos mortos. Pensei nisso. Tentaria avisar meu irmão. Tentaria usar alguma forma de código.

Nossa única esperança é que quem percebesse a armadilha e o surpreendesse. Mas eu tinha que deixar minhas opções em aberto. Tinha que encontrar uma saída, qualquer saída, mesmo que significasse me sacrificar para salvar Katy. Haveria uma brecha, um engano. Eu tinha que estar pronto para utilizá-lo.

Katy cochichou:

- Eu sei onde nós estamos.

Voltei-me para ela.

- Onde?

- No Reservatório de Água de South Orange. Costumávamos vir aqui para beber. Não estamos muito longe da estrada Hobart Gap.

- A que distância?

- Um quilômetro e meio, por aí.

- Você conhece o caminho? Quer dizer, se nós conseguirmos fugir, você consegue nos tirar daqui?

- Acho que sim - respondeu ela. Depois, com gesto afirmativo de cabeça: - Tiro. Tiro, sim, posso achar a saída.

Então, tudo bem. Já era alguma coisa. Não muito, talvez, mas já era um começo. Olhei pela porta. O motorista estava encostado no carro. Fantasma estava com as mãos nas costas. Balançava o corpo, apoiado nos pés. Seus olhos estavam voltados para o alto, como se estivesse observando os pássaros. O motorista acendeu um cigarro. Fantasma não se mexeu.

Examinei o chão rapidamente e encontrei o que estava procurando - um pedaço grande de vidro partido. Olhei pela porta novamente. Nenhum dos dois homens estava olhando. Eu me agachei atrás da cadeira de Katy.

- O que você está fazendo? - cochichou ela.

- Vou cortar a corda e te soltar.

- Ficou louco? E se ele vier?

- Temos que tentar alguma coisa.

- Mas... - Katy parou. - Mesmo que você me solte, e depois?

- Não sei - admiti. - Mas esteja pronta. Haverá um momento em que vamos conseguir fugir. Temos que tirar vantagem disso.

Apertei o naco quebrado de encontro à corda e comecei a cerrar para a frente e para trás. A corda começou a ceder. O trabalho era lento. Apressei os movimentos. A corda se soltava, fio por fio.

Já estava praticamente cortada pela metade quando senti a plataforma estremecer. Parei. Tinha alguém na escada. Katy deu um gemido baixo.

Tirei meus olhos dela e voltei rápido para o meu assento, bem na hora em que Fantasma entrou. Ele me olhou.

- Você está sem fôlego, pequeno Willie.

Escondi o vidro quebrado no fundo do meu assento, quase sentando nele. Fantasma franziu a testa para mim. Eu não disse nada. Meu pulso acelerou. Ele olhou para Katy. Ela procurou devolver o olhar, desafiadoramente. Era um bocado corajosa. Mas quando eu me virei para ela, fiquei aterrorizado.

A corda solta estava bem à vista.

Fantasma espremeu os olhos.

- Vamos em frente com essa história - eu disse.

Foi o suficiente para distraí-lo. Ele se virou para mim. Katy ajustou as mãos, escondendo um pouco a corda solta. Não ia adiantar muito se ele olhasse de perto. Talvez fosse o bastante. Fantasma esperou um tempo e então se dirigiu para o laptop. Por um segundo - pelo mais breve dos segundos - voltou as costas para mim.

É agora, pensei.

Eu pularia, pegaria o vidro quebrado e enterraria no pescoço do Fantasma. Pensei rapidamente. Eu estava muito longe? Provavelmente. E o motorista? Será que estava armado? Eu teria coragem de...?

O Fantasma virou de volta para mim. O momento, se é que houvera um, acabou.
O computador já estava ligado. Ele digitou alguma coisa. Ligou o modem. Teclou mais alguma coisa e o texto apareceu. Sorriu para mim e disse:

- Está na hora de conversar com Ken.

Meu estômago deu um nó. Ele apertou a tecla "enter". Na tela apareceu o que ele tinha digitado.

VOCÊ ESTÁ AÍ?

Ele esperou. A resposta veio um instante depois.

ESTOU.

Fantasma sorriu.

- Ah, é o Ken. - Ele digitou mais um pouco, deu "enter" de novo.

AQUI É O WILL. ESTOU COM O FORD.

Houve uma pausa longa.

DIGA-ME O NOME DA PRIMEIRA GAROTA QUE VOCÊ FATUROU.

O Fantasma voltou-se para mim.

- Como eu esperava, ele quer uma prova de que é mesmo você.

Eu não disse nada, mas minha cabeça estava a toda.

- Sei o que está pensando - continuou ele. - Você quer avisá-lo. Quer dar uma resposta que esteja perto da verdade. - Foi para perto da Katy. Pegou uma ponta da corda. Puxou só um pouco. A corda ficou rente ao pescoço dela.

- O acordo é esse, Will. Quero que fique de pé. Quero que vá até o computador e digite a resposta certa. Vou ficar apertando a corda. Se você começar com brincadeira, se eu apenas suspeitar que você está tentando aprontar algum tipo de brincadeira, não vou parar até ela estar morta. Entendidos?

Fiz que sim com a cabeça.

Ele apertou a corda mais um pouco. Katy fez um ruído.

- Anda - ordenou ele.

Corri para a tela. O medo entorpecia minha cabeça. Ele estava certo. Eu estava pensando em me sair com uma mentira certa, alguma coisa que avisasse Ken. Mas não podia. Agora não. Coloquei meus dedos nas teclas e digitei.

CINDI SHAPIRO.

O Fantasma sorriu.

- Foi mesmo? Cara, ela era quente, Will. Estou impressionado.

Ele soltou a corda. Katy deu um suspiro. Ele dirigiu-se para o teclado. Olhei de volta para a minha cadeira. O pedaço de vidro estava visível. Avancei rapidamente para o meu lugar. Esperamos pela resposta.

- VÁ PARA CASA, WILL.

O Fantasma esfregou a cara.

- Resposta interessante - disse ele. Pensou.

- Onde você a faturou?

- O quê?

- A Cindi Shapiro. Foi na casa dela, na sua casa, onde?

- Foi no bar mitzvah do Eric Frankel.

- O Ken sabe?

- Sabe.

Fantasma sorriu. E digitou novamente.

VOCÊ ME TESTOU. AGORA É A SUA VEZ. ONDE FOI QUE EU FIQUEI COM A CINDI?

Outra longa pausa. Eu estava na ponta da cadeira agora. Tinha sido uma jogada esperta do Fantasma, mudando o impulso um pouquinho. Mas o mais importante é que não sabíamos se era o Ken ou não. A resposta iria comprovar, de um jeito ou de outro.

Trinta segundos se passaram. Então:

VÁ PARA CASA, WILL.

O Fantasma digitou mais um pouco.

EU PRECISO SABER SE É VOCÊ.

Outra longa pausa. E finalmente:

NO BAR MITZVAH DO FRANKEL. VÁ PARA CASA AGORA.

Outro tranco. Era o Ken.

Olhei para Katy. Seus olhos encontraram os meus. John digitou de novo.

PRECISAMOS NOS ENCONTRAR.
 A resposta veio depressa.
 NADA FEITO.
 POR FAVOR. É IMPORTANTE.
 VÁ PARA CASA, WILL. NÃO É SEGURO.
 ONDE VOCÊ ESTÁ?
 COMO VOCÊ ENCONTROU O FORD?
 - Hmmmm - disse John... Ele pensou e digitou.
 PISTILLO.
 Houve outra longa pausa.
 EU SOUBE DA MAMÃE. FOI MUITO RUIM?
 O Fantasma não me consultou para esta resposta.
 FOI.
 COMO ESTÁ O PAPAI?
 NADA BEM. PRECISAMOS VÊ-LO.
 Pausa.
 NADA FEITO.
 PODEMOS AJUDÁ-LO.
 MELHOR FICAR LONGE DISSO.
 O Fantasma me olhou.
 - Será que devemos tentá-lo com seu vício favorito?
 Eu não fazia idéia do que ele estava falando, mas o vi digitar e pressionar a tecla "enter".
 PODEMOS TE ARRUMAR DINHEIRO. VOCÊ PRECISA DE ALGUM?
 VOU PRECISAR. MAS PODEMOS FAZER ISSO ATRAVÉS DS TRANSFERÊNCIAS PARA O
 EXTERIOR.
 E aí, como se estivesse lendo meus pensamentos, o Fantasma digitou.
 PRECISO MESMO VÊ-LO, POR FAVOR.
 EU TE AMO, WILL. VÁ PARA CASA.
 De novo, como se estivesse dentro da minha cabeça, o Fantasma digitou.
 ESPERA.
 DESLIGANDO AGORA, MANO. NÃO SE PREOCUPE.
 O Fantasma deixou escapar um suspiro profundo.
 - Isto não está dando certo - disse alto. Digitou depressa.
 DESLIGA, KEN, E SEU IRMÃO MORRE.
 Uma pausa. E aí:
 QUEM É VOCÊ?
 O Fantasma sorriu.
 DOU-LHE UMA. DÊ UM PALPITE: CASPER, O FANTASMINHA CAMARADA.
 Não houve pausa desta vez.
 DEIXE-O EM PAZ, JOHN.
 ACHO QUE NÃO.
 ELE NÃO TEM NADA A VER COM ISTO.
 VOCÊ SABE MUITO BEM QUE NÃO ADIANTA CONTAR COM A MINHA SOLIDARIEDADE. VOCÊ
 DÁ AS CARAS, ME DÁ O QUE QUERO E EU NÃO ACABO COM ELE.
 PRIMEIRO, DEIXE-O IR EMBORA. DEPOIS, TE DOU O QUE VOCÊ QUER.
 O Fantasma riu e digitou.
 POR FAVOR, KEN. NO DEPÓSITO, KEN. VOCÊ LEMBRA DO DEPÓSITO, NÃO LEMBRA? TE DOU
 TRÊS HORAS PARA CHEGAR AQUI.
 IMPOSSÍVEL. EU NEM ESTOU NA COSTA LESTE.
 O Fantasma resmungou "Droga". Então, digitou furiosamente.
 MELHOR SE APRESSAR. TRÊS HORAS. SE NÃO CHEGAR, CORTO UM DEDO DELE. VOU
 CORTANDO OUTRO A CADA
 MEIA HORA. AÍ VOU PARA OS DEDOS DOS PÉS. DEPOIS É QUE EU FICO CRIATIVO. NO
 DEPÓSITO, KEN. TRÊS HORAS.
 O Fantasma desligou. Fechou o laptop com barulho e ficou de pé.
 - Ótimo - disse ele com um sorriso. - Acho que correu tudo bem, não concorda?

NORA LIGOU PARA O CELULAR DO SQUARES. DEU-LHE UMA VERSÃO SUCINTA DOS ACONTECIMENTOS ligados ao seu desaparecimento. Squares ouviu sem interromper, seguindo para onde ela estava. Encontraram-se na frente do prédio da Metropolitan Life na Park Avenue. Ela pulou para dentro da van e abraçou-o fortemente. Era bom estar de volta na van de socorro.

- Não podemos chamar a polícia - disse Squares.

Ela concordou.

- Will afirmou a mesma coisa.

- Mas então, que diabo podemos fazer?

- Não sei. Mas estou com medo, Squares. O irmão do Will me falou a respeito dessa gente. Eles vão matá-lo, com toda certeza.

Squares pensou um pouco.

- Como você e o Ken se comunicam?

- Através de um site de notícias pelo computador.

- Vamos mandar uma mensagem a ele. Talvez ele tenha alguma idéia.

O Fantasma manteve distância.

Havia cada vez menos tempo. Fiquei alerta. Se tivesse uma oportunidade, qualquer que fosse, eu arriscaria. Peguei a garrafa quebrada e estudei o gargalo. Ensaiei mentalmente como faria. Tentei avaliar que movimentos defensivos o Fantasma faria e como eu poderia revidar. Onde, fiquei pensando, estavam as artérias dele? Onde ele era mais vulnerável, onde sua carne era mais macia?

Olhei Katy. Ela estava agüentando bem. Pensei de novo no que Pistillo havia dito, como tinha sido firme a respeito de eu deixar a Katy Miller fora de tudo isso. Ele tinha razão. A culpa era minha. Quando ela pediu para ajudar da primeira vez, eu devia ter recusado. Tinha colocado Katy em risco. O fato de que eu estava realmente tentando salvá-la, que eu compreendia mais do que a maioria como ela estava ansiosa para concluir tudo aquilo, pouco fazia para apagar minha culpa.

Tinha que achar um jeito de salvá-la.

Olhei de volta para o Fantasma. Ele me encarou. Eu nem pisquei.

- Deixe-a ir - pedi.

Ele fingiu que estava bocejando.

- A irmã dela foi boa com você.

- E daí?

- Não tem motivo para machucá-la.

O Fantasma levantou as palmas das mãos e, com aquele cicio, disse:

- E quem precisa de motivo?

Katy fechou os olhos. Eu parei. Só estava piorando as coisas. Verifiquei o relógio. Ainda tinha duas horas. "O depósito", um lugar onde os fumadores de maconha costumavam se encontrar depois de um dia de brincadeiras na Heritage Middle School, não ficava mais do que uns quatro quilômetros e meio dali. Sei por que o Fantasma tinha escolhido nos meses de verão. E uma vez dentro, havia pouca oportunidade para sair vivo.

O celular do Fantasma tocou. Ele olhou o aparelho como se nunca tivesse ouvido aquele som antes. Pela primeira vez vi alguma coisa que poderia ser confusão passar pelo seu rosto. Fiquei tenso, se bem que não ousei pegar o vidro quebrado. Não agora. Mas estava pronto.

Ele abriu o celular e levou-o ao ouvido.

- Sim?

Escutou. Estudei seu rosto incolor. Sua expressão permaneceu calma, mas alguma coisa estava acontecendo. Ele piscou mais. Conferiu o relógio. Não falou por quase dois minutos inteiros. Depois disse:

- Estou indo.

Levantou-se e caminhou na minha direção. Abaixou a boca até o meu ouvido.

- Se você sair desta cadeira - ameaçou ele -, você vai me implorar para te matar. Entendido?

Fiz que sim com a cabeça.

Ele saiu, fechando a porta atrás de mim. O lugar estava escuro. A luz começava a cair, raios infiltravam por entre as folhas. Não tinha janelas na frente, de maneira que não havia meio de saber o que eles estavam fazendo.

- O que está acontecendo? - cochichou Katy.

Fiz um sinal levando o indicador à boca, e ouvi. Um motor me respondeu. Um carro entrou em movimento. Pensei no aviso dele. Não saia da cadeira. O Fantasma era o tipo de pessoa que queríamos obedecer, mas de novo ele mataria a todos de qualquer maneira.

Curvei o tronco e caí da cadeira. Não foi um movimento suave. Bastante espástico, para ser franco.

Olhei Katy. Nossos olhos se encontraram e outra vez fiz sinal para que ficasse em silêncio. Ela concordou com um gesto.

Fiquei abaixado tanto quanto podia e engatinhei cuidadosamente até a porta. Eu o faria deitado de bruços, avançando como os comandos na guerra, mas os pequenos cacos de vidro teriam me cortado todo. Avancei lentamente, tentando não me machucar.

Quando cheguei à porta, deitei a cabeça no chão e espiei pela fresta embaixo. Vi o carro saindo. Tentei procurar um ângulo melhor para ver, mas era complicado. Sentei e grudei o olho numa fresta vertical. Era ainda mais difícil de ver. A abertura era mínima. Levantei o rosto um pouco e pronto! Lá estava ele.

O motorista.

Mas onde estava o Fantasma?

Fiz meus cálculos rapidamente. Dois homens, um carro. Um carro sai. Não sou lá muito bom com números, mas isto queria dizer que apenas um homem tinha ficado. Voltei-me para Katy.

- Ele foi embora – cochichei.

- O quê?

- O motorista ainda está aqui. O Fantasma foi no carro.

Voltei para minha cadeira e peguei o pedaço maior de vidro quebrado. Caminhando o mais suavemente que podia, com receio de que a menor mudança de peso pudesse sacudir a estrutura, fui atrás da cadeira da Katy. Serrei a corda.

- O que vamos fazer? – murmurou ela.

- Você conhece o caminho para sair daqui – eu disse. – A gente vai correndo.

- Está escurecendo.

- É por isso que vamos agora.

- Esse outro cara – disse ela. – Ele pode estar armado.

- Com toda certeza está, mas você prefere esperar que o Fantasma volte?

Ela sacudiu a cabeça.

- Como sabe que ele não vai voltar agora?

- Não sei. – A corda soltou. Ela estava livre. Esfregou os pulsos enquanto me ouvia.

- Você está comigo?

Ela me olhou e eu pensei que talvez fosse daquele jeito que costumava olhar para o Ken, com uma mistura de esperança, espanto e confiança. Tentei parecer corajoso, mas nunca fui do tipo heróico. Ela fez que sim.

Havia uma janela nos fundos. Meu plano, por assim dizer, era abri-la, pular para fora e ir de gatinhas até o bosque. Tentaríamos ficar tão quietos quanto possível, mas se ele nos ouvisse, correríamos. Eu estava contando com a possibilidade de o motorista não estar armado e que não nos feriria seriamente. Eles tinham de avaliar que o Ken seria cuidadoso. Queriam nos manter vivos – bem, pelo menos eu – para servir de isca para a armadilha.

Ou talvez não.

A janela estava emperrada. Puxei e empurrei o caixilho. Nada. Havia sido pintada há um milhão de anos. Nenhuma chance de abri-la.

- E agora? – perguntou ela.

Encurralados. A sensação de rato na ratoeira. Olhei Katy. Pensei no que Fantasma havia dito: que eu, de alguma forma, não protegera Julie. Não deixaria que acontecesse novamente. Não com Katy.

- Só há um jeito de sair daqui – eu disse. Olhei para a porta.

- Ele vai nos ver.

- Talvez não.

Grudei um olho na fresta. A luz do sol estava esmaecendo. As sombras adquiriam força. Vi o motorista. Estava sentado num tronco de árvore. Vi a brasa na ponta do seu cigarro, uma referência firme no escuro.

Estava de costas.

Coloquei o caco de vidro quebrado no bolso. Fiz um gesto com a palma voltada para o chão, para que Katy ficasse abaixada. Peguei a maçaneta. Girei com facilidade. A porta rangeu ao se abrir. Parei e olhei lá fora. O motorista ainda não estava olhando. Eu tinha que arriscar.

Empurrei a porta, abrindo-a mais. O rangido cessou. Deixei a porta aberta uns trinta centímetros. O bastante para nos esgueirarmos.

Katy levantou os olhos para mim. Fiz que sim. Ela saiu de gatinhas. Eu me abaixei e a segui. Estávamos os dois do lado de fora agora. Estávamos deitados de barriga, na plataforma. Completamente à vista. Fechei a porta.

Ele ainda não tinha se virado.

Bem, o próximo passo seria sair da plataforma. Não podíamos usar a escada. Era muito exposta. Fiz um gesto para Katy me seguir. Deslizamos nossas barrigas para o lado.

A plataforma era de alumínio. O que facilitava as coisas. Não havia fricção, nem lascas de madeira.

Alcançamos a beira do barracão. Mas, quando dobramos o ângulo, comecei a ouvir um ruído que parecia um gemido. E então alguma coisa caiu. Fiquei gelado. Um suporte embaixo da plataforma havia cedido. Toda a estrutura balançou.

O motorista disse:

- Mas que diabo...

Nós nos encolhemos. Puxei-a para mim, de maneira que ela também ficasse na beirada do barracão. Não podia nos ver. Ele tinha ouvido o barulho. Olhou. Mas viu a porta fechada e a plataforma aparentemente vazia.

Ele gritou:

- Que diabo vocês dois estão fazendo aí dentro?

Prendemos a respiração. Ouvi as folhas sendo esmigalhadas. Estava me preparando para isso. Já tinha uma espécie de plano na cabeça. Fiquei firme. Ele gritou de novo:

- Que diabo vocês dois...

- Nada – gritei, comprimindo minha boca de encontro à estrutura do barracão, esperando que soasse abafada, como se eu estivesse falando lá de dentro. Eu tinha que arriscar. Se eu não respondesse ele iria verificar.

- Este barracão é uma merda – eu disse -, fica balançando com a gente dentro.

Silêncio.

Prendemos a respiração. Katy se apertou de encontro a mim. Podia sentir que estava tremendo. Bati-lhe nas costas. Tudo ia dar certo. Claro, nós estávamos bem. Espremi os olhos e tentei localizar de onde vinha o barulho das passadas. Mas não ouvi nada. Olhei para ela, incitando-a, com os olhos, a engatinhar para trás. Ela hesitou mas não por muito tempo. Meu novo plano era, por assim dizer, escorregar pelo suporte no canto do fundo. Ela iria primeiro. Se ele ouvisse, o que era mais que possível, bem, eu tinha mais ou menos um outro plano.

Apontei o caminho. Ela compreendeu, os olhos bem abertos agora, e se dirigiu para o suporte. Girou o corpo e se agarrou ao suporte, como fazem os bombeiros. A plataforma balançou de novo. Olhei, impotente, enquanto a plataforma balançava mais um pouco. Ouvimos de novo aquele som de gemido, agora mais alto.

Eu vi um parafuso se soltar-se.

- Mas que...

A esta altura o motorista não se deu ao trabalho de gritar. Podia ouvi-lo caminhando na nossa direção. Ainda se agarrando, Katy olhou para mim.

- Pule e corra! – gritei.

Ela se soltou e caiu no chão. Não era tão alto assim. Depois que aterrissou, tornou a me olhar e esperou.

- Corra! – gritei mais uma vez.

E agora, o homem:

- Não se mexa ou eu atiro.

- Corra, Katy!

Levei minhas pernas para o lado de fora e saltei. A minha queda foi, de certa forma, de mais alto. Caí pesado. Lembro-me de ter lido em algum lugar que devemos sempre cair com os joelhos dobrados e rolar no chão. Foi o que fiz. Bati numa árvore. Quando me levantei, vi o homem aproximando-se de nós. Devia estar a uns dez metros. Seu rosto estava distorcido de raiva.

- Se não parar, está morto.

Mas ele não tinha revólver na mão.

- Corra! – gritei de novo para Katy.

- Mas... – ela tentou dizer.

- Estou indo logo atrás de você. Vá!

Ela sabia que eu estava mentindo. Eu tinha aceitado isso como parte do plano. Meu trabalho agora era retardar o adversário – retardá-lo o suficiente para que Katy conseguisse escapar. Ela hesitou, não gostando da idéia do meu sacrifício.

Ele estava quase em cima de nós.

- Você pode pedir ajuda – estimulei. – Vá!

Ela finalmente obedeceu, saltando por cima das raízes e do capim alto. Eu já estava pondo a mão no bolso quando o homem me agarrou com um tranco. O golpe foi de abalar os ossos, mas mesmo assim eu ainda consegui prendê-lo com os braços. Caímos juntos no chão. Isso também foi uma coisa que eu tinha aprendido não sei onde. Quase toda briga sempre acaba no chão. No cinema, os que brigam dão socos e caem. Na vida real, as pessoas abaixam a cabeça, agarram o adversário e acabam por se engalfinhar. Rolei com ele, levando uns socos, concentrado no caco que tinha no bolso.

Dei-lhe um abraço de urso, apertando-o tanto quanto podia, se bem que soubesse que não o estava machucando nem um pouco.

Não importava. Isto o atrasaria. Cada segundo contava. Katy precisava ganhar distância. Agarrei firme. Ele se debatia. Eu não soltava.

Foi quando ele me deu uma cabeçada.

Ele recuou e atingiu o meu rosto com a testa. Eu nunca tinha levado uma cabeçada antes, mas dói demais. Parece que uma bola de aço tinha estilhaçado minha cara. Meus olhos se encheram d'água. Meu apertão afrouxou. Caí para trás. Ele se preparou para me dar outro golpe, mas algo instintivo me fez virar para o lado, enrodilhar-me numa bola. Ele ficou de pé. Fez mira para me dar um pontapé nas costelas.

Mas agora era a minha vez.

Preparei-me. Deixei o chute avançar e rapidamente agarrei seu pé junto do meu estômago com uma mão. Com a outra, segurei a garrafa quebrada. Enterrei-a na curva cheia da sua panturrilha. Ele gritou quando o vidro fez um talho fundo na sua carne. O som fez eco. Pássaros espalharam-se. Puxei a garrafa, golpeei de novo, desta vez na coxa. Senti o sangue espirrar grosso.

O homem caiu e começou a estrebuchar, como peixe no anzol.

Eu estava pronto para atacar novamente quando ele disse:

- Por favor. Vá embora.

Olhei-o. Sua perna estava pendurada, inútil. Ele não seria ameaça para nós. Pelo menos, não agora. Eu não era nenhum assassino. Ainda não. E estava perdendo tempo. Fantasma poderia estar voltando logo. Precisávamos fugir antes disto.

Então me virei e corri.

Depois de alguns metros, olhei para trás. O homem não estava me perseguindo. Estava lutando para se arrastar. Comecei a correr quando ouvi a voz de Katy me chamando:

- Will, aqui!

Voltei-me e a vi.

- Por aqui – disse ela.

Corremos o resto do caminho. Galhos chicoteavam nossos rostos. Tropeçávamos em raízes, mas não caímos nunca. Katy prometera a coisa certa. Uns quinze minutos depois saímos do bosque e alcançamos a estrada Hobart Gap.

Quando Will e Katy emergiram do bosque, Fantasma estava lá.

Ele os viu a distância. Então sorriu e pegou o carro. Guiou de volta e começou a limpeza. Havia sangue. O que ele não esperava. Will Klein continuava a surpreendê-lo e, sim, a impressioná-lo.

O que era uma boa coisa.

Quando terminou, Fantasma tomou a South Livingston Avenue. Não havia o menor sinal de Will ou de Katy. Tudo bem. Parou numa caixa de correios na North Field Avenue. Hesitou antes

de enfiar um pacote pela fresta.

Então ele tomou a Northfield Avenue na direção da Rota 280, e depois a Garden State Parkway na direção norte. Não faltava muito agora. Pensou em como tudo isso havia começado, e como deveria terminar. Pensou em McGuane, Will, Katy, Julie e Ken.

Mas, acima de tudo, penou na sua promessa e por que tinha voltado para começo de conversa.

57

MUITA COISA ACONTECEU NOS CINCOS DIAS SEGUINTE.

Depois da nossa fuga, Katy e eu, naturalmente, entramos em contato com as autoridades. Juntos, voltamos ao local onde havíamos ficado presos. Não havia ninguém lá. O barracão estava vazio. A busca encontrou traços de sangue perto de onde eu havia ferido o cara na perna. Mas não havia digitais nem fios de cabelos. Nenhuma pista. De qualquer modo eu não esperava que houvesse. E não estava certo de que seria importante.

Estava quase terminado.

Philip McGuane foi preso pelo assassinato de um agente secreto federal chamado Raymond Cromwell e de um advogado proeminente chamado Joshua Ford. Desta vez, contudo, foi detido sem direito a fiança. Quando encontrei Pistillo, ele tinha aquele brilho prazeroso no olhar, do homem que finalmente havia galgado Everest, desenterrando o seu cálice todo especial, conquistado o seu pior demônio pessoal, seja lá como quisermos expressar isso.

- Está tudo desmoronando - disse Pistillo, com um prazer um tanto exagerado. - Pegamos McGuane numa acusação de assassinato. Todo o esquema dele está caindo aos pedaços. Perguntei como o haviam apanhado, finalmente. Dessa vez Pistillo compartilhou a informação com visível satisfação.

- McGuane tinha feito aquela fita de segurança falsificada mostrando nosso agente saindo do escritório.

Isto devia ser o seu álibi, e me deixe dizer uma coisa, a gravação era perfeita. Não é difícil de fazer com tecnologia digital - pelo menos foi isso que o cara do laboratório me disse.

- E o que aconteceu?

Pistillo sorriu.

- Recebemos outra fita pelo correio. Com o carimbo de Livingston, Nova Jersey, se dá para acreditar. A fita verdadeira. Mostra dois caras arrastando os corpos para o elevador particular. Eles já foram apanhados e agora são provas de acusação do Estado. Tinha um bilhete também, contando onde podíamos encontrar os corpos. E, além disso, o pacote ainda continha as fitas e as provas que seu irmão tinha juntado aqueles anos todos.

Tentei entender este pedaço, mas não me ocorreu nada.

- Você sabe quem mandou?

- Não. - disse Pistillo, e parece que não se importava muito com isso.

- Então, o que aconteceu com John Asselta? - perguntei.

- Espalhamos informações sobre ele para todos os policiais, pelo rádio, e estamos à procura.

- Vocês sempre espalharam informações sobre ele.

Ele deu de ombros.

- Que mais podemos fazer?

- Ele matou Julie Miller.

- A mando de outra pessoa. O Fantasma era apenas uma musculatura contratada.

O que não valia de nada como justificativa.

- Você não acha que vai conseguir botar as mãos em cima dele, acha?

- Olha aqui, Will, eu bem que gostaria de apanhar o Fantasma, mas vou ser honesto com você. Não vai ser nada fácil. Asselta já está fora do país. Temos informações de que está no exterior. Ele vai arranjar emprego com algum déspota que vai protegê-lo. Mas, no fim, é importante lembrar, Fantasma é só uma arma. Eu quero os caras que puxam o gatilho.

Não concordei, mas tampouco argumentei. Perguntei o que tudo isto representava para Ken.

Ele levou um tempo antes de responder.

- Você e Katy Miller não disseram tudo pra nós, disseram?

Eu me mexi na cadeira. Tínhamos contado sobre o rapto, mas decidimos não dizer nada sobre termos entrado em contato com Ken. Guardamos isso para nós mesmos. Eu disse:

- Dissemos tudo, sim.

Pistillo sustentou o meu olhar e deu de ombros novamente.

- Na verdade, não sei se ainda precisamos do Ken. Mas ele está seguro agora, Will. – Ele se inclinou. – Sei que você não tem tido contato com ele. – Eu pude ver no seu rosto que desta vez ele não estava acreditando. – Mas se você, de alguma maneira, conseguir localizar seu irmão, diga pra ele sair do frio. Nunca foi tão seguro como agora. E, sim, nós bem que podíamos usá-lo para conferir as antigas provas.

Como eu disse, foram cinco dias cheios de atividades.

Além do meu encontro com Pistillo, passei um tempo com Nora. Falamos sobre o passado dela, mas não muito. As sombras que restavam escureciam seu rosto. O medo que tinha do ex-marido continuava enorme. O que me dava raiva, claro. Teríamos que lidar com este Mr. Cray Spring, de Cramden, Missouri. Eu não avaliava como. Ainda não. Mas não ia deixar Nora viver apavorada o resto da vida. De jeito nenhum.

Nora falou-me sobre meu irmão, como tinha guardado dinheiro na Suíça, como passava os dias caminhando no campo, como parecia estar à procura de paz e como a paz, de certa forma, escapava dele. Nora também falou de Sheila Rogers, o pássaro ferido a respeito de quem eu ficara sabendo tanta coisa, que encontrou esperança tanto na fuga internacional como em sua filha. Mas, mais do que tudo, Nora falou-me da minha sobrinha, Carly, e quando o fazia seu rosto se iluminava. Carly gostava de correr pelas colinas abaixo de olhos fechados. Era uma leitora voraz e adorava dar saltos mortais. Tinha uma risada das mais contagiosas. De início, Carly mantivera-se calada e acanhada com Nora - seus pais -, mas Nora tinha ultrapassado esta barreira pacientemente. Abandonar a criança (abandonar foi a palavra que ela usou, se bem que eu achasse dura demais), afastar a única amiga que Carly tivera direito de ter – tinha sido a parte mais difícil para Nora.

Katy Miller manteve distância. Tinha ido embora – não me disse para onde e eu não insisti -, mas telefonava quase todos os dias.

Ela sabia a verdade agora, mas acho que, no fim, não adiantava muito. Com o Fantasma à solta, as coisas ainda não tinham terminado. Ficávamos olhando para trás, por cima dos nossos ombros, mais do que deveríamos.

Estávamos todos vivendo com medo, suponho.

Quanto a mim, o fim estava cada vez mais próximo. Só precisava ver seu irmão, talvez agora mais do que nunca. Pensei em seus longos passeios pelo campo. O Ken não era assim. Ken nunca seria feliz daquele jeito. Ken era de ser visto e não do tipo que ficasse escondido entre sombras.

Eu queria ver seu irmão de novo por todas aqueles bons motivos. Queria ir a um jogo de beisebol com ele. Queria jogar, sozinhos os dois, frente a frente. Queria ficar acordado até tarde e assistir a velhos filmes com ele. Mas é claro que agora havia novos motivos também.

Mencionei que Katy e eu mantivemos em segredo nosso contato com o Ken. Isso foi para que o Ken e eu pudéssemos manter abertas nossas linhas de comunicações. O que conseguimos para depois foi uma troca de endereços na Internet. Disse ao Ken para não deixar a morte amedrontá-lo, esperando que ele entendesse a deixa. Ele entendeu. De novo, tinha de ver com a nossa infância. Não receie a morte era a canção predileta do Ken. A Don't fear the reaper ou Não receie o ceifador, dos Blue Oyster Cult. Encontramos um site de informações a respeito daquela antiga banda heavy metal. Não havia muitos lugares, mas conseguimos marca hora para as nossas IM.

Ken continuava cuidadoso, mas também queria que isso acabasse. Eu ainda tinha papai e Melissa, e tinha passado aqueles últimos onze anos com nossa mãe. Sentia uma falta enorme do Ken, mas acho que ele sentia muito mais a nossa.

De qualquer maneira, houve alguns preparativos, mas finalmente Ken e eu marcamos um encontro.

Quando eu tinha doze anos e Ken catorze, fomos ao Camp Millstone, um acampamento de verão em Marshfield, Massachusetts. O campo era anunciado como sendo em "Cape Cod!" o que, se fosse verdade, faria o cabo ocupar quase toda metade do

estado. As cabanas tinham nomes de universidades. Ken ficou na Yale. Eu fiquei na Duke. Adoramos o verão que passamos lá. Jogamos basquete e softball e participamos de competições. Comíamos uma comida de terceira e tomávamos aquele tentador refresco que tinha o apelido de "suco de percevejo". Nossos supervisores eram tão divertidos quanto sádicos. Sabendo que sei agora, nunca, em um milhão de não, deixaria um filho meu ir para um desses acampamentos e dormi fora de casa. Mas adorei.

Isto faz sentido?

Levei Squares para visitar Camp Millstone há quatro anos. A hipoteca do acampamento estava para ser executada, e Squares comprou a propriedade e transformou-a em um sofisticado retiro de yoga. Construiu uma casa de fazenda para ele no lugar onde, antigamente, ficava o campo de futebol. Só havia um caminho para entrar e sair, e a casa ficava bem no centro do campo, de maneira que se podia ver qualquer um que estivesse chegando.

Concordamos que seria o lugar perfeito para o nosso encontro.

Melissa veio de Seattle, de avião. Como éramos extremamente paranóicos, nós a fizemos descer na Filadélfia. Ela, meu pai e eu nos encontramos na parada de ônibus de Vince Lombardi, na estrada de Nova Jersey. Nós três seguimos de carro. Ninguém mais sabia daquele encontro, a não ser Nora, Katy e Squares. Estes três viajavam separadamente. Eles nos encontrariam no dia seguinte, porque também tinham interesse em ver tudo terminado.

Mas aquela noite, a primeira noite, seria só para a família.

Eu me ocupei da direção. Meu pai sentou-se ao meu lado. Melissa, no banco traseiro. Nenhum de nós falou muito. Atenção pesava sobre nossos peitos – sobre o meu, acho, mais do que no dos outros. Eu tinha aprendido a não pressupor nada. Até ver Ken com meus próprios olhos, até que eu tivesse abraçado apertado e o ouvido falar, eu não me permitiria acreditar que tudo estava, finalmente, em ordem.

Pensei em Sheila e em Nora. Pensei no Fantasma e em Philip McGuane, o líder da classe no secundário e no que eles se transformara. Eu deveria ter me surpreendido, mas não tenho certeza disso. Ficamos sempre "chocados" quando ouvimos falar de violência nos subúrbios, como se um gramado bem irrigado, uma casa de dois andares, mães apaixonadas pelo time dos Juniores e de futebol, lições de piano, quadras de tênis e reuniões de pais e mestres, tudo isso entrelaçado fosse uma espécie de amuleto contra o mal. Se Fantasma ou McGuane tivessem crescido a uns quinze quilômetros de Livingston – de novo, esta era a distância do centro de Newark –, ninguém ficaria "espantado" ou "consternado" diante do que eles haviam se tornado.

Coloquei um CD do show do Springsteen, no verão de 2000, no Madison Squares Garden. Ajudou a passar o tempo, mas não muito. Havia obras na Rota 95 – alguma vez não há? –, e a viagem levou cinco horas lentíssimas. Paramos na casa de fazenda vermelha, completa até com um silo decorativo. Não havia nenhum outro carro. Era de esperar. Supunha-se que fôssemos os primeiros a chegar. Ken viria depois.

Melissa foi a primeira a sair do carro. O barulho da sua porta ecoou no campo aberto. Quando saí, ainda pude visualizar o antigo campo de futebol. A garagem ficava bem no lugar onde era o gol. O caminho dos carros passava exatamente onde antigamente era a arquibancada. Olhei para meu pai. Ele olhou para o outro lado.

Por um momento ficamos os três parados ali. Quebrei o encantamento caminhando na direção da casa. Papai e Melissa me seguiram, um pouco atrás. Estávamos todos pensando em mãe. Ela deveria estar ali. Deveria ter tido a oportunidade de ver seu filho uma vez mais. Isto, nós sabíamos, traria de volta o sorriso da Sunny. Nora dera conforto a minha mãe ao entregar-lhe a fotografia. Não sei dizer quanto isto sempre significará para mim.

Ken, eu sabia, viria sozinho. Carly estava em algum lugar seguro. Eu não sabia onde. Raramente a mencionávamos em nossas comunicações. Ken poderia se arriscar a vir a este encontro. Não arriscaria a filha. Eu, é claro, entendia.

Andamos pela casa. Ninguém

queria beber nada. Havia uma roca num canto. O relógio de pêndulo soava enlouquecedoramente alto na sala silenciosa. Finalmente, papai se sentou. Melissa veio a mim. Olhou-me com aqueles olhos de irmã mais velha e cochichou:

- Por que não parece que o pesadelo está para acabar?

Eu nem queria levar isto em consideração.

Cinco minutos depois, ouvimos um carro se aproximando.

Todos corremos para a janela. Puxei a cortina e olhei para fora. Era crepúsculo a esta altura. Eu podia ver direito. O carro um Honda Accord cinzento, nada de chamar atenção. Meu coração acelerou um pouco. Queria sair correndo lá para fora. Mas fiquei onde estava.

O Honda parou. Por vários segundos – segundos contados pela droga daquele relógio de pêndulo – não aconteceu nada. Então a porta do motorista se abriu. Minha mão agarrou a cortina com tanta força que quase a rasguei. Vi um pé tocar o chão. Depois, alguém deslizou para fora do carro e ficou de pé.

Era Ken.

Ele sorriu para mim, aquele sorriso do Ken, confiante, de vamos dar um bom pontapé na vida. Era tudo que eu precisava. Deixei escapar um grito de alegria e me atirei sobre a porta. Escancarei-a, mas Ken já estava correndo na minha direção. Ele irrompeu pela casa e me agarrou. Os anos se diluíram. De uma hora para outra, estávamos no chão, rolando em cima do tapete. Eu ria como se tivesse sete anos. Ouvi que ele também estava sorrindo.

O resto foi uma névoa maravilhosa. Papai se atirou sobre nós. Depois Melissa. Vejo tudo agora como instantâneos imprecisos. Ken abraçando papai. Papai agarrando Ken pelo pescoço e beijando o alto da sua cabeça, demorando no beijo, os olhos muito apertados, lágrimas escorrendo pelo rosto. Ken girando a Melissa no ar. Melissa chorando, Tateando o irmão como para se certificar de que ele estava mesmo li.

Onze anos.

Não sei por quanto tempo agimos daquela maneira, por quanto tempo fomos aquela confusão maravilhosa e delirante. Lá pelas tantas, nos acalmamos o suficiente para nos sentarmos no sofá.

Ken me manteve junto dele. Várias vezes me aplicou uma chave de cabeça e me deu uns cascudos. Nunca pensei que levar estes golpes no alto da cabeça pudesse ser tão agradável.

- Você enfrentou o Fantasma e sobreviveu – disse Ken, a minha cabeça embaixo da sua axila.
- Acho que agora não precisa mais de mim para te proteger.
- Soltando-se eu disse, implorando com desespero.
- Preciso, sim.

Escureceu. Todos fomos para fora. O ar da noite era um prazer nos meus pulmões. Ken e eu andamos na frente. Papai e Melissa ficaram alguns metros para trás, talvez percebendo que era isto o que nós queríamos. Ken passou o braço sobre os meus ombros. Lembro-me de que um dia, naquelas férias de verão no acampamento, perdi um lance importante e a minha cabana perdeu o jogo por conta disso. Meus amigos começaram a implicar comigo. Não tinha importância. Era só um acampamento. Acontece com todo mundo. Ken me levou para dar uma volta naquele dia. O braço passando pelas minhas costas também.

Sento novamente a mesma segurança.

Ele começou a me contar história. Combinava bastante com a que eu sabia. Tinha feito umas coisas erradas. Tinha feito um acordo com os federais. McGuane e Asselta descobriram.

Ele driblou a pergunta de por que tinha voltado para casa naquela noite e, mais precisamente, por que tinha ido à casa da Julie. Mas eu queria que tudo fosse dito às claras. Já tinha havido muitas mentiras antes. Então, perguntei categoricamente.

- Por que você e Julie voltaram pra casa?

Ken pegou um pacote de cigarros.

- Está fumando agora? – perguntei
- Estou, mas vou deixar. – Ele me olhou e disse: - Julie e eu achamos que seria um bom lugar para nos encontrarmos.

Lembrei-me do que Katy havia dito. Como o Ken, a Julie não tinha estado em casa há mais de um ano. Esperei que ele continuasse. Ele encarou o cigarro, ainda sem acender.

- Desculpe – disse ele.

- Tudo bem.

- Eu sabia que você ainda se curtia, Will. Mas eu andava usando drogas naquela época. Era uma merda total. Talvez nada disso tenha a menor importância. Vai ver que eu só estava sendo egoísta, não sei.

- Não tem importância – eu disse. E era verdade. Não tinha. – Mas eu ainda não entendo.

Como a Julie se meteu nisso?

- Ela estava ajudando.

- Ajudando como?

Ken acendeu o cigarro. Agora, podia ver as rugas em seu rosto. Seus traços pareciam talhados, mas amaciados pelo tempo, o que o deixava ainda mais bonito. Seus olhos eram puro gelo.

- Ela e Sheila tinham um apartamento perto de Haverton. Eram amigas. – Ele parou, balançou a cabeça. – Olha, a Julie ficou viciada no troço. A culpa foi minha. Quando Sheila foi para Haverton, apresentei as duas. Julie caiu na vida. Começou a trabalhar para o McGuane também.

Eu deveria ter adivinhado que seria qualquer coisa do gênero.

- Ela estava vendendo drogas?

Ele concordou.

- Mas quando fui apanhado, quando concordei em colaborar, eu precisava de um amigo, um cúmplice para me ajudar a ferrar o McGuane. Estávamos apavorados no começo, mas depois percebemos que havia uma saída. Um caminho para achar a redenção, está entendendo?

- Acho que sim.

- Eles estavam de olho em mim. Mas não na Julie. Não havia motivo para suspeitarem dela. Ela me ajudou a ocultar documentos incriminadores. Quando eu fazia as fitas, entregava-as para ela. Foi por isso que nos encontramos naquela noite. Finalmente, tínhamos informações suficientes. Íamos entregar tudo para os federais e acabar toda aquela droga.

- Não entendo – declarei. – Por que ficaram guardando tudo? Por que não entregavam aos federais à medida que iam conseguindo?

Ken sorriu.

- Você conhece o Pistillo?

Fiz que sim com a cabeça.

- Você tem que entender, Will. Não estou dizendo que todo policial é corrupto, nem nada disso. Mas alguns são. Quer dizer, um deles contou para o McGuane que eu estava no Novo México.

Mais que isso, alguns deles, como Pistillo, são ambiciosos pra valer. Eu precisava fazer um acordo. Só que podia ficar exposto. Tinha que entregar o material, mas nos meus próprios termos.

O que, pensei, fazia sentido.

- Mas o Fantasma descobriu onde você estava.

- É.

- Como?

Chegamos à cerca. Ken apoiou um pé na trave. Olhei para trás. Melissa e papai estavam mantendo distância.

- Não sei, Will. A Julie e eu estávamos com muito medo. Vai ver que fazia parte. De qualquer forma, estávamos chegando ao fim, da jogada. Pensei que estávamos livres. Estávamos no porão, no sofá, começamos a nos beijar... - ele olhou para o outro lado.

- E?

- De repente, tinha uma corda no meu pescoço. – Ken deu uma tragada funda. – Eu estava em cima dela, e o Fantasma tinha entrado sem fazer o menor barulho. Quando me dei conta, já não tinha mais ar para respirar. Estava sendo estrangulado. John puxava com força. Pensei que o meu pescoço seria cortado. Eu nem tenho muita certeza do que aconteceu depois. A Julie bateu nele, eu acho. Foi assim que eu me soltei. Ele deu um soco na cara dela. Eu saí de perto e comecei a recuar. O Fantasma pegou um revólver e deu um tiro. O primeiro me pegou no ombro. – Ele fechou os olhos. – Então eu corri. Deus me ajude, eu saí correndo.

Nós dois mergulhamos na noite. Podia ouvir grilos, mas o ruído era suave. Ken mexeu no cigarro mais um pouco. Sabia no que ele estava pensando. Fugiu. E aí ela morreu.

- Ele tinha um revólver – eu disse. – Não foi culpa sua.

- É, claro que não. – Mas Ken não me pareceu convencido. – Você pode adivinhar o que aconteceu depois. Corri de volta para Sheila. Pegamos a Carly. Eu tinha dinheiro guardado, da época em que trabalhava para o McGuane. Demos no pé, achando que McGuane e Asselta estavam por perto nos perseguindo. Só uns dias depois, quando os jornais começaram a me apontar como suspeito da morte de Julie, que percebi que não estava só fugindo do McGuane, mas do mundo inteiro.

Fiz a pergunta que estava me incomodando desde o início:

- Por que nunca me falou a respeito da Carly?

A cabeça dele deu um tranco, como se tivesse recebido um direito no queixo.

- Ken?

Ele não me encarava.

- Por enquanto, podemos deixar isso de lado, Will?
- Gostaria de saber.
- Não é nenhum grande segredo. - Sua voz ficou estranha. Eu podia ouvir a confiança começando a voltar, mas era um tanto diferente agora, um pouco incerta, talvez. - Eu estava numa posição perigosa. Os federais tinham me pegado não muito tempo antes de ela nascer. Eu tinha medo por ela. Então, não contei a ninguém que ela existia. Ninguém. Eu a visitava muito, mas nem morava com elas. Carly ficava com a mãe e Julie. Eu não queria que a vinculassem a mim de jeito nenhum. Você entende?
- Sim, claro que entendo. - Esperei que me dissesse mais alguma coisa. Ele sorriu.
- Que foi?
- Só estava me lembrando do acampamento - anunciou ele. Também sorri.
- Eu gostava daqui - declarou.
- Eu também - concordei. - Ken?
- O quê?
- Como conseguiu ficar escondido tanto tempo?
- Ele riu baixinho. Então disse:
- A Carly.
- Carly ajudou você a se esconder?
- O fato de eu não ter dito nada a respeito dela. Acho que salvou a minha vida.
- De que jeito?
- Todo mundo estava procurando por um fugitivo. Estavam procurando um homem sozinho. Ou talvez um homem que estivesse ligado a uma garota. O que ninguém estava procurando – e o que podia fazê-lo viajar de um lugar para outro e continuar invisível à justiça – era uma família de três pessoas.
- De novo fazia sentido.
- Os federais tiveram sorte de me pegar. Eu me descuidei. Ou então, nem sei, às vezes acho que queria ser apanhado. Viver como a gente vivia, sempre com medo, sem criar nunca raízes sólidas, em lugar nenhum... a gente cansa, Will. Sentia tanta falta de vocês todos. Você principalmente. Talvez eu não tenha me resguardado direito. Ou, quem sabe, eu queria que tudo terminasse.
- Então eles extraditaram você?
- Exatamente.
- E você fez outro acordo.
- Eu tinha certeza de que eles me acusariam do assassinato da Julie. Mas quando encontrei Pistillo, bem, ele nunca tinha contado aos federais nada a respeito da Carly e da Sheila, ainda protegendo-as. – Eu não queria que elas voltassem tão cedo – continuou, a voz mais suave agora. – Mas Sheila não me dava ouvidos.
- Ken contou-me que ele e Carly não estavam em casa quando os dois homens entraram; que ele voltou e os descobriu torturando a mulher que ele amava, matou os dois e, de novo, fugiu. Contou-me que tornou a parar no mesmo telefone público e a ligar para Nora no meu apartamento – e este seria o segundo telefonema do qual o FBI sabia. – Eu sabia que iriam atrás dela. Suas digitais estavam por toda a casa. Se os federais não a encontrassem, McGuane o faria. Então eu disse a ela para se esconder. Até tudo terminar.
- Levou uns dias até Ken descobrir um médico discreto em Las Vegas. O médico fez o que podia, mas era tarde demais. Sheila Rogers, sua companheira de onze anos, morreu no dia seguinte. Carly estava dormindo no banco traseiro do carro quando sua mãe exalou o último suspiro. Sem saber mais o que fazer, esperando que isso aliviasse a pressão sobre Nora, ele deixou o corpo de Sheila à beira da estrada e seguiu em frente.
- Melissa e papai aproximaram-se. Deixamos que houvesse um pouco de silêncio.
- E depois?
- Deixei Carly com uma amiga da Sheila. Uma prima, para ser exato. Sabia que ela estaria a salvo lá. Então comecei minha viagem para o Leste.
- E quando disse isso, quando essas palavras a respeito de começar a fazer sua viagem para o Leste saíram da sua boca... foi aí que as coisas começaram a dar errado.
- Você já passou por um momento assim? Você está ouvindo, está concordando com a cabeça, está prestando atenção. Tudo parece estar fazendo sentido e seguindo um curso lógico, e então você nota alguma coisa, alguma coisa pequena, alguma coisa aparentemente irrelevante, uma

coisa que valesse a pena deixar passar – e você se dá conta, com receio cada vez maior, de que tudo está terrivelmente errado.

- Enterramos a mamãe na terça-feira – comentei.
- Como?
- Enterramos a mamãe na terça-feira – repeti.
- Certo – disse Ken.
- Você estava em Las Vegas nesse dias, não estava?

Ele pensou.

- Estava.

Fiquei pensando.

- Que foi? – perguntou Ken.
- Tem uma coisa que eu não entendo.
- O quê?

- Na tarde do enterro – eu parei, esperei que ele me encarasse, encontrei seus olhos – você estava no cemitério com a Katy Miller.

Alguma coisa brilhou nos olhos dele.

Do que você está falando?

- Katy o viu no cemitério. Você estava de pé, junto ao túmulo de Julie. Você disse a Katy que era inocente. Disse que tinha voltado para encontrar o verdadeiro assassino. Como fez isso se estava do outro lado do país?

Meu irmão não respondeu na hora. Ficamos os dois parados. Senti que alguma coisa dentro de mim estava encolhendo antes de ouvir a voz que fez o meu mundo tremer de novo.

- Menti a esse respeito.

Todos nós nos voltamos quando Katy Miller saiu detrás de uma árvore. Olhei para ela e não disse nada. Ela se aproximou.

Katy tinha um revólver na mão.

Estava apontado para o peito de Ken. Fiquei boquiaberto. Ouvi Melissa perder o fôlego. Ouvi meu pai gritar “Não!” mas tudo aquilo parecia estar a um ano-luz de distância. Katy olhou diretamente para mim, examinado-me, tentando me dizer alguma coisa que eu jamais poderia compreender.

Sacudi a cabeça.

- Eu só tinha seis anos naquela época – disse Katy. – Era fácil me deixar de lado como testemunha. Afinal de contas, o que eu sabia? Era só uma menininha, certo? Vi seu irmão naquela noite. Mas também vi John Asselta. Talvez eu tenha confundido os dois, a polícia ia dizer. Como uma criança de seis anos ia saber a diferença entre gemidos de paixão e de agonia, como? Para uma criança de seis anos tudo é a mesma coisa, não é? Era fácil para o Pistillo e seus agentes não levarem em conta o que eu dizia. Eles queriam McGuane. Para eles, minha Irma não passava de outra viciada suburbana.

- Do que você está falando? – perguntei.

Seus olhos voltaram-se para Ken.

- Eu estava lá naquela noite, Will. Escondida atrás do velho malão do exército do papai. Eu vi tudo. – Ela me olhou outra vez e eu não tenho certeza de ter visto olhos tão claros antes.

- John Asselta não matou minha Irma – disse ela. – Ken a matou.

Minhas vigas de sustentação começaram a ruir. Fiquei sacudindo a cabeça. Olhei Melissa. O rosto dela estava branco. Tentei ver meu pai, mas ela estava com a cabeça abaixada.

Ken disse:

- Você viu a gente fazendo amor.

- Não. – A voz de Katy era surpreendentemente firme. – Você a matou, Ken. Escolheu estrangular porque queria botar a culpa no Fantasma, do mesmo jeito que estrangulou Laura Emerson, pois ela havia ameaçado denunciar a venda de drogas em Haverton.

Dei um passo à frente. Katy virou-se para mim. Parei.

- Quando McGuane não conseguiu matar Ken no Novo México, recebi um telefonema do Asselta. – Katy falava como se tivesse ensaiado as frases por muito tempo, o que suspeito que tenha feito. – Ele me disse que tinham apanhado seu irmão na Suécia. De início, não acreditei nele. Perguntei: se o pegaram, como não ficamos sabendo? Respondeu-me que o FBI queria deixá-lo livre porque assim ainda poderiam apanhar McGuane. Fiquei em estado de choque. Depois daquele tempo todo, eles deixariam o assassino da Julie se safar numa boa? Eu não podia deixar isso acontecer. Não depois de tudo que a minha família passou. Asselta sabia disso, acho. Foi por isso que entrou em contato comigo.

Eu ainda sacudia a cabeça, enquanto ela continuava.

- Meu trabalho era ficar por perto, pois achávamos que se o Ken entrasse em contato com alguém, esse alguém seria você. Inventei aquela história de tê-lo visto no cemitério só para você confiar em mim.

Encontrei voz para falar:

- Mas você foi atacada. No meu apartamento.

- É verdade – disse ela.

- Você chegou a dizer o nome do Asselta.

- Pense numa coisa, Will. – sua voz era tão serena, tão confiante.

- Pensar no quê? – perguntei.

- Por que você foi algemado na cama daquele jeito?

- Porque ele ia me acusar, do mesmo jeito que tinha acusado...

Mas agora ela é que sacudia a cabeça. Katy movimentou o revólver na direção de Ken.

- Ele te algemou porque não queria que você se machucasse. Abri a boca, mas não saiu nenhum som.

- Ele precisava me pegar sozinha. Ele precisava saber o que eu tinha dito a você, saber do que eu me lembrava, antes de me matar. E é verdade, eu disse o nome do John. Não porque pensei que fosse ele atrás da máscara. Chamei o nome dele porque queria ajuda. E você salvou a minha vida, Will. Ele teria me matado.

Meus olhos deslizaram lentamente para meu irmão.

- Ela está mentindo – disse Ken. – por que eu mataria a Julie? Ela estava me ajudando.

- Isso é quase verdade – expôs Katy. – E você está certo: Julie realmente viu a prisão do Ken como uma oportunidade de redenção, exatamente como ele disse. E é verdade, sim, que a Julie tinha concordado em ajudá-lo a derrubar o McGuane. Mas seu irmão deu um passo adiante.

- Como? – perguntei.

- Ken sabia que também precisava se livrar do Fantasma. Não podia deixar nada incompleto. E o jeito de conseguir isso seria incriminando Asselta pela morte de Laura Emerson. Ken achou que Julie não teria problemas em concordar com sua idéia. Mas ele se enganou. Você se lembra de como a Julie e o John eram chegados?

Consegui concordar com a cabeça.

- Havia um elo entre eles. Não tenho a menor pretensão de saber por quê. E acho que nenhum dos dois poderia explicar. Mas Julie gostava dele. Acho que foi a única pessoa realmente gostou. Ela ajudaria a acabar com McGuane. Ela o faria com prazer. Mas nunca faria nada de mal para John Asselta.

Eu não podia falar.

- Isso é besteira! – argumentou Ken. – Will?

Não olhei para ele.

Katy continuou.

- Quando Julie descobriu o que Ken ia fazer, telefonou ao Fantasma para avisar. Ken foi à nossa casa para apanhar as fitas e os arquivos. Ela tentou enganá-lo. Fizeram sexo. Ken pediu pelas provas, mas ela se recusou a entregar. Ele ficou fora de si. Exigiu saber onde ela as havia escondido. Ela não disse. Quando percebeu o que ela estava aprontando, ele se descontrolou e a estrangulou. Fantasma chegou alguns segundos tarde demais. Atirou em Ken quando ele saiu correndo. Acho que teria ido atrás dele, mas quando viu Julie morta no chão, ficou perdido. Caiu ao lado dela. Ninou a cabeça dela e deu o grito mais angustiado, mais inumano que eu já ouvi. Era como se alguma coisa dentro dele tivesse quebrado e nunca mais pudesse ser consertado.

Katy se colocou no espaço entre nós dois. Fixou-se no meu olhar e não desviou.

- Ken não fugiu porque estava com medo do McGuane ou de ser acusado ou seja lá o que for – continuou ela. – Fugiu porque tinha matado Julie.

Eu estava desmoronando por um buraco adentro, estendendo os braços, tentando me agarrar em alguma coisa.

- Mas o Fantasma. Ele nos raptou e...

- Planejamos tudo. Ele nos deixou fugir. O que nenhum de nós se deu conta é de como ele estaria tão disposto e pronto a ajudar. O motorista só precisava fingir que estava tudo certo. Não fazíamos idéia de que você iria ferir o cara daquele jeito.

- Mas por quê?

- Porque John sabia a verdade.

- Que verdade?

De novo ela fez um gesto na direção de Ken.

- Que seu irmão nunca iria aparecer só para salvar a sua vida. Ele nunca se arriscaria a correr tanto perigo. Que alguma coisa como aquela – ela levantou a mão livre – era o único jeito de ele concordar em te encontrar.

Sacudi a cabeça de novo.

- Tínhamos um homem esperando naquela noite no barracão. Só para ter certeza. Ninguém apareceu.

Recuei. Olhei Melissa. Olhei meu pai. Sabia que tudo era verdade. Todas as palavras que ela dissera. Tudo era verdade.

Ken tinha matado Julie.

- Nunca tive intenção de te magoar, Will – disse Katy. – Mas a minha família quer pôr um fim em tudo isso. O FBI o havia soltado. Eu não tinha escolha. Não podia deixá-lo sair dessa depois do que ele fez com a minha irmã.

Meu pai falou pela primeira vez.

- Então, o que vai fazer agora, Katy? Vai dar um tiro nele?

Katy disse:

- Vou.

E então a confusão foi geral.

Meu pai fez o sacrifício. Deu um grito e avançou para Katy. Ela atirou. Meu pai cambaleou e continuou na direção dela. Tirou a arma da mão dela com um tranco. Ele também caiu, segurando a perna.

Mas a distração tinha sido suficiente.

Quando ergui os olhos, Ken tinha sacado seu próprio revólver. Seus olhos – aqueles que eu havia descrito como do mais puro gelo – estavam focados em Katy. Ele ia atirar nela. Não havia hesitação. Só precisava mirar e puxar o gatilho.

Saltei em cima dele. Minha mão bateu no braço dele bem na hora em que puxava o gatilho. O revólver disparou, mas o tiro se perdeu. Agarrei meu irmão. Rolamos pelo chão de novo, mas não como antes. Não desta vez. Ele me deu um golpe de cotovelo no estômago. Fez o ar sair do meu corpo. Ficou de pé. Apontou o revólver para Katy.

- Não – gritei.

- Eu preciso – disse Ken.

Agarrei-o. Lutamos. Disse para Katy fugir. Ken rapidamente se aproveitou. Saltou por cima de mim. Nossos olhos se encontraram.

- Ela é a última ameaça – anunciou.

- Não vou deixar você matá-la.

Ken apontou o cano do revólver de encontro à minha testa. Nossos rostos estavam a menos de três centímetros um do outro. Ouvi Melissa gritar. Disse para ela se afastar. Com o canto do olho eu a vi pegar o celular e começar a ligar.

- Vá em frente – eu disse. – Puxe o gatilho.

- Pensa que eu não puxo?

- Você é meu irmão.

- E daí? – E de novo eu pensei no mal, a respeito das formas que ele assume, como nunca estamos realmente a salvo dele. – Você não ouviu nada do que Katy disse? Não entende do que sou capaz, quantas pessoas já feri e trai?

- Não a mim – eu disse baixinho.

Ele riu o rosto ainda pertinho do meu, o revólver ainda enterrado na minha testa.

- O que você disse?

- Não a mim – repeti.

Ken jogou a cabeça para trás. Sua risada cresceu, ecoando na quietude. O som me regelou como nenhum outro.

- Não a você? – disse ele. E aproximou seus lábios de mim. – Você – murmurou no meu ouvido -, foi você que magoei e trai mais do que qualquer pessoa.

Suas palavras me atingiram como blocos em brasas. Olhei para ele. Seu rosto ficou mais tenso e tive certeza de que puxaria o gatilho. Fechei os olhos e esperei. Houve gritos e comoção, mas parecia estar acontecendo muito longe. O que eu ouvia agora – o único barulho que me alcançava agora – era Ken chorando. Abri os olhos. O mundo se esvaneceu. Só havia nós dois.

Não sei dizer exatamente o que aconteceu. Talvez fosse a posição em que eu estava, de costas, impotente, e ele, meu irmão, não meu salvador desta vez, não meu protetor, mas pairando sobre mim, a causa de tudo aquilo. Talvez Ken tivesse olhado para baixo e visto como eu era vulnerável e, algo instintivo, algo que sempre fora necessário para me manter a salvo,

entrou em ação. Talvez tenha sido o que o chocou. Não sei. Mas quando nossos olhos se encontraram, seu rosto começou a se suavizar, e foi se alterando aos poucos.

E tudo mudou novamente.

Senti a mão de Ken me soltar um pouco, mas ele ainda continuava com o revólver grudado na minha testa.

- Quero que me prometa uma coisa, Will.

- O quê?

- É sobre Carly?

- O que tem Carly?

Ken fechou os olhos e percebi que havia angustia de verdade neles.

- Ela ama Nora. Quero que vocês dois cuidem dela. Que a criem. Prometa.

- Mas...

- Prometa – disse Ken, a voz carregada de desespero. – Por favor, prometa.

- Está bem, prometo.

- E prometa que você nunca a levará para me ver.

- O quê?

Ele chorava duramente agora. As lágrimas corriam por suas faces molhando nossos rostos.

- Prometa, diabo! Nunca fale de mim a ela. Crie-a como se fosse sua. Nunca a deixe me visitar na prisão. Me prometa isso, Will. Prometa ou começo a atirar.

- Me entregue o revólver primeiro – eu disse – e eu prometo.

Ken olhou para mim. Enterrou o revólver na minha mão. E então me beijou com força. Passei meus braços ao redor dele. Segurei-o, o assassino. Mantive-o grudado a mim. Ele chorou no meu peito como uma criança pequena. Ficamos assim por muito tempo, até ouvimos as sirenes.

Tentei empurrá-lo.

- Vá embora – murmurei, pedindo. – Por favor. Corra.

Mas Ken não se moveu. Não desta vez. Nunca saberei exatamente por quê. Talvez ele já tivesse fugido o suficiente. Talvez tivesse tentando alcançar o outro lado, além do mal. Talvez quisesse ser apanhado. Não sei. Mas Ken ficou nos meus braços. Ficou agarrado a mim até a polícia chegar e levá-lo embora.

58

Quatro dias depois.

O AVIÃO DA CARLY ESTAVA NO HORÁRIO.

Squares nos deixou no aeroporto. Ele, Nora e eu fomos para o Terminal C do Aeroporto de Newark. Nora seguia na frente. Conhecia a menina e estava ansiosa e animada para vê-la novamente. Eu estava ansioso e amedrontado.

Squares disse:

- Wanda e eu tivemos uma conversa.

Olhei para ele.

- Conte tudo a ela.

- E?

Ele parou e deu de ombros.

- Parece que vamos ser pais antes do que esperávamos.

Dei um abraço nele, feliz da vida pelos dois. Eu não estava lá muito certo quanto à minha situação. Estava para criar uma menina de doze anos que eu não conhecia. Faria o melhor que pudesse, mas apesar do que Squares tinha dito, eu nunca podia ser o pai da Carly. Havia aceitado muita coisa a respeito de Ken, até mesmo a possibilidade de ele passar o resto da vida na prisão, mas sua insistência em nunca mais ver a filha ficou me remoendo. Ele queria, presumi, proteger a criança. Ele achava, e de novo eu estava presumindo, que a menina ficaria melhor sem ele.

Digo “presumindo” porque eu não podia perguntar a ela. Uma vez sob custódia. Ken estava também se recusava a me ver. Eu não sabia por quê, mas suas palavras murmuradas... “Foi a você que magoei e traí mais do que a qualquer outra pessoa.” ... ficavam ecoando dentro de mim, esfaqueando como garras afiadas, sem possibilidades de fuga.

Squares ficou lá fora, Nora e eu entramos correndo. Ela estava usando o anel de noivado. Chegando cedo, é claro. Encontramos o portão de desembarque e apressamo-nos pelo

corredor, Nora passou a bolsa pela máquina de raios-X. O alarme tocou comigo, mas era só o meu relógio. Corremos para o portão, embora o avião só fosse pousar dentro de quinze minutos.

Sentamo-nos de mãos dadas e esperamos. Melissa tinha resolvido passar mais uns dias na cidade. Estava cuidando de papai até ele ficar bom. Yvonne Sterno ficou, como prometido, com a exclusividade da história. Não sei em que isso beneficiaria sua carreira. Ainda não havia entrado em contato com Edna Rogers. Seria logo, eu achava.

Quanto a Katy, nenhuma acusação foi feita depois do tiroteio. Pensei no quanto ela precisava pôr um fim naquilo tudo, e se aquela noite a tinha ajudado ou não. Talvez sim.

O diretor assistente encarregado, Joe Pistillo, havia anunciado recentemente que iria se aposentar no fim do ano. Agora eu entendia pó que ele estava tão ansioso de manter a Katy Miller fora daquilo – não só por sua segurança, mas por causa do que tinha visto. Não sei se Pistillo realmente duvidava do testemunho de uma menina de seis anos ou se o rosto amargurado de sua irmã fizera com que ele torcesse as palavras de Katy para servir aos seus propósitos. Sei que os federais mantiveram o velho depoimento de Katy em segredo, talvez porque quisessem proteger a menininha. Mas tenho lá as minhas dúvidas.

Eu, é claro, fiquei arrasado quando soube da verdade sobre meu irmão, e mesmo assim – isto vai soar estranho -, de certa forma, estava tudo em ordem agora. A mais desagradável das verdades, no fim, era preferível à mais bela mentira. Meu mundo estava mais escuro, mas estava de volta nos eixos.

Nora se aproximou:

- Você está bem?
- Com medo – respondi.
- Eu te amo. E Carly vai amá-lo também.

Olhamos o monitor das chegadas. Começou a piscar. O funcionário da Continental Airlines anunciou ao microfone o pouso do Voo 672. Era o da Carly. Voltei-me para Nora. Ela sorriu e deu outro aperto em minha mão.

Deixei meus olhos viajarem. Meu olhar passou pelos passageiros que estavam esperando, os homens de terno, as mulheres com carrinhos, as famílias indo viajar de férias, os atrasados, os frustrados, os cansados. Olhava distraidamente aqueles rostos todos e foi então que o vi olhando para mim. Meu coração parou.

O Fantasma.

Um espanto me rasgou de alto a baixo.

Nora perguntou:

- O que foi?
- Nada.

Ele me fez um sinal para ir até ele. Fiquei como se estivesse num transe.

- Para onde você está indo?
- já volto – eu disse.
- Mas ela já vai chegar.
- Preciso dar uma corrida ao banheiro.

Beijei o alto da cabeça de Nora, carinhosamente. Ela pareceu preocupada. Olhou para o outro lado do portão, mas o Fantasma não estava mais lá. Eu sabia o que fazer. Se sáísse andando ele me encontraria. Ignorá-lo só iria piorar as coisas. Correr seria inútil. Ele acabaria nos achando.

Tinha que enfrentá-lo.

Comecei a andar na direção onde ele tinha estado. Minhas pernas pareciam de borracha, mas fui em frente. Quando passei por uma longa fila de telefones abandonados, ouvi sua voz.

- Will?

Voltei-me e ele estava lá. Fez sinal para eu me sentar junto dele. O que fiz. Ficamos os dois voltados para as janelas de vidro em vez de nos olharmos. A janela ampliava os raios de sol. O calor era estafante. Espremi os olhos. Ele também.

- Não voltei por causa de seu irmão – afirmou o Fantasma. – Voltei por causa da Carly. Suas palavras fizeram-me virar pedra. Eu disse:
- Você não pode ficar com ela.

Ele sorriu.

- Você não entende.
- Então, faça-me entender.

John moveu o corpo na minha direção.

- Você vê todo numa fila, Will. Você quer os bons de um lado e os maus do outro. Não é assim que funciona, é? Nunca é assim tão simples. O amor, por exemplo, leva ao ódio. Acho que foi isso que deu início a tudo. Amor primitivo.

- Não sei do que está falando.

- Do seu pai. Ele gostava tanto do Ken. Fico procurando a semente, Will. E é lá que eu descubro. No amor de seu pai.

- Ainda não sei do que você está falando.

- O que vou te contar – continuou o Fantasma –, só contei para mais uma pessoa. Está entendendo?

Disse que estava.

- Você tem que retroceder ao tempo em que o Ken e eu estávamos na quarta série – disse ele. – Você entende, não apunhalei Daniel Skinner. Foi o Ken. Mas seu pai o amava tanto que o protegeu. Ele comprou o meu velho com dinheiro. Deu-lhe quinhentos dólares. Acredite ou não, seu pai praticamente achou que estava fazendo um ato de caridade. Meu pai me batia o tempo todo. A maioria das pessoas dizia que eu devia ser adotado. Do jeito que seu pai via as coisas, ou eu me livrava alegando defesa própria ou acabava recebendo terapia e três refeições por dia.

Fiquei pasmado, calado. Lembrei-me do nosso encontro no campo do time dos Juniores. O medo aterrorizante de meu pai, seu silêncio de pedra quando voltamos, a frase dele para Asselta: “Se quer algum de nós, fique comigo”. De novo, tudo fazia um sentido medonho.

- Só contei a verdade pra uma pessoa – revelou ele. – Adivinhe pra quem?

De novo outra ficha caiu no lugar.

- Julie – arrisquei.

Ele fez que sim. O elo, explicava muita coisa sobre o elo estranho entre os dois.

- Mas então por que você está aqui? – perguntei. – Para se vingar na folha do Ken?

- Não – disse o Fantasma com uma risadinha. – Não há um jeito fácil de te contar isso, Will, mas talvez a ciência possa ajudar.

- Ele me entregou uma pasta. Eu olhei.

- Abra.

Fiz o que ele pediu.

- É a autópsia da querida falecida Sheila Rogers – explicou ele.

Franzi a testa. Não precisava muito para saber como a conseguira. Ele tinha suas fontes.

- O que isso tem a ver com tudo?

- Olhe aqui. – Fantasma apontou com um dedo afilado uma anotação na parte baixa da página. – Está vendo aí no fim da página? Não há nenhuma marca do osso do púbis de rupturas do perióstio. Nenhum comentário a respeito de estrias nos seios e na parede abdominal. Nada fora do comum, é claro. Não significaria nada, a não ser que estivessem procurando por isto.

- Procurando o quê?

Ele fechou a pasta.

- Sinais de que a vítima havia dado à luz. – Ele viu a expressão de confusão em meu rosto e acrescentou: – Para simplificar, Sheila Rogers não poder ser a mãe de Carly.

Eu estava a ponto de dizer alguma coisa quando o Fantasma me deu outra pasta. Olhei o nome que estava escrito nela.

Julie Miller.

O frio se espalhou por dentro de mim. Ele a abriu e apontou uma anotação, que começou a ler:

- Cicatrizes públicas, alterações na arquitetura microscópica dos seios e dos tecidos uterinos. E o trauma foi recente. Está vendo aqui? As cicatrizes da episiotomia ainda eram bem pronunciadas.

Encarei as palavras.

- Julie não voltou pra casa só para se encontrar com o Ken. Ela estava se recompondo depois de um período muito ruim. Estava descobrindo de novo, Will. Ela queria te contar a verdade.

- Que verdade?

Ele sacudiu a cabeça e continuou.

- Ela teria contado a você antes, mas não sabia qual seria a sua reação. O jeito tão fácil de você deixar que ela rompesse com você... Eu me referia a isto quando disse que você devia lutar por ela. Você só a deixou ir.

Nossos olhos colaram.

- A Julie teve um bebê seis meses antes de morrer – afirmou o Fantasma. – Ela e a criança, uma menina, moravam com Sheila Rogers no apartamento. Acho que Julie ia te contar,

finalmente, naquela noite, mas seu irmão se encarregou disso. Sheila também gostava da menina. Quando Julie foi morta e seu irmão precisou fugir, Sheila quis conservar a menina como sendo dela. E o Ken, bem, viu que uma criança seria útil para esconder um fugitivo internacional. Ele não tinha filhos. Nem Sheila. Era o melhor dos disfarces.

Lembrei-me das palavras murmuradas do Ken...

- Entende o que estou dizendo, Will?

"Foi a você que magoei e traí mais do que a qualquer outra pessoa".

A voz do Fantasma cortou a neblina.

-Você é o substituto aqui. Você é o verdadeiro pai da Carly.

Não acredito como ainda estava respirando. Olhava para o nada.

Magoado e traído. Meu irmão. Meu irmão tinha me tirado a minha criança.

O Fantasma ficou de pé.

- Não voltei para me vingar, nem mesmo vim em busca de justiça. Mas a verdade é que Julie morreu me protegendo. Eu falhei com relação a ela. Fiz um voto de que salvaria a filha dela.

Levei onze anos.

Eu mal conseguia ficar de pé. Ficamos lado a lado. Os passageiros estavam saído do avião. Fantasma enfiou uma coisa no meu bolso. Um pedaço de papel. Eu ignorei.

- Eu mandei aquela fita de segurança para o Pistillo, de maneira que McGuane ao vai me chatear. Encontrei a prova na casa, naquela noite, e guardei durante todos estes anos. Você e a Nora estão seguros agora. Tomei conta de tudo.

Mais passageiros desembarcaram. Fiquei parado, esperei, ouvi.

- Lembre-se de que Katy é tia da Carly, e que os Miller são os avós dela. Deixei-os fazerem parte da vida dela. Está ouvindo?

Fiz que sim e, neste momento, Carly passou pela porta. Tudo dentro de mim parou. A menina andava com tamanha desenvoltura. Igual a... a sua mãe. Carly olhou para os lados e, quando localizou Nora, seu rosto abriu-se no mais espantoso dos sorrisos. Meu coração quebrou. Bem ali, naquela hora, estilhaçou-se. O sorriso. Aquele sorriso, como o da minha mãe! O sorriso da Sunny, como um eco do passado, um sinal de que nem tudo da minha mãe – nem tudo da Julie – tinha acabado.

Prendi um soluço e senti uma mão nas minhas costas.

- Agora, vá – murmurou o Fantasma, me empurrando suavemente na direção da minha filha.

Olhei para trás, mas John Asselta já havia desaparecido. Então, fiz a única coisa que podia fazer. Caminhei em direção da mulher que eu amava e de minha filha.

EPÍLOGO

MAIS TARDE NAQUELA NOITE, DEPOIS DE EU TE BEIJADO CARLY

E ajudado a se deitar, descobri o pedaço de papel que ele havia enfiado no meu bolso. Eram as primeiras linhas de um recorte de jornal.

KANSAS CITY HERALD

Homem encontrado morto num carro

Cramden – Mr. Cray Spring, um oficial da polícia de Cramden que não estava de serviço, foi encontrado estrangulando em seu carro, aparentemente vítima de roubo. Sua carteira havia desaparecido. A polícia local disse que seu carro fora encontrado no estacionamento. A polícia local disse que seu carro fora encontrado no estacionamento atrás de um bar. O chefe de polícia, Evan Kraft, afirmou não haver suspeitos e que vai a investigação estava em andamento.

FIM